


VELUT
ARBOR
ÆVO

ARTE POETICA,

OU

REGRAS DA VERDADEIRA POESIA

em geral, e de todas as ſuas eſpecies principaes, tratadas com juizo critico:

COMPOSTA

Por FRANCISCO JOSEPH FREIRE,

Ulyſſiponenſe.

SEGUNDA EDIÇAÕ.

. . . . Fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exſors ipſa ſecandi:
Munus, & officium, nil ſcribens ipſe, docebo;
Unde parentur opes; quid alat, formetque poetam;
Quid deceat, quid non; quo virtus, quo ferat error.
Horat. in Poetic.

TOMO II.



LISBOA,

Na Offic. Patriarcal de Franciſc. Luiz Ameno.

M. DCC. LIX.

Com as licenças neceſſarias.

INDICE
DOS CAPITULOS DESTA II. PARTE.

LIVRO II.

LI-

LIVRO III.

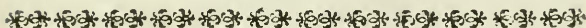
Cap. 17.

ARTE



ARTE POETICA.

LIVRO II.



CAPITULO I.

Da origem, progressos, e definiçaõ da Tragedia.



PRINCIPIAMOS a tratar das especies mais nobres da Poesia por huma das mais importantes, que se comprehendem nesta Arte, qual he a Tragedia; no que seguimos a ordem de insignes Mestres, como Vossio, Donato, Luzan, e outros muitos. Divide-se a Poesia em *Dramatica*, *Epica*,

e Lyrica, como tantas vezes temos infinuado; e o fundamento, que houve para efta divifaõ, foraõ os tres modos, com que o Poeta imita: pois ou elle imita occultando-fe a fi, e introduzindo peffoas a fallar, e entaõ fe chama a efta imitaçaõ Poefia *Dramatica*, ou *reprefentativa*; ou tambem imita, humas vezes narrando elle mefmo, outras introduzindo fujeitos a narrar, e entaõ he, que a efta Poefia damos o nome de *Epica*. A *Lyrica* he aquella, em que o Poeta he fó o que narra fem introducçaõ de peffoa alguma, difcorrendo das virtudes, ou dos vicios, do louvor, ou do vituperio, e finalmente de todos os infinitos objectos, que fe offerecem á natureza univerfal. Como defta ultima efpecie temos já tratado taõ diffufamente no livro antecedente, difcorrendo da Poefia em geral, entraremos agora na Dramatica, da qual procedem duas efpecies taõ notaveis, como faõ a *Tragedia*, e a *Comedia*, e dellas exporemos as regras, qualidades, e differenças com aquella clareza, que puder o noffo eftylo, e com aquella doutrina, que fouber a noffa tal qual erudiçaõ.

Parece-nos, que ferá coufa muy conveniente, e util ao principiante, primeiro que entremos no exame das regras da Tragedia, darlhe huma breve inftrucçaõ da origem, e progreffos defta nobre efpecie da Poefia. Como nefta materia, por caufa dos feculos taõ remotos, faõ muitas as trevas, que impedem

as luzes da verdade, naõ podemos ſaber com certeza qual foy a origem da Tragedia. A opiniaõ, que os melhores Authores abraçaraõ por mais provavel, he, que a Tragedia, e a Comedia tiveraõ principio nas couſas divinas, iſto he, nos Hymnos, que annualmente ſe cantavaõ em Athenas em louvor de Baccho. Aſſim o prova Donato nos Prologomenos a Terencio. Offereciaõ aquelles antigos homens ſacrificios a eſta ſua Divindade, e accendendo o altar, offertavaõ hum bode, cantando certos verſos á honra de Baccho. A'quelle, que melhor ſe deſempenhava neſte canto, deſtinavaſe-lhe por premio ao tal animal, ou hum odre (como querem outros) feito da pelle delle, e cheyo de vinho. Aſſim o affirma Diomedes no liv. 3. cap. de *Poemat. generibus*, dizendo: *Tragædia eſt heroicæ fortunæ in adverſis comprehenſio. Dicitur à* trago, *&* ode: *quoniam olim actibus tragicis tragos, id eſt, hircus præmium cantus proponebatur, qui liberalibus, die feſto libero patri, ob hunc ipſum immolabatur, quia, ut ait Varro, depaſcunt vitem.* Da meſma opiniaõ foy Horacio, dizendo na ſua *Arte Poetica*:

Carmine qui tragico vilem certavit ob hircum,
Mox etiam agreſtes ſatyros nudavit. . . .

Virgilio na *Gorgica* 2. com mais clareza do que Horacio, eſpecifica eſte genero de ſacrificio, e dá a cauſa deſta offerta, dizendo:

Non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris
Cæditur, & veteres ineunt proſcenia ludi:
Præmiaque ingentes pagos, & compita circum
Theſeidæ poſuere, atque inter pocula læti
Molibus in pratis unctos ſaliere per utres.

Outros Authores ha, que imaginaraõ, que a Tragedia deduziria o nome das fezes do vinho, a que os Gregos chamaraõ *tryga*, mudando-ſe o *y* em *a*; porque no principio coſtumavaõ aquelles ruſticos do campo untar a cara com eſtas fezes, a que chamamos borras, e punhaõ-ſe deſte modo a cantar, e a bailar ao redor da victima. Aſſim o dá a entender o meſmo Diomedes no lugar apontado, confirmando-o com os verſos de Horacio:

Ignotum tragicæ genus inveniſſe Camænæ.
Dicitur, & plauſtris vexiſſe poemata Theſpis,
Quæ canerent, agerentque peruncti fæcibus ora.

Deixadas outras opiniões por menos provaveis, continuamos a dizer, que a Tragedia, e a Comedia concordaõ no ſeu principio, e origem; e que a differença, que ha entre huma, e outra he, que a Tragedia trata (ſegundo Donato nos Prologomenos a Terencio) de perſonagens grandes, e de acções horroroſas, e laſtimoſas, e a Comedia de acções, e peſſoas particulares, ſem que ſe introduzaõ couſas lamentaveis. Eſte meſmo Author dá outra razaõ de differença, dizendo: *Poſtremò quod omnis Comædia de fictis eſt argumentis; Tragædia*

gædia ſæpe ab hiſtoricâ fide petitur. Naõ podemos eſtar por eſta razaõ de Donato; porque ſe implica na ſua doutrina. Nos meſmos Prologomenos decide elle, que o argumento da antiga Comedia ſaõ *res gæſtæ à civibus*; logo fica ſendo falſa a ſua aſſerçaõ de dizer *Omnis Comædiæ*, *&c.* De mais, diz abſolutamente, que a antiga Tragedia contém algumas vezes ſujeito hiſtorico; o que he falſo, porque abſolutamente os argumentos das antigas Tragedias naõ dependem ſimplesmente de alguma hiſtoria, como moſtra Niſieli tom. 5. *Proginnaſm.* 14.

Sobre a differença da Tragedia á Comedia ouçamos a deciſaõ de Ariſtoteles na ſua *Poetica*, que diz, ſegundo Voſſio: *Nempe cum antiquitùs in ſacris Bacchi dithyrambicè foret, & phallica: ex dithyrambicis quidem aucta eſt Tragædia; ex phallicis autem Comædia.* Eraõ os *Dithyrambos* (como já diſſemos) huns verſos, ou Hymnos ſérios, e os *Phallicos* huns verſos, que promoviaõ o riſo, ſegundo explica Minturno na ſua *Poetica* pag. 243. *Deinde ille idem chorus cùm per utres vini plenos, lubricosque ſaliens luderet, convitia, & ridicula quædam fundebat verſibus, quæ* Phallica *dicebantur.*

Tratando nós da origem da Tragedia, parece ſer neceſſario, para mayor inſtrucçaõ do leitor, moſtrar ſe eſta foy anterior á Comedia. Diverſas opiniões tem havido ſobre eſta materia. Eſcaligero no liv. 1. da ſua *Poetica* cap. 5. ſegue, que a Tragedia fora poſterior.

Po-

Porém Evanthio, allegado por Vossio, diz: *Ut ab incultis, & feris moribus, paulatim perventum est ad mansuetudinem; urbesque sunt conditæ, & vita mitior, atque otiosior processit: ita res tragicæ longè ante comicas inventæ.* Entre estas taõ contrarias opiniões a mais seguida he, que a Tragedia foy a primeira em se polir, e augmentar, e a Comedia a primeira na origem. Assim o seguiraõ Quintiliano, e Bulengero de *Theat.* liv. 1. cap. 3., e 4. dizendo: *Quamquam Comædia videtur antiquior tragico dramate, prius tamen hoc excultum est, quàm Comædia.* Da mesma opiniaõ foy Vossio escrevendo nas suas *Instituições Poeticas*, liv. 2. cap. 12. *Origo Tragædiæ, an Comædiæ, antiquior sit, non convenit. Videtur autem Comædia quidem prius cœpisse; sed Tragædia prius exculta.*

Nascida pois a Tragedia no campo entre rusticos, quando celebravaõ a festa de Baccho, depois de fazerem as suas vindimas, passou esta celebridade ao povoado, e depois ás Cidades, principalmente de Athenas, onde se fazia com grande pompa. Nesta Poesia se empregaraõ engenhos felicissimos da Grecia, e a foraõ polindo, e augmentando, introduzindo córos de musicas, bailes, e composiões de Hymnos, tudo dirigido com a arte, e ornado com o engenho. Assim durou muitos annos a Tragedia, até que floreceo Thespis Atheniense, que viveo no tempo de Solon, e foy Mestre de Phrinicho, famoso Tragico daquelle seculo. Introduzio este hum representan-

ſentante, para que o coro podeſſe deſcançar: aſſim o affirma Diogenes Laercio na *Vida de Plataõ*, dizendo: *Ut olim Tragædiam prius quidem chorus ſolus agebat; poſtmodum verò Theſpis unum invenit hiſtrionem, ut chorus interdum requieſceret.* A eſta interpolada repreſentaçaõ, e intervallo, para deſcanço do coro, chamou-ſe Epiſodio, por ſer como huma digreſſaõ do caminho, ou huma couſa, que vinha antes de principiar a muſica.

Quaſi cincoenta annos eſteve aſſim a Tragedia, até que floreceo Eſchylo, o qual introduzio dous repreſentantes no Epiſodio. Aſſim o affirma Ariſtoteles na ſua *Poetica* cap. 4. *Hiſtrionum numerum, ex uno videlicet in duos, Æſchylus primus auxit; & ea, quæ circa chorum ſunt, imminuit, ſermonemque primarum partium inſtituit.*

Deſta Authoridade nos conſta igualmente, que eſte Tragico, além de introduzir outra peſſoa, minorou o coro, e fez, com que entre os repreſentantes houveſſe hum primeiro *papel*. Pedro Victori, Paulo Beni, e alguns outros, ſim tomaraõ em outro ſentido eſtas palavras do Filoſoſo, dizendo, que ſe devem entender pelo *Prologo*, o qual tambem inventou Eſchylo: porém nós ſeguimos a Pacci, Robertello, e Dacier, que entendem as palavras *Sermonemque primarum partium* pelo primeiro papel, ou primeiro repreſentante, principalmente Monſ. Dacier, que o prova com evidentes fundamentos no ſeu Tratado *Poet.*

Poet. remarq. ſur le chap. 4. *n.* 37. Eſte meſmo Author entende tambem pelas palavras de Ariſtoteles *Et ea, quæ circa chorum ſunt, imminuit*, que Eſchylo minoraſſe ſómente o canto, e naõ o numero das peſſoas, como affirmaõ outros. A opiniaõ deſtes parece-me mais bem fundada; porque naõ ha duvida, que Eſchylo diminuîo o numero das peſſoas, ſe bem que contra ſua vontade, pois foy por ordem do Magiſtrado; e o motivo, que houve para eſta mudança, foy a ſua Tragedia intitulada *Eumenides*. Compunha-ſe o coro della (como entaõ era coſtume) de cincoenta peſſoas, e repreſentaraõ eſtas as Furias tanto ao vivo, que ſe eſpantou o auditorio, morreraõ muitos meninos, e abortaraõ diverſas mulheres; e por eſta razaõ reduzio-ſe a quinze o numero de cincoenta peſſoas, que compunhaõ o coro. A Eſchylo ſeguio-ſe Sophocles famoſo Tragico, o qual introduzio tambem outro repreſentante, e como já eraõ tres as figuras, entrou-ſe a repreſentar em fórma de Dialogo, fazendo-ſe principal o que era acceſſorio; iſto he, que o coro, que antes era a principal couſa da Tragedia, ſervia depois ſómente de intervallo para deſcanço dos que repreſentavaõ. Muito deve a Tragedia a Sophocles, porque além de lhe introduzir o terceiro repreſentante, inventou tambem a *Scenographia*, que he o ornato, e pintura das ſcenas, como nos diz Ariſtoteles: *Sophocles unà cum ſcenæ ornatu, &c.*, e por eſte fundamento

mento he que Diogenes Laercio diz na *Vida de Plataõ*, que a Tragedia tivera principio em Thefpis, augmento em Efchylo, e perfeiçaõ em Sophocles.

Affim he; porque Thefpis talvez naõ introduzio mais, que hum reprefentante, Efchylo inventou, além da introducçaõ de outra figura, o ufo de mafcaras, de veftidos, de cothurnos, e de tablados pequenos, pois no tempo de Thefpis fó fe reprefentava em carros, como diz Horacio. Veyo depois Sophocles, e introduzio as machinas, tramoyas, e fcenas, figurando humas vezes bofques, grutas, e cabanas, e outras vezes altares, palacios, fepulturas, &c. Mudavaõ-fe as fcenas, fegundo convinha ao argumento da Tragedia, o que fe naõ fazia no tempo de Efchylo, porque fervia huma fcena para todas as reprefentaçóes.

Affim como a Sophocles devemos o ornato do theatro do mefmo modo, que ainda hoje fe conferva, affim lhe devemos tambem a perfeiçaõ da locuçaõ Tragica, fe bem que Efchylo foy o que a inventou, porque no tempo de Thefpis (como diz Luzan) ou naõ tinha a Tragedia outros affumptos, fenaõ os louvores de Baccho, galantarias fatyricas, e apódos obfcenos, que diziaõ huns a outros do coro, bailando defcompoftamente á maneira de Satyros; ou fe acafo fe reprefentava nos Epifodios outro affumpto, era mifturado com graciofidades groffeiras, e plebeas. Tudo ifto

to evitou Eſchylo, introduzindo aſſumptos grandes, e ſérios, narrados em eſtylo elevado, e ſublime, que lhes pertencia, como nos enſina Horacio na *Poetica*:

Poſt hunc perſonæ, pallæque repertor honeſtæ
Æſchylus, & modicis inſtravit pulpita tignis;
Et docuit, magnumque loqui, nitique cothurno.

Quintiliano no liv. 10. cap. 1. fazendo hum juizo critico das Tragedias deſte Poeta, diz: *Tragædias primus in lucem Æſchylus protulit, ſublimis, & gravis, & grandiloquus, ſæpe uſque ad vitium: ſed rudis in plerisque, & incompoſitus: propter quod correctas ejus fabulas in certamen deferre poſterioribus Poetis Athenienſes permisère: ſuntque eo modo multi coronati.* Eſtas imperfeições de Eſchylo, emendou Sophocles, merecendo na antiguidade o primeiro applauſo, como tambem Euripedes, ainda que delle diz Ariſtoteles: *Euripides, licet alioqui non bene diſponat fabulam, maximè tamen tragicus eſt in ſui generis poetis.* A eſta cenſura ſe oppoem o allegado Quintiliano no meſmo lugar, dizendo, que Sophocles ſim fora mais grave, e ſublime; porém que Euripedes fora mais admiravel nos affectos, principalmente nos que movem á commiſeraçaõ; e que tivera mais abundancia de ſentenças, ſe bem que neſta parte he culpado, por ſeguir o eſtylo de Orador, e huma demaſiada erudiçaõ.

Temos diſcorrido da origem, e progreſſos da Tragedia com a extenſaõ preciſa, naõ que-

querendo ſobre eſta materia referir mais algumas couſas, que eſcreveraõ diverſos Authores, porque as julgamos naõ ſó prolixas, mas inuteis. Entremos agora a tratar das partes deſta Poeſia, e aſſentar em primeiro lugar na ſua difinição. Principiemos pela de Ariſtoteles, Author de grande authoridade, eſpecialmente neſte aſſumpto. Define elle a Tragedia, dizendo: *Tragædia eſt imitatio actionis illuſtris, perfectæ, magnitudinem habentis, ſermone ſuavi, ſeparatim ſingulis generibus per partes agentibus: non per enarrationem, per miſericordiam verò, atque terrorem, efficiens hujuſmodi perturbationum purgationem.* Diz: *Imitatio actionis illuſtris*; iſto he, de acçaõ ſevera, e grave, como enſina Robertello, feita por peſſoa illuſtre. Proſegue dizendo: *Perfectæ, magnitudinem habentis*; porque ſó he perfeita a acçaõ, que conſta de principio, e fim; e ſó he grande, ſe naõ for nem muy breve, nem muy extenſa. Continúa: *Sermone ſuavi*; porque a Tragedia, além do metro, tem o baile, e a harmonia, que vinhaõ depois da recitaçaõ; e iſto he o que ſignificaõ as palavras *Separatim ſingulis generibus per partes agentibus*; iſto he, quando o pede o uſo, e o lugar. Ultimamente diz *Non per enarrationem, &c.* porque naõ ha de ſer ſegundo o modo narrativo, de que ſe uſa na Poeſia Epica, e Lyrica, mas ſim na Dramatica, em que o Poeta ſempre eſtá callado, e ſó introduz peſſoas a fallar. Deſte modo excitando a Tragedia o temor,

e a mi-

e a misericordia, modera estes affectos, e paixões.

A' vista desta explicaçaõ fica sendo clara a definiçaõ do Filosofo, que antes estava escura, defeito, que lhe daõ muitos Authores; e podemos dizer, que a *Tragedia he a imitaçaõ de huma acçaõ Dramatica, feita por pessoas illustres; que seja perfeita, e grande, separando do metro a harmonia, e baile, e temperando as paixões de temor, e misericordia por hum fim miseravel, e terrivel.*

Naõ se póde negar, que esta definiçaõ de Aristoteles fica sendo agora muito clara, e mais para se admitti r, que a de muitos Escritores, dizendo confusamente, que a Tragedia he *fortunæ in adversis comprehensio.* E muito menos caso se deve fazer da definiçaõ de Escaligero, que diz ser *imitatio per actiones illustris fortunæ, exitu infelici, oratione gravi metrica.* Pertende este Author apartarse de Aristoteles, e commette hum erro; porque com a sua definiçaõ naõ separa a Tragedia dos outros Poemas; pois fica quadrando muito bem a hum Poema, em que por exposiçaõ se tratar em verso Epico da morte de algum Rey; quando este tal Poema feito por modo narrativo naõ póde ser Tragedia; no que com muitos Authores concorda o Padre Donato na sua *Poetica* liv. 2. pag. 105.

Acceitaramos esta definiçaõ de Aristoteles, se em alguma parte naõ fora diminuta, e naõ fallasse este Filosofo da Tragedia antiga,

da

da qual, ou ſeja por uſo, ou por abuſo, ſe aparta em alguma couſa a moderna. Abraçaremos pois a definiçaõ de Luzan, como mais adaptada para os Dramas, que preſentemente ſe compoem. Diz elle na ſua *Poetica* liv. 3. pag. 277. que a *Tragedia he huma repreſentaçaõ Dramatica de huma grande mudança de fortuna, ſuccedida a Reys, Principes, e Perſonagens de grande qualidade, e dignidade, cujas decadencias, mortes, deſgraças, e perigos excitem terror, e compaixaõ nos animos do auditorio, e os curem, e purguem deſtas, e outras paixões, ſervindo de exemplo a todos, mas eſpecialmente aos Reys, e peſſoas da mayor authoridade, e poder.*

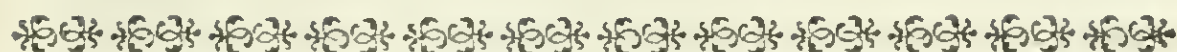
Poderá parecer muy dilatada eſta definiçaõ, porém neſta parte naõ o he menos a de Ariſtoteles, ſe bem que ainda diminuta em algumas circunſtancias; pois diz, que a Tragedia ſerve para emendar ſómente as paixões do terror, e da compaixaõ, quando ella na commũa opiniaõ ſerve tambem para purgar outros muitos affectos. Judicioſamente diz Luzan, que a Tragedia he repreſentaçaõ Dramatica *de huma grande mudança de fortuna*; porque toca (como elle meſmo aponta) o que he eſſencial no argumento Tragico, e evita as diſputas, e eſcuridades, que puder haver; pois todos convém, em que eſta fabula ha de conter huma grande mudança de fortuna. Com igual juizo diz tambem *decadencias, mortes, deſgraças, e perigos*; pois deſte modo vem a comprehender todo o genero

de

de conſtituições de Tragedias, aſſim aquellas, em que morre a principal peſſoa, como naquellas, em que ſómente periga, ou he abatida da felicidade á miſeria; e tambem neſta parte ſe pódem comprehender as que tem fim ditoſo, como algumas vezes ſuccede.

Definida aſſim a Tragedia, ſegue-ſe dividilla em partes de qualidade, e quantidade. As de qualidade ſaõ ſeis: *Fabula*, *coſtumes*, *ſentença*, *locuçaõ*, *muſica*, *e apparato*. As de quantidade ſaõ quatro *Prologo*, *epiſodio*, *exodo*, *e coro*. As primeiras quatro partes de qualidade ſaõ commũas á Comedia, e a Epopeia, e tambem á Lyrica, ainda que rara vez. O apparato, e muſica tambem ſe communica á Comedia, e eſta ultima parte convem muito á Lyrica; motivo porque os Poetas ſaõ na lingua Latina chamados *Melici*. Eis-aqui como ſe divide a Tragedia; á maneira do homem, que ſe attendemos para a ſua natureza, conſta de alma, e corpo, e ſe olhamos para a ſua grandeza, compoem-ſe de membros, e de huma proporcionada altura. Muy proprio lugar era eſte para proſeguir os Capitulos, tratando deſtas partes da Tragedia; porém, ſeguindo o methodo do Padre Donato, diſcorreremos primeiro ſobre outros pontos preciſos, e depois paſſaremos a tratar das ditas partes.

CA-



CAPITULO II.

Se a Tragedia deve constar da materia verdadeira, ou falsa.

ENtramos em hum ponto dos mais difficultosos da Poetica; porque saõ infinitos os Authores, que seguem huma, e outra opiniaõ. Donato tratando da Tragedia, e Comedia, diz: *Omnis Comædia de fictis est argumentis. Tragædia sæpe ab historica fide petitur.* Escaligero no liv. 3. cap. 97. da *Poetica* segue a doutrina de dizer: *Differt autem Comædia à Tragædia in eo quoque. Illa enim accipit ex historiâ, & rem, & nomina primaria, ut Agamemnonis, Herculis, Hecubæ; aliqua affingit. At Comædia fingit omnia atque personis, maxima ex parte, pro re imponit nomina.* O Padre Delrio de *Tragæd.* cap. 2. affirma mais, porque diz: *Comædia fingit res, quas exhibet; Tragædia rerum gestarum veris utitur argumentis. Hinc tantò humanæ vitæ utilior ita, quantò vera fictis præstant.* O mesmo seguem Antifanes Poeta no principio do liv. 6. *in Atheneo*; Casaubono liv. 6. cap. 1. pag. 248. Buonamici nos seus *Discursos Poeticos* cap. 7., e outros muitos.

Entre taõ diversas opiniões, humas que dizem pertencer á Tragedia assumptos sempre historicos, outras algumas vezes fabulosos, expen-

expenderemos nós a que nos parece mais provavel, e o faremos com aquella clareza, que nos for poſſivel, para que ſe entenda eſte ponto, que naõ deixa na mayor parte dos Authores de ſer tratado com eſcuridade.

Dizemos por tanto, que como a Tragedia he huma imitaçaõ, deve quem imita, ſe quer deleitar, e movêr os affectos, aſſimilhar vivamente os objectos, e fazellos com a ſua arte preſentes á fantaſia dos outros, como faria a meſma natureza. Quanto mais forte, e viva for eſta imitaçaõ, e ſimilhança, tanto mais nos deleitará, ferindo vivamente a noſſa fantaſia, e fazendo com mais efficacia conhecer ao entendimento as couſas imitadas; o que faz acordar muitas vezes aquelles meſmos affectos, que ſentiriamos em nós, ſe viſſemos os meſmos originaes. Para iſto ſe conſeguir, ha de moſtrar o imitador, que repreſenta couſas realmente verdadeiras, ainda que a ſua intençaõ naõ ſeja, que ſejaõ cridas como taes.

Qualquer repreſentante naõ he taõ louco, que pretenda, fazendo v. g. a parte de Hercules, ou Beliſario, que o auditorio o tenha por algum deſtes Heroes; com tudo elle, quanto pudér, ha de fingir, que he tal; porque ſe a naraçaõ fingida naõ fizer o meſmo, que fariaõ as verdadeiras perſonagens, naõ moverá os affectos dos que o ouvem, e por conſequencia facilmente deſagradará a ſua repreſentaçaõ. Do meſmo modo ha de moſtrar o

o Poe-

o Poeta, quanto puder, que diz as cousas certas, e verdadeiramente succedidas; ainda que naõ seja da sua intençaõ fazer com que ellas sejaõ cridas por taes. Naõ seguindo esta regra, esteja certo, que naõ moverá as paixões alheyas, nem causará algum deleite.

Assentada esta doutrina como certa, dizemos, que para deleitar naõ he absolutamente necessario na Tragedia, nem na Epopeia, que o Poeta se valha do fundamento de buscar pessoas, e acções tomadas em parte da historia. A razaõ he, porque tanto com fingir totalmente o assumpto, quanto com o fingir sobre a verdade historica, se consegue o intento do Poeta, que he o de deleitar a fantasia, e de fazer ao mesmo tempo, com que o entendimento aprehenda cousas possiveis, criveis, e verosimeis a elle. Igualmente, ou ao menos com pouca diversidade, nos poderá causar deleite v. g. o *Torrismondo* de Tasso, sujeito fingido, que a *Rodoguna* de Corneille, argumento verdadeiro; porque tanto hum, como outro assumpto parecem novos, e ao mesmo tempo verosimeis.

O povo, que he sempre a mayor parte, naõ considera, nem póde saber, quando ouve similhantes Tragedias, se os argumentos saõ certos, ou se se fizeraõ taes acções, e existiraõ aquellas pessoas; basta-lhe para se deleitar, conhecer, que saõ possiveis, e verosimeis as ditas acções. Por esta razaõ estavamos quasi para dizer, que bem podiaõ alguns

Poetas modernos deixar de trabalhar taõ obſtinadamente por vêr ſe deſcobrem em alguma parte da Hiſtoria antiga hum Argumento novo para as ſuas Tragedias.

He certo, que o povo do noſſo tempo naõ faz differença alguma entre os aſſumptos, que ſaõ remotos, e deſconhecidos, e aquelles, que totalmente ſaõ fingidos; e talvez, que em todo o auditorio naõ haverá ſenaõ duas, ou tres peſſoas, e póde ſer que nenhuma, que ſaiba v. g. que verdadeiramente houve *Rodoguna*, e os caſos, que lhe ſuccederaõ. Bem deſconhecidos, e totalmente eſtranhos haviaõ ſer a primeira vez, que ſe ouviraõ no theatro os nomes de *Ariſtodemo*, *Corradino*, *Poliuto*, *Nicomedes*, *Marianne*, *Pertarito*, *Beliſario*, e outros muitos. Com tudo cauſaraõ eſtas Tragedias hum grande deleite, ſem que para eſte influiſſe, e concorreſſe em alguma couſa a precedente noticia, de que a Hiſtoria fallava neſtas peſſoas.

Segundo pois eſta doutrina, que eſtabelece Muratori, ſe ſegue naõ ſer abſolutamente neceſſario, que o argumento da Tragedia, e da Epopeia ſeja realmente verdadeiro para conter belleza, e poder deleitar ao auditorio. Com tudo ſempre devemos confeſſar, que mais agradaveis, bellas, e eſtimaveis ſeraõ as Tragedias, e Epopeias fundadas na Hiſtoria, que as imaginadas inteiramente pela fantaſia poetica. Por eſte motivo coſtumavaõ os antigos buſcar aſſumptos conhecidos para urdir ſimi-

ſimilhantes Poemas. Que ſeja mais louvavel huma Tragedia, ou huma Epopeia fundada em argumento verdadeiro, ſe prova com razões convincentes. Primeiramente, mais difficil he (ſegundo moſtra Caſtelvetro no ſeu Commento á Poetica de Ariſtoteles) fingir ſobre hum ſujeito verdadeiro, que ſobre hum feito de novo pela fantaſia. Em ſegundo lugar aſſim o affirma Ariſtoteles, dizendo, que mais nos agradaõ os ſucceſſos conhecidos: *Porque o poſſivel he veroſimil, e crivel; e he claro, que as couſas ſuccedidas ſaõ poſſiveis, pois, ſe foſſem impoſſiveis, naõ teriaõ ſuccedido.* Quer dizer o Filoſofo, que ſe tomem nomes, e acções verdadeiras, conhecidas do povo, ou pela hiſtoria, ou pela fama, para que fiquem ſendo mais provaveis, poſſiveis, e maravilhoſos os ſucceſſos, que ſe ajuntaõ pela Tragedia, e Epopeia ao facto hiſtorico.

He couſa evidente, que o povo mais facilmente ha de crer por poſſivel tudo o que ſe lhe repreſenta no Poema, depois que confuſamente crê, e ſabe, que ſuccedera o caſo, que nelle ſe expoem, do que ſe o ignorara. Sabe v. g. naõ pouca gente, que a Rainha Maria Stuarda morrera degollada por ordem da tyranna Iſabel de Inglaterra. Se ſobre eſte aſſumpto ſe ordenar huma Tragedia, he certo, que ficará ſendo muito mais provavel, e poſſivel o enredo da acçaõ Tragica, que tecer o Poeta; porque já muitos ſabiaõ confuſamente, e em compendio eſta hiſtoria, e

e assim crem, que ella succedera do mesmo modo, que a lêm, ou vem representar. Mas nem por isso deve ser a intençaõ do Poeta o fazer crer, que a tal historia succedera, como elle conta; basta-lhe unicamente para conseguir o seu fim, que a tenhaõ por possivel, e verosimil.

Em terceiro lugar, melhor he tomar nas Tragedias nomes, e successos verdadeiros, do que absolutamente fingidos; porque daqui nasce mayor commodidade ao povo, o qual mais facilmente comprehende as cousas, quando já antes dellas tem alguma noticia. Além desta utilidade ainda ha outra, que he pouparse ao trabalho de estar aprendendo nomes novos, e distinguindo no Drama humas pessoas das outras. Do mesmo modo, que nós experimentamos hum grande gosto, vendo huma pintura, em cujas figuras, ainda que para nós desconhecidas, conhecemos, que a natureza está bem imitada; porém mayor o sentimos, quando estas figuras bem pintadas nos saõ individualmente conhecidas, como v. g. a morte dos Innocentes, a de Cleopatra, e outras muitas cousas. Assim do mesmo modo, mayor deleite causa a Tragedia, quando nella se representaõ pessoas, e cousas conhecidas em parte, do que quando estas saõ totalmente desconhecidas.

Disse *conhecidas em parte*; porque a informaçaõ precedente, que o povo ha de ter do sujeito, e das pessoas da Tragedia, ou Epopeia,

pea, naõ ha de ser tanta, que naõ lhe pareça novo em parte quanto propoem o Poeta; e tambem naõ ha de ser taõ pouca, que custe á gente capacitarse de todos os nomes, e circunstancias estranhas, como succede nos assumptos, que inteiramente saõ fingidos. Desta maneira he que os Poemas ficaõ sendo novos, e ao mesmo tempo muy faceis em se comprehenderem; e esta perfeiçaõ falta naquelles argumentos, os quaes, ainda que extrahidos de historias antigas, com tudo saõ totalmente desconhecidos, e estranhos ao nosso povo; e por este motivo pouca injustiça lhes faria quem os puzesse na classe daquelles, que de todo saõ fingidos.



CAPITULO III.

Das condições, que deve ter a primeira pessoa da Tragedia.

CHamamos principal pessoa da Tragedia áquella, que por nos representar em si huma desgraça, que padece, faz nella a primeira parte, e os Gregos a explicavaõ com a palavra *Protagonista.* Os melhores Mestres da Poetica nos dizem, que esta pessoa deve ter cinco condições, as quaes saõ (conforme Castelvetro p. 13. p. 3. Riccoboni cap. 16., e Donato liv. 2. pag. 112. que foraõ os

que

que a explicaraõ com mais clareza) primeiramente, *que se deve escolher pessoa illustre*, e *distincta por dominio*, *e riquezas*: em segundo lugar, *que naõ seja muy virtuosa*, *nem tambem dada a vicios*; *mas que tenha o seu lugar entre os que saõ bons*, *e os máos*: em terceiro, *que cahisse em huma tal culpa*, *que se faça digna de perdaõ*: em quarto, *que por causa do tal erro commettido passasse de feliz a desgraçada*, *e padecesse grandes infortunios*: e em quinto, *que esta tal pessoa ha de ser huma só*, *e naõ muitas*.

Em quanto á primeira condiçaõ de dever ser *pessoa illustre*, se procede com bom fundamento; porque hum caso succedido a hum homem ordinario naõ se faz taõ miseravel, e horroroso, como ao que he illustre. Mayor horror, e compaixaõ nos causa v. g. a desgraça de Manoel de Sousa de Sepulveda, Fidalgo Portuguez, padecendo aquelle taõ sabido naufragio, que o que padeceraõ outras pessoas ordinarias no mesmos mares. Quanto mais, que aquelles homens, que medem a felicidade humana pelo poder, e riquezas, naõ julgaõ nunca por feliz ao homem, que nasceo da plebe. Por esta razaõ a mudança da felicidade desta pessoa causa naõ só huma grande compaixaõ, mas hum igual terror; porque qualquer, que for inferior, deve temer, considerando, que até saõ desgraçados os que nasceraõ taõ favorecidos da fortuna. Devemos aqui advertir, que pelo esplendor da pessoa naõ entendemos sómente o herdado, mas tam-

tambem comprehendemos o adquirido por acções illuſtres.

Ninguem ha de dizer, que no Conſul Mario faltou eſplendor tragico, ainda que naſceo de pays humildes; pois as ſuas acções de desbaratar os póvos Cimbros, e Teutonicos baſtante materia lhe deraõ para ſer hum illuſtre Heroe. Paſſemos a ponderar a ſegunda condiçaõ, que deve ter a figura fatal da Tragedia, a qual conſiſte, como diſſemos, em ſer eſta nem muy virtuoſa, nem dada a vicios. Diz Ariſtoteles: *Talis eſt autem, qui nec virtute, nec juſtitia excellens, neque per vitium, & pravitatem lapſus in infelicitatem.* Fundou-ſe o Filoſofo na razaõ, e fundamento de que para ſe excitarem com vehemencia os affectos de terror, e compaixaõ, ſe devem pôr de parte outras couſas, que pódem em nós mover diverſos affectos, como v. g. de ira, de indignaçaõ, de odio, &c. Certamente entaõ ſe diſtrahiria o animo, naõ ſe applicando todo ao temor, e commiſeraçaõ, e perderia o ſentido a eſtes affectos, pela vehemente cõmoçaõ de outras paixões.

A tres claſſes podemos reduzir os que de felices paſſaõ a infelices: ou ſaõ bons, ou máos, ou ſaõ dos que verdadeiramente na cõmũa opiniaõ nem ſaõ huma, nem outra couſa. Os bons quando cahem em deſgraça, pela mayor parte mais nos movem a ira, e indignaçaõ contra quem lha motivou, do que a compaixaõ: e os infortunios dos máos naõ

nos

nos pódem caufar commiferaçaõ; porque os mereceraõ pelas fuas maldades. Por efte motivo he que Ariftoteles nos deixou efcrito, que fómente fe fazem dignos de ferem affumpto de Tragedia, os que nem faõ excellentes em virtudes, nem depravados em vicios; porque tendo efte caracter, naõ daõ lugar a que no auditorio fe movaõ outros affectos, fenaõ o do terror, e o da compaixaõ. Efta doutrina faz lembrar huma duvida, e he, fe a Tragedia exclue os fujeitos, a quem os vicios naõ manchaõ? Dizemos, que naõ; porque abfolutamente naõ fe póde dizer, que o homem bom, por ter efta qualidade, naõ faça mover as paixões de temor, e compaixaõ, mas fó as de ira, e de indignaçaõ contra quem foy a caufa, de que elle padeceffe hum tal infortunio. O mefmo Filofofo naõ fe oppoem a efta doutrina, antes delle fe vem a colligir, que os bons pódem fer fujeitos da Tragedia. Diz Ariftoteles, que a principal peffoa Tragica fim deve fer de mediocre caracter; mas accrefcenta, que a naõ fer defta qualidade, e a haver de propender para alguma das partes, antes propenda para a virtude, que para o vicio: *Vel melioris potius, quàm deterioris.* Defte lugar tiramos a doutrina, de que os bons pódem fer principal affumpto da Tragedia, vifto que Ariftoteles neftas palavras os naõ exclue abfolutamente. Do mefmo parecer he Caftelvetro pag. 277., e Lelio Bifciola *Hor. fubfeciv.* liv. 10. cap. 8. tom. 1. Confirma-

firma-se isto com exemplos; pois ha muitas Tragedias da antiguidade Grega, e algumas da Romana, nas quaes a principal pessoa se representa innocente, como saõ Polissena, Polidoro, e Astianates na Tragedia de Euripedes intitulada *Hecuba*; Antigono no *Ciclope*, Efigenia *in Aulide*, e outras muitas pessoas.

Assentemos pois, segundo o Filosofo, que na falta das pessoas de mediocre qualidade pódem as que saõ boas elegerse para assumpto da Tragedia; se bem que Nisieli no tom. 3. *Progin.* 50. se enfurece grandemente contra Aristoteles por esta doutrina; dizendo, que se a Tragedia motora de horror, e piedade se póde inventar sobre aquelles, que tem huma bondade ordinaria, que razaõ racional poderá haver, para se naõ formarem Tragedias primeiro sobre pessoas santissimas, quando a morte injusta de hum Santo nos deve mover mais ao horror, e piedade, que a de hum homem, que naõ tem o caracter de conhecida virtude? Naõ mostra aqui o Apatista aquella sua Critica taõ justa, que se conhece nos outros seus *Proginnasmas*. As paixões principaes, que a Tragedia deve mover, saõ o terror, e a compaixaõ; e a morte v. g. de hum Martyr naõ nos move muito estes affectos, mas sim os de ira, e indignaçaõ contra os que saõ a causa daquelle tormento, que os Martyres naõ temiaõ; e por isso naõ chamavaõ desgraça, mas felicidade á sua morte. Sim póde o Martyr como varaõ virtuoso ser-

vir

vir de aſſumpto á Tragedia, o que abſolutamente naõ exclue Ariſtoteles; mas naõ ha fundamento ſolido nas regras da Poeſia Tragica, para que o bom prefira ao que he de mediocre bondade, como pretende Niſieli.

Diſcutido eſte ponto, ſerá juſto tratar de outro, e he, ſe os máos pódem entrar a ſer a principal peſſoa Tragica. Rigoroſamente fallando, dizemos que naõ; porque a fortuna adverſa deſtes naõ move a temor, nem a commiſeraçaõ: naõ a temor; porque o auditorio naõ teme o caſtigo, que ſe dá ao que he perverſo, ſenaõ ſe elle conhece em ſi, que tem commettido a meſma culpa: naõ a commiſeraçaõ; porque aquelles, que commetteraõ algum delicto, elles meſmos foraõ a cauſa do ſeu caſtigo; e ainda que eſtes naturalmente movaõ em nós algum affecto, naõ he, como aſſirma o Filoſofo, de commiſeraçaõ, mas ſim de humanidade. Eſtribados neſte fundamento he que Varchi nas ſuas *Lições Poeticas* pag. 682. reprovou totalmente a Tragedia de Martelli compoſta ſobre Tullia, mulher impia, e cruelíſſima contra ſeu pay; e o Zoilo de Speroni cenſurou a eſte Author tomar por argumento tragico duas peſſoas taõ perverſas, como foraõ Canace, e Macareo. Os Eſcritores deſtas Tragedias talvez ſe fundaraõ em hum lugar de Ariſtoteles, no qual approva por ſujeito tragico o caſo de Thieſtes; porém naõ repararaõ, que o Filoſofo neſta parte ſe implicava com o que tantas vezes

zes tinha dito pelo contrario; pois ſegundo a ſua doutrina, naõ podia Thieſtes excitar compaixaõ, nem terror, porque fora digno do caſtigo, que tivera, por haver commettido inceſto, e furto contra ſeu irmaõ Atreo, conforme eſte ſeu lugar no 2. de *Rhetor. Nec quiſquam vir probus dolorem concipiet, cùm parricidas, aut ſiccarios extremum pati ſupplicium intellexerit. Decet namque in rebus ejuſmodi gaudère.*

Baſta iſto por inſtrucçaõ, e paſſemos a examinar a terceira condiçaõ da primeira peſſoa tragica, que he a qualidade da ſua culpa. Deve eſte principal ſujeito repreſentar a ſua deſgraça; porém eſta ha de ſer tal, que ſe ſaiba, que cahio nella a tal peſſoa por ſer infeliz, e naõ perverſa; iſto he, ha de eſta infelicidade naſcer, naõ de maos habitos antecedentes, mas de huma allucinaçaõ, e engano: *Per errorem aliquem.* A palavra *error* na lingua Latina naõ ſó ſignifica peccado, e maldade, mas tambem hum apartamento do recto caminho por cauſa de allucinaçaõ, e engano. Prova-ſe iſto com muitos exemplos, principalmente com hum lugar de Cicero, que diz: *Et ſi aliquâ culpâ tenemur erroris humani, à ſcelere certè liberati ſumus*: com os verſos de Ovidio, dizendo:

Nec ſcelus invenies; quod enim ſcelus error habebat?

E tambem:

Errorem juſſæ non ſcelus eſſe fugæ.

De-

Deve ſer pois o erro tragico tal, que naõ conſtitua perverſo a quem o commette; iſto he, que ſe fique entendendo, que a culpa procedera de depravaçaõ, e naõ de algum impeto natural, que fez, com que o homem enganado commetteſſe o tal crime. Diſſemos *de algum impeto natural*; porque póde ſer argumento da Tragedia hum homem, que perturbado fortemente da ira, do odio, ou do amor, cahio em alguma culpa, ſem reflectir no que fazia, por ſer a perturbaçaõ repentina. Eſta ſubita deliberaçaõ o livra de ſer reputado por perverſo, e por ella ſe faz digno do perdaõ.

Porém a culpa mais propria da Tragedia he aquella, que ſe commette ou contra vontade, ou por medo de mayor mal, ou por ignorancia das couſas. O que obra por medo alguma maldade, ſim ſe faz reo do caſtigo, porque commetteo culpa, ſabendo que era tal; porém pela circunſtancia merece o perdaõ. Supponhamos, que hum tyranno manda a hum filho, que mate a ſeu pay, com a pena de que ſe o naõ fizer, ha de ſer morto. Repugna o filho a eſta acçaõ movido do amor, e conſiderando na barbara culpa de parricida. Por outra parte inſta o natural deſejo de viver, e prevalecendo eſte, commette o delicto, que naõ fizera, ſe naõ perdera a vida. Eſta acçaõ he má; porém muito menos tyranno he eſte filho, do que aquelle, que eſpontaneamente deſembainhou a eſpada, e matou

a ſeu

a ſeu pay. Pelo contrario ha tambem outros caſos, em que ſe commette huma culpa propria da Tragedia, e digna de perdaõ, e commiſeraçaõ; v. g. a de tranſgredir huma Ley, que prohibe fazerſe huma couſa juſta, e louvavel; como foy o Decreto de Creon Rey de Thebas, que impoz pena de morte a quem ſepultaſſe o cadaver de Polynices; porém ſua irmã Antigone tranſgredio eſta Ley; porque movida do amor lhe deu ſepultura.

Todas eſtas culpas, que temos referido, pódem conſtituir a quem as commette ſujeito principal da Tragedia; mas nenhuma he taõ propria della, como aquella, em que ſe cahe por cauſa de ignorancia. Póde eſta ſer de dous modos: ou naõ ſe ſaber o que he bom, e o que mandaõ as Leys, ou ignorarſe o que ſe faz, entendendo, que a tal couſa he boa. Eſta he ignorancia de facto, e aquella he de direito. Sabia v. g. Edipo, que matar o filho a ſeu pay era parricidio; com tudo matou-o: porém naõ ſabia, que Laio era ſeu pay, e eſta ignorancia o livrou de ſer parricida. Eſtas acções de ignorancia he que ſaõ a melhor materia da Tragedia, e eſtas culpas as que mais convém á principal peſſoa della; principalmente ſe eſta repugna a commetter o delicto, e v. g. foge para naõ cahir nelle, como fez Edipo; porque deſta acçaõ ſe lhe ſeguem calamidades, pelas quaes ſe faz digno de compaixaõ, vendo-ſe, que injuſtamente padece.

De-

Devemos ultimamente advertir neſte lugar, por ſer proprio, que para a Tragedia baſta, que a principal *peſſoa fatal* commetteſſe a culpa antes, e naõ he preciſo, que ella ſeja o argumento da fabula, como couſa entaõ exiſtente; baſta, que tenha precedido. Temos o exemplo em *Thieſtes*, que na Tragedia foy caſtigado por culpa, que antes commettera; e na *Electra* de Sophocles, em que mataõ a Clytemneſtra pelo que antes havia feito; e a razaõ, que tiveraõ os Poetas para tomarem eſtes argumentos, foy para que o auditorio ſoubeſſe a culpa, porque aquella perſonagem era caſtigada. Veja-ſe o que ſobre eſta materia eſcreve o Padre Donato na ſua *Poetica* pag. 127. que nós, por naõ ſermos prolixos, omittimos, e paſſamos a dizer alguma couſa ſobre a quarta condiçaõ, que deve ter a peſſoa tragica. He eſta a de paſſar o tal ſujeito principal da felicidade para a miſeria: *Ex felicitate in miſeriam*. Conſiſte eſta felicidade nos bens corporaes, na fortuna, e nos predicados do animo; como v. g. a ſaude, as riquezas, os dominios, os filhos, os parentes, a liberdade, a vida, e o meſmo uſo da razaõ; e he grande deſgraça, e tormento padecer eſtas couſas, principalmente ſe naõ ſe merecem. Naõ ha de ſucceder o cataſtrofe da felicidade por acaſo, mas de cauſas, que entre ſi tenhaõ connexaõ, e ſe deduzaõ do erro, ou culpa tragica, como fonte, donde devem proceder. Por iſſo, como enſina Ariſtoteles,

a eſta-

a eſtatua de Micio, que cahindo matou ao que tinha tirado a vida ao meſmo Micio, naõ póde ſer argumento da Tragedia; porque foy caſual eſta morte, naõ havendo agente, que de propoſito concorreſſe para ella.

Regeitados pois ſimilhantes aſſumptos, deve-ſe attender muito na mudança da fortuna para as cauſas, que atormentaõ a peſſoa infeliz, e para os ſujeitos, que motivaõ a meſma deſgraça; porque aſſim ſe ſegue mayor, ou menor horror, e compaixaõ. Tres caſtas de peſſoas pódem atormentar, e perſeguir ao Protagoniſta; ou amigos, ou inimigos, ou nem huma, nem outra. Se forem os inimigos os cauſadores da infelicidade, pouco aptos ſaõ eſtes para moverem o auditorio á compaixaõ; porque matar hum inimigo a outro tal, he couſa, que naõ faz eſpecie. Já nos que naõ ſaõ nem amigos, nem inimigos, daõ mais algum lugar os affectos para haver perturbaçaõ; porém onde eſtes tem toda a ſua força, e vigor, he quando os amigos, ou parentes ſaõ a cauſa da infelicidade da peſſoa tragica; v.g. quando o pay mata a hum filho, e hum irmaõ a outro. Deſta claſſe ſaõ algumas Tragedias de Sophocles, como a *Electra*, o *Edipo tyranno*, a *Antigone*, *&c.*, e as de Euripedes, como a *Medea*, o *Hipolito*, o *Alceſtides*, a *Efigenia*, as *Bacchantes*, o *Hercules furioſo*, *&c.* Entaõ he que concorrem todos os affectos a formar a Tragedia mais admiravel, ſegundo nos enſina Ariſtoteles, dizendo: *Quo-*

tieſ-

tiescumque autem in necessitudinis extiterint hæc mala; seu vel frater fratrem, vel filius patrem, vel mater filium, vel filius matrem interfecerit, aut interfecturus fuerit, aut hujuscemodi aliquid aliud facit, hæc quærendum est.

Já que estamos neste assumpto, parecenos, que será util responder a huma pergunta, que se poderá fazer; e he, se a Tragedia póde algumas vezes admitir fim alegre, e feliz? Nesta materia variaõ bem os Authores da Poetica. Huns nimiamente escrupulosos, como o Padre Delrio *de Tragædia* cap. 2. naõ se affastaõ da doutrina do Filosofo, e assentaõ, que a terminaçaõ da Tragedia sempre ha de ser triste, e a da Comedia alegre. A mesma opiniaõ segue o Apatista em muitos lugares dos seus *Proginnasmas*, principalmente *Proginasm.* 14. tom. 3. dizendo com Aristoteles: *Necesse est bene compositam fabulam non mutari in felicitatem ex infelicitate; sed contra ex felicitate in infelicitatem*: e no *Progin.* 118. do mesmo tomo affirma com os versos de Horacio, que o contrario he como se *Turpiter atrum desinat in piscem mulier formosa supernè*; ou como se hum chorasse ao principio muitas lagrimas sobre o cadaver de hum seu amigo, e no fim começasse loucamente a rir, e alegrarse. Porém ha outros Authores, que naõ saõ taõ sevéros, como Pontano *Poetic.* liv. 2. cap. 19., e Vossio liv. 2. pag. 69. em que diz, que póde a Tragedia acabar alegre, e affastarse deste modo da Arte, para se captar a be-

a benevolencia do povo, que mais quer retirarſe alegre, do que triſte. O meſmo ſegue Eſcaligero liv. 3. cap. 97. apontando muitas Tragedias antigas com terminaçaõ feliz. E na verdade, que lemos muitas deſtas, como a *Electra* tanto de Sophocles, como de Euripides; o *Philoctetes in Lemno* de Sophocles; a *Efigenia in Aulide*, e tambem *in Tauris* de Euripides; e a *Eumenides* de Eſchylo, além de outras mais, que omittimos.

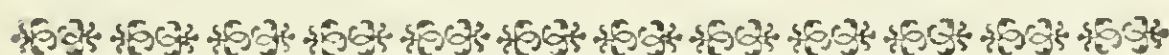
A noſſa opiniaõ pois he, que póde a Tragedia acabar com fim alegre; porém naõ nos eſqueceremos de dizer com Piccolomini na ſua *Poetic. partic.* 71. pag. 201. que mais tragica ſerá aquella Tragedia, que der fim com terminaçaõ triſte, que alegre; porque entaõ ſe confórma mais com a ſua definiçaõ, que nos recommenda o excitarſe a compaixaõ, e temor; e he certo, que mais devemos dizer, que ſe excitaõ eſtes affectos, quando o fim he miſeravel, e triſte, do que quando he agradavel, e alegre. Aclararemos mais eſta doutrina com a authoridade de Buonamico nas ſuas *Lições Poeticas da Tragedia* pag. 129. Se na Tragedia conſiderarmos o deleite, he certo, que eſte he diverſo na mudança em terminaçaõ feliz, ou deſgraçada. Quanto a mim parece-me mais perfeita a primeira terminaçaõ, porque ſegue mais a natureza, e o bom coſtume, que he alegrarmo-nos mais com o bem, que entriſtecermo-nos com o mal.

Porém ſe conſiderarmos o fim proprio da

Tragedia, que consiste em purificar o animo pelo meyo da compaixaõ, movendo mais a infelicidade existente, que aquella, que está proxima a succeder, fica entaõ sendo Tragedia mais perfeita aquella, que se encaminha a hum fim desgraçado, que outra, que quer acabar em terminaçaõ feliz. Este primeiro fim induz mais immediatamente o deleite conveniente á natureza, e o segundo com mayor movimento o reduz ao estado natural; de tal modo, que comparando o effeito de hum, e outro fim, parece-me, que tem mais perfeiçaõ o effeito do primeiro, se bem com menor trabalho, e o segundo mayor movimento; porém com menor effeito. Se v. g. hum remedio leve fosse conducente para se adquirir huma saude perfeita, e outro mais grave fizesse quasi o mesmo, ficaria a saude com o primeiro remedio sendo perfeita, e com pouco trabalho da medicina; o que talvez naõ succederia com os remedios graves.

A' vista do que dizemos se segue, que a primeira terminaçaõ da Tragedia he mais perfeita, e a da segunda mais efficaz: de modo, que considerando a Tragedia em quanto á virtude, e efficacia, deve-se antepor a de fim desgraçado, e em quanto a causar hum gosto mais perfeito, a de terminaçaõ feliz. Restanos ultimamente dizer alguma cousa sobre a ultima condiçaõ da principal pessoa tragica, que he ser *huma só*. Esta unidade porém servirá de assumpto a hum Capitulo separado, que

que poremos, quando o lugar o pedir: e basta de discurso sobre a materia da Tragedia, para passar a discorrer de sua fórma, e machina, que a compoem. Principiemos pelas partes da qualidade.



CAPITULO IV.

Da Fabula, e suas propriedades.

PRincipiaremos este Capitulo tratando da Fabula, como voz, que se applica a diversas significações, v. g. quando se entende por hum successo fingido, como as transformações de Ovidio, e tudo o mais, que dos seus Deoses, e Heroes escreveo a liberdade dos antigos Poetas. Cornificio no liv. 1. tratando da Fabula, diz: *Fabula est, quæ neque veras, neque verosimiles continet res; ut hæ, quæ tragædiis traditæ sunt.* Do mesmo modo Cicero no liv. 1. de *Invent.* escreve: *Fabula est, in qua nec veræ, nec verisimiles res continentur; ejusmodi est angues ingentes alites juncti jugo.* Porém a definiçaõ de Aristoteles he, que a Fabula nenhuma outra cousa he, senaõ *rerum compositio*; Porque o Poeta, ou seja como heroico, ou tragico, ou comico, antes que entre a escrever, concebe, e finge aquellas cousas, que depois ha de expôr em verso; e a esta imagem, ou imitaçaõ da verdadeira ac-

çaõ, com que ſe compoem as couſas inventadas, he que ſe dá o nome de fabula. Neſta imitaçaõ differe muito o Poeta do Hiſtoriador, como tantas vezes temos inſinuado; porque eſte tudo quanto eſcreve he fundado ſobre o que outros diſſeraõ, ou obraraõ; o Poeta porém (fallo do que he optimo, para naõ haver implicações nas doutrinas deſta Arte) ou finge tudo, ou ſe val de algumas couſas ſuccedidas, ou altéra outras como melhor lhe parece. Deſte modo ſendo toda a machina de qualquer Poema argumento do engenho, e liçaõ do Poeta, em nenhuma couſa moſtra tanto eſtas qualidades, e a ſua ſciencia, como na fabula, por ſer a couſa mais propria do engenho, e o parto mais nobre da invençaõ.

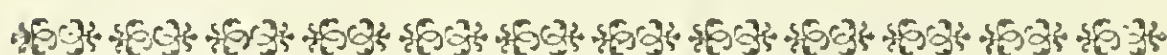
Quatro circunſtancias aponta o Filoſofo na ſua *Poetica*, que deve ter a fabula para ſer perfeita. A primeira he *Principium*, *ac velut anima Tragædiæ*; porque a fabula he a primeira couſa, e a que ſerve de baſe, em que as outras ſe ſuſtentaõ. He verdadeiramente a alma; pois aſſim como eſta he a fórma do homem, aſſim a fabula he a fórma do Poema, definindo, e aperfeiçoando a ſua natureza; porque havida, que ſeja a fabula, logo ſe conhece, ſe o Poema he Tragedia, ſe Comedia, ou Epopeia. A ſegunda circunſtancia he *Imitatio actionis*; porque na fabula narraõ-ſe as couſas, naõ como foraõ, mas como veroſimilmente podiaõ ſucceder. A terceira he

Finis

Finis Tragædiæ; porque aſſim como a acçaõ he o fim nas couſas humanas; pois os homens para obrarem bem, ſe encaminhaõ a alguma acçaõ; aſſim a fabula, como imagem, e imitaçaõ de alguma acçaõ humana, he o fim, a que ſe encaminha o reſto da Tragedia. A ultima circunſtancia, que aponta Ariſtoteles, he *Sine actione, & fabula Tragædia eſſe non poteſt, ſine moribus poteſt*: e a razaõ he clara; porque naõ póde haver Tragedia ſem haver alguma acçaõ, que fabuloſamente ſe exponha nella: o que ſe conſidera como menos importante he, ſe eſta acçaõ ha de ſer *morata*, ou abundante de ſentenças, &c., e ainda que neſtas partes naõ ſeja completa, com tudo ſempre ſe deve louvar: *Habens fabulam, & coagmentationem rerum*, como enſina o meſmo Filoſofo.

Baſta de diſcurſo neſta materia, que trataraõ largamente infinitos Authores, diſcorrendo (quaſi inutilmente para o aſſumpto) da fabula em geral, que comprehende todas as couſas, que pódem ſervir na Poeſia de alguma inſtrucçaõ, ou ſejaõ moraes, ou fyſicas, ou theologicas. Reſta agora diſcorrermos ſobre as propriedades da fabula, em que ſaõ poucos os Eſcritores da Poetica, que deraõ as luzes preciſas; e ſó nos parece, que o Padre Donato, a quem ſeguimos, foy o que ſe explicou com mais clareza, e extenſaõ, que naõ ſeja faſtidioſa: porém como iſto nos ha de occupar algumas paginas, para fugirmos

mos á prolixidade, hiremos explicando-nos em Capitulos ſeparados; e neſte ſó diremos, que ſaõ oito as propriedades da Fabula, como nos enſina Ariſtoteles, e expoem os ſeus interpretes, e vem a ſer *Implexio*, *Veriſimilitudo*, *Integritas*, *Magnitudo*, *Unitas*, *Epiſodium*, *Admirabilitas*, *Perpeſſio*.



CAPITULO V.

Do enredo *da Fabula.*

CHama-ſe enredo da Fabula ao que ſe oppoem á ſimplicidade; iſto he áquella fabula ſimples, que principia, e acaba do meſmo theor, ſem haver mudança alguma; como v. g. Mezencio, que peleijando com Eneas foy traſpaſſado com huma lança. Tambem ſe chama ſimples á que ſe oppoem á fabula duplicada, que contém duas peſſoas com diverſas fortunas, o que he pouco approvado. A fabula chamada *Implexa*, de que tratamos, he a que ſe explica enredando-ſe com varias mudanças ou proſperas, ou adverſas. Tem eſta tres partes, a que os Latinos chamaraõ *Peripetia*, *Agnitio*, *Paſſio*.

Segundo Ariſtoteles, *Peripetia* he a mudança, que faz a couſa, de que ſe trata, para contrario, ou ſeja adverſo, ou feliz; como v. g. na *Odyſſea* de Homero a mudança de Pene-

Penelope em felicidade, e em desgraça a daquelles Principes atrevidos, e injustos, que destruîaõ os bens de Ulysses, entendendo, que elle naõ havia de voltar. Sempre saõ excellentes estas mudanças; mas, como testifica o Filosofo, quando saõ mais agradaveis, e fazem mayor effeito, he quando a mudança he grande, e repentina', nascendo de cousas antecedentes.

Agnitio he o conhecimento de huma, ou muitas pessoas, que antes por largo tempo eraõ desconhecidas, e deste conhecimento se originou amisade, ou inimisade entre aquelles, que saõ felices, ou infelices. Duas castas ha desta agniçaõ: huma he simples, como se vê na *Odyssea*, em que Ulysses he conhecido da Ama, que o criara, a qual elle naõ conhece. A outra he composta, como a Tragedia de Euripides *Iphigenia in Tauris*, em que Orestes, e Efigenia mutuamente se conhecem. Assim como a ignorancia humas vezes he de pessoa, outras de alguma cousa, o mesmo succede com a *agniçaõ*, ou conhecimento. Já acima apontámos exemplos da agniçaõ de alguma pessoa; os de cousas saõ v. g. como Edipo, que soube ter sido matador de seu pay, o que antes ignorava; Theseo, que veyo a saber, que seu filho naõ fizera o que elle imaginava, &c.

Cinco generos ha, que apontaõ os Authores, dos quaes nasce a agniçaõ. O primeiro, e o mais trivial saõ sinaes, ou sejaõ no cor-

corpo, ou na lança, ou em outras muitas partes; v. g. Egeo veyo a conhecer a ſeu filho Theſeo por hum punhal, que lhe conheceo, e Ulyſſes foy conhecido pela ſua Ama Euryclea por huma cicatriz, que lhe vio. O ſegundo modo he aquelle, que naõ ſe deduz do contexto das couſas, nem da fonte da fabula, mas de alguns indicios, e argumentos excogitados pelo arbitrio do Poeta: como Oreſtes, que conhecendo a ſua irmã Efigenia, lhe pedio, que para a tornar a conhecer outra vez, pozeſſe no ſeu veſtido hum certo ſinal. O terceiro modo he, quando ha lembrança em alguem do ſeu antigo eſtado, por ouvir, e vêr alguma couſa; e por eſte motivo entra repentinamente, ou a chorar, ou a alegrarſe, manifeſtando-ſe deſte modo aos circunſtantes. Aſſim foy Ulyſſes conhecido por ElRey Alcinoo, naõ podendo reprimir as lagrimas, por ouvir a hum muſico, que ao ſom da cithara cantava as acções delle Ulyſſes, e dos Gregos ſeus companheiros. O quarto modo ſe faz por ſyllogiſmo, v. g. quando por alguns ſinaes, que entre ſi correſpondem, vimos no conhecimento de alguma couſa, como praticou Oreſtes para livrar a ſeu amigo Pylades. O ultimo modo he tambem por meyo de ſyllogiſmo, porém falſo, e ſó na apparencia verdadeiro, a que ſe chama parallogiſmo; e ſervirá de exemplo o caſo ſuccedido a Penelope, que naõ crendo a falſa noticia, que hum menſageiro lhe deu da morte de Ulyſſes,

eſte

este para a capacitar, lhe mostra hum arco, dizendo-lhe, que bem havia de conhecer ter sido de seu marido, e ella capacitando-se, veyo a chorarlhe a morte com muitas lagrimas.

A terceira parte da fabula implexa he o que os antigos chamaraõ *Pathos*, que val o mesmo, que *Perturbaçaõ*. He esta parte taõ propria da Tragedia, como alheya da Comedia, e della usa tambem a Epopeia para diversos usos, e fins. Nenhuma outra cousa he esta circunstancia da fabula, senaõ aquella acçaõ horrorosa, que nos causa dor, e sentimento, vendo claramente succederem no theatro mortes, tormentos, feridas, &c. Diz Horacio na sua *Poetica*.

. . . . *Si vis me flere, dolendum est*
Primum ipsi tibi, tunc tua me infortunia lædent.

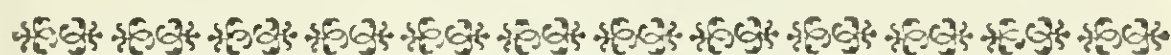
Ha huma grande questaõ entre os Criticos, se se devem representar na scena estas mortes, ou se se devem narrar como já succedidas. Aristoteles segue a primeira opiniaõ, dizendo: *Iu aperto fiunt mortes, & ejaculatus, & vulnerationes, & quæcumque hujuscemodi*; se bem que Rubortello, e Castelvetro se empenhaõ a interpretar de outro modo este texto taõ claro do Filosofo. Riccoboni, Jason de Noris na Exposiçaõ a Horacio, Ricci no liv. 1., e outros muitos saõ de diverso parecer, inclinando-se ao uso dos Romanos nas suas Tragedias. Nós o que seguimos, he a sentença de Aristoteles, que propoem na Tragedia, como

como cousa necessaria para imitar, o que he horroroso. Quanto a cousa he mais notavel, mais digna de memoria se faz: e quanto a cousa he mais tragica, e mais atrozmente representada, tanto he mais notavel, e se consegue o fim de causar horror, e instrucçaõ.

Algumas cousas ha, que naõ se pódem representar ao vivo, ou por deshonestas, como os actos carnaes, ou por nauseantes, como o parir, ou por impossiveis, como as transformações dos homens em animaes. Esta nossa opiniaõ preferimos a qualquer outra, assentando, que com mais vehemencia se excita o horror, quando ocularmente se vê no theatro a acçaõ tragica. Com tudo naõ podemos deixar de dizer, que tambem ha outros modos (se bem que menos fortes) para movêr a perturbaçaõ no auditorio. O primeiro he quando se representa em publico a cousa horrorosa como já effeituada: o segundo quando esta se narra; e o terceiro quando se ouve no fim da scena, que se effeituou. De tudo nos deixou exemplos a antiguidade. No *Edipo tyranno* lemos, que Iocasta fora enforcada, e que a Edipo lhe arrancaraõ os olhos fóra; castigos, que naõ se representaraõ no theatro, mas só se deu delles noticia por meyo da narraçaõ. Na *Electra* depois da scena he que se sabe, que Clitemnestra está mortalmente ferida; e na mesma Tragedia se naõ vê a morte de Egisto, mas se suppoem morto pelas antecedencias. Outros muitos exemplos poderamos dar;

mas

mas por naõ confundirmos ao leitor, os deixamos, e o remettemos ao 3. tomo *dos Proginnasmi Poetici*: *Progin.* 118.



CAPITULO VI.

Do verosimil, *segunda propriedade da Fabula.*

BAstantemente temos já discorrido do verosimil; porém como este he huma das propriedades principaes da fabula, continuaremos tambem aqui a dar mais alguma instrucçaõ, e a fazer algumas observações nesta materia. O verosimil da fabula consiste, em que seja crivel a contextura della. Naõ ha de repugnar á natureza, á fortuna, á idade, ao costume, e á fama, ou historia. Naõ se póde inverter a ordem das cousas, fingindo o que repugna á natureza, como diz Horacio na *Poetica*:

Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.

Do mesmo modo se deve attender muito ao que convem á condiçaõ, e idade, e assim representar nella o que he verosimil. Naõ poderemos fingir a hum moço mais prudente do que hum velho, e a hum Principe mais avarento do que hum vassallo (particular; porque ainda que ambas estas cousas se possaõ

dar,

dar, com tudo o Poeta só deve pintar o que geralmente convém ao eſtado das couſas; nem ſe lhe deve perdoar, como affirma Horacio:

Si dicentis erunt fortunis abſona dicta.

Em quanto ao coſtume, deve haver a meſma reflexaõ, fazendo-ſe, com que a peſſoa ſuſtente ſempre até o fim aquelle meſmo caracter, ou de virtuoſo, ou de máo; o que tambem Horacio nos deixou encommendado, dizendo:

Qualis ab incœpto proceſſerit, & ſibi conſtet.

E ainda que ſaõ mudaveis as vontades dos homens, e coſtumaõ muitas vezes paſſar dos vicios para as virtudes, com tudo em huma acçaõ tragica, ou comica, que dura muy pouco eſpaço de tempo, naõ he veroſimil, que taõ promptamente ſe mudem os habitos voluntarios. Nem ainda na Epopeia os coſtuma mudar o Poeta; porque os ſujeitos quaſi todos ſaõ alli conhecidos pela hiſtoria, ou por fama, como na Tragedia. Ultimamente naõ devemos com probabilidade alterar a fama das couſas, e as hiſtorias ſuccedidas: v. g. dizer, que Ceſar matara a Bruto, e Heitor a Achilles: o que poderemos fazer he, accreſcentar, ou diminuir alguma couſa á hiſtoria, ſendo conveniente, e veroſimil. Por ultima concluſaõ, a regra do veroſimil pede, que as fabulas poeticas naõ ſe opponhaõ á opiniaõ, que com fundamento ſe concebeo das couſas. A

fama,

fama, a hiſtoria, e muitas vezes os noſſos olhos nos fazem ver a verdadeira ſituaçaõ dos montes, dos rios, dos Reinos, dos mares, &c. Aſſim ſabemos v.g. que Conſtantino floreceo mais de 350. annos depois de Julio Ceſar, e que a Julio Ceſar ſobreviveo ſua mulher Calfurnia, &c.

Ora quem fingiſſe o contrario deſtas taes couſas, que nós já ſabemos, ou facilmente podemos ſaber, he certo, que naõ no las poderia fazer veroſimeis, e poſſiveis; porque ſabemos, que a natureza determinou de outro modo a ſua potencia. Naõ he poſſivel, direy eu, e diraõ quaſi todos, v. g. que o Tejo paſſe por Pariz, e que Conſtantino reinaſſe antes de Auguſto; porque da hiſtoria me conſta o contrario. Reflectindo neſtas razões, devem os Poetas de bom juizo fugir de certos anacroniſmos, que facilmente ſe pódem conhecer por inveroſimeis, e atrevidos; de que temos naõ poucos exemplos nos melhores Epicos, e Tragicos antigos, e modernos. Se ouvirmos porém repreſentadas as acções de Clorinda, e Torriſmondo, de Niſo, e Eurialo, e de outras ſimilhantes peſſoas totalmente fingidas, devernos-haõ parecer poſſiveis, e veroſimeis; porque naõ temos couſa, que ſe opponha a eſta nova opiniaõ, e que nos convença do contrario. As hiſtorias naõ dizem v. g. que Argante, e Clorinda naõ foſſem a Jeruſalem, e lá peleijaſſem contra os Chriſtãos, como diſſe Taſſo: naõ dizem, que Ni-

ſo,

ſo, e Eurialo naõ obraſſem aquella generoſa acçaõ no tempo de Eneas, como eſcreveo Virgilio; nem contradizem com expreſſas palavras o modo, com que os Poetas repreſentaõ ſuccedida a morte de Mithridates, a deſgraça de Beliſario, ou a fortuna de Vaſco da Gama. Eſte ſilencio baſta para fundamento da ficçaõ, a qual naõ tem obſtaculo para parecer poſſivel, e veroſimil.

Daqui vimos tambem a ſaber a razaõ (como eſcreve Muratori no liv. 1 pag. 85.) porque o Poeta uſa na Comedia de argumentos, e nomes de peſſoas inteiramente fingidos. Nem a hiſtoria, nem a fama coſtuma fazer mençaõ dos homens particulares, e de baixa esféra, como couſas de pouco momento; e por eſta razaõ a fabula da Comedia, que ſempre ſe fórma de peſſoas ordinarias, e de argumentos populares, póde, ainda que em tudo, e por tudo ſeja fingida, parecer veroſimil, e poſſivel em ſucceder; porque a hiſtoria, naõ ſe oppoem á ſua veroſimilhança, e poſſibilidade.

Como a noſſa opiniaõ (ſegundo já diſſemos) naõ prohibe, que a Tragedia ſe poſſa formar de argumento, e de nomes totalmente imaginados; aſſim tambem ſomos de parecer, que poſſa a Comedia alguma vez formarſe ſobre objecto, e acçaõ ſabida, e verdadeira: e com effeito algumas Comedias temos lido formadas ſobre algumas Novellas de Bocaccio, que naõ contém ſucceſſos fabuloſos;

o que se naõ deve criticar com bom fundamento, segundo prova hum discurso de Gravina, feito sobre esta materia. Porém como he empreza mais louvavel formar estes Dramas sobre idéa propria, sem plantar em terreno alheyo, por isso sempre será melhor conselho inventar todo o argumento das Comedias, já que o verosimil, que nellas se requer, naõ se expoem a algum perigo, como succede nas Tragedias.

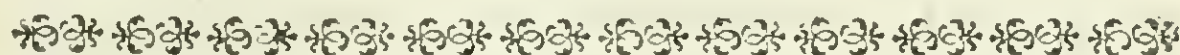
Ora, como dizemos, tanto a Tragedia, como a Comedia, e a Epopeia naõ pretendem mais, senaõ que quanto nellas se finge, se crea possivel em succeder, ou em ter succedido. Tem nisto tanto cuidado, que quando alguma cousa real, e verdadeiramente acontecida póde representada, ou narrada parecer inverosimil, e impossivel em succeder, estudaõ muito os Poetas em a temperar, e fazer verosimil, quanto póde ser, o seu maravilhoso. Dizem, e formaõ os Poetas innumeraveis mentiras, e fabulas; mas nem por isso querem enganar o entendimento de quem lê, ou ouve, fazendo-lhe crer o falso, como verdadeiro. He falso, que nunca succedeo o que elles fingem; mas tambem he verdade, que a tal cousa podia, ou devia assim succeder. Isto he o que elles pertendem persuadir, buscando por meyo de huma mentira o modo para fazer aprehender huma verdade, a qual aprehendida que seja, naõ só nos causa deleite, mas tambem utilidade.

Com

Com a ſua coſtumada, e ſublime agudeza obſervou Santo Agoſtinho no liv. 2. cap. 9. dos *Soliloquios*, que os Poemas, ainda que pareçaõ cheyos de mentiras, com tudo naõ nos pertendem enganar; e que os Poetas ſim poderáõ ter o nome de mentiroſos, mas naõ o de enganadores. Diz aſſim o Santo Doutor: *Mentientes, aut mendaces hoc differunt à fallacibus, quod omnis fallax appetit fallere; non autem omnes vult fallere, qui mentitur. Nam & Mimi, & Comædiæ, & multa poemata mendaciorum plena ſunt, dilectandi potius, quàm fallendi voluntate: & omnes ferè, qui jocantur, mentiuntur. Sed fallax, vel fallens is recte dicitur, cujus negotium eſt, ut quiſque fallatur.* E logo definindo a fabula, diz ſer huma mentira compoſta para utilidade, ou deleite de alguem: *Eſt fabula compoſitum ad utilitatem, dilectationemque mendacium.* Nem eſta utilidade, e deleite provém de outra cauſa, que do aprehender alguma verdade maravilhoſa, ou já ſuccedida, ou poſſivel em ſucceder.

Finalmente remataremos eſte Capitulo com hum axioma de Voſſio do liv. 2. das ſuas *Inſtituições Poeticas* pag. 57., que diz: *Tragicum vel maximè attendere oportet, quod veroſimile ſit; quia in Dramate res non ſolùm narratur, ut in Epopeia, ſed etiam agitur; ſi tamen aliquid adferendum rationi minus conſentaneum; id extra fabulam, hoc eſt, in Epiſodio, eſto.* Confirma-ſe eſta doutrina com hum texto de Ariſtoteles *Poetic.* cap. 4., em que diz: *Ne conſtet oratio*

tio ex iis, quæ ratione carent. Sed omnino non ponendum, quod ratione caret: vel ſi caveri id non poſſit, extra fabulam ponendum.



CAPITULO VII.

Da integridade, *terceira condiçaõ da Fabula.*

ASſim como ao corpo humano para ſer inteiro, naõ ha de faltar algum membro, do meſmo modo naõ deve faltar á fabula para ſer perfeita, a ſua integridade; iſto he, ter principio, meyo, e fim. O *Principio*, como nos deixou definido o Filoſofo na cap. 5. da ſua *Poetica*, *he aquillo, que neceſſariamente precede a tudo o mais, e que deixa as dependencias, que depois de ſi ſe ſeguem. Principium illud eſſe dicimus, quod non neceſſario poſt aliud eſt: cætera autem illo poſteriora vel ſunt.*

Como do principio depende tudo o mais, naõ ſe pódem eſtabelecer; e deduzir as couſas, ſem primeiro o conſtituir; e bem ſabido he, que ſem ſe ſaber o antecedente, ſe naõ póde vir no conhecimento do ſubſequente: *O fim he aquillo, que neceſſaria, ou regularmente ſe ſegue depois de outra couſa, que lhe precede, e que depois de ſi naõ deixa couſa alguma, que ſe lhe ſiga. Finis poſt ſe nihil habet*, diz o Padre Donato na ſua *Poetica*: porque finda, que ſeja a acçaõ, ou Tragica, ou Epica, e expoſ-

to o que ſe propoz ao principio, ſe acaba o Poema. O *Meyo*, como todos ſabem, *he o que fica entre o principio, e o fim*; iſto he, *aquillo, que ſe ſegue depois de outra couſa, que precede, e deixa depois de ſi outra couſa, que ſe lhe ſegue.*

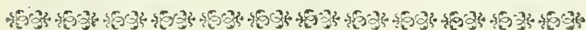
Devemos aqui advertir por conſelho do Padre Donato, e de todos os Authores Poeticos, que como os Poetas, principalmente Epicos, coſtumaõ muitas vezes começar a ſua obra, naõ pelo principio da fabula, mas antes pelo meyo, ſe naõ deve tomar por principio della o que primeiro ſe narra, ſenaõ a couſa, que he principal em toda a acçaõ, que ſe propoz por aſſumpto, ainda que ſe principie pelo meyo, que he poſterior ao principio; porque o principio naõ he o que primeiro ſe propoem; mas *quod primo eſt, aut fit*, como enſina Ariſtoteles. O principio da fabula de Virgilio he a partida, que Eneas fez de Troya, a qual narra o Poeta no liv. 3., e começa o primeiro, narrando a partida, que fez de Sicilia, a qual ſuccedeo depois de paſſarem ſete annos: pelo que ſe o principio da fabula foſſe o meſmo, que o principio da obra, deveria Virgilio começar a narraçaõ do ſeu Poema pelos verſos, com que principiou o liv. 3. dizendo:

Poſtquam res Aſiæ, Priamique evertere gentem
Immeritam viſum ſuperis. . . . .

Deſta doutrina naſce huma grande queſtaõ entre os Criticos, que trataraõ da Poetica,

ca,

ca, e he, ſe ſe ha de começar pelo principio, ſeguindo-ſe depois delle o meyo, e fim, ſegundo a ordem *natural*, ou ſe ſe ha de principiar pelo meyo, pondo depois deſte o principio, ſegundo a ordem chamada *artificial*. Porém como eſta diverſidade mais pertence ao Poema Epico, que ao Tragico, e Comico, diremos o que ſentimos neſte ponto, quando tratarmos da Epopeia, e das ſuas regrs.



CAPITULO VIII.

Da grandeza, *quarta condiçaõ da Fabula.*

DIz Ariſtoteles, que a formoſura conſiſte na grandeza, e ordem: *Pulchritudo enim in magnitudine, & ordine eſt.* Todas as couſas devem ter a grandeza, que convem á ſua natureza; e aſſim deve ſer a grandeza da fabula. Naõ tratamos da ſua grandeza material, nem da ſua material duraçaõ, que pende de mayor, ou menor numero de verſos, e de mayor, ou menor eſpaço de tempo, que gaſtaõ os repreſentantes; mas ſim daquella juſta grandeza, que pertence ao Poeta, a qual conſiſte no juſto numero, e proporcionada extenſaõ das acções, que ſaõ como partes da fabula, e conſtituem o ſeu todo.

Qualquer animal para ſer perfeito deve ter a juſta grandeza, que ſe requer, para

logo perfeitamente o vermos de huma vifta de olhos, aliás, como diz o Filofofo: *Confunditur contemplatio, quæ momento temporis fit.* Affim deve fer a grandeza congruente da fabula, de modo, que a memoria facilmente a comprehenda. Ariftoteles determina efta grandeza da acçaõ tragica ao efpaço de hum dia: *Intra unam periodum Solis, five unam intra diem compellitur.* O mefmo tempo dá á fabula Comica; e fó diz da Epopeia, que *indefinita eft tempore*, como em feu lugar mais largamente expenderemos: e he efta determinaçaõ muy confórme á razaõ; porque affim como a grandeza de hum palacio he diverfa da de huma cafa particular, affim igualmente a grandeza de hum Poema Epico deve differir muito da de huma Tragedia, ou Comedia. Naõ fe fegue com tudo defta doutrina, que feja muy dilatada a duraçaõ da Epopeia; porque como efta deve ter a unidade, que lhe dá a acçaõ, naõ póde durar muito tempo huma acçaõ de algum homem, ainda que fe fórme de outras muitas. Huma guerra v. g. compoem-fe de muitas acçóes, e nem por iffo coftuma ter larga duraçaõ. Por iffo Homero fe fez recommendavel, quando tomou para argumento da fua Iliada huma pequena parte da guerra Troyana, defprezando a nimia prolixidade dos dez annos, que ella durou.

Porém a Tragedia além do termo, que lhe prefcreveo a natureza do Poema, ainda entre os Gregos tinha outra ley mais eftreita;

ta; porque punhaõ estes hum relogio de agua, e acabada que fosse, se dava fim á Tragedia, ou Comedia; o que depois os Romanos faziaõ aos Oradores. Hoje porém naõ se excede o tempo de quatro horas, que he o que basta, para se observar a regra de Aristoteles, segundo a intelligencia, que lhe dá Gonzales de Salas, que diz, ser a propria grandeza da fabula aquella, que for, ou forçosa, ou verosimilmente necessaria, para que procedendo a sua acçaõ com huma bem ordenada constituiçaõ de suas partes, chegue esta mesma acçaõ a mudarse de infelicidade em felicidade, ou pelo contrario de desgraça em fortuna. Por isso Virgilio deu fim ao seu Poema com a morte de Turno, pela qual se muda a fortuna de Eneas, ficando sem amante oppositor, que lhe dispute Lavinia para esposa, e o Reino de Italia. Diga o que quizer Donato com a sua ridicula opiniaõ na vida deste Poeta, na qual diz, que se Virgilio vivesse mais tempo, havia formar o seu Poema de vinte e quatro livros, até chegar ao tempo de Augusto. Finalmente por ultimo preceito sobre a grandeza da fabula transcreveremos hum axioma de Vossio *Poetic.* liv. 1. cap. 10. *Ne verò pars aliqua justo brevior, aut longior sit, tum in fabula, tum in episodiis, videndum quæ illustria, graviaque sint; quæ levia, ac minuta; quæ medii generis. Illustribus inhærendum; media percurremus, levicula nutu potius, quàm oratione, significabimus.*

CA-



CAPITULO IX.

Da unidade, *quinta condiçaõ dæ Fabula.*

A Unidade da fabula he aquella, em que a acçaõ principal naõ fica deteriorada com outros accidentes diversos do sujeito, ou urdidos de partes, que naõ saõ integraes. Deve a fabula ter esta unidade, isto he, deve ser huma só acçaõ de huma só pessoa; porque a arte deve imitar a natureza, que nas suas formações se encaminha toda á unidade, ou seja simples, como a luz, ou composta, como o corpo humano. Contra este preceito se póde peccar de tres modos: o primeiro, tomando por assumpto huma só acçaõ, em que para ella concorraõ muitas pessoas principaes: o segundo, fabulando sobre muitas acções de hum só, e indiviso operante: e o terceiro, escrevendo diversas cousas de diversas pessoas.

Naõ discorreremos deste ultimo erro; porque todos o conhecem, e sabem, que fica sendo monstruoso o tal corpo, como nos ensina o Filosofo *Poetic.* cap. 7. O mesmo Author tratando do segundo erro, nos faz mençaõ dos Authores da *Theseida*, ou *Herculeida*, dizendo, que erraraõ; porque tomaraõ por argumento dos seus Poemas as acções de Theseo, ou de Hercules. O mesmo fez entre

os

os Gregos Paniafes, que em quatorze livros defcreveo a vida de Alcides, que depois tambem foy affumpto de Caro, antigo Poeta Romano. Os que cahiraõ no primeiro erro, faõ entre outros, Valerio Flacco na *Argonauta*, Eftacio na *Thebaida*, Cornelio Severo efcrevendo as batalhas de Sicilia, Archia a guerra dos Cimbros, e outros muitos, em que o noffo Camões naõ deixa de ter lugar, como diremos, quando o pedir melhor occafiaõ.

Quiz Caftelvetro na fua *Expofiçaõ á Poetica de Ariftoteles* defender aquelles, que cantaraõ de hum fujeito diverfas acções; e diz, que eftes foraõ os que melhor fe conformaraõ com a Poefia, que he huma fimilhança da hiftoria, da qual fegue todos os veftigios; e que por efta razaõ póde ufar de todos os privilegios permittidos á hiftoria, que faõ de narrar em huma obra todas as acções de huma peffoa. E logo abaixo affirma, que fe a Tragedia, e Comedia ufa de huma fó acçaõ, provém ifto do pouco tempo de duraçaõ, que lhes he concedida, como fabulas Dramaticas. Do mefmo modo affirma, que a multiplicidade, e variedade das acções caufaõ mais deleite, e grandeza; e que a fingularidade de huma fó moftra admiravelmente o engenho, e arte do Poeta: *Operando egli* (faõ palavras fuas) *quello con una azione, d'una perfona, che altri apena poffono operare con molte azioni, e di molte perfone*. A variedade caufa deleite; efta compoem-fe de multiplicidade de coufas: lo-

go

go o Poeta formando a fabula de muitas, e varias acções, encherá os animos de muito mayor deleite.

Eſte he o argumento de Caſtelvetro, o qual he falſo, como moſtraremos, argumentando aſſim: A variedade, que participa de couſas, que correſpondem entre ſi, fica ſendo mais bella, e deleitavel, queaquillo, que em ſi meſmo he unico, e ſó. O homem v.g. pela variedade dos ſeus muitos membros he hum individuo mais admiravel, do que ſe foſſe huma maſſa de carne animada, e quaſi indiſtincta. Porém os ſeus membros naõ o fazem conſideravel ſimplesmente, por ſerem muitos, e varios, mas porque além de ſerem varios, e muitos, ſaõ confórmes ao homem: que ſe elles foſſem ferinos, ou monſtruoſos (ainda que foſſem varios, e muitos) fariaõ ao homem disforme, e ridiculo. O meſmo ſuccede á fabula: ficará eſta mais perfeita, e cauſará mais maravilha, e deleite, ſe o Poeta a tecer de varios epiſodios todos dependentes da acçaõ primaria, encaminhados a hum ſó alvo da meſma acçaõ, e unidos com ella de modo, que ſe forem tranſpoſtos, e alterados, pervertaõ a devida diſpoſiçaõ da fabula. Na Eneida certamente ſe pódem deſmembrar muitos dos ſeus epiſodios, como v. g. o amor de Dido, a deſcida ao inferno, as feſtas funeraes, e outras ſimilhantes incidencias; mas porque todas eſtas couſas ſeguem, ajudaõ, e aperfeiçoaõ o objecto primario, por iſſo ſaõ neceſ-

neceſſarias: do meſmo modo, que hum homem viveria, mas ſeria imperfeito, ſe lhe faltaſſe algum membro integrante.

Parece que temos impugnado a opiniaõ de Caſtelvetro em quanto a dizer, que a multiplicidade, e variedade das acçóes cauſaõ mais deleite, e grandeza, que a ſingularidade de huma ſó acçaõ; reſta agora dizermos brevemente tambem alguma couſa ſobre a clauſula de affirmar, que a Poeſia he ſimilhante á hiſtoria, para provar a multiplicidade das acçóes. Ouçamos a Ariſtoteles o que diz na *partic.* 51. *Decet igitur, quemadmodum una unius imitatio eſt in aliis imitatricibus artibus, ita & fabulam, videlicet, quæ actionis, imitatio ſit, unius, &c.* Aclaremos a doutrina de Ariſtoteles com eſte argumento: As artes que ſaõ imitadoras, ſeguem no obrar o coſtume da natureza: o coſtume da natureza he de obrar a algum fim: logo as artes, que imitaõ, devem obrar a algum fim. A Poetica he arte, que imita: logo a Poetica deve obrar a algum fim. Obrar a Poetica a hum fim, quer dizer imitar poeticamente huma ſó acçaõ: logo a Poetica deve imitar poeticamente huma ſó acçaõ.

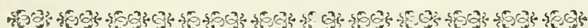
Eis-aqui como a alma da fabula poetica he a unidade, por ſe conformar com a natureza, e naõ com a hiſtoria; e ſe com eſta tem ſimilhança, he em outros caſos, como em muitas partes dos ſeus *Proginnaſmi Poetici* prova o eruditiſſimo Apatiſta.

Po-

Porém a esta nossa doutrina, que tanto recommenda na fabula a unidade, poderá haver quem se opponha, dizendo, que algumas Tragedias, e Comedias antigas ha, nas quaes naõ ha esta unidade. No *Hercules furioso* v. g. he morto Lyco, e os filhos de Hercules por varias causas, e sem haver huma unica cousa, que as ate, e enrede. Na *Andria* de Terencio Pamphilo pede por mulher a Pasibula, e Charino a Philomena, e he certo, que aqui, como diz o Padre Donato pag. 158. naõ ha unidade de acçaõ. Porém, segundo o mesmo Author, facilmente se dissolvem estas duvidas, reflectindo quantas variedades ha de unidade. Póde esta nascer de tres principios, como ensina o Filosofo, ou de huma só pessoa, ou de cousas succedidas a hum mesmo tempo, ou de huma unica acçaõ. Se a fabula nascer do primeiro principio, naõ póde ser huma só; porque naõ podemos fazer, que seja unica huma cousa, procedendo de outras, que succederaõ a huma pessoa só em todo o espaço da sua vida, as quaes entre si sempre saõ muy repugnantes pela variedade de causas, de tempos, de lugares, e de acções. Se nascer a fabula do segundo principio, tambem naõ póde ter perfeita unidade; porque naõ saõ poeticas as cousas, que assentaõ na unidade do tempo, e só he proprio do Historiador referir na historia do mesmo tempo as acções de diversos Principes, e nações. Se v. g. a hum mesmo tempo Solimaõ peleijasse

con-

contra os Perſas, e Carlos V. em Africa expugnaſſe a Tunes, que unidade poderiamos tirar deſtas acções? Só o terceiro modo, que he a unidade da acçaõ, póde fazer a perfeita unidade da fabula, como em muitos lugares deixou eſcrito Ariſtoteles; e conſiſte eſta na unidade do fim: v. g. a guerra Troyana foy huma ſó; porque foy huma ſó Troya, a quem os Gregos ſitiaraõ; e como o fim a que todos ſe encaminhavaõ, era tomar eſta Cidade, por iſſo eſta acçaõ tem a ſua devida unidade. Fallamos do fim primario, que o ſecundario ſeria a cubiça da gloria, a occaſiaõ da vingança, o intereſſe das riquezas, &c.



CAPITULO X.

Do epiſodio, *ſexta condiçaõ da Fabula.*

NEnhuma outra couſa ſaõ os epiſodios ſenaõ as partes neceſſarias da acçaõ extendidas com circunſtancias veroſimeis: aſſim o diz o Padre Le-Boſſú no ſeu tratado do *Poem. Epic.* liv. 2. cap. 6. Porém como eſta definiçaõ poderá a alguns parecer eſcura, uſaremos de outra, dizendo, que o epiſodio he aquillo, que ſobrevem á acçaõ fabuloſa; mas de tal modo, que tirado elle, fique inteira a fabula; da meſma ſorte, que hum Templo ſempre ficará perfeito, ainda que ſe lhe tire hum

hum altar. A fabula da Odyſſea ſaõ as viagens de Ulyſſes auſente por muitos annos da ſua patria, á qual torna, vencido todos os embaraços, e caſtiga logo a inſolencia dos amantes de Penelope ſua eſpoſa: porém os caſos de Scyla, e Carybdis, os ſucceſſos de Polifemo, dos Pheacos, de Circe, das Sereas, &c. ſaõ tudo epiſodios, e partes neceſſarias da fabula, as quaes tiradas, ficará eſta ſempre inteira. O meſmo he o liv. 2. da *Eneida*, como couſa, que o Poeta deſcreve ſuccedida antes da partida de Eneas: a mayor parte do liv. 4. a deſcida ao inferno, as feſtas funeraes a Anchiſes, os louvores dos Romanos no 6., e no 8. livro, &c.

O epiſodio pois deve conſiderarſe em dous modos, ou como neceſſario, ou como inutil. O primeiro modo comprehende as partes integrantes do ſujeito, as quaes com eſta introducçaõ conſtituem ao Poema a ſua juſta grandeza, e cauſaõ pela variedade das couſas hum notavel, e continuo deleite ao leitor. O ſegundo modo ſe entende por aquellas digreſſões, que vicioſamente ſe introduzem pelo Poema, ſem as quaes póde eſtar o todo ſem imperfeiçaõ alguma do ſeu compoſto: e ſaõ eſtes taes epiſodios ſimilhantes aos filhos naturaes, e baſtardos, ou verdadeiramente aos membros, que naõ convem ao corpo. Sobre os epiſodios do primeiro modo devemos fazer huma obſervaçaõ, e he, que pódem ſer vicioſos, ſe naõ por natureza, ao menos pela

mate-

materia, e modo; isto he, ou por demasiada extensaõ, ou por pouca importancia. Da primeira especie (segundo o Apatista tom. 4. *Proginn.* 15.) parece em Virgilio o amor da Rainha Dido, o qual por si mesmo, e por accidente leva parte do 1. liv. da *Eneida*, e todo o segundo, terceiro, e quarto. Da segunda especie parece tambem ser no mesmo Poema a caça dos veados, a preparaçaõ das viandas, e outros ministerios da cosinha, de que trata com individuaçaõ o liv. 1. Escaligero *Poetic.* liv. 3. cap. 97. naõ he taõ escrupuloso, approvando em Catullo a descripçaõ do vestido de Ariadna; em Virgilio o nascimento de Camilla, e a escultura do escudo; em Horacio a Fabula de Europa, e Hypermestra, &c.

Porém Aristoteles no liv. 5. da *Politica* nos dá huma similhança muy propria para este discurso. Diz elle: *Sicut corpus ex partibus suis constat, & oportet eas simul pro modo quamque suo crescere, ut commensurationis maneat harmonia; ac nisi hoc fiat, corrumpitur; seu quando pes quatuor cubitorum sit, cæterum verò corpus duorum palmorum longitudinem habeat; interdum etiam in alterius animalis figuram transire queat, si non solùm quantitate, verùm etiam qualitate immoderatum fieret incrementum.* Appliquemos ao Poema esta similhança de corpo. A proporçaõ he a formosura, e perfeiçaõ do corpo; e em tanto a terá, em quanto todos os membros corresponderem em quantidade, e qua-

qualidade á natureza do corpo. O mesmo que convém ao corpo com seus membros, convém á Poesia, e ainda á Prosa com os seus episodios, e digressões, ficando estes viciosos, quando, ou em quanto á quantidade saõ muy extensos, ou em quanto á qualidade saõ desproporcionados.

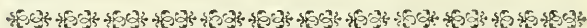
Pelo que respeita á quantidade, já apontámos exemplos neste Capitulo, e pelo que toca á qualidade, naõ nos esqueceremos das Novellas do Orlando Furioso, as quaes, além de naõ terem cousa alguma com o argumento, saõ pela sua má qualidade muito improprias de hum Poema, principalmente heroico, manchando-as de muitas impudicicias; e assim bem se póde dizer deste Poeta nesta parte o que já disse Horacio: *Non erat hic locus.* Ouçamos o que doutamente sobre estas palavras escreve Joaõ Bautista Pigna allegado por Udeno Nisieli: *Oportet itaque digressiones esse ex re, & ad rem. Erunt autem cohærentia quoties aut necessaria, aut verisimilia.* * *Erit vitiosa digressio, si in materia gravi, & magnifica Poesi in rerum humilium descriptione moratus fuerim: ut si milites ad Rhenum deducam, & in ipsius fluvii explicatione me nimis occupem.* Naõ observou Homero muito esta doutrina taõ confórme á razaõ; porque no liv. 24. da *Odyssea* gasta duzentos versos em narrar os progressos das almas dos Procos no inferno. Tem o Apatista a este excesso por grande, e grave; porque primeiramente se desvia muito do seu assumpto,

ſumpto, e em ſegundo lugar aquella tal particularidade naõ tem connexaõ, nem diz relaçaõ alguma com a acçaõ primaria; pois aquelles Principes depois de morrerem, naõ intervem em couſa alguma nas emprezas de Ulyſſes; e por eſta cauſa ceſſaõ de ter lugar em hum Poema, de que Ulyſſes he a unica idéa, e fórma.

Devia o Poeta uſar deſte epiſodio no liv. 11. quando Ulyſſes vê, e reconhece os eſpiritos condemnados de tantas peſſoas; porque entaõ naõ padeceria algum embaraço o curſo do Poema, ſendo Ulyſſes a cabeça de todas as acções. Na Iliada gaſta igualmente Homero duzentos verſos acerca de Juno, e Jupiter; cuja acçaõ nada tem de memoravel, nem merece livros inteiros, naõ comprehendendo mais que enganos, ſomno, e ſenſualidades. Advirta o leitor, que nós negamos, que eſta tal incidencia naõ eſteja enredada com a fabula, naſcendo daqui accidentes notaveis entre os Gregos, e Troyanos; mas a determinamos viciosamente epiſodica; porque ſe gaſtaõ tantos, e tantos verſos em huma couſa cheya de vaidade, inutil em quanto aos affectos, e damnoſa em quanto ao exemplo.

Para darmos fim a eſte Capitulo, copiaremos humas doutrinas de Ariſtoteles ſobre os epiſodios; reſervando-nos para dizermos mais alguma couſa delles, quando tratarmos da Epopeia. Recommenda pois o Filoſofo, que o epiſodio, como inventado para exornar, e augmen-

augmentar a Fabula, e para naõ enfaſtiar o leitor, ou ouvinte com os ſucceſſos da acçaõ primaria, ſeja breve na Tragedia, e Comedia, e na Epopeia mais dilatado, por ſer edificio de mayor machina: que as fabulas de nenhum modo ſejaõ epiſodicas; iſto he, muy abundantes de epiſodios: que eſtes tenhaõ huma clara connexaõ com as couſas, de que trata a fabula; e que primeiro ſe deve formar eſta, e depois o epiſodio como couſa acceſſoria. Deſtas doutrinas ſe colhe o que na ſua *Poetica* pag. 160. diz o Padre Donato: *Ad locupletandam poeſim epiſodia domeſtica, & cognata quidem, ſed extrinſecus advenientia, & inter ſe valde conjuncta conſtitutæ jam fabulæ non plus nimio adjungito; pauciora in dramatis, plura in Epopæia.*



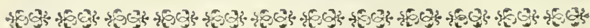
CAPITULO XI.

Da admirabilidade, *e* perturbaçaõ *da Fabula, ſetima, e oitava propriedade.*

DEfine o Padre Donato a admiraçaõ deſte modo: *Admiratio eſt quædam pars timoris ex aliquâ re, ſenſu, animove percepta, quæ noſtram facultatem excedat*; e a razaõ deſta definiçaõ he, como diz o meſmo Author, porque tememos de fazer juizo ſobre o que excede a noſſa faculdade. Póde naſcer a *admiraçaõ*, ou de couſas inanimadas, como v. g. a ima-

imagem de Mytio, que cahio ſobre 'o ſeu inimigo; ou dos brutos, conſiderando muitas ſuas acções admiraveis, v. g. o que dos caens, cavallos, &c. nos conta Plinio, Eliano, e outros Authores; ou de homens, quando eſtes ſe naõ pódem de modo algum livrar de perigo, que eſteja imminente; e quanto o mal, que ſe recreya, for mais horrivel, tanto mayor ſerá a admiraçaõ, v. g. o caſo de Edipo. Em concluſaõ tudo o que for grande, e deduzido do meſmo contexto da Fabula, imaginando-ſe, que naõ poderá ſucceder o contrario por cauſa da eſtreitiſſima uniaõ, e apertado enredo das couſas, cauſará admiraçaõ, vendo-ſe, que inopinadamente ſuccede a tal couſa contraria, que naõ ſe podia eſperar, como muitas vezes admiramos nas Tragedias, e Comedias por força de lances repentinos; e ſe nellas naõ houver eſtes, e outras couſas, que movaõ a admiraçaõ, perde a Fabula huma das ſuas importantes condições.

Outra propriedade naõ menos preciſa he a *perturbaçaõ*, ou *paixaõ*, que efficazmente ſerve para mover no auditorio os affectos de terror, e de commiſeraçaõ; ao que Ariſtoteles chama *Pathos*, como já diſſemos em ſeu lugar, e a elle nos remettemos; pois alli ſatisfizemos ás duvidas, que podiaõ naſcer deſta ultima condiçaõ da Fabula.



CAPITULO XII.

Da soluçaõ *da Fabula.*

A Soluçaõ da Fabula já todos sabem, que consiste, em que acabada ella, se saiba, que fim teve aquelle enredo de cousas, e aquella mudança de fortuna, que antes estava, ou duvidosa, ou inclinada para alguma parte, ou a risco de acabar. Naõ se póde chamar á soluçaõ catastrophe da Tragedia; porque a catastrophe começa com a declinaçaõ da fortuna, e a soluçaõ serve para se saber, que fim teve a tal infelicidade. O modo mais admiravel da soluçaõ da Fabula he o que procede das mesmas cousas, e pessoas, que a enredaraõ, como frequentemente succede nas Comedias; ou de algum successo, que sobrevem, principalmente se houver agniçaõ. As *machinas* na soluçaõ saõ reprovadas, sendo Aristoteles hum dos que naõ approvaõ muito, que se faça *à machina*, *vel aliquo artificio*; isto he, sendo algum dos Deoses o que por seu poder dê fim á acçaõ, e aclare todo o enredo della, ou sobrenaturalmente vença as difficuldades, que havia para dar fim á Fabula; e o mesmo reprova Plataõ no seu *Cratylo*, e Cicero no seu tratado de *Natur. Deor.*

Alguns exemplos temos da antiguidade, pelos

pelos quaes se mostra ter havido nas Tragedias algumas soluções por meyo de machinas, como no *Jon* de Euripides, em que Minerva fallando he a que dissolve a Fabula. Mas quem duvîda, que muito mais louvavel he a agnição de *Merope*, nascendo do mesmo contexto da Fabula, do que se viesse algum Deos em huma nuvem, que lhe mostrasse seu filho, a quem ella naõ conhecia. Esta reprovaçaõ das machinas naõ só se entende na soluçaõ, mas tambem ainda no contexto da Fabula, fazendo-se apparecer divindades a desatar algum lance, sem haver necessidade alguma: por isso diz Horacio:

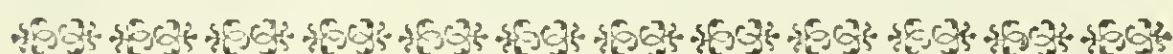
Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus
Inciderit.

O que Servio entendeo muito mal, commentando o vers. 8. do liv. 1. da *Eneada*, applicando-o á invocaçaõ das Musas, como prova Lelio Bisciola: *Hor. subsec.* liv. 14. cap. 16. tom. 2.

Deve por tanto o Poeta, ou seja Epico, ou Tragico, ou Comico fugir de similhante defeito; porque senaõ darse-ha a conhecer aos intelligentes por engenho de pouca invençaõ, restringindo-se voluntariamente entre Scyla, e Carybdis. Digo *voluntariamente*, porque tendo muito espaçoso o campo da Fabula, naõ deve imprudentemente prender por si mesmo o seu engenho, valendo-se de forças divinas, ou magicas para se desembaraçar de alguma

difficuldade, a que naõ ſabe dar ſahida; como fez Arioſto, enchendo o ſeu Poema de tantas machinas, que juſtamente merece a douta critica de Paulo Beni na ſua *Comparazione* pag. 250., e 269.

Baſtem por ora eſtas doutrinas, que mais largamente expenderemos fallando da Epopeia; e já he tempo de paſſarmos a tratar dos coſtumes, e mais partes da Tragedia chamadas de *qualidade*, das quaes a *Fabula*, como já temos dito, he a primeira.



CAPITULO XIII.

Dos coſtumes, e oraçaõ chamada morata.

ENtre todas as conſiderações mais principaes, e neceſſarias na Poeſia, nenhuma he taõ preciſa como a perfeita imitaçaõ das acções, e palavras; e conſiſte eſta perfeiçaõ em huma fórma taõ natural, e artificioſa, que a peſſoa naõ pareça ſer imitada, antes ſim feita pela natureza, e naõ fingida pela arte. Antonio Lullo de *Orat.* liv. 3. cap. 37. diz aſſim: *Mores habitus ſunt animi, tam naturales, quàm ex conſuetudine contracti. Talis eſt in juvene audacia; in ſene moroſitas, & parſimonia; in nobili arrogantia; in avaro triſtitia; in amante zelus. * Quibus cognitis, & inſpectis, ad cauſam, & perſonam ſimul eſt accommodanda omnis noſtra actio.*

* *Atque ea de causa Plato scientiam de anima desiderat in Oratore, ut sciat quot species animus habeat.* * *Nam tales animi talibus sermonibus certis persuadentur, alii contrà, &c.* Aristoteles tratando do costume, diz assim no liv. 3. cap. 604. de *Rhet. Oratio morata comitatur quæ congruit unicuique generi, atque habitui*: e sobre estas palavras do Filosofo diz o seu Interprete Maioragio, que os homens se distinguem por tres cousas: pela idade, pelo sexo, e pela naçaõ: outros accrescentaõ, que tambem pela fortuna, condiçaõ, e ordem; porque o fallar do rico ha de ser differente do do pobre, e o do soldado do negociante, e do lavrador, &c. por isso Horacio na sua *Poetica* nos deixou dito:

Intererit multum Davus ne loquatur, an heros,
Maturus ne senex, an adhuc florente juventâ
Fervidus, an matrona potens, an sedula nutrix,
Mercator ne vagus, cultor ne virentis agelli,
Colchus, an Assirius, Thebis nutritus, an Argis.

Para que os costumes sejaõ bem formados, quatro cousas se requerem, conforme o Filosofo cap. 12. *Que sejaõ bons, que convenhaõ, e que sejaõ similhantes, e iguaes.* Chamamos *bons* costumes áquelle caracter dos agentes em huma acçaõ honesta, e que procede de virtude; ou tambem áquelle caracter de alguma pessoa, seja bom, ou máo; porque no seu genero todo o costume poetico póde ser perfeito. Esta primeira propriedade quadra muito bem nas pri-

primeiras peſſoas tragicas, que devem ſer ao menos mediocremente virtuoſas, para ſe fazerem dignas de compaixaõ na ſua miſeria. He verdade, que a Tragedia naõ exclue os máos coſtumes de alguns, como v. g. a crueldade dos tyrannos, a infidelidade das mulheres, a aſtucia dos criados, &c. A Comedia naõ attende para que ſejaõ virtuoſos os coſtumes dos ſeus repreſentantes; antes ſe emprega em imitar os coſtumes máos, e ridiculos; e ſó a Epopeia he a que cuida muito em caracteriſar bem os ſeus Heroes, e perſonagens. A' viſto diſto, ſe o Poeta formar bons os coſtumes, v. g. de hum criado, ou de huma mulher, deve-ſe lembrar, que ſim ha em qualquer genero de peſſoas hum certo gráo de bondade; porém, que o menino, e a mulher he mais fraca, que o homem; o Capitaõ mais generoſo, que o ſoldado; o ſervo menos brioſo, que o livre; e que em hum Rey ſerá vicio o que em algum do povo ſeria virtude.

A ſegunda condiçaõ he *que convenhaõ*; porque o que he proprio de hum ſujeito, em outro he improprio; como v. g. ſe formarmos a hum homem de Corte com os coſtumes de hum ruſtico do campo. O valor he hum coſtume muito proprio para ſe fingir em hum homem; e eſte meſmo naõ convém á mulher; por iſſo Virgilio diſſe por enfaſe no liv. 7. da *Eneada*:

Bellatrix, audetque viris concurrere virgo.

Como

como se o valor naõ conviesse ás mulheres. A terceira propriedade he a *similhança*; porque he necessario, que os costumes sejaõ similhantes; isto he, que correspondaõ á opiniaõ, e fama das pessoas. Horacio na *Poetica*.

Scriptor honoratum si fortè reponis Achillem,
Impiger, iracundus, inexorabilis, acer;
Jura neget sibi nata, nihil non arroget armis.
Sit Medea ferox, invictaque, flebilis Ino &c.

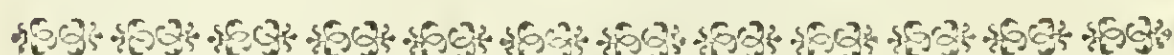
Por esta doutrina entenderaõ muitos, que o mesmo saõ os costumes convenientes, e os similhantes, e que entre huma, e outra cousa naõ haja differença; porém enganaraõ-se, porque os costumes convenientes attendem, como universaes, e geralmente a huma mulher, a hum homem, a hum escravo, a hum livre, &c. e os similhantes dizem respeito a hum homem só, v. g. a Pedro, Joaõ, &c. de quem fallaõ as historias, divulgando as suas acções.

A quarta condiçaõ dos costumes, he que sejaõ *iguaes*; isto he, que aquelle, que for iracundo, e atrevido conserve sempre a mesma ira, e audacia; porque como as operações pela mayor parte provém do habito, este naõ costuma facilmente arrancarse do animo, sem haver huma grande mudança de vida; por isso Horacio diz:

. . . . *Servetur ad imum*
Qualis ab incœpto processerit, & sibi constet.

Tem

Tem esta regra huma excepçaõ, v. g. nos meninos, mulheres, e algumas outras pessoas, que tem por caracter a mudança, como antigamente Catilina, Alcibiades, e outros. Quando assim succeder, conserve o Poeta sempre esta desigualdade, porque nella consiste, e se verifica a regra da igualdade nos costumes; amem, aborreçaõ, enfureçaõ-se, perdoem, &c. Bastem estas regras a respeito do costume poetico, e reservamos para melhor occasiaõ algumas observações, que temos feito sobre costumes naõ observados nos Poemas de mayor authoridade.



CAPITULO XIV.

Da sentença, *e da* dicçaõ.

SAõ muy importantes na Poesia estas partes de qualidade da Tragedia, de que agora discorremos, e como já dellas tratámos tanto no liv. 1. desta Obra, pouco nos resta, que advertir, e só por satisfazermos á ordem das cousas, diremos algumas doutrinas geraes. Assim como o caracter, e oraçaõ *morata* descobre as virtudes, ou vicios de alguma pessoa, assim a sentença diz respeito á faculdade intelligente, declarando os desejos, e commoções do animo, que saõ os affectos, de que tanto escreveraõ os Rhetoricos. Aristoteles define-a deste

te modo: *Sententia in his verſatur, quæ demonſtrant quomodo aliquid eſt, vel quomodo non eſt, vel cùm universè enunciant.* Deſte lugar ſe colhe, que ha dous generos de ſentença; hum, que diz reſpeito ás couſas geralmente, outro, no qual em lugar da couſa ſe declara o animo de alguem, augmentando, ou diminuindo, moſtrando, ou diſſolvendo alguma couſa, e igualmente perſuadindo, commovendo, ou aquietando: por iſſo recommenda Ariſtoteles, que na ſentença convem muito *præparare affectus.* Aſſim como os penſamentos haõ de correſponder aos coſtumes, aſſim o meſmo deve ſer com o modo de os exprimir. Os penſamentos, e expreſsões v. g. de hum General he certo, que devem ſer mais ſentencioſas, e elegantes, do que as de hum ſoldado: hum homem ordinario naõ deve fallar do meſmo modo, que o Principe, nem hum ruſtico como hum Filoſofo. Por iſſo a Tragedia como ſó admitte peſſoas illuſtres, e grandes, deve uſar de eſtylo alto, grave, e ſentencioſo; e eſta he a intelligencia dos verſos de Horacio, dizendo, que a ſublimidade da Tragedia naõ ſoffria a baixeza dos verſos Comicos:

Indignatur item privatis, ac prope ſocco,
Dignis carminibus narrari cœna Thieſtis.

Devemos porém advertir, que eſta elevaçaõ do eſtylo tragico naõ deve ſer de modo, que degenére no extremo de ficar inchado. Tudo ſe evita, havendo proporçaõ com a materia:

ſe

ſe eſta for grande, ſeja o eſtylo ſublime; ſe mediana, mediano; e ſe humilde, facil, e natural.

Naõ podemos duvidar, que os textos poeticos nos recommendaõ, que a Tragedia deve ſempre ſer alta, e elegante; mas a eſta doutrina reſponderemos com o Padre Donato, Luzan, e outros, que ſe ella naõ admitte baixezas, admitte algumas vezes eſtylo natural, e ſincero em alguns ſujeitos; do meſmo modo, que a Comedia ás vezes póde ter ſua elevaçaõ, como diz Horacio:

Interdum tamen & vocem Comædia tollit,
Iratusque Chremes tumido delitigat ore,
Et tragicus plerumque dolet ſermone pedeſtri.

Diſſemos, que *ás vezes* admitte em algumas peſſoas o eſtylo natural, e ſincero; porque a regra geral, e o axioma incontraſtavel he, ſegundo o meſmo Poeta, que a locuçaõ ſe deve conformar com as peſſoas:

Ne quicumque Deus, quicumque adhibebitur heros,
Regali conſpectus in auro nuper, & oſtro,
Migret in obſcuras humili ſermone tabernas,
Aut dum vitat humum, nubes, & inania captet:
Effutire leves indigna Tragædia verſus, &c.

Naõ o entenderaõ aſſim muitos Authores antigos, e eſpecialmente modernos, os quaes porque leraõ em Ovidio os verſos:

Venit & ingenti violenta Tragædia paſſu:
Fronte comæ torvâ palla jacebat humi,

E re-

E reparando, que o *ingenti passu* denota o estylo sublime, e o *palla* pessoas de alto caracter, formaraõ as suas Tragedias de modo, que as personagens grandes, e medianas todas fallaõ da mesma sorte; cahindo deste modo na affectaçaõ, que sempre quer dizer muito, e naõ conclue nada, como exquisitamente diz Quintiliano liv. 2. cap. 3. *Tumidos, & corruptos, & tinnulos, & quocumque alio cacozeliæ genere peccantes, certum habeo non virium, sed infirmitatis vitio laborare; ut corpora non robore, sed valetudine inflantur, & recto itinere lapsi plerumque divertunt.*

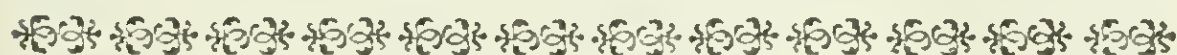
Como tratamos da dicçaõ, devemos dizer, que he doutrina recebida, que a Tragedia se deve fazer em verso, e reservamos para melhor occasiaõ discutir este ponto, que naõ deixa de ter seus impugnadores. A' cerca da Comedia he que póde ser mais bem fundada a opiniaõ; porque como esta pede hum estylo proprio, e natural, e o verso assim pela sua harmonia, como pelas frases, e licenças poeticas sempre traz comsigo alguma elevaçaõ, e elegancia mais que natural, lá parece para isto ser mais propria a prosa, tratando-se na Comedia de acções populares, e humildes, ás quaes só convém o estylo mediano, e sincéro. Assim o praticaraõ excellentes Authores Comicos, como Nicoláo Amenta, Carlos Goldoni, Octavio Disa, Moliere em algumas Comedias, Lope de Vega, e outros muitos Escritores Italianos, Francezes,

zes, e Heſpanhões. Porém como por huma, e outra parte ſe encontraõ exemplos, naõ nos atrevemos abſolutamente a reprovar os verſos; mas ſó diremos, que havendo-ſe de uſar deſtes, ſejaõ ornados de tal clareza, e naturalidade, que pouco deſdigaõ da proſa mais propria, e pura.

Admittidos os verſos na Comedia, e recommendados na Tragedia, naſce outra duvida ſobre a rima, de que nelles ſe deve uſar. Alguns ha, como Alexandre Piccolomini, Giraldi, Annibal Caro, e quaſi todos os Dramaticos modernos de Italia, que tem por inveroſimeis aos conſoantes; outros, como Heſpanhões, e Francezes, naõ fazem tanto eſcrupulo neſta materia, na qual o noſſo parecer he, que ſe poderáõ uſar de conſoantes alguma vez, e o commum ſejaõ verſos ſoltos; porque deſte modo naõ fica havendo inveroſimilhança, pois eſtamos ouvindo nas meſmas converſações familiares, que inadvertidamente ſe formaõ verſos com conſoantes.

Eſta he a pratica dos bons modernos, entre os quaes he ſem duvida o melhor o Abbade Pedro Metaſtaſio, que nos ſeus Dramas uſa de conſoantes, mas com tal moderaçaõ, e juizo, que ſó ſe val delles, quando naturalmente lhe cahem, e cahiriaõ em huma pratica familiar. Deſte modo ficaõ naõ ſendo inveroſimeis, como o ſaõ os de que uſou Triſſino na ſua Tragedia intitulada *Sifonisba*, e Meza na ſua chamada *Pompeio*, valendo-ſe o pri-

primeiro de consoantes artificiosamente enlaçados, como se servissem para huma composiçaõ lyrica, e o segundo com mayor liberdade, de Tercetos, Oitavas, Coplas, Decimas, e outros generos de rimas, que tanto se oppoem á verosimilhança. O metro mais usado nas Tragedias he o de onze syllabas, que corresponde (principalmente sendo esdruxulo) aos jambos dos antigos. Os Hespanhoes usaõ de versos muy curtos, como Romances, Quintilhas, Decimas, &c., e o mesmo praticaraõ Italianos, e Francezes, como se póde ver nas Tragedias de Gravina, e outros ainda que o fizeraõ com grande economia.



CAPITULO XV.

Do apparato, *e* melodîa.

EStas saõ as ultimas duas partes de qualidade da Tragedia, em que temos de dar alguma noticia com aquella brevidade, que costumamos, por naõ sermos prolixos. Aristoteles lhe chamou *ornatus*, *visus*, *sive spectaculum*, *&* *apparatus*; isto he, tudo o que no theatro se offerece aos olhos do auditorio, como antigamente era o *proscenio*, a *orchesta*, a *cavea*, o *chorago*, *mesochoro*, *flautas iguaes*, *ou desiguaes*, *direitas*, *ou esquerdas*, *mascaras*, *cothurnos*, *soccos*, *&c.* de que trataõ largamente,

te, e das ſuas ſignificações muitos Authores, como Diomedes, Roſſino, Donato, Tarquinio Gallucci, e Gonzales de Salas na ſua *Illuſtraçaõ á Poetica de Ariſtoteles* ſec. 5.

Preſentemente pode-ſe reduzir o apparato da Poeſia Dramatica a tres couſas, ſe bem que em rigor naõ pertencem ao Poeta, nem ſaõ proprias da Tragedia; ainda que de algum modo contribuem para a ſua perfeiçaõ. A primeira he a diſpoſiçaõ, e adorno das ſcenas; a ſegunda as peſſoas, que repreſentaõ, e a terceira os veſtidos, de que devem uſar. Em quanto á diſpoſiçaõ, quaſi tudo depende da Architectura, e Pintura: eſta, e principalmente a Perſpectiva, figurando as ſcenas com a viva, e natural imitaçaõ do ſitio, ou lugar, em que ſe devem repreſentar; e a Architectura, formando o theatro com huma tal idéa, que tanto os olhos, como os ouvidos gozem igualmente da repreſentaçaõ, em qualquer parte delle, em que eſtejamos. Conſta-nos da antiguidade, que os Gregos ſe eſmeraraõ muito neſte apparato, e ſabemos, que Agathareo pintara em Athenas as ſcenas para as Tragedias de Eſchylo, com huma grande perfeiçaõ. Igual, ou mayor era a dos Romanos, ſendo Claudio Pulchro o primeiro, que introduzio eſte adorno no theatro, em cuja arte foy inſigne, como referem as memorias daquella idade. Porém para virmos no conhecimento da extraordinaria pompa, e magnificencia, com que os Romanos formavaõ,

vaõ, e ornavaõ os ſeus theatros, baſtará ler a deſcripçaõ dos dous celebres, que fizeraõ Marco Scauro Edil, e Cayo Curiaõ. Em quanto aos repreſentantes, deſejaramos, que foſſem peſſoas inſtruidas na Rhetorica, e em algumas boas artes, para repreſentarem mais vivamente os ſeus papeis, e entendellos com a energia preciſa; porém como iſto he quaſi impoſſivel conſeguir-ſe, principalmente em Heſpanha, quizeramos ao menos, que cada hum repreſentaſſe a parte mais propria ao ſeu genio, á ſua idade, ao ſeu engenho, e á ſua eſtatura, como praticaõ os Francezes; e deſte modo ſe evitavaõ no theatro papeis indignos; porque naõ ſaõ proprios ao genio de quem os repreſenta, como a cada paſſo ſe encontra entre os Heſpanhoes. Em quanto aos veſtidos, ha de ſe imitar a natureza, e devem ſer conformes á naçaõ, á dignidade, e ao eſtado de cada ſujeito, ſegundo o que repreſenta.

Naõ he taõ rigoroſa eſta regra, que naõ admitta alguma moderaçaõ; porque devęmos melhorar, e ennobrecer a natureza, quando a imitamos; e aſſim ſe em huma Comedia ſe introduzir a hum Paſtor, naõ he decoroſo, que appareça no theatro com o veſtido, de que uſa nos montes; mas ſim com aquelle, que veſte nos dias mais feſtivos da ſua Aldea. He doutrina do Author da *Prefacçaõ* ao Theatro Italiano, de Corneille, de Gravina, de Boileau, e de outros muitos modernos.

Igual-

Igualmente pertence ao apparato moderar, e regular o numero das pessoas, que represental. He preceito de Horacio na sua *Poetica*, fallando das Fabulas Dramaticas:

. . . . *Nec quarta loqui persona laboret.*

Isto he, que naõ representem juntas no tablado quatro pessoas ao mesmo tempo; e a razaõ he, porque em sendo mais de tres, naõ se faz muy perceptivel a representaçaõ, como succede no Dialogo. O Padre Pontano na sua *Poetica* liv. 2. cap. 16. diz, que se se introduzir quarta pessoa, ou esteja callada ouvindo, ou se fallar, sejaõ poucas palavras, e essas, que naõ sejaõ ditas a quem representa, mas a si, como se fallasse comsigo mesma, para naõ haver confusaõ. Assim o vemos observado na *Andria* Act. 3., em que sim sahem ao tablado cinco pessoas; porém Mysis he só o que falla com Lesbia. Plauto naõ foy muito observador deste preceito; porque muitas vezes introduz a fallar a hum mesmo tempo quatro e cinco pessoas. Do mesmo verso de Horacio se colhe, que a quarta pessoa, se fallar, deve ser muy pouco; por isso usou do verbo *laboro*; como se dissesse, naõ se cance muito em fallar. Assim o entende Francisco Pedimonti, Domizio Calderino, e o famoso Maggi, insignes interpretes da Poetica deste Poeta.

Ainda sobre os representantes ha outro preceito, e he, que naõ deve algum delles

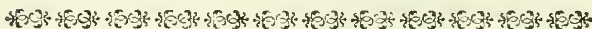
em

em cada hum dos actos ſahir ao tablado mais de cinco vezes; iſto deve-ſe entender, naõ da Comedia, mas da Tragedia, em que as peſſoas ſaõ mais graves, e em menos numero. He doutrina de Lambino ſobre o verſo mencionado: *Non licere in eodem actu uni perſonæ plus quinquies exire; in Comædia minimè verum eſt; poteſt id fieri in Tragædia: in quâ perſonæ & pauciores, & graviores.* Da meſma opiniaõ he o Padre Pontano *Poetic.* liv. 2. cap. 16., e o Padre Martin Delrio nos *Prologom. de Tragædia* cap. 2., e o que mais largamente tratou deſte ponto, foy Lelio Biſciola no tom. 1. *Hor. ſubſeciv.*

Deve pois o Poeta, ſobre attender a eſtes preceitos, regular judicioſamente o numero dos repreſentantes, e reduzillo ao menos, que lhe for poſſivel, para facilitar a repreſentaçaõ; v. g. ao numero de ſeis, até oito peſſoas, e quando muito dez, entrando nelle aquellas, que concorrem para a repreſentaçaõ com huma parte de pouco momento.

Eſtas doutrinas ſaõ pelo que toca ao apparato; e pelo que reſpeita á muſica ſeguimos a opiniaõ de graviſſimos Authores, que a tem por inutil nos Dramas; muito mais naõ ſe uſando já do coro dos antigos, e inventando-ſe em lugar delle o Entremez, ou Baile no fim de cada Acto. A verdade he, que fazendo-ſe reflexaõ ſobre a muſica theatral, principalmente ſe nella ſe repreſenta toda huma Tragedia, ou Opera, acha-ſe, que fica

ca ſendo inveroſimil a repreſentaçaõ, e he cauſa de que ſe perca toda a força de affectos, e ſentenças, com que o Poeta a ornou, e teceo, naõ attendendo o povo pela diſtracçaõ da muſica para eſte verdadeiro deleite: mas como eſte ponto neceſſita de ſer tratado com mais individuaçaõ, porque ha de ter muitos impugnadores, formarey ſobre elle hum diſcurſo ſeparado, ſeguindo as razões do inſigne Muratori, que dá na ſua admiravel Obra *Della perfetta Poeſia Italiana*, tantas vezes allegada.



CAPITULO XVI.

Dos defeitos, que ſe pódem obſervar nos Dramas modernos. A ſua muſica perniencioſa aos coſtumes, e reprovada ainda pelos antigos.

HA huma grande queſtaõ taõ curioſa, como difficil de reſolver, e he, ſe as Tragedias, e Comedias antigas ſe repreſentavaõ cantadas inteiramente em muſica. As razões por huma, e outra parte ſaõ muy diffuſas, e remettemos o leitor para huma larga Diſſertaçaõ, que fez Muratori ſobre eſte ponto, na qual ſegue, que antigamente ſó no coro he que ſervia a muſica. Mas dado, que nella ſe repreſentaſſem os Dramas inteiramente cantados, nem por iſſo ſervirá eſta razaõ para defen-

fender aos modernos; porque a musica antiga dos Gregos era notavelmente diversa da que nós praticamos: a antiga era toda grave, e scientifica, como mostra Justo Fontanini em huma carta escrita a Muratori, Galilei, Doni, e outros muitos Escritores modernos de grande nome.

Da antiguidade nos consta, que na Grecia todos estudavaõ, e sabiaõ perfeitamente musica; tanto que envergonharaõ a Themistocles insigne Cidadaõ de Athenas, por naõ saber tocar instrumento algum, argumento naquella idade de má educaçaõ. Testifica Plutarco no seu tratado de *Musica*, que só o genero *Enarmonico* bastava para se saber qual era a profundidade de sciencia, que nesta arte tinhaõ os Gregos, esmiuçando o tom, ou voz em quatro partes. Porém ainda que isto naõ fosse certo, naõ se póde negar, que a musica theatral dos nossos tempos, como diz Salvini, he taõ affeminada, que mais facilmente serve de corromper, e estragar os animos do auditorio, que de os melhorar, e purgar, como fazia a musica antiga. Cada hum sabe, e sente em si, que movimentos lhe causa no animo o ouvir os musicos no theatro; e se tiver hum bom gosto, e quizer fallar verdade, dirá, que o canto delles sempre inspira huma doçura, e molleza tal, que occultamente vay fazendo, com que o povo se entregue ás vîs paixões do amor, e se faça affeminado, gostando dos affectados requebros das vozes, e

dos affectos improprios, que move esta tal musica; pois raras vezes, ou nunca sahe o auditorio do theatro cheyo de gravidade, e paixões nobres, mas sómente de huma ternura feminil, indigna de animos varonîs, e de pessoas, que vaõ a buscar nas cousas o fim, a que se encaminhaõ.

Já Cicero no liv. 2. das *Leys*, e Quintiliano no liv. 1. cap. 10. se queixavaõ de que entre os Romanos se prevaricasse a musica. Ouçamos o que diz este ultimo Author, para que alguns me naõ tenhaõ por temerario no que digo, que he huma traducçaõ das doutrinas de Muratori, Salvini, e outros: *Profitendum puto, non hanc à me præcipi musicam, quæ nunc in scenis effœminata, & impudicis modis fracta, non ex parte minimâ, si quid in nobis virilis roboris manebat, excidit; sed quâ laudes fortium canebantur, quâque & ipsi fortes canebant: nec psalteria, & spadicas, etiam virginibus probis recusanda; sed cognitionem rationis, quæ ad movendos, leniendosque affectus plurimùm valet.* Igual queixa fórma Plutarco no seu tratado da musica, fallando deste modo da theatral: *He a musica certamente veneravel, e basta-lhe ser invençaõ dos Deoses. Usaraõ della os antigos com aquelle decoro, e perfeiçaõ, com que praticaraõ as demais artes: porém os homens do nosso tempo, desprezando nella tudo quanto tem de veneravel, por aquella varonil, e divina harmonia, com que se faz agradavel aos Deoses, ao introduzir no theatro a que he affeminada, e falladora, a*

qual

qual he juſtamente a que reprova tanto Plataõ no liv. 3. da ſua Republica. O meſmo diz Atheneo, e dá as meſmas razões no cap. 13. liv. 14.

Ora ſendo eſta muſica antiga, por ſe ter prevaricado, affeminada, e diſſoluta, quanto mayor cenſura (na opiniaõ de Salvini) naõ merecerá a moderna, que move no auditorio affectos indignos do homem, ou proceda do uſo das Arias, ou da introducçaõ das Cantarinas, ou da voz dos repreſentantes, que por arte, ou por natureza affecta ſer feminil, oú de outro algum principio? A experiencia nos eſtá moſtrando, que hoje já ſe naõ eſtuda aquella arte, que recommendaõ os graves Authores, a qual enſinava com o canto a mover, mitigar, e temperar as paixões do homem.

Neſte ſeculo todo o cuidado he deleitar aos ouvidos, e fica ſendo a Poeſia eſcrava da Muſica; o que antigamente era pelo contrario: e tanto he iſto aſſim, que em Italia coſtuma o dono do theatro dizer ao Compoſitor do Drama, que ſe ha de repreſentar, o numero dos interlocutores, de que o ha de formar.

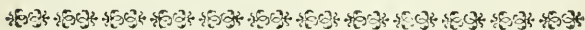
He verdade, que os verſos ſe recitaõ, como temos viſto nas Operas Italianas, que ſe repreſentáraõ neſta Corte de Lisboa; mas recitaraõ-ſe de hum tal modo, que o canto, ou a ignorancia, e affectaçaõ dos Muſicos naõ deixava perceber o ſentido, e muitas vezes as palavras; e ſe o auditorio naõ eſtiveſſe ao meſmo tempo lendo a tal Opera impreſſa em hum

hum livrinho, ou naõ a tiveſſe já lido em ſua caſa, he certo, que naõ comprehenderia qual era a acçaõ, e o ſujeito daquelle Drama, qual a ſua contextura, ſentença, dicçaõ, ſoluçaõ da Fabula, e outras muitas couſas: pois cada hum (depois de entender algumas poucas palavras) o mais que percebe he a muſica, e ver aos Muſicos humas vezes entrar, outras ſahir fóra; e ſe acaſo vem no conhecimento de alguns lances, he por acções, que vem fazer; v. g. de puxar por hum punhal, para hum matar a outro, &c.

Deſta experiencia ſe colhe, que a Poeſia hoje ſerve á Muſica, e naõ como antigamente a Muſica á Poeſia, que he o que a arte preſcreve; e que praticada do modo, que hoje vemos, naõ conſeguem os Dramas o ſeu fim, que tantas vezes temos inſinuado; e por conſequencia ficaõ ſendo inuteis em huma Republica, e a muſica neſta parte prejudicial ao publico; porque faz no auditorio, com que huma Tragedia naõ deſperte nelle o terror, e a compaixaõ, nem outro nenhum nobre affecto, como enſinaõ todos os Meſtres da Poetica.

Tudo iſto ſe evitava em muita parte, ſe foſſe fallado, o que he recitado; porque a muſica, ainda que tambem mova os ſeus affectos, nunca póde chegar a igualar a força, que tem huma boa repreſentaçaõ; iſto he, repreſentada por ſujeitos peritos neſta materia. Muito mais poderamos dizer neſte ponto,

to, e na inveroſimilhança de ſe repreſentarem em canto mortes, deſgraças, deſeſperações, fugidas, &c. da prolixa repetiçaõ das Arias, do dilatado tempo, que por cauſa deſtas dura mais do que he devido, a fabula, e de outras muitas impropriedades, de que faz mençaõ o allegado Muratori liv. 2. cap. 5. Porém abſtemo-nos, porque receamos, que naõ ſeja bem recebida eſta doutrina entre nós, que ſomos os mayores admiradores dos vicios eſtrangeiros. Em outro lugar, que temos reſervado, diſcorreremos alguma couſa ſobre outros defeitos, que padecem os Dramas modernos; e entre tanto paſſemos a tratar das partes de *quantidade*, que tem a Tragedia, as quaes ſe ſeguem ás de qualidade de que acabamos de fallar.



CAPITULO XVII.

Das partes de quantidade *da Tragedia.*

COmecemos pelo *Prologo*, que he a primeira parte de quantidade. Era eſte toda aquella parte da Tragedia, que precedia ao principio, até que o Coro ſahia pela primeira vez. Ariſtoteles o define aſſim: *Eſt autem Prologus pars tota Tragœdiæ, quæ eſt ante parodum chori*. O Padre Pontano *Poetic.* liv. 2. cap. 15. aponta quatro eſpecies de Prologos.

Cha-

Chamavaõ ao primeiro *Commendaticio*, que ſervia para louvar a Fabula, ou o ſeu Author: ao ſegundo *Relativo*, para reſponder ás oppoſições, e criticas: ao terceiro *Argumentativo*, para explicar o argumento de toda a Fabula: e ao quarto *Mixto*, que continha todos eſtes fins, que ſe apontaõ nos de mais Prologos: *Prologus eſt oratio, quæ ante fabulam legitimam habetur ad ſpectatores. * Ejus quatuor ſunt ſpecies. Nam vel Poeta commendatur; vel obtrectatorum criminibus reſpondetur, aut etiam crimina reguntur; vel argumentum fabulæ enarratur; vel hæc omnia ſimul præſtantur.*

Deſta diſtincçaõ de Prologos paſſaremos a outra; e he, que huns, como affirma Voſſio, e Eſcaligero, ſaõ *manifeſtos*, e *ſeparados*, e outros *occultos*, e *unidos*. Da primeira eſpecie (diz Luzan) ſaõ todos aquelles, que antes de começar a Fabula, ſe fazem por meyo de alguma peſſoa, que ſahindo ao tablado informa ao auditorio em nome do Poeta de toda a acçaõ da Tragedia, e de tudo o mais, que for conveniente prevenir; como v. g. ſaõ as *Loas* entre os Heſpanhoes.

Os Prologos da ſegunda eſpecie conſiſtem em fazer com deſtreza, que as peſſoas do Drama logo nas primeiras ſahidas, v. g. como por converſaçaõ, refiraõ a origem, e principios de toda a Fabula; mas com huma tal deſtreza, que ſe naõ deſcubra ſer o fim do Poeta informar ao auditorio, antes pareça, que naturalmente devia aſſim ſucceder.

Naõ

Naõ se póde negar a Terencio o louvor de ser excellente nesta parte; pois em todas as suas seis Comedias naõ usa de Prologos manifestos, e separados: antes nos *Adelphos* expressamente prevenio, que naõ se introduzisse nos Prologos o argumento da Comedia; mas que os primeiros representantes, que sahissem, déssem a noticia bastante para a sua intelligencia. Diz elle:

Dehinc nè expectetis argumentum fabulæ:
Senes, qui primi venient, hi partem aperient,
In agendo partem ostendent.

A segunda parte de quantidade da Tragedia he o *Episodio*, que consistia em toda aquella parte comprehendida entre a primeira, e a ultima sahida do Coro. Mais claramente o explica o Padre Donato, dizendo, que por Episodio se entende tudo aquillo, que se contém entre o Prologo, e o Exodo, que saõ tres Actos: *Jam quidquid inter Prologum, & Exodum continetur, Episodium dicitur; id est, tres Actus intermedii.* A terceira parte de quantidade he o *Exodo*, que era o restante da Tragedia desde a ultima sahida do Coro até o fim de toda a fabula. O mesmo Padre Donato: *Exodus est justa pars Tragædiæ, postquam nullus est chori cantus*: e vem deste modo a ser o Exodo todo o quinto Acto, no qual se desata o nó da fabula. A ultima parte de quantidade he o *Coro*, que consistia em huma tropa de

Bai-

Bailarins, e Muſicos, que cantavaõ o que neſtes verſos diz Horacio:

Actoris partes chorus, officiumque virile
Defendat: neu quid medios intercinat actus,
Quod non propoſito conducat, & hæreat aptè.
Ille bonis faveatque, & concilietur amicis,
Et regat iratos, & amet peccare timentes:
Ille dapes laudet menſæ brevis: ille ſalubrem
Juſtitiam, legesque, & apertis otia portis:
Ille tegat commiſſa, Deosque precetur, & oret,
Ut redeat miſeris, abeat fortuna ſuperbis.

E na Epiſtola a Auguſto diz o meſmo Lyrico:

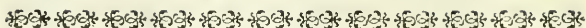
Poſcit opem chorus, & præſentia numina ſentit.

Demetrio Falareo moſtra, que o Coro humas vezes cantava, e outras fallava familiarmente ſem haver canto algum. As palavras do Coro cantando haviaõ de ſer elegantes, e em tudo poeticas; as do Coro fallando haviaõ accomodarſe ao uſo familiar. Diz eſte Author, que *verba humilia, & potius pedeſtria nullo pacto licet accommodare ad chorum, vel ad lyram; niſi ſit aliquis chorus, qui loquatur*: razaõ porque Rubertelli eſcreveo: *Chori ſermo grandior eſt, quia concini ſolebat.*

No tempo de Eſchylo, diz Eſcaligero *Poetic.* liv. 1., e Bartholomeu Ricci de *Imit.* liv. 1. chegava o numero do Coro a cincoenta peſſoas; depois em Athenas moderou-ſe eſta multidaõ: até que Sophocles reduzio eſte nume-

numero a quinze pessoas; e além disto observou a regra, de que as cousas, em que o Coro discorria, eraõ concernentes á acçaõ principal de qualquer das suas Tragedias; o que impropriamente naõ seguio Euripides, Agaton, nem outros Poetas daquelle tempo. O tratar de cousas extrinsecas, e alheyas da Fabula ficava reservado para o Baile, o qual nas mudanças, que fazia, significava alguma cousa, como v. g. o movimento dos Ceos, a variedade dos elementos, &c. como affirma Gonzales na sua *Illustraçaõ á Poetica de Aristoteles* secc. 6. Este Filosofo subdividio o Coro em tres partes chamadas *Parodo*, *Stasimo*, e *Commo*. Antonio Minturno *Poetic.* liv. 4 Mazoni liv. 2., e Escaligero liv. 1. cap. 7. interpretando estas palavras dizem, que *Parodo* he tudo aquillo, que o Coro dizia, movendo-se; isto he, cantando, e bailando a hum mesmo tempo. *Stasimo*, que era tudo aquillo, que o Coro dizia, estando parado em hum posto; e *Commo*, que era huma triste lamentaçaõ, que cantava o Coro no fim de algumas Tragedias, ao qual ajudavaõ os mesmos representantes: e assim advertimos, que o *Parodo*, e *Stasimo* podiaõ entrar em tódos os Coros; mas o *Commo* só tinha proprio lugar nas Tragedias.

CA-



CAPITULO XVIII.

Dos Actos *da Tragedia.*

HE couſa trabalhoſa inquirir a razaõ, e difficil o deſcobrilla, porque Horacio na ſua *Poetica* deu o preceito:

Ne vè minor quinto, neu ſit productior actu
Fabula, quæ poſcit vult, & ſpectata reponi.

Parece, que o uſo foy o que fez eſta ley; pois naõ ſe deſcobre fundamento ſolido, para os Actos ſerem nem mais, nem menos, que cinco, como diz Elio Donato, ou quem quer que he, no Commento a Terencio.

Naõ faltaõ Authores, que dizem, que póde a Fabula Tragica comprehenderſe em quatro Actos; ſe couber nelles a juſta grandeza da acçaõ. Lambino obſervou em Cicero, e em outros Authores de boa nota, que o terceiro Acto era o perfeito, e que naõ faziaõ caſo do quarto, e quinto. Mazoni, Gonzales de Salas, e o Padre Donato inclinandóſe á opiniaõ dos Actos ſerem tres, copiaõ todos huma authoridade do meſmo Cicero tirada da ultima Epiſtola do liv. 1. *Ad Quint. fratrem*: *Ut hic tertius annus, tamquam tertius actus perfectiſſimus, atque ornatiſſimus videatur*: Porém do meſmo Author temos outro lugar,

em

em que fallando de Verres, faz mençaõ do quarto Acto, dizendo: *Qualis iste in quarto actu improbitatis futurus esset*; de que vimos a colher, que Cicero naõ tem por perfeito o terceiro, ou quarto Acto, senaõ aquelle, que mais se chega ao fim da Fabula.

Ora combinemos estes numeros, para dizermos o que sentimos neste ponto. Pódem os Actos ser tres, e pódem ser quatro, e cinco; porque se tomarmos a Fabula recitada unicamente pelos representantes, dividese em tres partes. Em *Prologo*, *Episodio*, e *Exodo*: se ajuntarmos á Fabula o *Coro*, já estas partes ficaõ sendo quatro; e podia Cicero, quando fallou dos Actos, considerallos com a introducçaõ do Coro, ou sem ella. Porém se tomarmos a Fabula, apartando-a por algum intervallo de tempo, e naõ por causa dos representantes, ou por mudança de fortuna, formaremos o quinto Acto: de modo, que os Córos eraõ os que nas Tragedias faziaõ mais, ou menos Actos, o que depois passou a uso.

Esta he a doutrina do Padre Donato; a que modernamente se segue entre Hespanhoes, e Italianos, he formarem os seus Dramas de tres Actos, que em Hespanha chamaõ *Jornadas*. Os Francezes ainda hoje usaõ do quarto, e quinto Acto, e o mesmo praticaõ outras nações: com que cada hum poderá seguir o gosto, e uso do seu paiz; porque naõ ha regra fundada em razaõ, que obrigue ao Poeta de

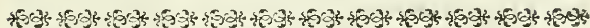
usar

uſar de hum numero certo de Actos, e de ſcenas, como frivolamente querem alguns Authores, pretendendo, que em cada hum dos Actos as ſcenas naõ excedaõ de dez.

Eſta regra he muito pouco importante; porque baſtará, que o Poeta regule a grandeza dos Actos de modo, que o material da Fabula naõ fique monſtruoſo, ſendo huns notavelmente mayores, do que os outros: o que importa he, que rara vez eſteja o theatro com huma ſó peſſoa, e que nunca ſem alguma; antes haõ de humas ſeguirſe ſucceſſivamente a outras, até o fim de cada Acto; e entaõ he, que o tablado deve ficar ſem alguma figura.

Obſervada eſta regra, conſegue-ſe o fim de hir ſempre continuando igual, e ſem alguma interrupçaõ o fio da Fabula, e de ter ao auditorio ſempre attento, e ſuſpenſo; pois naõ ſe lhe dá lugar para ſe diſtrahir em outros penſamentos, e perder de viſta o aſſumpto da repreſentaçaõ; o que ſuccederia ſendo as ſcenas ſoltas; porque entaõ ſempre por algum breve tempo fica ſó o tablado. Terencio obſervou tanto eſte preceito, que naõ ſó fez as ſcenas ſempre dependentes humas das outras, mas até os cinco Actos da ſua Comedia intitulada o *Eunucho*; como diz o ſeu Expoſitor Donato: *Actus à parum doctis facilè diſtingui non poſſunt; ideo quia tenendi ſpectatoris cauſâ, unit Poeta noſter omnes quinque actus velut unum fieri, nè reſpiret quodammodo, atque diſtinctâ alicubi*

cubi continuatione ſuccedentium rerum ante aulæa ſublata faſtidioſus ſpectator exurgat.



CAPITULO XIX.

Methodo breve para ſe formar huma Tragedia.

TEmos dado por partes os preceitos para a formaçaõ da Tragedia, e parece-nos, que o teremos feito de modo, que ficará ſatisfeita a curioſidade do leitor; porque temos tocado todas as duvidas importantes ſobre eſta eſpecie de Poeſia, e igualmente reſpondemos ſuccintamente a ellas com as authoridades dos Authores mais claſſicos. Porém ainda o noſſo deſejo naõ eſtá ſatisfeito, ſem que demos methodo para quem houver de compôr huma Tragedia; e ſervirá eſte como de epilogo a eſte tratado da Poeſia Tragica.

A Tragedia póde ſer *Palliata*; iſto he ao uſo dos Gregos; ou *Pretextata*, iſto he, ao coſtume dos Romanos: tambem póde ſer *Pura*, ou *Mixta*. A pura he aquella, em que tudo he tragico, e a mixta, aquella, que acaba com fim alegre, e a que contém Poeſia ſatyrica. Ariſtoteles a divide em *Implexa*, e em *Morata*. A Implexa, como já diſſemos, he aquella, que ſe enreda com diverſos ſucceſſos, e peripecias, como o *Edipo* de Seneca, e o ſeu *Hyppolito*, em que ſaõ muitas as perturba-

çóes,

ções, que nella ſe encontraõ. A Morata he a que ſe encaminha a formar os coſtumes, como o *Philotetes* de Sophocles, e outras muitas Tragedias.

Aſſentando niſto, a primeira couſa, em que o Poeta deve cuidar, he em formar a Fabula; iſto he, em reduzir toda a ſumma della em huma acçaõ unica, e propôr eſta aos olhos do auditorio. Sirva-nos de exemplo a *Ephigenia in Thauris* de Euripides. Efigenia era Sacerdotiſa no Templo de Tauro na Scythia: coſtumavaõ aquelles barbaros povos ſacrificar os eſtrangeiros, que aportavaõ áquella praya, e ſuccedeo, que caſualmente chegaraõ a ella Pilades, e Oreſtes irmaõ de Efigenia, a qual antes de executar o ſacrificio, que lhe tocava fazer como Sacerdotiſa do Templo, conhece a ſeu irmaõ, e uſou de arte naõ ſó de o livrar a elle, mas a ſeu grande amigo Pilades. Neſta Tragedia ſe lem outros muitos ſucceſſos; mas todos elles ſe reduzem a eſta acçaõ unica, que conſtitue a Fabula, e ficaõ ſendo Epiſodios os de mais lances, como já em ſeu lugar diſſemos.

O ſegundo cuidado do Poeta ha de ſer, em que eſta Fabula ſeja ſimples, de modo, que ſe naõ trate de outras circunſtancias, que lhe pódem parecer annexas; v. g. na Tragedia ſobredita naõ he preciſo dizerſe o motivo, que obrigou a Oreſtes a aportar á regiaõ de Tauro; porque he couſa alheya da acçaõ, e conſtituiçaõ geral; e ſó como Epi-

ſodio

ſodio ſe poderáõ narrar eſtas circunſtancias, e com individuaçaõ; v. g. que Oreſtes aportára áquella regiaõ para ſe expurgar do crime de ter morto a ſua mãy Clitemneſtra, e que matára a eſta por ella ter tirado a vida a ſeu marido Agamemnon, &c.

Formada aſſim a Fabula, deve o Poeta reflectir, ſe a acçaõ tragica, que elle emprende, foy já antes tratada por alguem, ou naõ: ſe naõ foy, póde a ſeu arbitrio ordenar tudo aquillo, que pertence á boa connexaõ, e ſoluçaõ da Fabula. Se foy já tratada, deve ver, ſe póde formar melhor eſta connexaõ, e ſoluçaõ; e ſe o ſeu engenho o poder conſeguir, ficará a Fabula ſendo diverſa, ainda que o nome ſeja o meſmo.

De qualquer modo que ſeja, deve paſſar a conſiderar, em que a acçaõ deve ter *Peripeſia*, como couſa neceſſaria na Tragedia, (excepto ſe ella toda for Pathetica) a qual traz comſigo a perturbaçaõ, ou *Pathos*. Algumas vezes póde tambem ter a *Agniçaõ*; porém naõ ſe conſidera eſta como neceſſaria, mas como couſa, que cauſará grande adorno, e moverá grandemente a admiraçaõ na Tragedia. A veroſimilhança he couſa que muito importa, como tambem as tres unidades de acçaõ, de tempo, e de lugar. He veroſimil aquella Fabula, que he crivel; he inteira a que tem principio, meyo, e fim; he de juſta grandeza a que ſe comprehende no eſpaço de hum dia quando muito; e he maravilhoſa

a que contém ſucceſſos admiraveis, e lances, que naõ ſe podiaõ eſperar.

A reſpeito dos Epiſodios deve o Poeta ter hum grande cuidado, em que ſejaõ proprios, e ſe convierem com a acçaõ, ficaráõ ſendo mais louvaveis: alem diſto, que ſejaõ breves, como pede a duraçaõ da Tragedia, e tratados com a economia, que pedir a grandeza da Fabula: ſe eſta for breve, ſejaõ mais os Epiſodios, ſe for mayor, ſejaõ menos. Deſte modo he que ſe conſegue a boa ordem, que tanto recommenda Horacio, dizendo ſer preciſo atar, e unir judicioſamente os Epiſodios com a acçaõ:

Ordinis hæc virtus erit, & Venus, aut ego fallor,
Ut jam nunc dicat, jam nunc debentia dici,
Pleraque differat, & præſens in tempus omittat;
Hoc amat, hoc ſpernat promiſſi carminis Author.

Temos mais de advertir ao Poeta tragico, que deve ſer hum grande obſervador dos *coſtumes*, e *careƈter* das peſſoas, que introduzir a repreſentar, ſeja na acçaõ principal, ou nos Epiſodios. Deve pintar vivamente os *affeƈtos*, v. g. de amor, de odio, de deſejo, de fuga, de goſto, de triſteza, de eſperança, de medo, de ira, de manſidaõ, de compaixaõ, de inveja, de emulaçaõ, de honeſtidade, ou de impudicicia, e outras muitas paixões do animo, de que largamente tratou Donato liv. 2. pag. 178. Le Brun de *Eloquencia Poetica* tom. 1. liv. 6., e infinitos Authores,

aſſim

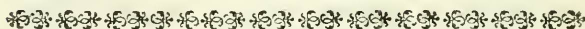
assim Poeticos, como Rhetoricos. He recommendaçaõ de Horacio, quando disse:

Format enim natura prius nos intus ad omnem
Fortunarum habitum; juvat, aut impellit ad iram;
Aut ad humum mærore gravi deducit, & angit.
Post effert animi motus interprete linguâ.
Si dicentis erunt fortunis absona dicta,
Romani tollent equites, peditesque cachinnum.

Naõ he menos importante na Tragedia a circunstancia da *sentença*, e da *dicçaõ*; aquella consiste em mostrar os pensamentos, e conceitos do entendimento proprios de quem os diz, e do que se trata; esta attende á locuçaõ, e frase, com que se devem exprimir os mesmos pensamentos; e de tudo fallamos largamente no principio desta Arte, tratando da Poesia Fantastica. A's partes de qualidade, que tem a Tragedia, se seguem as de quantide, cujos breves preceitos já escrevemos, tratando do Prologo, do Episodio, do Exodo, e do Coro, a que os Gregos chamaraõ *Protasis*, *Catastasis*, e *Catastrophe*.

Outros Authores fazem a repartiçaõ da Tragedia pelos cinco Actos, aos quaes dividia, e separava o Coro. Estes devem ser ordenados de modo, que a Fabula vá sempre melhorando-se do primeiro para o segundo, do segundo para o terceiro, e do terceiro para o quarto, e quinto, a fim de mostrarmos o maravilhoso della, tanto no enredo, como na sentença, dicçaõ, &c. Finalmente deve

o Poeta ter grande cuidado ſobre o titulo da ſua Tragedia, advertindo, que humas tomaõ o nome do lugar, como v. g. *Troas*; outras da primeira peſſoa, como *Hyppolitus*; outras da ſegunda, como *Electra*; outras dos Coros, como *Phæniſſæ*; e outras o deduzem de outros principios, como diremos mais largamente, quando eſcrevermos ſobre o titulo do *Poema Epico*.



CAPITULO XX.

Reflexões ſobre a neceſſidade de reformar a Poeſia theatral. Apontaõ-ſe algumas correcções ſobre o coſtume pouco louvavel de alguns Poetas Tragicos.

O Abbade Creſcimbeni na ſua admiravel Hiſtoria da *Poeſia vulgar* liv. 1. pag. 71., e no *Commento* á meſma Hiſtoria liv. 1. cap. 12. me dá hum grande ſoccorro para eſtas reflexões. Para eſte combate, em que terey muitos inimigos, me daõ igualmente armas Apoſtolo Zeno, famoſo Poeta Dramatico deſte ſeculo, no ſeu erudito Tratado da *Poeſia Theatral*, e Luiz Antonio Muratori no tomo 2. da ſua *Perfetta Poeſia Italiana*.

He couſa indubitavel entre os bons intelligentes, que a Poeſia repreſentativa, e o modo de repreſentar as Fabulas ſcenicas neceſſita de

de huma grande reforma. Deveria esta principiar pela Musica, fazendo com que nella se naõ representasse hum Drama inteiro, como costumaõ os Italianos. Naõ se póde negar, que a Musica seja hum dos mayores deleites, que tem o mundo; mas no theatro deve ser com parsimonia, segundo o uso dos antigos, para se observar o que he verosimil, e partir o auditorio mais faminto, do que farto desta recreaçaõ, que só tem hum proprio lugar naquelles divertimentos, a que chamamos Serenatas.

Já nós fundados em boas authoridades dissemos, que a Musica deve servir á Poesia, e naõ a Poesia á Musica, como hoje pratîca o gosto estragado do mundo, que despreza a perfeiçaõ de hum Drama pelo deleite de huma Aria, que muitas vezes nem vem propria para a pessoa, nem para a letra, nem para o lugar, e acçaõ, que se representa. Quanto melhor seria representar sem ser em canto, e usar delle só para os Coros, como faziaõ os antigos Gregos, e Romanos, observando com a arte as regras da natureza? Estes Coros (como nos recommenda Horacio na sua *Poetica*) deveriaõ contér cousas, que fossem proprias áquella Tragedia, em que elles servem; v.g. louvores ás virtudes, e aos homens grandes; vituperar os vicios, consolar os miseraveis, compadecerse das suas desgraças, alegrarse com os felices, e outros muitos assumptos, em que se conservasse o caracter da gravida-

de

de neceſſario á Tragedia. Quanto melhor ſeria iſto, do que huma repreſentaçaõ toda cantada, que he cauſa de mil inveroſimilhança, como v. g. cantar hum Rey a cada paſſo, hum que eſtá prezo, e arraſtando cadeias, hum que eſtá para fugir a toda a preſſa, hum que ſubitamente concebeo por algum incidente huma grande colera, &c.

A ſegunda reforma devia entrar pelos Poetas, que naõ conſideraõ a Tragedia como repreſentaçaõ, que ſe deve regular pela politica, e encaminharſe á utilidade dos povos. Se bem repararmos, veremos, que as Tragedias modernas pela mayor parte ſó inſpiraõ o amor do vicio, quando o fim dellas he propôr a virtude para imitaçaõ, e introduzilla ſuavemente no coraçaõ do auditorio. Naõ queremos dizer com iſto, que ſe naõ poſſa repreſentar a virtude algumas vezes infelice, e o vicio pelo contrario apparecer impunido; porque eſta repreſentaçaõ he inſtructiva; pois nella ſe poderá ao meſmo tempo dar a conhecer, que naõ ha felicidade temporal, que ſe poſſa antepôr á virtude, ainda perſeguida, e que aos vicioſos, ainda que felices, baſta-lhes por caſtigo o meſmo remorſo da ſua conſciencia, que os faz ſubſtancialmente deſgraçados.

Contra eſte preceito ſaõ hoje muy vulgares os peccados; porque a cada paſſo ſe repreſentaõ em Tragedias acçóes vîs, e indignas de homens grandes, que como taes mais devem parecer bons, que máos, e mais imitado-

tadores de acções gloriosas, que vituperaveis. Deste mal saõ os Hespanhoes, os que mais gravemente adoecem; porque entre elles rara será a Tragedia, que naõ contenha amores reprehensiveis; e pela mayor parte os Heroes principaes da Fabula se introduzem como delirantes, e dominados vilmente desta paixaõ; e o que he mais, que naõ se pintaõ estes amores, para que o auditorio os aborreça, e conheça a sua vileza; porque entaõ seria menos grave este peccado. Muitas vezes estes costumes amorosos das pessoas illustres das Tragedias saõ muito inverosimeis; porque se oppoem á idéa, e opiniaõ, que destas personagens nos fez conceber ou a fama, ou a historia.

Naõ me póde parecer provavel, v. g. que Pyrro, e Ulysses no meyo das ruinas de Troya, entre cadaveres, e lagrimas de tantos prisioneiros, e miseraveis Troyanos, se lembrassem taõ vivamente do fino amor, que hum tinha a Andromaca, e outro a Polissena, como se representa no theatro, fazendo estes Heroes discursos ternissimos, formando ciumes, e outras muitas cousas taõ improprias do lugar, e da occasiaõ; e taõ prejudiciaes ao bom fim da Tragedia.

Para naõ culparmos só aos Hespanhoes neste vicio, he preciso confessarmos o mesmo entre os Italianos, e Francezes, que tem a fama de terem reformado a Poesia theatral; e porque se naõ diga, que este juizo he mal funda-

fundado por ser meu, remetto os primeiros para Muratori, e os segundos para o Padre Rapin nas suas *Reflexões* sobre a Poetica deste tempo. Diz este Author fielmente traduzido: *A Tragedia começou a degenerar, e pouco a pouco nos fomos costumando a vêr os Heroes abrazados de outro amor alheyo do da gloria; e de tal modo, que nas nossas pennas perderaõ o caracter da gravidade todos os grandes homens antigos.* Continúa este famoso Critico a dizer: *Os nossos Poetas entenderaõ, que só podiaõ deleitar no theatro, usando de pensamentos, e expressões doces, e ternas; e talvez, que nisto tivessem alguma razaõ; porque com effeito as paixões, que se representaõ, ficaõ como seccas, e sem algum sabor, se naõ vaõ fundadas sobre pensamentos conformes aos que tem o auditorio. Este he o motivo, que obriga aos nossos Poetas a buscarem com diligencia, e a fundarem todos os seus argumentos tragicos sobre cousas, que movaõ a ternura immoderada, para causarem mayor deleite ás mulheres, que se fizeraõ arbitras destas recreações, e tiraraõ a quem convinha a jurisdiçaõ de julgar.*

Supponho, que França naõ estará muito obrigada a este prudente juizo do Padre Rapin, que para desculpar nos seus Poetas hum defeito, os accusa claramente de outro, confessando, que a demasiada authoridade, que as mulheres tem sobre o theatro, he a que faz, com que este se vista á moda, e appareça, naõ como matrona séria, mas como donzella leviana. Eu com esta doutrina naõ pertendo dester-

desterrar absolutamente na Tragedia os costumes amorosos; porque he preciso seguir o genio dos tempos em alguma parte, que quer com sua razaõ temperar a severidade da Tragedia, introduzindo-se a amenidade dos amores: o que eu condemno he, que o uso naõ seja moderado, e que hoje sejaõ as paixões amorosas taõ geraes na Tragedia, como se fossem precisas; *Fazendo*, como diz Boileau, *o vicio amavel aos olhos dos seus leitores*:

Aux yeux de leurs lecteurs rendent le vice aimable.

E introduzindo os Heroes amantes de modo, que perdem a gravidade propria do seu caracter; devendo antes fazer (segundo o mesmo Critico) com que o amor *muitas vezes combatido dos remorsos pareça fraqueza, e naõ virtude*:

Et que l'amour souvent de remors combattu
Paroisse une foiblesse, & non une vertu.

Seja a terceira, e ultima refórma nos representantes, os quaes devem ser excellentes, para que o povo ache deleite no theatro. Da viva voz, e pronunciaçaõ destes he que depende a mayor parte do gosto theatral, dando elles força, e alma naõ só ás paixões vehementes, e pensamentos engenhosos, mas ainda ás cousas, que de si naõ saõ capazes de causar admiraçaõ. Modernamente he cousa rara achar daquelles representantes, que representavaõ antigamente nos theatros Gregos, e Ro-

e Romanos. Consta-nos, que estes tinhaõ tal vehemencia no dizer, que facilmente, sendo preciso, faziaõ chorar, enfurecer, alegrar, e movêr outros muitos affectos no povo, que os ouvia. Hoje quando muito apenas em huma Companhia vem huma boa parte, que possa animar o theatro. O mais que reina he a affectaçaõ, entendendo, que por ella se faráõ plausiveis, e naõ menos a ignorancia, por serem pessoas sem estudo algum da sua lingua; e por isso erraõ tanto, assim no sentido poetico, como no grammatical, sem fazerem a pausa necessaria á voz, sem pronunciarem com a harmonia natural, e sem cortarem, e separarem os versos, onde he necessario para o sentido; e esta he a causa porque muitos Authores deraõ no vicio de escrever Tragedias em prosa, receosos de que os representantes lhas desfigurassem pela ignorancia, com que pronunciavaõ os versos.

Outras muitas reflexões pudera fazer; mas como já vaõ insertas pelos Capitulos desta Arte, naõ he justo repetir muito as cousas, que já estaõ ditas, e ponderadas; e passarey, antes que entre a fallar da Comedia, a expender hum juizo sobre os Poetas Tragicos antigos, segundo a Critica de Rolin; no que me parece, que farey grande utilidade á mocidade Portugueza, para saber qual he o merecimento dos Authores, e em que huns excedem aos outros. O mesmo farey quando acabar de tratar da Comedia, da Epopeia, e da Lyrica, &c.

CA-



CAPITULO XXI.

Juizo ſobre os Authores Tragicos, Gregos, e Romanos.

NAõ eſcreveremos as vidas dos Poetas, de que havemos de tratar, como fizeraõ o Padre Le Jay, e Monſ. Rolin, por naõ ſermos prolixos: diſcorreremos ſómente ſobre as ſuas Obras, como couſa mais importante ao aſſumpto. O primeiro Author Tragico, de que ha noticia, foy *Theſpis*; de quem já tratámos fallando da origem, e progreſſos da Tragedĩa. Como foy o inventor, facil couſa ſerá julgar da bondade das ſuas Tragedias; porque quaſi todas as couſas ao principio coſtumaõ ſer imperfeitas.

Seguio-ſe *Eſchylo*, que começou a fazer a Tragedia perfeita, e grave. O ſeu eſtylo he nobre, e tanto que paſſa a ſublime: a ſua locuçaõ he pompoſa, e elevada de modo, que algumas vezes he affectada, como diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. Compoz noventa Tragedias, das quaes ſó vinte e oito, ſegundo huns, ou treze, confórme outros, foraõ as que mereceraõ ſer premiadas.

Sophocles, e *Euripides* floreceraõ na meſma idade. Illuſtraraõ muito o Theatro Athenienſe com as ſuas repreſentações, e ambos

foraõ admiraveis no eſtylo, ſe bem que differente. O de Sophocles era grande, elevado, e ſublime; o de Euripides era terno, pathetico, e cheyo de excellentes maximas para os coſtumes, e direcçaõ da vida civil. O povo eſtava dividido na opiniaõ de qual dos eſtylos era melhor, como teſtifica o meſmo Quintiliano no lugar mencionado. Ainda hoje dura entre Francezes, e Italianos a meſma queſtaõ, que nós nos naõ atrevemos a decidir entre tamanhos contendores; ſó diremos com a authoridade do Apatiſta tom. 3., que Sophocles juſtamente mereceo pela ſua ſuavidade ſer chamado a Abelha Attica; que foy admiravel na diſpoſiçaõ das Tragedias, magnifico na locuçaõ, e verdadeiramente Tragico nas invençöes das Fabulas. O meſmo diz Minturno na ſua *Poetica* liv. 3. pag. 173. Euripides, ſegundo Plutarco, naõ foy taõ deſigual, como Sophocles; mas deu em loquaz pela demaſiada abundancia de palavras, de que uſava. Pintou com ſumma delicadeza, e vivacidade os coſtumes máos, e deſpreziveis; mas nos bons das peſſoas illuſtres naõ foy taõ feliz, como Sophocles. Veja-ſe o Apatiſta, que largamente ſatisfará.

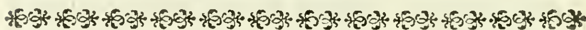
Paſſando da Grecia a Italia, he preciſo dizer, que os Romanos naõ foraõ inſignes neſte genero de Poeſia, em que o primeiro foy Livio Andronico. Das dez Tragedias de Seneca, que lemos, quaſi todos convém, que as melhores ſaõ de Seneca o famoſo Filoſofo

Meſ-

Meſtre de Nero. Entende-ſe, que a *Medea* ſeja verdadeiramente ſua, ſegundo hum lugar de Quintiliano liv. 9. cap. 2., em que cita hum paſſo deſta Tragedia, como couſa deſte Filoſofo. Tambem ha alguns fundamentos para o ter por Author do *Edippo*, da *Troade*, e do *Hyppolito*. Muitos ſe perſuadem, que o *Agamemnon*, ó *Hercules Furioſo*, *Thieſtes*, e *Hercules Eteo* naõ ſaõ Tragedias deſte Filoſofo, mas de algum Author deſconhecido. Pelo que reſpeita á *Thebaide*, e á *Octavia*, julga-ſe, que ſaõ eſcritos indignos totalmente do juizo, e da eloquencia de taõ grande homem: e com effeito a Octavia naõ póde ſer de Seneca; porque della ſe colhe, que fora feita depois da ſua morte, e tambem de Nero. O ſeu eſtylo naõ he puro, e culto: muitas vezes parece declamatorio, como diz Monſ. Le Fevre. He taõ abundante de ſentenças, que ſe faz com ellas vicioſo, e dá em eſtylo ſecco, fazendo-o pobre a nimia abundancia. O Apatiſta prova, que elle fora hum copiador de Fabulas, e que cahira em muitas couſas inveroſimeis; porém he defendido pelo Cenſor do *Speroni* pag. 27. por Budeo, Angelo Policiano, e outros, que ainda que grandes Eſcritores, naõ tinhaõ hum bom paladar para perceber o goſto da verdadeira Tragedia. Dos Latinos poucas mais obras Tragicas ha, que eſtas de Seneca; conſta-nos porém, que Auguſto fizera huma chamada *Edippo*; que Aſinio Polliaõ eſcrevera algumas, e

que

que Ovidio compozera huma com o nome de *Medea*, da qual diz Quintiliano liv. 10. cap. 1. *Ovidii Medea videtur mihi oſtendere quantùm vir ille præſtare potuerit, ſi ingenio ſuo temperare, quàm indulgère, maluiſſet.*



CAPITULO XXII.

DA COMEDIA

Sua origem, definiçaõ, e materia.

NAſceo a Comedia na Grecia inventada pelos vendimadores, ſegundo a opiniaõ de Atheneo; ou teve a ſua origem de certas feſtas, que faziaõ os Agricultores de Athenas, os quaes diſcorrendo pelas Villas, e Lugares, celebravaõ as feſtas de algumas divindades ſuas. Pareceo bem aos habitadores da Cidade reduzir eſta ruſtica pompa ao termo de hum eſpectaculo civil, e polîdo. Aſſim o affirma Caſſiodoro na *Epiſtola* 51. do liv. 4. afaſtando-ſe pouco do que diz Euſtacio no 14. da *Odyſſea* de Homero, encoſtado á authoridade de Pauſanias.

Eſcaligero fundado na authoridade de Theocrito diz no cap. 5. do liv. 1. que a Comedia ſe originou de humas certas Cançoẽs, que inventaraõ os ruſticos do campo, as quaes ordenadas em verſo Jambo cortavaõ pelos vi-

cios

cios alheyos, de modo, que naõ só eftes eraõ infamados, mas ainda as peffoas mefmas, que nelles cahiaõ, nomeando-lhes os feus nomes com picante, e mordaz irrifaõ. Com hum fimilhante principio fervia a Comedia de pretexto de fe vingar cada hum de quem queria; e muitas vezes nem efcapava a innocencia; de que temos hum claro exemplo em Socrates innocentemente infamado pela vil maledicencia do Comico Ariftophanes. Era permittida efta liberdade, porque fe entendeo naquelle tempo, que efta mordacidade dos verfos Fallicos, e Jambos, ultrajando a peffoas determinadas, e difcorrendo ao mefmo tempo em coufas lafcivas, poderia receberfe como coufa ridicula, e caufar defte modo alguma utilidade. Com effeito o povo Athenienfe, goftando que fe reprimiffe a infolencia dos grandes, agradava-fe muito de ouvir as fatyras, que faziaõ as Comedias aos Juizes, e Governadores, perfuadindo-fe, que o temor da infamia os poderia refrear; porém naõ fe confeguio efte fim, ou porque a ridicularia das facecias mifturada com a feriedade das reprehensões naõ podia fer util; ou porque a maledicencia dos Comicos excedia todo o foffrimento humano. Affentaraõ pois os Magiftrados em prohibir com fevéras leys, e rigorofas penas taõ defenfreada liberdade, mandando, que nenhum Comico fe atreveffe à dizer mal nomeadamente de alguem; e para ifto foy tirado da Comedia o Coro; porque ainda

da que em toda a Fabula houveſſe ditos picantes, com tudo o Coro era o que tinha por officio proprio reprehender, e eſcandalizar. Ouçamos a Horacio:

Succeſſit vetus hic Comædia non ſine multâ
Laude, ſed in vitium libertas excidit, & vim
*Dignam lege regi: lex eſt accepta, * Chorusque*
Turpiter obticuit ſublato jure nocendi.

Exterminada a Comedia *Antiga*, ſuccedeo a chamada *Media*, a qual ſe naõ ſatyriſava os vivos, uſava de toda a maledicencia contra os mortos, principalmente ſe tinhaõ ſido Authores de algumas obras. Como naõ foy prohibida eſta liberdade, compoz Cratino huma Comedia contra a *Odyſſea* de Homero; e por eſte, ou por outros motivos houve tambem ley, para naõ ſe praticar eſte uſo; e entrou a praticarſe a Comedia *Nova*, que entre os Gregos deveo toda a ſua perfeiçaõ a Menandro, e entre os Latinos a Terencio.

Eſtes foraõ os principios, e progreſſos da Comedia: vejamos agora a que ſe reduzem a ſua eſſencia, e regras principaes. A definiçaõ de Elio Donato he eſta: *Comædia eſt privatorum, & civilium negotiorum citra infelicitatem complexio.* Cicero diz, que a Comedia he huma imitaçaõ da vida, hum eſpectaculo dos coſtumes, e huma imagem da verdade: *Imitatio vitæ, ſpectaculum conſuetudinis, imago veritatis.* Muitos Authores entendem, que Ariſtoteles definira a Comedia, quando diſſe: *Eſ-*

ſe peiorum imitationem, non ſecundùm omne vitium, ſed ſecundùm ridiculum, quod eſt turpitudinis particula: porém outros ſentem o contrario, por faltar neſtas palavras o fim da Comedia. Tambem he defeituoſa a definiçaõ de Riccobono, que diz: *Eſt imitatio, quæ fit metro, ſaltatione, harmoniâ, modo dramatico in materia ejus vitii, quod riſum movet*: e a razaõ he; porque nella naõ explica, que as peſſoas Comicas naõ devem ſer illuſtres, mas particulares, e que o fim naõ ha de ſer deſgraçado, mas ſim feliz, ao contrario da Tragedia. Entre tantas definições daremos a noſſa, ſeguindo em parte a do Padre Donato, e em parte a de Luzan, que nos pareceraõ as mais convenientes.

Definimos pois a Comedia dizendo, que he: *Huma imitaçaõ de hum facto particular, e de pouca importancia, formado de modo, que mova o riſo, a qual acabe com fim alegre, e ſe encaminhe a ſer util, divertindo ao auditorio, e inſpirando o amor á virtude, e averſaõ ao vicio.*

Diſſe, *Imitaçaõ de hum facto particular, e de pouca importancia*, para a diſtinguir da acçaõ Tragica, que ſó admitte a repreſentaçaõ das fortunas, e decadencias de perſonagens illuſtres, como Reys, Heroes, e Capitães famoſos. Contra eſta regra peccaraõ quaſi ſempre os Heſpanhoes; porque introduziraõ nas ſuas Comedias Reys, Principes, Imperadores, e outras peſſoas deſta esféra; motivo porque o ſeu Caſcales diz, que ſimilhan-

tes Comedias nem ſaõ taes, nem dellas tem alguma ſombra; mas que unicamente ſaõ huns hermafroditas, e huns monſtros da Poeſia.

Eu bem ſey, que Pedro Corneille quer abſolver eſte peccado, dizendo, que ſe póde uſar de peſſoas illuſtres na Comedia, e chamarlhe entaõ *Heroica*; mas eu naõ ſey em que doutrina ſolida eſtabeleceo elle eſta ſua opiniaõ, que fortemente lhe reprova Monſ. Dacier *Poetica* cap. 5. Se ſe fundou no exemplo de Plauto, o qual introduzio a Jupiter, e Mercurio no ſeu *Amphytriaõ*, fundou-ſe muito mal; porque bem ſe vê, que eſte Poeta naõ introduzio as taes divindades com a ſeriedade, e grandeza, que lhes convinha, ſenaõ com hum caracter ridiculo, e jocoſo, que he o modo como podiaõ entrar em huma Comedia.

Diſſe, *formado de modo, que mova o riſo*, para ſe diſtinguir tambem da Tragedia, que move ao terror, e compaixaõ. A Comedia pinta, e repreſenta os vicios de huma Republica, e o excitar o riſo ſaõ as cores deſta pintura, e a alma deſta repreſentaçaõ; por iſſo lhe ſerve de inſcripçaõ: *Caſtigat ridendo mores*.

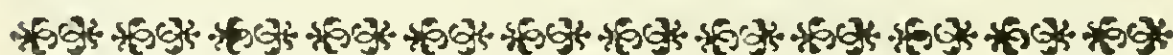
Diſſe, *a qual acabe com fim alegre*, &c. para ſe differençar tambem da Tragedia, cujo fim para ſer optimo, como enſina Ariſtoteles, ha de ſer infeliz.

Muitos entendem erradamente, que o fim da Comedia he cauſar riſo; quando o ſeu fim

fim he unicamente causar utilidade por meyo do deleite, como succede a outras especies de Poesia. Consegue-se esta utilidade, e deleite representando os vicios sem terror, os defeitos pessoaes, e o caracter das pessoas humildes, ou particulares, para que o auditorio ou se faça mais advertido nos seus defeitos, ou mais constante nos seus trabalhos. Este caracter gracioso he muy deleitavel, e pertence á especie da graciosidade *nobre*; e a que he *plebea* consiste em equivocos indecentes, e em frialdades proprias da plebe; e de ambas temos exemplos em Terencio, e Plauto, cujo merecimento mostrarey em outro lugar. Mas como estou tratando da materia da Comedia, justo será, que explique esta com mais clareza, e extensaõ. Já temos dito, que a materia da Comedia he de muy pouca consideraçaõ, e que consiste em cousas ridiculas. Ainda que algumas vezes involva cousa consideravel, como celebridade de matrimonios, descubrimento, v. g. de algum filho, ou pay, que era desconhecido, com tudo sempre he ridiculo o modo, com que estas cousas se pintaõ, e representaõ.

Resta agora advertir alguma cousa sobre o ridiculo. Consiste este em se saber vivamente pintar o caracter de alguns sujeitos, que nos costuma causar riso, v. g. hum velho avarento, huma velha caduca, hum homem camponez vindo á Corte, hum criado astuto, hum sujeito cheyo de presumpçaõ, de va-

lente, ou de fidalgo, ou de ſabio em todas as ſciencias, &c. Conſiſte tambem nas acções taõ proprias para o que ſe repreſenta, e ás vezes taõ repentinas, que naõ ſe poſſa ſoffrer o riſo com eſtes accidentes naõ eſperados. Ultimamente conſiſte nos ditos engenhoſos, galantes, e facetos, ou nos veſtidos extravagantes, ou na imitaçaõ de alguns defeitos corporaes, como olhos tortos, narizes muy compridos, pernas aleijadas, corpos corcovados, e anões, &c. como explica o Padre Donato pag. 243. cap. 55.



CAPITULO XXIII.

Em que differe, e em que concorda a Comedia *com a Tragedia.*

EM primeiro lugar differe a Comedia da Tragedia na Fabula; porque eſta na Tragedia deduz-ſe commumente da hiſtoria; iſto he, de algum facto, que conſta ter ſuccedido a peſſoa conhecida por fama, ou pela hiſtoria; e na Comedia moderna he eſta Fabula inteiramente fingida ao arbitrio de quem a compoem; e por iſſo uſa de nomes, que naõ ſaõ verdadeiros.

Sobre a meſma Fabula ha outra circunſtancia, em que differem entre ſi eſtas duas eſpecies de Poeſia ſcenica; porque a Fabula na

Tra-

Tragedia, para ſer optima, ha de ſer ſimples; iſto he, de huma ſó mudança: e na Comedia deve ſer duplicada; iſto he, deve ter duas mudanças, como he a da *Fuerza del natural* de Mureto.

Igualmente ſobre o fim ha huma notavel differença; porque o da Tragedia he movêr as paixões violentas de terror, e compaixaõ, repreſentando as mortes, ou decadencias de peſſoas illuſtres para exemplo do auditorio; e o da Comedia he moſtrar como em hum eſpelho os vicios, e defeitos vulgares, expoſtos ao riſo do povo, para lhe ſervir igualmente de exemplo, que de deleite.

Diſtinguem-ſe tambem eſtas duas eſpecies de Poeſia na ſentença, e na dicçaõ; porque o eſtylo da Tragedia, como contém grandes perſonagens, e affectos violentos, deve ſer ſublime, e ornado de figuras rhetoricas, que ſaõ as que melhor explicaõ as paixões; e ao da Comedia ſó pertence huma locuçaõ commũa, natural, facil, e pura; porque as peſſoas, que devem repreſentar nella, haõ de ſer ordinarias, ou de mediana condiçaõ, ás quaes ſó convém ſimilhante eſtylo, pois ſeria inveroſimil, que em acções, e ſujeitos humildes houveſſe conceitos, e vozes improprias da ſua esféra: *Neque enim Comœdia in cothurnos aſſurgit, nec contra Tragœdia ſocco ingreditur*, diſſe Quintil. liv. 10. cap. 1.

Concorda porém a Comedia com a Tragedia, em que huma, e outra ſaõ repreſen-

taçaõ

taçaõ dramatica, e que em ambas ſe occulta inteiramente o Poeta, introduzindo ſempre outras peſſoas. Convém igualmente em que huma, e outra deve ter ſeis partes de qualidade; iſto he, *Fabula*, *coſtumes*, *ſentença*, *dicçaõ*, *apparato*, e *melodìa*: ambas devem ter juſta grandeza, veroſimilhança, accidentes maravilhoſos, enredo, unidade, tanto na acçaõ, como no tempo, e lugar, e a ſoluçaõ, que for neceſſaria, ou veroſimil. Tambem na Comedia he propria a *Agniçaõ*, e *Peripeſia*, e todas as mais condiçoes, que devem ter os coſtumes, como diſſemos em ſeu lugar, excepto a *ſimilhança*; porque a Comedia moderna uſa de peſſoas inteiramente fingidas, e eſta ſó convém á Tragedia, que cõmummente comprehende ſujeitos conhecidos ou por fama, ou pela hiſtoria. Convém tambem com a Tragedia em dever ſer em verſo, ſegundo varios Authores, affirmando, que lhe he hum inſtrumento taõ natural, como os membros ſaõ preciſos ao corpo; e que naõ havendo verſo, naõ fica a Comedia, como Poeſia, ſendo repreſentaçaõ Comica, mas ſim huma introducçaõ dialogiſtica, como os Dialogos de Luciano. Deve igualmente ter o ſeu *Prologo*, *Muſica*, *Baile*, e diviſaõ de *Actos*: o Prologo ſerve para inſtrucçaõ do povo, e para lhe captar a docilidade, e attençaõ; a Muſica, e Baile para deleite do auditorio; e a diviſaõ dos Actos para deſcanço dos repreſentantes; ſe bem que eſtas couſas ſaõ mais acci-

accidentaes, que eſſenciaes na Comedia. Como deſtas, e outras couſas tratámos largamente na Tragedia, naõ queremos ſer prolixos, repetindo o que eſtá dito; e ſó diremos, por naõ faltar a alguma circunſtancia, que ſe os Gregos dividiraõ a Comedia em *Antiga*, *Media*, e *Nova*, como já temos dito, os Romanos a dividiraõ em *Palliata*, *Prætextata*, *Togata*, *Tunicata*, *Tabernaria*, *Atellana*, *Motoria*, *Statari*a, e *Mixta*. A Palliata, Pretextata, Togata, e Tunicata derivavaõ-ſe dos veſtidos, de que uſavaõ os repreſentantes, v. g. Pallio, Pretexta, Toga, e Tunica, que era o veſtido mais vil do povo, aſſim como os outros eraõ para as peſſoas nobres. A Tabernaria derivava-ſe das caſas humildes; a Atellana da Cidade de Atella, cujos habitadores eraõ muy gracioſos; a Motoria era a que ſe compunha de grandes movimentos, e machinas; a Stataria a que naõ tinha eſtas tramoias; e a Mixta a que participava de huma, e outra.



CAPITULO XXIV.

Obſervações ſobre os defeitos mais communs das Comedias modernas.

NAõ ceſſaõ os melhores Authores modernos, que eſcreveraõ da Poetica, em accuſar os muitos defeitos, que ſe commettem

tem nas Comedias dos noſſos tempos. Verdadeiramente naõ ſe póde dar boa reſpoſta aos vicios, que elles apontaõ; porque o theatro cahio nas mãos de gente ignorante, e os Authores naõ cuidaõ mais, que em agradar á plebe; e por iſſo a mayor parte das Comedias conſiſte em actos vilmente ridiculos, e em huns enredos taes, que nelles naõ ha ſombra do veroſimil taõ neceſſario á Fabula. Hoje todo o ponto he fazer rir por meyo de equivocos, e metaforas taõ pouco honeſtas, que inſenſivelmente depravaõ os coſtumes do povo bem morigerado; vicio, que reina baſtantemente entre os Italianos; motivo porque aquelles, que ſaõ prudentes, naõ levaõ ſeus filhos ao theatro, quando eſtaõ na ſua florente idade. Tambem os Francezes adoecem gravemente deſte mal de perverter os bons coſtumes; porque naõ eſcolhem muitas vezes para as ſuas Comedias hum argumento proprio para caſtigar os vicios por meyo do riſo. O ſeu Moliere, que verdadeiramente foy hum inſigne Comico, naõ deixou em baſtantes partes de cahir neſte grave defeito.

Eu naõ me animara a eſta critica, ſe primeiro do que eu lha naõ tiveſſem feito os ſeus meſmos naturaes. O grande Boileau teſtifica, que Moliere deſprezava a cada paſſo os preceitos de Ariſtoteles, e de todos os demais Meſtres da Poetica, ſó pelo fim de agradar de todos os modos ao auditorio. Pelo que reſpeita aos coſtumes, póde-ſe dizer livremente, que

naõ

naõ houve algum Comico, que os pervertesse tanto, como este Author. Nunca o seu fim foy perseguir os vicios dos particulares, como deve fazer a Comedia, expondo-os ao riso; antes parece, que todo o seu intento foy ensinallos; porque inspirou em muitas das suas Obras hum certo amor á liberdade mundana; isto he, áquella maneira de viver contraria ás maximas do Evangelho. A mayor parte das suas Comedias saõ huma escóla, em que se aprende o namorar com a mais refinada malicia amorosa: nella se ensina, que saõ inuteis as diligencias, que usaõ os pays para livrarem seus filhos dos vicios; e com o motivo de desacreditar a falsa devoçaõ, faz tambem ridicula a verdadeira.

Tambem este juizo naõ he só meu; porque mo defende entre muitos doutos Francezes o famoso Baillet no tom. 4. da sua Obra intitulada *Jugemens des Sçavans*, dizendo, que Moliere *He hum dos mais perigosos inimigos, que deitou o seculo, ou o mundo contra a Igreja de Deos*: e accrescenta, que a sua Comedia chamada Tartuffo *he huma das mais escandalosas, e atrevidas, que se pódem ver: que os defeitos, que reprehende, naõ saõ mais, que huma certa maneira exterior de conversar no mundo, como v. g. as affectações ridiculas dos homens, o affectar nobreza, o amar em demasia as modas, o presumir sciencia, e outras similhantes cousas de pouca importancia; deixando porém sempre de reprehender os vicios verdadeiros do animo; e antes ás vezes*

os

os persuade. Outro juizo similhante a este, e ainda mais diffuso contra Moliere, se póderá ler no livrinho intitulado *Maximes*, *& reflexions sur la Comedie*, composto pelo incomparavel Bossuet Bispo de Meaux, de quem se val muito Muratori, a quem seguimos nesta Critica.

Ha outros doutos, que saõ de parecer, que a mayor parte das Comedias deste Author contém occultamente hum refinado veneno, que conduz as gentes a viver sem temor de Deos, e só guiadas da sua propria vontade; cuja peste confessaõ os Italianos, que igualmente ha no *Decameron* de Boccacio naõ sendo expurgado. Naõ obstante esta Critica, he preciso confessar, que Moliere foy hum engenho muy vivo, e dotado de huma exquisita naturalidade para fazer rir ao auditorio; e se os costumes, que introduzio nas suas Comedias, naõ fossem taõ prejudiciaes, certamente seria digno de huma fama perpetua.

Largo assumpto daõ para discorrer nesta materia o Padre Ottonelli, o Padre Draghi, o Principe de Conty, Voysin, Nicole, Bossuet, Muratori, e outros, que trataraõ plenamente deste assumpto. Todos estes eruditos, e pios Authores se lamentaõ dos prejuizos, que causa a Comedia moderna, por naõ introduzir as doutrinas moraes por meyo do riso. A verdade he, que hoje toda a força desta especie de Poesia consiste, se bem se reflectir, em desacreditar a piedade, a continen-

nencia, e modeſtia, aſſim de homens, como de mulheres; em perſuadir a liberdade, em ſatisfazer a deſordem dos máos appetites, em deſobedecer aos pays, que querem cuidar no procedimento de ſeus filhos, em zombar delles, porque tem eſta honra, em enſinar eſtratagemas para ſe enganar aos maridos, em formar colloquios amoroſos; e em huma palavra, em cauſar por todos os modos hum grave damno a huma Republica bem regulada. Quem tiver lido Comedias, tanto Caſtelhanas, como Francezas, e Italianas, facilmente concordará com eſta ſolida doutrina, ſe tiver, ſobre huma boa conſciencia, hum juizo deſapaixonado, e maduro.

Nem ainda os Portuguezes eſtamos livres, porque neſſas poucas Comedias, que temos, baſtantemente enfermamos deſte mal, prevalecendo o uſo, ou abuſo de ſeculo taõ eſtragado. Se Plauto, Ariſtofanes, e Terencio fizeſſem as ſuas Comedias mais modeſtas, e inſtructivas, deixariaõ na prudente poſteridade muito mayor recommendaçaõ. Para deſpertar no theatro o riſo, o caminho mais louvavel, e ſeguro he o repreſentar no gráo mais eminente os coſtumes populares; v. g. hum homem muito fallador, hum avarento, hum cioſo, hum temerario, hum preſumido, huma mulher vã, hum criado ſimplice, hum Juiz intereſſado, hum ignorante mettido a cortezaõ, e outros muitos coſtumes, que todos os dias obſervamos nos ſujeitos de baixa esfé-

esféra. A reprefentaçaõ de qualquer caracter deftes, e efte pintar vivamente os defeitos, affectações, e vicios das peffoas particulares he que maravilhofamente recreya, e faz rir ao auditorio intelligente; fendo ao mefmo tempo util; porque os que cahirem neftes defeitos, vendo, que a Comedia com huma fatyra honefta, e pouco picante lhos poem em publico, cuidaráõ em fe abfter, e emendar. Efte he o verdadeiro fal das Compofições comicas, e naõ mil equivocos, que quando naõ faõ deshoneftos, pela mayor parte faõ frios, infipidos, e improprios para a coufa de que fe trata; por iffo vem taõ arraftados, como puerîs.

Nefte vicio naõ temos muito em que culpar as Comedias Portuguezas modernas, principalmente as que correm impreffas no *Theatro Comico Portuguez*, primeira, e fegunda Parte; porque contém graciofos taõ excellentes, que pódem fazer comparaçaõ com graciofidades do famofo Goldoni Comico Italiano: affim elles tiveffem outro officio, do que commummente tem, de ferem menfageiros de amores, que naõ fe encaminhaõ a fim louvavel, mas ao de fatisfazer a máos appetites.

Outros muitos vicios pudera apontar, em que cahem as Comedias modernas a refpeito do coftume; porém baftaráõ eftes como taõ effenciaes; porque de outro modo efcreveriamos hum largo Tratado. Paffaremos a dizer alguma coufa fobre os defeitos, em que fe cahe

cahe a reſpeito da Fabula Comica. Os Heſpanhoes, a quem naõ podemos duvidar, que ſaõ ornados de engenho vivo, penetrante, e delicado, a cada paſſo eſtaõ commettendo eſtes peccados. Saõ entre elles innumeraveis as Comedias, em que faltaõ as tres unidades de acçaõ, de tempo, e de lugar. Veja-ſe a de Lope de Vega intitulada *La locura por la honra*, que comprehende tres acções, que cada huma podia ſer argumento de huma perfeita Comedia. Veja-ſe o *Bernardo del Carpio*, e o *Conde de Saldaña*, dando eſtas, e outras ſimilhantes occaſiaõ a Boileau lhes fazer huma juſta critica na ſua *Poetica* Canto 3. Verdadeiramente he couſa para rir, que v. g. no principio da Comedia appareça Bernardo del Carpio menino, e antes de acabarſe eſta repreſentaçaõ, ſe veja já homem, e executar contra os Mouros excellentes acções. Naõ he menos intoleravel eſte abſurdo no *Janizaro de Hungria*, em que dura a acçaõ mais de vinte annos: nos *Siete Infantes de Lara*; na *Venganza en el deſpeño*, que dura outro tanto tempo; nos *Siete Dormientes*, que dura duzentos annos, e outras infinitas Comedias, que ſe as repetiſſemos, fariamos hum Catalogo prolixo, para os que ſaõ intelligentes. Com muita razaõ ſe ri de ſimilhantes Compoſições o douto Caſcales nas ſuas *Tabl. Poetic.* tratando da *Tragedia*, pag. 346. quando diz: *Siendo eſto aſſi, nò os rieis de nueſtras Comedias, que entre otras me acuerdo aver oido una de San Amaro, que hi-*

zo

zo un viaje al Paraizo, donde estuvo docientos años, y despues quando bolviò a cabo de dos siglos, hallaba otros lugares, outras gentes, otros trages, y costumbres: Que mayor disparate, que esto? Otros hai, que hacen una Comedia de una Chronica entera; yo la he visto de la perdida de Hespaña, y restauracion de ella.

Naõ saõ sómente estes os vicios, em que cahem os Comicos Hespanhoes, como diz Luzan, a quem sigo, quando os criticou doutamente na sua *Poetica*; porque tambem saõ muy frequentes em naõ observarem a precisa regra da unidade do lugar. Na Comedia *Amigo hasta la muerte* de Lope de Vega, a representaçaõ humas vezes he em Tetuaõ, outras em Sevilha, outras em Cadiz, outras em Gibraltar. Na Comedia de Calderon *Para vencer Amor querer vencerle* parte da representaçaõ he nos Esguizaros, e parte em Ferrara: na *Dicha, y desdicha del nombre*, parte em Parma, e parte em Milaõ; e o mesmo he nas Comedias *Servir à Señor discreto*, *El Principe perfecto*, *Fortunas de Andromeda, y Perseo*, e outras muitas: donde as pessoas (como galantemente diz Luzan) como se tivessem azas, no breve espaço de tres, ou quatro horas, que dura a representaçaõ, voaõ pelo mundo milhares de legoas sem calma, e sem cansaço algum.

No que respeita ás inverosimilhanças, seria preciso hum distincto volume só para tratar dos costumes mal conservados, ou pessimamen-

mamente introduzidos; pois a cada paſſo as Damas ſaõ taõ eruditamente diſcretas, elegantes, e conceituoſas, que poderiaõ orar no Senado Romano, deixando pelo artificioſo o que he natural. Os Lacayos, e Lacayas pódem tambem dictar em huma Cadeira de Rhetorica, naõ ſendo veroſimil, que ſimilhantes peſſoas fallem com clauſulas taõ limadas, e conceitos taõ eſtudados, muito mais ſendo de repente, e familiarmente: fallo das Damas, e Galans; porque nos Criados, de qualquer modo, que ſeja, ſempre he contra todo o veroſimil. Tratando deſtas impropriedades, naõ me eſquecerey de outras, que muitas vezes ſe obſervaõ em infinitas Comedias Heſpanholas; como ſaõ os Oraculos de alguma voz, que dentro do theatro interrompe a repreſentaçaõ, adevinhando o que ſe hia a dizer; os eccos, e ſonhos, em que ſe falla tanto a ponto, como poderia fallar huma peſſoa, acordada; e os erros de Hiſtoria, Chronologia, e Geografia, que ſe lem no *Conde Lucanor*; na *Gran Zenobia*; *En eſta vida todo es verdad, y todo mentira*; *Las armas de la hermoſura, y duelos de amor, y lealtad, &c.* como ſe póde ver em Luzan pag. 422.

Porém naõ ha inveroſimil mais celebre, como o que agora apontarey, o qual tem muitos por couſa elegante, e ſeus Authores foraõ os primeiros, que aſſim o julgaraõ. Sahem duas peſſoas para o theatro cada huma por ſua parte, e levaõ taõ bem eſtudado o que

haõ

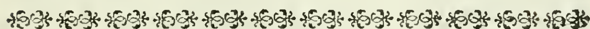
haõ de dizer, que huma naõ ha de proferir huma ſyllaba mais, que a outra, e fallando cada qual comſigo ſó, vaõ alternando os conceitos, e verſos com taõ juſta medida, que parece, que já de antemaõ ſe tinhaõ prevenido para o caſo. Copiarey de Luzan hum exemplo, que tirou da Comedia de Calderon *Muger llora, y venceràs*. Sahem nella Federico, e Henrique, medindo hum ao outro as palavras taõ compaſſadamente, como ſe vê:

Federico. Deſta muſica guiado.
Henrique. Llamado de eſtos accentos.
Federico. Vengo à pezar del enojo.
Henrique. A pezar de la ira buelvo.
Federico. De Madama, porque juzgo.
Henrique. De Madama, porque pienſo.
Federico. Que quando el rieſgo es tan noble,
Ha de apetecerſe el rieſgo.
Henrique. Que quando es tal el peligro,
Es el peligro el remedio.
Federico. Pero aqui eſtá: que bien dudo.
Henrique. Pero aqui eſtá: que bien temo.
Federico. Bolver à ver ſu ſemblante.
Henrique. Bolver à mirar ſu ceño.
Federico. Yà me viò: vengan deſdenes.
Henrique. Yà me viò: vengan deſprecios.

Quem naõ ha de dizer, que iſto mais parece rezar em córos, que ſahir a repreſentar huma Comedia? Só o povo ignorante poderá

goſtar

goſtar de ſimilhantes couſas; e para elle he que entendo, que as eſcreveo Calderon, que na verdade teve muitas circunſtancias, que lhe deraõ hum lugar bem diſtincto entre Solis, Candamo, Cañizares, Moreto, e mais algum outro, que ſaõ os Meſtres da Comica Heſpanhola, e dignos por juſtas cauſas da fama, que gozaõ. A ſua locuçaõ he nobre, e clara, e o modo engenhoſo para urdir huma Fabula, e ter até o fim della ſuſpenſo o auditorio por meyo de excellentes lances, he taõ admiravel, que naõ duvîda neſta parte o que he intelligente em o receber por texto. Sobre outras infinitas inveroſimilhanças poderamos dizer muito; porém baſtem eſtas, porque entre nós he grande o numero dos defenſores da Poeſia Comica de Heſpanha.



CAPITULO XXV.

Juizo ſobre os Authores antigos aſſim Gregos, como Latinos, que eſcreveraõ Comedias.

EUpoli, Cratino, e Ariſtophanes foraõ os que fizeraõ famoſa a Comedia *antiga*, que entre os Gregos fazia tambem as vezes de Satyra. Nella ſe admirava altamente obſervada aquella perfeiçaõ, que ſe chamava *Atticiſmo*, que comprehendia tudo o que no eſtylo era tido por mais elegante, fino, e delica-

do, a que naõ podiaõ chegar as Poesias de outros.

Menandro foy cabeça, e Author da Comedia *nova*. Plutarco *in Moral.* pag. 853. o prefere infinitamente a Aristophanes, e admira nelle huma casta de galantaria agradavel, delicada, e viva, naõ se affastando das regras da Filosofia moral. A verdade he, que Aristophanes he mordaz no seu ridiculo; porque fere, e trespassa sem respeito algum a reputaçaõ das pessoas mais honestas, e desenfreadamente se atreve contra todas as leys do pejo, e da modestia. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. disse claramente, que Menandro vencera a quantos escreveraõ antes delle em assumptos Comicos, e que com a sua merecida fama escurecera inteiramente os nomes delles. Porém o melhor elogio, que se póde fazer a este Poeta he dizerse, que Terencio fora hum copiador das suas Comedias, e huma copia muito inferior ao seu original. Aulo Gellio no liv. 1. cap. 13, observou alguns lugares de Menandro imitados por Cicilio antigo Poeta Comico Latino, e diz, que apenas lera da primeira vez os versos deste Author, os achára muito bons; mas que comparando-os depois com os do Poeta Grego, lhe pareceraõ muito máos. Em quanto viveo, naõ fizeraõ a Menandro a justiça, que merecia; porque pondo no theatro mais de cem Comedias, unicamente oito he que foraõ distinctamente applaudidas. O artificio, ou conspiraçaõ con-

tra elle, ou tambem o máo gosto dos Juizes, fez com que Filemon, que só aspirava ao segundo lugar depois de Menandro, o preferisse nas occasiões de representaçaõ Comica. Quintil. cap. 1. liv. 10. diz assim: *Philemon, ut pravis sui temporis judiciis Menandro sæpe prælatus est, ita consensu omnium meruit credi secundus.*

Entre os Latinos o primeiro Poeta Comico, que floreceo, foy *Livio Andronico*: naõ sabemos, que compozesse determinadamente para o theatro alguma Comedia, e só de Tragedia he que temos noticia. O que se sabe he, que floreceo antes de Ennio hum anno, e que foy o primeiro, que intentou fazer Comedias, e Tragedias á imitaçaõ dos Gregos.

Seguio-se *Cneo Nevio*, o qual animado do exemplo, que tinha dado Andronico, seguio os seus vestigios, e cinco annos depois da sua morte começou a pôr no theatro materias representaveis, que podiaõ ter o nome de Comedias; as quaes como seguiaõ o estylo antigo dos Gregos, lhe fizeraõ conciliar o odio da nobreza, principalmente de hum certo Metello, que o obrigou a sahir de Roma. Como estes dous Authores foraõ os primeiros, e em seculo taõ ignorante, facil he conjecturar quaes seriaõ as suas Comedias, que naõ passaraõ á posteridade, senaõ dellas huns poucos fragmentos.

Cecilio, e *Pacuvio* augmentaraõ muito a

Poesia Comica, e o segundo particularmente a Tragica, em que se distinguio naquella idade, compondo, além de outras, a Tragedia intitulada *Orestes*, de que faz mençaõ Cicero *de Amicit.* n. 14.

Plauto foy o primeiro, que entre os Romanos se fez celebre pela Poesia Comica, e taõ feliz, que de dezanove Comedias, que compoz, todas inteiramente resistiraõ ao tempo, e passaraõ a nós. A razaõ disto seria, porque sempre foraõ desejadas por causa do deleite, que causavaõ as suas graciosidades, naõ só no seu tempo, mas no de Augusto, em que se representavaõ as suas Comedias com grande applauso, e ainda no Imperio de Diocleciano, trezentos annos depois do Nascimento de Christo. Varios foraõ os juizos, que a respeito deste Poeta se tem proferido. A muitos bons Criticos parece, que a sua locuçaõ se deve estimar, naõ só pela pureza, e exacçaõ, mas pela abundancia, força, e elegancia, com que fallou. Varro costumava dizer, que se as Musas fallassem na lingua Latina, servirse-hiaõ das palavras de Plauto, como diz Quintiliano lív. 10. cap. 1. Hum similhante elogio parece que tira toda a duvida. Horacio porém naõ obstante ser hum bom Juiz nestas materias, mostra, que naõ he muy favoravel a Plauto; e para prova copiaremos o que deste Poeta disse na sua *Poetica*:

At

At nostri proavi Plautinos & numeros, &
Laudavere sales: nimiùm patienter utrumque,
Nè dicam stultè, mirati; si modò ego, & vos
Scimus inurbanum lepido seponere dicto,
Legitimumque sonum digito callemus, & aure.

Naõ só foy Horacio o que fez esta Critica a Plauto; porque a Corte de Augusto, e ainda o mesmo Imperador, naõ gostavaõ dos versos, e graciosidades deste Poeta. A censura de Horacio cahe em dous pontos: o primeiro he sobre a cadencia dos versos, e o segundo sobre o ridiculo. Em quanto aos versos naõ se deve desprezar o juizo de Horacio; pois o mesmo Plauto no Epitafio, que fez para si mesmo, chama com razaõ aos seus versos *Numeros innumeros*; porque nas suas Comedias he tal a mistura, e variedade de versos, que ainda os mais doutos tem huma grande difficuldade em os conhecer. Em quanto ao ridiculo tambem naõ he de todo mal fundada a censura do Lyrico; porque igualmente he certo, que Plauto introduzio algumas graciosidades insipidas, baixas, e algumas vezes excessivas: verdade he, que tem outras, que saõ taõ finas, e delicadas, que pódem servir de exemplar. Por esta razaõ Cicero, que foy hum grande Mestre daquella, que os antigos chamavaõ *Urbanidade*, propoem a Plauto como hum modello dos que quizerem usar do estylo faceto. Veja-se o que diz no livr. de *Offic.* 1. num. 104. *Duplex omnium*

est

eſt jocandi genus: unum illiberale, petulans, flagitioſum, obſcænum; alterum elegans, urbanum, ingenioſum, facetum; quo genere non modo Plautus noſter, & Atticorum antiqua Comædia, ſed etiam Philoſophorum Socraticorum libri ſunt referti.

Porém eſtes defeitos, que acima apontamos, naõ ſaõ os que obſtaõ para dizer, que Plauto foy hum excellente Comico; porque os ſeus vicios ſe disfarçaõ com outras muitas excellentes qualidades, que naõ ſó o igualaraõ a Terencio, mas talvez na opiniaõ de alguns o collocaraõ em lugar ſuperior. Tal he o juizo, que deſtes dous Poetas fez a grande Madama Dacier na *Prefaçaõ* da Traducçaõ das tres Comedias de Plauto, dizendo: *Terencio tem ſem duvida mais arte; porém Plauto parece-me, que tem mais engenho. Terencio empenha-ſe, em que os ſeus repreſentantes ſe appliquem mais a fallar, do que a obrar, e Plauto mais faz com que elles obrem, do que fallem; e eſte he o verdadeiro caracter da Comedia, em que a acçaõ deve prevalecer ao diſcurſo. Alèm diſto parece-me, que Plauto excede a Terencio naquellas controverſias, que forma ſempre correſpondentes á qualidade dos repreſentantes; que os ſeus accidentes ſempre ſaõ varios, e incluem couſa, que arrebata com goſto a quem os lê. Pelo contrario Terencio parece, que faz o Theatro languido; porque manifeſtamente ſe vê, que falta á vivacidade da acçaõ, e á contextura do enredo, e accidentes.*

Encontraõ-ſe de quando em quando nas Comedias de Plauto maximas muito importantes

tantes para a direcçaõ, e pureza dos coſtumes. Referirey hum exemplo da ſua famoſa Comedia intitulada *Amphytriaõ*, tirado daquelle lugar, em que Alcmena falla a ſeu marido Amphytriaõ, e eſte em poucos verſos lhe inclue todas as virtudes, que deve ter huma mulher prudente, e de bons coſtumes: diz elle no Acto 2. ſcena 1.

Non ego illam mihi dotem duco eſſe, quæ dos dicitur;
Sed pudicitiam, & pudorem, & ſedatum cupidinem:
Deûm metũ, parentùm amorem, & cognatũ concordiã,
Tibi morigera, atq̃ ut munifica ſim bonis, proſim probis

Porém ſe alguns lugares ha deſtes, que ſejaõ uteis, outros muitos ſe encontraõ neſte Poeta, que ſaõ contrarios á pureza dos coſtumes. He couſa laſtimoſa, que caya eſte vicio geralmente ſobre os melhores Poetas do Gentiliſmo. Por eſte reſpeito deveriamos lembrarnos ſempre do conſelho de Quintiliano liv. 1. cap. 8. que diz, fallando das Poeſias nocivas: *Amoveantur, ſi fieri poteſt; ſi minus, certè ad firmius ætatis robur reſerventur.......cùm mores in tuto fuerint.*

Terencio foy igualmente hum Comico, a quem deve muito o theatro. Delle naõ ha mais, que ſeis Comedias, que ſe repreſentaraõ em Roma com grande applauſo, principalmente a intitulada *Eunucho*, porque ſe repreſentou duas vezes em hum dia, huma de manhã, outra de tarde; couſa, que talvez naõ havia ſuccedido até aquelle tempo. Corria

ria a voz, que Lelio, e Scipiaõ o ajudavaõ a compôr as ſuas Comedias, e augmentou-ſe mais eſta ſuſpeita, vendo-ſe, que Terencio, querendo-ſe defender della no Prologo dos *Adelfos*, o fizera muito mal, e com razões muy frivolas; talvez por agradar a ſeus dous amigos, que goſtariaõ deſta ſuſpeita. Suetonio na vida de Terencio, de que ſe entende he Author, diz, que ainda no ſeu tempo havia eſta opiniaõ. Valgio Poeta contemporaneo de Horacio, fallando deſtas Comedias, diz poſitivamente:

Hæ, quæ vocantur fabulæ, cujus ſunt?
Non has, qui jura populis recenſens dabat,
Honore ſummo affectus fecit fabulas?

Ainda creſceo mais eſta opiniaõ, vendo-ſe, que Terencio, naõ tendo mais que trinta e cinco annos, naõ paſſara a compôr mais Comedias, que as ſeis, e que ſahira de Roma, naõ havendo delle mais noticia certa. Alguns dizem, que morrera vindo da Grecia, onde tinha traduzido cento e oito Comedias de Menandro; outros, que fallecera em Arcadia de paixaõ, por ter perdido eſtas Comedias, que traduzira. Cicero em huma Obra Poetica, que fez intitulada *Leimon*, fallou de Terencio deſte modo:

Tu quoque, qui ſolus lecto ſermone, Terenti,
Converſum, expreſſumque Latinâ voce Menandrum

In

In medio populi, ſedatis vocibus effers,
Quidque comè loquens, atque omnia dulcia linquens.

Eſtes verſos ſaõ hum grande teſtimunho, que honra muito a Terencio; aſſim elles honraſſem tanto a ſeu Author, ſendo mais elegantes. Igualmente de Auguſto nos ficou outro teſtimunho ſobre o merecimento de Terencio, e entendo, que he mais bem fundado o juizo:

Tu quoque, tu in ſummis, ò dimidiate Menander,
Poneris, & meritò, juſti ſermonis amator.
Lenibus atque utinam ſcriptis adjuncta foret vis
Comica, ut æquato virtus polleret honore
Cum Græcis, neque in hac deſpectus parte jaceres!
Unum hoc maceror, & doleo tibi deeſſe, Terenti.

O ſummo merecimento de Terencio conſiſte na arte, em que naõ he facil ſer imitado; em pintar os coſtumes, e imitar a natureza com tanta ſimplicidade natural, e deſaffectada, que cada hum entenderá, que póde eſcrever da meſma maneira; mas no meſmo tempo he taõ elegante, e engenhoſo, que naõ ſe póde imitar. Por eſta arte maravilhoſa, com que formou as ſuas Comedias, em que tanto recreya, e arrebata os animos, ſem que a faça moſtrar, he que Horacio o defini o, dizendo na *Epiſt.* 1. liv. 2.

Vincere Cæcilium gravitate Terentius arte
Dicitur.

A eſ-

A eſtas qualidades unio Terencio a pureza, com que fallou a ſua lingua, e huma tal graça, e delicadeza em eſtylo natural, e ſimples, que entre todos os Authores Latinos foy o que mais ſe encoſtou ao Atticiſmo; iſto he, a tudo o que os Gregos tinhaõ por mais fino, e perfeito; razaõ, porque Quintiliano diſſe: *Terentii ſcripta ſunt in hoc genere elegantiſſima.*

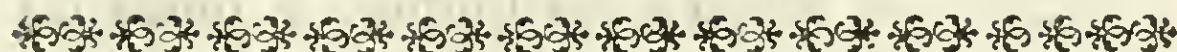
Affranio floreceo já na ſegunda idade da Poeſia Latina: deo-ſe á compoſiçaõ Comica, e ſahio excellente, principalmente nas Comedias *Togatas*, e *Atellanas.* Parece, que Horacio o compára a Menandro, quando diſſe:

Dicitur Affrani toga conveniſſe Menandro.

Foy contemporaneo de Terencio; mas depois da ſua morte he que principiou a ſer eſtimado; e o meſmo Affranio o tinha em tanta veneraçaõ, que naõ conſentia, que houveſſe quem o pertendeſſe igualar; como ſe lê nos ſeus fragmentos:

Terentio non ſimilem dices quempiam.

CA-



CAPITULO XXVI.

Da Poesia Mimica : *seu fim , e materia , &c.*

POr satisfazermos ao costume de muitos Authores, que escreveraõ da Poetica, diremos aqui alguma cousa da Arte Mimica; se bem que outros naõ menos graves a passaraõ em silencio, attendendo talvez a que foy prejudicial aos costumes , como lemos em infinitos lugares de muitos Santos Padres , e Doutores da Igreja Catholica. Por este motivo seremos muy breves neste Capitulo, restringindo-nos unicamente ao que bastar, para dar noticia de huma Arte antiga , que nasceo da Comedia, e naõ nos esqueceremos de fallar nos seus prejuizos.

Antigamente tudo o que era representaçaõ, se fazia na Comedia, cantando nella assim os chamados *Pantomimos*, como os *Pythaules*, e *Choraules*; porém como nem todos eraõ insignes, e os excediaõ os representantes de Comedias, assim pela arte, como pelo officio , entraraõ a disputar a sua primazia , e excellencia no theatro para enganar a alguns. Daqui nasceo , que naõ querendo os Comicos ceder aos Mimicos na sua arte, se separaraõ huns dos outros , como diz o *Fragmento* de Suetonio allegado por Diomedes, liv. 3. cap.

cap. *De variis Poematum generibus*. O fim desta Poesia (que tal se deve chamar, porque tambem consistia na imitação) era instruir, e deleitar, como outra qualquer especie da Poetica. Instruîa, porque com ditos muy picantes, a que chamavaõ *Dicteria*, fazia mófa dos homens perversos, ainda que fossem dos principaes; e deleitava, porque com o riso venal dos representantes, e dicterios ridiculos, e satyricos alegrava o povo, que sempre gosta de ouvir censurar aos superiores.

Este deleite, que naõ era em si bom, ainda se estragou mais; porque usavaõ aquelles representantes de palavras, e géstos obscenos; o que deu occasiaõ a que os Santos Padres condemnassem taõ fortemente este divertimento, e os Authores Poeticos definissem esta Arte como cousa indecente, e nociva aos costumes. Diomedes liv. 3. *apud Bulengerum de Theat*. liv. 1. cap. 41. define-a deste modo: *Mimus effictor, qui vel intrâ, vel extrâ scenam gesticulationes exercet, imitaturque dicta, factaque, moresque hominum, & naturas cum lasciviâ*: e em outra parte escreve assim: *Mimus est sermonis cujuslibet, motùsque sine reverentiâ, vel factorum turpium cum lasciviâ imitatio*. Mazoni na sua *Poetica*, liv. 2. cap. 26. provando, que a Poesia Mimica tivera origem na *Fallica*, diz com Minuzio *in Octavio*, que *Mimus vel exponit adulteria, vel monstrat*. Tertulliano *in Apologet*. lhes chama: *Ingenia ad lasciviam nata*; e mais abaixo, diz: *Argumen-*

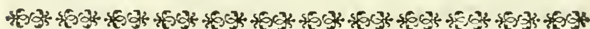
ta

ta maiori ex parte ſtuprorum continent actus. Do que temos dito ſe ſegue, que a materia da Poeſia Mimica eraõ couſas, e peſſoas vîs, dicterios ridiculos, mordazes, obſcenos, e ás vezes ſentenças uteis á vida humana, quando ſatyriſavaõ os vicios; porém eraõ rariſſimos os que uſavaõ dellas; porque o commum era ou com palavras, ou com géſtos, e acçóes tratarem de couſas laſcivas, como temos dito: por iſſo os póvos bem regulados, como os Maſſilienſes, os naõ quizeraõ admittir, como diz Cicero na Oraçaõ *pro L. Flacco*, e Valerio Maximo, liv. 11. cap. 6. chamando á Cidade deſtes póvos: *Civitas ſeveritatis cuſtos acerrima, nullum aditum in ſcenam Mimis dando.*

A differença, que havia entre os Mimos, e Pantomimos era, que os Mimos naõ ſó repreſentavaõ a fabula com os géſtos, mas tambem com a voz, tendo ſeu repreſentante, que vinha ao principio fazer como hum prologo, para inſtruir ao auditorio na fabula, a qual ſempre era compoſta de modo, que foſſe apta para os movimentos do corpo. Iſidor. *in Origin.* liv. 18. confirma eſta doutrina, dizendo: *Mimi ſunt dicti Græcâ appellatione, quòd rerum humanarum ſint imitatores: nam habebant ſuum actorem, qui, antequam Mimum agerent, fabulam pronunciaret. Nam fabulæ ità componebantur à Poetis, ut aptiſſimæ eſſent motui corporis.*

Os Pantomimos (naõ fallo dos primeiros) eraõ

eraõ os que fóra da Tragedia, ou Comedia vinhaõ á Orchesta, e sem usarem de palavra alguma, mas só dos géstos do corpo, e principalmente das acções das mãos, representavaõ huma Fabula, que naõ só comprehendia cousas, e pessoas vîs, como faziaõ os Mimos, mas muitas vezes constava de acções de Deoses, Heroes, e Capitães illustres; por isso a voz Grega *Pantomimos* val o mesmo, que *Omnium imitator*. Veja-se o que diz Cassiodoro no liv. 1. *Var. Epistol. XX.* escrevendo a Albino, e a Albieno sobre a Arte dos Pantomimos: *Hanc partem musicæ disciplinæ mutam nominavère Maiores: scilicet quæ, ore clauso, manibus loquitur, & quibusdam gesticulationibus facit intelligi, quòd vix narrante linguâ, aut scripturæ textu possit agnosci.*



CAPITULO XXVII.

Juizo sobre os antigos Poetas Mimicos.

OS primeiros, de que temos noticia, que usassem desta Arte entre os Romanos, foraõ hum tal chamado *Esopo*, e *Q. Roscio*, dos quaes faz mençaõ Cicero em muitos lugares, louvando-lhes a habilidade. Depois delles seguio-se

Laberio Cavalheiro Romano, que se fez admiravel nesta especie de representaçaõ. As pessoas

pessoas bem nascidas naõ perdiaõ a sua nobreza compondo Obras theatraes; porém se as representavaõ, naõ o podiaõ fazer sem deshonra. Para desprezar esta opiniaõ, que o tempo tinha approvado, mandou Julio Cesar a Laberio, que elle mesmo representasse no theatro huma das suas Obras. Recusou o Poeta; mas em fim cedendo ao poder, veyo a obedecer, e subindo ao theatro, desafogou a sua dor por hum modo taõ pathetico, e ao mesmo tempo respeitoso, que diz Rolin, a quem copiamos, que naõ nos deixou a antiguidade cousa mais bella no seu genero; e o curioso a poderá ler traduzida no tomo 1. do Tratado dos Estudos do mesmo Author, sendo da 2. ediçaõ. Pelo discurso da Comedia quiz vingarse Laberio de Cesar do modo, que podia, e usou contra elle de algumas expressões, sentenças, idéas taõ engenhosas, como satyricas. Introduzio a hum servo maltratado de seu Senhor, o qual exclamando sahia dizendo: *Porrò, Quirites, libertatem perdimus*, e logo accrescenta: *Necesse est multos timeat, quem multi timent.* O que tudo engenhosamente alludia á violencia de Cesar, como logo conheceo o povo, olhando para elle.

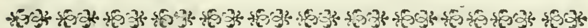
Seguio-se *Publio Siro* a Laberio, e foy igualmente excellente na Poesia Mimica, e no modo mais comedido de a ordenar. Se crermos a Julio Cesar, diremos, que excedeo a Laberio. Da mesma opiniaõ he Aulo Gellio liv. 17. cap. 14. dizendo: *Publius Mimos*

mos scriptitavit; *dignusque habitus est*, *qui suprà Laberio judicaretur*. Porém pode-se entender, que a preferencia, que Cesar deu a Siro, naõ procedeo senaõ do desejo de mortificar a Laberio; porque tinha dito contra elle algumas palavras injuriosas na Comedia, que violentamente lhe mandou representar, como acima dissemos. De Siro temos huma Obra, que comprehende admiraveis sentenças feitas em versos Jambos ordenados por modo alfabetico. De Seneca o velho temos tambem a noticia sobre a opiniaõ de Cassio Severo, que preferia as sentenças de Siro ás de todos os mais Poetas assim Tragicos, como Comicos. Seneca o moço igualmente considera a este Poeta como hum elegante exemplar digno de ser imitado. O certo he, que naõ se póde duvidar, que as sentenças de Siro saõ obra, que inclue muita fórma em pouca materia. Leasse a Traducçaõ dellas feita em Francez, que andaõ juntas com o Poema de Cornelio Severo intitulado *Ethna*.

Depois de Siro floreceraõ *Philistio Niceno*, Poeta tambem de grande merecimento, por naõ ser obsceno, como diz Cassiodoro liv. 4. Epistol. ultima. *Lentulo*, que viveo no tempo de Domiciano, homem de máos costumes, e de igual doutrina, de quem fazem mençaõ Marcial, e Juvenal. *Cneo Matio*, de quem diz Aulo Gelio: *Hominem impensè doctum*, e em outro lugar: *Virum eruditum*. *M. Marullo*, que viveo no tempo de Marco Antonino

Filo-

Filosofo, e delle faz memoria Julio Capitolino. *L. Acilio*, chamado o *Archimimo* pela sua excellencia, segundo consta de huma inscripçaõ, que traz Gruttèro na sua *Collecçaõ* pag. 330. num. 2. Houve outros muitos Poetas Mimicos, porém de nome escuro, por serem dissolutos, e prejudiciaes aos costumes nas suas representações; do que fugiraõ em muita parte quasi todos os que entraõ neste juizo; razaõ porque naõ se esqueceo a antiguidade de honrar com muitos elogios a sua memoria.



CAPITULO XXVIII.

Da Tragicomedia: *mostra-se como he Poesia monstruosa.*

TEmos lido diversos Authores, que porfiadamente pertendem mostrar, que naõ repugna á Poetica a Poesia *Tragicomica*. Os mais fortes nesta opiniaõ he Bonciario no seu Dialogo *de Ludric. Poesi* liv. 2. cap. 14. e 15., e Joaõ Savio na Apologia ao *Pastor Fido* liv. 1. pag. 67. em que diz: *Per i casi nel governo Monarchico s' è trovata la Tragedia*; *e nel Democratico la Comedia*; *per l' Aristocrasia non si potrà inventar la Tragicomedia*? Este Author naõ distingue a proposito; por quanto as pessoas de alta esféra saõ só para a Tragedia; as que naõ

saõ deste predicamento, saõ para a Comedia, e naõ para a Tragicomedia, e os que saõ da condiçaõ mais inferior da Republica, isto he, Paizanos, Pastores, &c. constituem a Satyra. Esta he a doutrina corrente, que tambem ignorou o Calepino, quando disse V. *Comœdia*: *In Comœdia si Deorum, aut Principum personas contingat admisceri, eæ non propriè Comœdiæ, sed Tragicomœdiæ appellantur.* Persuado-me, que quem o moveo a dizer este absurdo foy Plauto, porque intitulou *Tragicomedia* ao seu *Amphytriaõ*, como se lê no Prologo: mas naõ soube, que este Poeta usou de tal titulo para fazer rir o povo com o jocoso, e estranho desta voz nova, inventada por elle, como outras muitas; e tanto foy este o seu animo, que depois fallando sério chama áquella representaçaõ Comedia, como verdadeiramente he:

Ipse hanc acturus est Jupiter Comœdiam.....
. . . . . Nunc animum advertite,
Dum hujus argumentum eloquar Comœdiæ, &c.

O certo he, que a *Tragicomedia* he hum monstro na Poesia taõ enorme, e contrafeito, que pódem os Centauros, e as Chimeras parecer huns partos perfeitos da natureza. He hum composto poetico, que formaraõ alguns Authores para desprezo da Poesia, ordenado todo de cousas entre si discordes, inimigas, e incompativeis. Já examinámos as qualidades da Tragedia, e da Comedia, e differindo estas entre si em cinco cousas, como he a *materia*,

teria, as *peſſoas*, a *dicçaõ*, os *affectos*, e o *fim*, como diz Pontano *Poetic.* liv. 2. cap. 20. Veja-ſe como eſtas differenças entre ſi contrarias, e incompativeis ſe poderáõ unir para formar hum ſujeito poetico? Na Tragedia quaſi tudo ſaõ choros, e lamentos, na Comedia tudo alegrias, e gracioſidades, e eu naõ ſey como ſe poſſaõ unir eſtas contrariedades.

Naõ poſſo penetrar como de dous contrarios, e de dous extremos venha a compôrſe hum mixto perfeito, nem darſe hum meyo perfeito, ſendo participante de contrariedade, e extremidade de couſas, v. g. da audacia, e do temor naõ póde reſultar a fortaleza; porque naõ he poſſivel, que de dous vicios naſça a virtude; e ainda que ſe aponte algum exemplo, v. g. que de dous animaes diverſos naſce hum terceiro de outra eſpecie, reſponde-ſe, que eſte exemplo naõ ſerve para o caſo; porque entre a Tragedia, e a Comedia naõ ha ſimpathia, nem analogia alguma, para que a arte poſſa unir comſigo hum terceiro parto poetico; e quando ſe conceda eſte abſurdo, ficará a *Tragicomedia* ſendo hum monſtro da arte; porque ſe fórma contra as regras, que nella ſe preſcreveraõ; do meſmo modo, que os monſtros da natureza ſaõ aquelles, que ſe affaſtaõ da geraçaõ natural, e da ordem, que ella meſma lhe deu.

Doutiſſimamente eſcreveo contra a *Tragicomedia* Fauſtino Summo, reſpondendo a Orlan-

do Pefcetti; e entre muitos argumentos, que faz, diz, que aſſim como hum Principe em huma mefma peſſoa naõ póde ſer realmente Principe, e Cidadaõ particular, aſſim igualmente he impoſſivel, que a Tragedia, ſendo imitadora de Principes, poſſa fazer hum ſó individuo junta com a Comedia, repreſentando eſta a gente particular. Naõ póde ſer, ſegundo a natureza, que na *Tragicomedia* ſe faça, com que as peſſoas Reaes, e plebeas tenhaõ hum meſmo caracter, e lugar; que nella caiba o eſtylo grave, e o humilde; e que a graciofidade de ditos, e factos ſe una com a veneraçaõ das peſſoas, e com a ſeveridade dos coſtumes: por iſſo diz o Filoſofo no *Problema* 7. que *Res contrarias inter ſe idem efficere poſſe abſurdum eſt.*

Adiantemos mais o diſcurſo: Se a *Tragicomedia* val o meſmo, que Tragedia, e Comedia ao meſmo tempo, a que peſſoa ſe ha de referir a acçaõ principal da Fabula? Ha de hum meſmo individuo repreſentar em ſi ao meſmo tempo duas acções contrarias? Quero, que no celebre *Paſtor Fido* poſſaõ Mirtillo, e Amarillis ſer peſſoas Tragicas; porém quaes ſaõ as outras, que devem dar fórma á Comedia? Dizerme-haõ, que ſaõ todas as outras peſſoas de mediocre fortuna, que fallaõ neſta *Tragicomedia*; e eu reſpondo, que iſto naõ baſta; porque em qualquer Tragedia ſe imitaõ ſimilhantes ſujeitos de condiçaõ plebea, e nem por iſſo fica ſendo *Tragicomedia*.

Quan-

Quanto mais, ſe eſte nome *Tragicomedia* ſignifica huma Tragedia Comica, digo, que he hum erro craſſiſſimo ſimilhante compoſto, porque devia dizerſe *Tragedicomica*, como prova fortemente Niſiely, a quem ſeguimos em todo eſte diſcurſo, e nos valemos das ſuas razões, como as mais convincentes. Cada vez naſcem mayores duvidas na conſideraçaõ deſte nome compoſto. Naõ poſſo perceber, porque a huma Tragedia ſe lhe póde chamar *Comica*. Será talvez porque uſa do jocoſo, e ridiculo? Se aſſim he, naõ póde ſer; pois as gracioſidades ſaõ hum accidente taõ pouco conſideravel, que naõ póde mudar, e alterar os titulos, e inſcripções. Será talvez por ſer alegre o fim da Fabula? Tambem eſta defeza naõ he nervoſa; porque entre os antigos Tragicos, como já em ſeu lugar diſſemos, ſe achaõ muitas Fabulas com ſimilhante fim, e nem por iſſo lhes chamaraõ ſeus Authores Tragicomicas. Taes ſaõ o *Filottetes* de Sophocles, o *Oreſtes*, o *Alceſtides*, as duas *Ephigenias*, a *Elena*, a *Danae*, a *Electra*, e outras mais de Euripides.

Como os defenſores deſta Poeſia monſtruoſa ſe achaõ neſta parte convencidos, recorrem a outro principio, como faz Peſcetti, dizendo, que fora inventada a *Tragicomedia* para moderar aſſim o demaſiado, que ha no ridiculo Comico, e no horrivel Tragico, como na locuçaõ, ſendo eſta na Comedia muito humilde, e na Tragedia muito elevada.

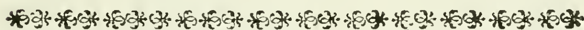
Co-

Como eſtas razões ſaõ frivolas, tornamos a entrar em outro labyrintho, ou para melhor dizer, ficamos no meſmo, em que eſtavamos; porque a Comedia, e Tragedia ſaõ duas eſpecies de Poeſia tanto na theorica, como na pratica completamente perfeitas: e dado caſo, que em alguma dellas ache ſeu Author exceſſiva disformidade, ou no ſério, ou no ridiculo, emende-a quando compoem a Fabula Tragica, ou Comica, e naõ ſe atreva a perverter o todo, que he bom, e imitavel, querendo emendar alguma parte menos perfeita. Que bella harmonia poetica, e que ſuaviſſimo compoſto ſeria, ſegundo eſtes bons Authores, formar hum Poema da Bucolica, e da Eneida, e intitulallo *Buccoleroico*! Seria o meſmo, que veſtir hum Rey com os veſtidos de algum homem da plebe, para elle deſte modo ſe aliviar do pezo da ſeveridade Real.

Do que temos dito, claramente ſe vê, que na Poeſia he a *Tragicomedia*, como na natureza o Hermafrodita, o qual no ſeu nome moſtra logo a perfeiçaõ, com que naſceo. Se eſtas razões naõ forem forçoſas, tenho para mim, que do mel, e do fel ſe póde fazer hum mixto potavel, goſtoſo ao paladar, e que em huma Republica politica ſe pódem congregar os homens, e os animaes, e viver entre ſi com boa harmonia. Poderamos ſer mais extenſos neſte aſſumpto; porém ſobraõ os fundamentos, que apontamos, e talvez baſtaria ſómente dizer, que os antigos, ſendo os Meſ-

tres

tres da Poetica, e os unicos exemplares, que se devem seguir, e venerar, naõ praticaraõ similhante especie de Poesia, considerando, que era monstruosa.



CAPITULO XXIX.

Juizo sobre a Tragicomedia *de Guarini intitulada* Il Pastor Fido.

COmo o estylo, que seguimos no fim de cada especie de Poesia, he fazermos hum juizo dos Authores antigos, que lhe pertencem; e da *Tragicomedia* naõ ha Escritor algum Grego, ou Latino, e só em Italia se fez taõ celebre com similhante composiçaõ Joaõ Baustista Guarini, diremos o que sentimos ingenuamente desta Obra, pelo que lemos em Faustino Summo, Pedro Malacreta, Jason de Noris, o Apatista, e outros Criticos, que a censuraraõ. Esta *Tragicomedia* tem ouvido no mundo literario os mayores elogios, e entendo, que a mayor parte das nações cultas a tem traduzida nos seus idiomas.

Naõ duvido, que por muitas circunstancias se fizesse merecedora deste applauso; porém igualmente tem outras, que devem ser censuradas no tribunal de huma critica sevéra. O que geralmente tem arrebatado os animos, he o estylo desta Obra; e a mim me parece, que

que he a primeira couſa, que naõ deve ſer louvada; porque a fraſe deſte Poeta nem he tragica, nem comica, nem tragicomica, mas toda lyrica; porque he toda cheya de brincos, e perfumes amoroſos; tudo he mel, e aſſucar, tudo cores, e luzes, e tudo, naõ artificios, mas huns esforços artificiaes, buſcados de propoſito, e collocados em lugares, que naõ ſaõ devîdos, e por iſſo contrarios ou ao decoro da Obra, ou ao coſtume das peſſoas, ou ao veroſimil da imitaçaõ. Parecerá em nós talvez demaſiado eſte juizo; porém lea eſta Fabula o Leitor ſabio, e deſapaixonado, que certamente encontrará nella ſer quaſi tudo huma enfiada de Madrigaes amoroſos, unidos ſucceſſivamente huns aos outros. Veja-ſe o Acto 4. ſcena 5., em que falla Nicandro todo cheyo de dor: o Acto 5. ſcena 2., em que diſcorre Tirenio igualmente penetrado de hum vivo ſentimento: o Acto 4. ſcena 9., em que falla Dorinda ferida: e o Acto 3. ſcena 3., em que diſcorre Mirtillo amoroſamente apaixonado da ira, e deſeſperaçaõ: o meſmo ſe lê no Acto 1. ſcena 2., e em outros muitos lugares; motivo porque entendo, que Guarini ou naõ ſoube, ou deſprezou na ſua *Tragicomedia* eſte dogma poetico, que eſcreve Falereo a pag. 149., e que tanto ſe deve obſervar: *Risûs artes, & lepòrum in Satyra, & Comœdiis: in Tragædiâ autem veneres quidem recipit in multis: risûs autem inimicus Tragædiæ: neque enim cogitaret aliquis Tragædiam luden-*

ludentem; quia Satyram ſcriberet pro Tragædia.

Em quanto aos coſtumes naõ falta, que cenſurar neſta Obra, e aſſenta logo o primeiro reparo na peſſoa de Linco, Ayo de Silvio. Muito mal ſatisfez eſte ao ſeu officio; porque obriga a Silvio a que ſe retire de praticar o nobre, e honeſto coſtume da caça, para ſe entregar aos appetites do amor: e he para advertir, que eſte velho perſuadia tanto ſimilhante conſelho, que obrigou a Silvio a dizerlhe com mais juizo no Acto 1. ſcena 1.

A te dunque commeſſa
Fù la mia verde età, perchè d'amori,
E di penſieri effeminati, e molli
Tu l'aveſſi a nudrir? . . . . .

Eu bem ſey, como diz Joaõ Savio na ſua *Apolog.* part. 3. pag. 208. que Linco perſuadia tanto a Silvio a paixaõ amoroſa, a fim de que amaſſe a Amarillis ſua mulher, de cujo matrimonio havia naſcer a felicidade de Arcadia; porém igualmente ſey, que Linco ſempre diſcorre demaſiadamente impudico com hum mancebo, de quem era Ayo, e com muito eſcandalo para o auditorio, podendo aliás com razões mais honeſtas perſuadir o ſeu intento. Bem podia o pay de Silvio irarſe contra Linco, do meſmo modo, que fez outro pay com o Meſtre de hum ſeu filho na Fabula de Plataõ intitulada: *O enganador de hum moço*, como ſe lê em Ateneo liv. 3.

Ado-

Adoleſcentulum tibi traditum meum perdidiſti
Scelleſte, eique perſuaſiſti, vitam ut ageret
Ab ingenio ſuo alienam; matutinis compotationibus
Tuo nunc conſilio indulget, non aſſuetus antea.

Daqui ſe ſegue tambem, que em quanto ao coſtume fora muito imprudente o pay de Silvio, em entregar ſeu filho á educaçaõ de hum velho taõ louco, e deshoneſto, que diz no Acto 1. ſcena 1.

Non è pena maggiore,
Che in vecchie membra il pizicor d' amore.

E no Acto 5. ſcena 7. fallando de Dorinda ferida, diſcorre ſobre os effeitos do amor taõ loucamente, que eſcandaliza ouvir hum velho proferir ſimilhantes conceitos. Deſtes peccados he reo o Poeta; porque naõ quiz imitar a Homero, que decoroſamente pinta a Neſtor Conſelheiro de Agammenon, e a Fenix Ayo de Achilles; a Arioſto, que repreſenta como deve ſer a Sobrino, Conſelheiro de Agramante; a Taſſo, que naturalmente deſcreve os coſtumes de hum prudente na peſſoa de Pedro Eremita condutor de Gofredo; e a Virgilio, que com todo o decoro pinta em Achates hum fiel companheiro de Eneas.

Porém eſtas culpas de Guarini na pintura dos coſtumes de Linco ſaõ veniaes, comparadas com as que commetteo, repreſentando o caracter de Ergaſto, o qual como Miniſtro de Diana eſtava obrigado a cuidar ſó

em cousas proprias do lugar sagrado, que lhe fora entregue. Tanto o faz este pelo contrario, que similhante a hum Servo de huma Thais, entra a ser mediator de fins deshonestos com evidente perigo da ruina de Arcadia, procurando com o precipicio de dous amantes, que se commettesse estupro, e adulterio entre Mirtillo, e Amarillis. Se se disser, que o fizera com boa intençaõ, he huma reposta bem convincente, e bem provada. O que della se tira he, que o Poeta naõ soube, que o decoro he aquella decencia ou nas palavras, ou nas obras accommodada ás cousas, ás pessoas, e aos lugares.

Esta regra, que nem em Linco, nem em Ergasto se observa, ainda em Dorinda se vê mais desprezada. Representa-nos Guarini a esta nobre Donzella taõ pouco honesta, que naõ se envergonha publicamente na presença de Linco, e de hum servo de fallar de paixões amorosas, de se vestir com vestidos desconhecidos, e misturarse com infinito povo em hum espectaculo publico, e finalmente de pedir osculos a Silvio, e de offerecerlhes os seus peitos; acções proprias de huma mulher prostituta. Infinitos exemplos tinha o Poeta para ser decoroso; e se lesse a Euripides na sua *Elena* acharia v. 108. que diz:

Non est honestum virginibus progredi in conventum hominum.

E no seu *Hercules Alceo* v. 1052. diz:

Puella

Puella quomodò versans inter juvenes illibata erit?

O mesmo Poeta Tragicomico no Acto 2. scena 4. confirma o que dizemos, affirmando, que

. . . . Una fanciulla
Lungamente seguita, vagheggiata
Da si leggiadro amante, e quel ch' è peggio,
Baciata, e ribaciata, e starà salda?
Pazzo è ben chi sel crede, io gia nol credo.

Pois se sabia, que naõ he honesta huma mulher, como elle pinta a Dorinda, para que fim faz esta pintura na sua *Tragicomedia*, pervertendo com ella o costume poetico, que he o mesmo, que o moral? O certo he, que esta especie de Poesia, assim como he monstruosa na sua origem, segundo já dissemos, assim he defeituosa no caracter dos seus principaes sujeitos.

Muito puderamos dizer a respeito de algumas scenas, que introduz demasiadamente affectadas, como v. g. de eccos, respondendo este á voz, como se fossem animados, ou de versos feitos com tal artificio, que huns naõ tem mais palavras do que outros, e parece, que para se dizerem, era preciso, que os representantes tivessem antes fallado entre si, e concordado no que haviaõ de dizer: porém já destes defeitos fallamos largamente no principio desta Arte, tratando do verosimil, e das imagens fantasticas, e intellectuaes, &c.

Naõ

Naõ obſtante eſta critica, devemos confeſſar, que eſte Poeta tem huma locuçaõ perfeitamente culta, e pura, que tem admiraveis ſentenças, ás quaes naõ repugna a natureza, e excellentes imagens poeticas, ſobre huma metrificaçaõ, que facilmente naõ terá igual, pela ſua natural doçura, e igualdade: aſſim todos eſtes excellentes requiſitos ſe empregaſſem em outra Fabula, que naõ foſſe paſtoril, á qual naõ he muito veroſimil a dicçaõ taõ culta, e as ſentenças profundas; porque os que fallaõ, ſempre ſaõ peſſoas do campo, ainda que naquella Corte ruſtica ſejaõ principaes algumas dellas. Menos defeituoſa he neſta parte a *Aminta* de Taſſo, e a *Filli di Sciro* do Conde Bonarelli, ſegundo a opiniaõ dos melhores criticos Italianos.

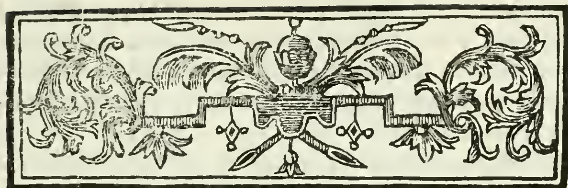
Eſte he o juizo, que com penna ſuccinta ſe deve fazer do *Paſtor Fido*, que tantos aplauſos ouvio no mundo literario, logo que ſahio a publico, pois o traduziraõ tantas naçóes: hoje na melhor parte dellas já ſe extinguiraõ eſtes louvores. Sey, que os Francezes, e Italianos quaſi que abominaõ eſta *Tragicomedia* pelos ſeus infinitos erros, e defeitos, os quaes pediaõ hum largo volume, ſe quizeſſemos cenſurar todos. Entre os Heſpanhoes ainda Guarini eſtá conſervando a meſma antiga reputaçaõ; porque neſta naçaõ ainda naõ eſtá eſtabelecido o bom goſto da verdadeira Poeſia, e as ſuas verdadeiras regras: ſempre com tudo neſte juizo queremos exceptuar al-

guns

guns felices engenhos Hefpanhoes, que já tem aberto os olhos, e deixado de adorar, como outros por teima, a Poefia de todo o feculo paſſado, no qual parece, que fe empenharaõ em deſacreditar eſta Arte divina os melhores Poetas de todas as nações mais cultas.

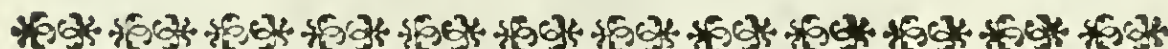


ARTE



ARTE POETICA.

LIVRO III.



CAPITULO I.

Da natureza, e definiçaõ do Poema Epico.



EPOIS de termos diſcorrido da Tragedia, e Comedia com aquella clareza, e bom methodo, que nos foy poſſivel, e termos com eſtas eſpecies da Poeſia feito os fundamentos para a Epopeia, reſta agora levantar o mageſtoſo edificio do *Poema Epico*, explicando com a meſma ordem, que até aqui

aqui temos ſeguido, a ſua natureza, e regras; no que naõ ſeremos muy extenſos, porque em muitos preceitos nos referiremos á Tragedia, de quem grandemente depende a Epopeia.

Rigoroſamente fallando, eſta palavra *Poema* he hum termo geral, que inclue em ſi qualquer genero de Poeſia, principalmente ſendo feita em verſo heroico; iſto he, Hexametro, entre Gregos, e Latinos, e entre os Poetas vulgares ſendo em Hendecaſyllabo, ſem que neceſſite de outra alguma circunſtancia, como affirma Paulo Beni pag, 142. e 483., e o Padre Le Boſſú no ſeu Tratado do *Epoema Epico* liv. 1. cap. 5. Porém na Epopeia conſidera-ſe o Poema diverſamente; porque a Poeſia Epica deriva-ſe da palavra Grega *Epos*, que val o meſmo, que narraçaõ, diſcurſo, ou palavra; e naõ baſta ſó o verſo para ficar Poema Epico, ſegundo a doutrina de todos os antigos, e modernos. Vamos á definiçaõ delle, porque aſſim he que melhor perceberemos a ſua natureza. Voſſio liv. 3. pag. 1. definio a Epopeia, dizendo: *Eſt igitur Poeſis carmine hexametro perſonarum illuſtrium illuſtres actiones illuſtri narrans oratione.* Eſta definiçaõ naõ he taõ clara, como devera ſer; porque tratando da acçaõ, devia dizer, que ſobre illuſtre, deve ſer perfeita, e de juſta grandeza.

No meſmo eſquecimento cahio Antonio Lullo; porque ſó diſſe, que *Epopeia eſt narratio*

ratio continua rerum mirabilium, & novitate illustrium, versu heroico descripta. Ainda esta definiçaõ exprime menos a materia, e fórma do Poema Epico; e o mesmo he tambem a de Ignacio Gracez Ferreira no seu *Commento* a Camões liv. 2. §. 4. Como Aristoteles expressamente o naõ definio, esta he a causa porque variaõ tanto os Authores. Entre tanta diversidade temos nós tambem a occasiaõ de definir a Epopeia, segundo o nosso juizo, recebendo dos Authores o que nos parece mais acertado.

Dizemos pois, que *a Epopeia he a imitaçaõ de huma acçaõ heroica, perfeita, e de justa grandeza, feita em verso heroico por modo mixto, de maneira, que cause huma singular admiraçaõ, e prazer, e ao mesmo tempo excite os animos a amar as virtudes, e as grandes emprezas.* Imitaçaõ Epica he genero commum a todos os Poemas feitos em verso Hexametro, como já dissemos; porém sendo *de huma acçaõ heroica*, fica distinguindo-se dos outros, que imitaõ diversas acções; e esta só he propria daquelles homens, que pelas suas singulares virtudes alcançaraõ o nome de heroes. Esta acçaõ como heroica distingue-se da Tragica, porque a Tragedia só imita huma acçaõ, que seja illustre, a Comedia huma ordinaria, e a Lyrica ainda que algumas vezes imite acções heroicas, com tudo he com outro fim, e em outra casta de verso, como diz o Padre Donato pag. 252., e por esta differença, que

ha, naõ approvamos as definições daquelles, que disseraõ ser a Epopeia a imitaçaõ de huma acçaõ *illustre*.

Dissemos, *perfeita*, *e de justa grandeza*; porque se for imperfeita, naõ será maravilhosa, como deve ser, e se naõ tiver justa grandeza, será difficil a reduzirse, para haver de ser percebida, e tambem poderá ficar monstruosa. Dissemos por *modo mixto*, *e em verso heroico*; porque humas vezes falla o Poeta, e outras introduz pessoas a fallar, fazendo-se deste modo huma narraçaõ dramatica; e nisto se distingue da Tragedia, e Comedia, como já temos dito; porque estas imitaõ por meyo de representaçaõ, e naõ de narraçaõ, devendo o Poeta Tragico, ou Comico occultar sempre a sua pessoa, e introduzir outras a discorrer. O verso heroico he o mais proprio para os assumptos Epicos, porque tem excellente harmonia, e gravidade, e a elle corresponde nas linguas vulgares o Hendecasyllabo, e mais propriamente as Oitavas, segundo o juizo do doutissimo Marquez *Orsi* nas suas Considerações *Sopra la maniera di ben pensare*.

Dissemos finalmente, *que cause huma singular admiraçaõ*, *e prazer*, *e ao mesmo tempo excite os animos a amar as virtudes*, *e as grandes emprezas*; porque a acçaõ, e mais accidentes, que lhe pertencerem, devem estar fóra da regra ordinaria dos successos, e tudo no seu genero deve ser maravilhoso. Igualmente se haõ de excitar os animos a praticar similhantes virtudes,

tudes, e emprender taes facções; porque eſte he o fim da Epopeia, aſſim como o da Tragedia he mover o terror, e compaixaõ, e o da Comedia, a eſperança, e goſto. Aſſim parece, que Virgilio o quiz dar a entender, quando no liv. 12. introduzio a Eneas fallando com ſeu filho Aſcanio, e dizendo-lhe:

Diſce, puer, virtutem ex me, verumque laborem,
Fortunam ex aliis: te nunc mea dextera bello
Defenſum dabit, & magna inter præmia ducet.

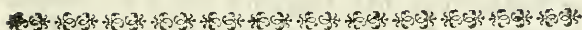
Porém ou para ſatisfazer a curioſidade de huns, ou para nos fazermos mais intelligiveis á curta capacidade de outros, he preciſo dizermos, que couſa ſe entende por acçaõ heroica. Entendemos por ella aquella acçaõ, que ſendo feita por hum homem mortal, parece, que eſtá fóra da poſſibilidade do homem. Ariſtoteles oppoem eſta virtude ao vicio da fereza; porque aſſim como o homem, que naõ tem humanidade, ſe parece com as féras, aſſim o que he dotado da virtude heroica quaſi ſe exime da mortalidade; por iſſo o Filoſofo diſſe, fallando do deshumano: *Non hominem, ſed feram eſſe dicamus*, e tratando do de virtude ſublime: *Eſt autem talis* (virtus) *ſupra hominem, velut heroica quædam, & divina.* O homem per ſi ſó naõ he capaz de ſubir a hum gráo taõ eminente de virtudes; por iſſo os Poetas gentilicos fingiraõ, que tudo quanto obrou Achilles, Eneas, Diomedes, e outros Heroes fora por patrocinio de Pallas, de Venus, de

Marte, e de outras divindades. Nós outros os Catholicos naõ fingimos, mas firmemente cremos, que todas as acções heroicas dependem da ajuda de Deos, de quem procede tudo o que he perfeito; porque a nossa natureza como corrupta sim póde obrar alguma cousa boa, porém naõ tudo, segundo os bons costumes.

Assentado pois, em que deve ser heroica a acçaõ da Epopeia, claramente se vê, que esta naõ ha de ser a expugnaçaõ de hum Castello arruinado, em que viviaõ gralhas, como fez Zipoli no seu *Malmantile racquistato*; nem a conquista de hum balde de páo, como o Poema de Tassoni, intitulado *Secchia rapita*; nem a questaõ entre certos Conegos divididos em parcialidades sobre huma estante do seu coro, como fez Boileau no seu *Lutrin*; nem como a *Troya rapita*, formando-se de huma porca, que se furtou, e outros muitos Poemas deste genero, que se compozeraõ por capricho, e bizarria do engenho; mas sim, como diz Horacio, apontando o verso, que convem á Epopeia:

Res gestæ, regumque, ducumque, & tristia bella,
Quo scribi possent numero, monstravit Homerus.

CA-



CAPITULO II.

Das propriedades, que deve ter a Acçaõ heroica, *para ser materia conveniente ao Poema Epico.*

A Fabula heroica deve ter sete propriedades: deve ser *grande*, *unica*, *de duraçaõ determinada*, *de exito feliz*, *fundada na verdade da historia*, *acompanhada da verdadeira Religiaõ*, *e naõ muito moderna*, *nem demasiadamente antiga*. Nestas se incluem outras, que pelo discurso deste Capitulo hiremos apontando.

Sobre a sua *grandeza*, isto he, sobre ser heroica, já temos dito o que basta, e agora o confirmamos com o exemplo da Fabula da *Lusiada*, que he taõ relevante, que resultou della hum *novo Reino*, *e a introducçaõ da verdadeira Fé*, conseguindo-se tudo, por se exporem os Portuguezes a *mares nunca d'antes navegados*.

A segunda propriedade he ser *unica*, de que tambem já bastantemente tratámos no livro 2. fallando da Tragedia: agora tornaremos a advertir, que para a acçaõ ser unica, naõ basta, que o Heroe da Fabula seja hum só; porque de hum mesmo homem se pódem referir muitas, e diversas acções, como erradamente fez Estacio na sua *Achilleida*, em que trata da mayor parte das acções de Achilles.

Tam-

Tambem naõ basta, que o tempo seja hum só; porque em hum mesmo tempo succedem diversas acções; o que só he proprio para referir a historia; e por esta causa estaõ fóra da classe de Poemas, e de merecerem rigorosamente o titulo de Epopeias, a *Mexicana* de Gabriel Lasso, a *Austria* de Joaõ Rufo, a *Farsalia* de Lucano, a *Hespaña Libertada* de Dona Bernarda Ferreira, a *Araucana* de Ercilla, a *Vida de S. Joseph* de Valdivieso, o Poema *de Bello Punico* de Silio Italico, e outros muitos similhantes a estes, em que seus Authores propriamente fallando escreveraõ huma historia. O que he preciso para a perfeiçaõ da unidade da Fabula he, que a acçaõ seja huma só, e tambem hum só o Heroe principal della; porque seria contra o essencial da belleza, que reduz todas as suas qualidades á unidade, se tivesse duas cabeças a Epopeia, que, como já temos dito, he similhante a hum corpo composto de varios membros de justa proporçaõ, e boa symetria. Esta unidade do Heroe principal naõ exclue, que no Poema haja outras pessoas illustres, que tambem operem para a acçaõ; porque o Heroe Epico naõ ha de ser *solitario*, como pretendem sem fundamento diversos Authores, que entenderaõ os Textos ao pé da letra, sem repararem, que he contra todo o verosimil ser huma Cidade bem defendida, e hum exercito poderoso ser derrotado por hum só homem, sem haver outros, que distinctamente o aju-

dem

dem na ſua acçaõ. Sobre iſto veja-ſe o que diz Taſſo no liv. 2. do ſeu Tratado do *Poema heroico.*

A terceira propriedade he ter *determinada duraçaõ*, para que facilmente ſe poſſa comprehender o ſeu principio, meyo, e fim. Verdade he, que eſta duraçaõ naõ deve ſer taõ breve, como a da Tragedia, que ſe limita ao eſpaço de hum ſó dia, ou quando muito de dous, ſegundo Pontano na ſua *Poetica* liv. 2. cap. 19. Eſta doutrina he muy confórme ás regras naturaes; porque a repreſentaçaõ Dramatica como he continuada, e naõ dá lugar a que ſe poſſa meditar, e recorrer ao que já ſe repreſentou, deve ſer breve para ſe perceber; porém a Epopeia, como ſómente ſe faz para ſer lida, deve ſer mayor, para o Leitor poder parar, revolver o que tem lido, e fazer as reflexões, que quizer. Eſta mayoria naõ ha de ſer tanta, que ſe confunda a memoria, e ſe caya no vicio, que commetteo Arioſto no ſeu *Orlando Furioſo*, e Lope de Vega na ſua *Jeruſalem.* Sobre a determinaçaõ deſte eſpaço de tempo ha muita controverſia nos Authores. Paulo Beni comentando a *Poetica de Ariſtoteles* partic. 31. e 48. diz, que a Epopeia naõ tem tempo certo, e definido, como hum dia, hum anno, hum luſtro, &c. mas que tem ſeu tempo determinado, em que ſe ha de concluir. O meſmo ſegue Vicente Maggio, comentando a meſma *Poetica* do Filoſofo, partic. 126. dizendo:

Actio,

Actio, quam Epici imitantur, temporis ſpatio non urgetur; itaque multorum annorum eſſe poteſt. Porém eſta opiniaõ naõ he a recebida; porque naõ tem fundamento ſólido, em que ſe eſtabelecer; ainda que haja a authoridade de Ariſtoteles, como prova Alexandre Piccolomini, comentando-lhe a ſua *Poetica*. A doutrina mais ſeguida he, que a Fabula Epica naõ exceda o tempo de hum anno, ou dous, aſſim como o da Tragedia, e Comedia, o de hum dia, ou dous; o que ſe confirma com o exemplo de Homero, e Virgilio, ſegundo Viperani *Poetic.* liv. 2. cap. 6., e Minturno *Poetic.* liv. 2. pag. 133. Em Homero naõ corre taõ direita eſta doutrina; porque para a acçaõ da *Iliada* elegeo o tempo de cincoenta dias, e para a da *Odyſſea* o de quaſi dous mezes: em Virgilio ſim; pois a acçaõ do ſeu Poema dura hum anno; porque tanto vay, depois que Eneas navegava á viſta de Sicilia (que he onde tem principio aquella acçaõ no liv. 1. v. 34. *Vix è conſpectu*, &c.) até ao ultimo livro, em que com a morte de Turno dá fim a Fabula. O noſſo Camões até neſta parte imitou a Virgilio; porque pouco mais de anno ſe paſſa, depois que deſcreve a Vaſco da Gama navegando com os Portuguezes, até que tornaraõ para a Patria com as novas da acçaõ, que ſe obrara na India, que deſcobriraõ. Naõ pertendemos com eſtes exemplos dar huma regra fixa, e certa da duraçaõ da Fabula Epica; mas ſómente formar huma conjectura racional;

cional; porque compondo-se o Poema heroico de sujeito indeterminado de quantidade, naõ se lhe póde assinar huma effectiva grandeza. O que se póde dizer he, que todas as acções da Epopeia, além da unidade, devem ser completas, e grandes; por quanto póde haver alguma acçaõ grande, que naõ seja completa, e póde haver alguma completa, que naõ seja grande. O bom Epico poderá aconselharse com a natureza, reflectindo, em que a grandeza acompanhada da proporçaõ causa formosura, e perfeiçaõ á cousa; e segundo for o sujeito poetico, assim deve ser a sua grandeza. Por esta razaõ judiciosamente Claudiano restringio em tres livros o seu Poema *De raptu Proserpinæ*; porque naõ comprehendia mais que o simples roubo de huma mulher. Pelo contrario Virgilio, Homero, Tasso, e outros Epicos abraçando ampla materia, e argumento gravissimo, como de guerra, expugnações, e outras similhantes emprezas, justamente extenderaõ as suas Fabulas em muitos livros; porque sem muito tempo, e sem diversissimos accidentes naõ era verosimil, que pudessem terminar o seu assumpto,

A quarta propriedade da Epopeia he, que seja *de exito feliz*, a fim de poder dispor os animos para a imitaçaõ; e o contrario seria hum improporcionado exemplar, como o que nos deixou Estacio, fazendo sahir os seus Heroes com tanta deshonra da guerra Thebana.

bana. Naõ o ſeguio Camões, porque o exito do ſeu Poema he a entrada de Vaſco da Gama, e ſeus companheiros pela barra de Lisboa, trazendo a alegre noticia de deixar deſcoberto hum novo Imperio ao Reino de Portugal.

A quinta propriedade he, que a acçaõ ſeja *fundada na verdade da Hiſtoria*; iſto he, que o Heroe ſeja verdadeiro, e que viveſſe em algum tempo; porque ſervindo a Epopeia de excitar os animos ao amor da virtude, claro eſtá, que naõ ſe póde conſeguir bem eſte fim, propondo como exemplar de virtudes a hum Heroe, que nunca houve, e deſcrevendo acções, que já mais ſuccederaõ. Neſte erro cahiraõ o Bocaccio na ſua *Theſeide*, o Alamanni na ſua *Avarchide*, o Pulci no ſeu *Morgante*, Bernardo Taſſo no ſeu *Amadige*, e no *Floridante*, e os dous Orlandiſtas Boiardo, e Arioſto; vicio, de que proteſtou fugir o noſſo Camões, como lemos claramente na Eſtanc. 11. do liv. 1. invocando ao ſeu Mecenas.

A ſexta propriedade he, que a acçaõ *ſeja acompanhada com a verdadeira religiaõ*; porque, como o Heroe neceſſita de huma particular ajuda de Deos, para conſeguir o fim da ſua grande acçaõ, deve perfeitamente obſervar a piedade, religiaõ, juſtiça, e todas as demais virtudes; e por eſte fundamento naõ deve a acçaõ Epica ter principio em alguma couſa indigna, como v.g. roubo, ou guerra in-

injuſta contra os pays, &c. Naõ obſervou eſta propriedade Gabriel Pereira de Caſtro na ſua *Ulyſſea*, como fez Camões; porque ſendo Poeta Catholico tomou por ſeu Heroe a Ulyſſes, que foy hum Gentio; e por eſta razaõ naõ he injuſta a critica, que ſe faz neſta parte ao ſeu Poema.

A ultima propriedade da Epopeia he, *que naõ ſeja muito moderna, nem demaſiadamente antiga*, e o fundamento he muy natural; porque para ſe formar, como deve ſer, o maravilhoſo da Fabula, devem-ſe attribuir ao Heroe principal muitos fingimentos ſobrenaturaes; e ſe a acçaõ he muito moderna, naõ ha lugar para ficções; pois a freſca memoria dos ſucceſſos as eſtá contradizendo; e ſe he demaſiadamente antiga, facilmente ſe commetteráõ nella graves abſurdos, introduzindo-ſe a pezar do veroſimil muitos coſtumes differentes, e repugnantes aos noſſos; iſto he, aos que ſe praticaõ no tempo do Poeta. No primeiro defeito, ſegundo Garcez Ferreira, incorreo Camões; porque tomou por aſſumpto huma acçaõ, que ſuccedera cincoenta annos, antes que elle a principiaſſe a deſcrever: e no ſegundo vicio cahio Gabriel Pereira, e Miguel da Silveira, eſte eſcolhendo para a acçaõ do ſeu Poema a reſtauraçaõ do Templo de Jeruſalem por Judas Macabeo, e aquelle a edificaçaõ de Lisboa por Ulyſſes; o que tudo he de tanta antiguidade, como ſabe qualquer. E por eſta razaõ deve o Poeta buſ-

car

car para a ſua acçaõ huma tal antiguidade, qual enſina, entre outro mu tos Authores, o Padre Donato, dizendo na ſua *Poetica* pag. 259. *Sit ergo media quædam ratio antiquitatis, cui liceat multa affingere, neque à noſtris aliena.*



CAPITULO XXIII.

Da Fabula Epica, *e ſuas propriedades; trata-ſe tambem das do* Heroe.

POr ſatisfazer ao noſſo eſcrupulo, he que formamos eſte Capîtulo, porque tratando da Tragedia, já largamente eſcrevemos das propriedades da ſua Fabula, que ſaõ as meſmas, que pertencem á da Epopeia; como *implexaõ*, *veroſimilhança*, *integridade*, *grandeza*, *unidade*, *epiſodio*, *e admirabilidade*. Já tratámos tambem dos *coſtumes*, da *ſentença*, e da *dicçaõ*, que igualmente he a fórma do Poema heroico. Agora diremos alguma couſa, que nos for occorrendo, ſobre o em que convém, e deſconvem a Epopeia com a Tragedia, e a reſpeito do uſo, que ſe deve praticar neſtas duas eſpecies da Poeſia.

He certo, que a Fabula Epica convém com a Tragica nas partes da qualidade, como diſſemos; mas com tudo differe em naõ ter como a Tragedia *Apparato*, *e melodîa*; de modo, que diz Ariſtoteles no Cap. 5. da ſua Poeti-

Poetica: *Quæ enim ſunt in Epico, etiam ſunt in Tragædia. Quæ verò hæc habet, ea non omnia in Epico inſunt.* Differe mais, em que a acçaõ tragica ſim póde ſer *admiravel*, porém naõ *quaſi incrivel* ao juizo dos ſabios, como na Epopeia; e a razaõ he, porque neſta narra-ſe, e naquella repreſenta-ſe; e por iſſo como he couſa, que ſe vê, naõ ſe póde repreſentar o que parece incrivel. Eſta admirabilidade deve ſer de modo, que naõ ha de conſiſtir em ſe aggregarem muitas acções, que excedaõ as forças humanas; mas ſim em formar a acçaõ principal com hum tal contexto de couſas engenhoſas, e inſperadas, que venhaõ a fazer o maravilhoſo; como fizeraõ os antigos Poetas gentios, introduzindo na Fabula as ſuas falſas divindades, e os Catholicos a Deos, aos Anjos, Santos, virtudes ſobrenaturaes, &c. Em quanto á *Sentença*, tambem a Epopeia naõ pede tanto uſo della, como a Tragedia; porque naõ he taõ propria do que ſe narra, como do que ſe repreſenta. Convém porém huma, e outra eſpecie de Poeſia na *Dicçaõ*, na *Oraçaõ morata*, no *Verſo ſublime*, nos *Affectos*, (ainda que os patheticos pertençaõ mais á Tragedia) na *Agniçaõ*, na *Peripeſia*, e em outras muitas couſas, que já temos diverſas vezes apontado pelo diſcurſo deſte livro. Convém igualmente nos *Epiſodios*, ainda que os Epicos devem ſer mayores, que os Tragicos, ou Comicos; porque eſtes como repreſentados tem huma determinada,

nada, e breve duraçaõ, para que a Fabula naõ exceda o ſeu tempo prefixo, e ſe faça inveroſimil; o que naõ ſuccede na Epopeia, por naõ eſtar ſujeita a regras taõ eſtreitas, ſendo narraçaõ, e naõ repreſentaçaõ.

Dadas eſtas doutrinas, paſſaremos a tratar das propriedades do Heroe. Deve o Poeta Epico formar os coſtumes do ſeu Heroe todos raros, ſublimes, e admiraveis, quanto veroſimilmente puder ſer. Ha de ſer ornado de huma bondade naõ ſó poetica, mas tambem moral; porque de outro modo ficará ſendo hum exemplar indigno de ſe imitar. Seraõ virtudes muy proprias delle a humanidade, a prudencia, a generoſidade, a força, e ſobre tudo o valor na guerra; motivo porque todos os aſſumptos das Epopeias perfeitas ſaõ de guerras, e todos os ſeus Heroes militares, e guerreiros. Naõ ſó ao Heroe principal, mas ainda aos outros ſecundarios, deve formar o Poeta, ſegundo o decoro militar. Ariſtoteles na *Ethica* liv. 4. cap. 8. tratando de hum Heroe, diz aſſim: *Magnanimus neque ſeſe offert ad caſus parvulorum periculorum, neque periculi adeundi cupidus eſt: quoniam pauca ſunt quæ magnifacit. Magnis autem periculis ſeſe objicit, & cùm in diſcrimine verſatur, vitæ non parcit; perinde quaſi planè indignum ſit, eum in vitâ manere.* Taſſo foy hum bom obſervador deſta regra, como ſe lê no Canto 20. Eſtanc. 59. tratando de Rinaldo, e no Canto 18. Eſtanc. 72. fallando do meſmo Capitaõ, além de

de outros muitos lugares, em que pinta vivamente no ſeu Gofredo a imagem de hum perfeito Heroe. Camões algumas vezes ſe deſcuidou, como diremos em outro lugar; e o meſmo defeito padece a Eneida em diverſas partes, humas vezes fazendo a Eneas medroſo, outras a Pirro cruel, e outras a Turno puſillanime, como largamente prova o Apatiſta nos ſeus *Proginaſmas*. Mas quem ſobre todos obſervou bem pouco o caracter dos Heroes, foy Arioſto, como he ſabido, e baſtará a barbara, e iniqua acçaõ, que no Canto 5., e 6. finge em Ariodante de querer matar a ſeu irmaõ, para ſatisfazer á ſua paixaõ amoroſa; o que juſtamente condemnou a Cruſca no ſegundo *Infarinato* pag. 286.

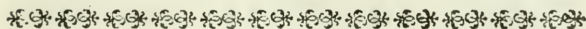
Eſtes coſtumes do Heroe, ou eſte caracter, que val o meſmo, que huma couſa propria eſpecialmente de huma peſſoa, e naõ de outra, tambem tem a ſua unidade como a Fabula, ſegundo a doutrina do Padre Le Boſſu no ſeu Tratado do *Poema Epico*, liv. 4. cap. 12. e 14. Certamente he couſa veroſimil, e muy confórme á razaõ, que o Heroe moſtre em todas as occaſiões, que he o meſmo, e que he elle ſempre o que obra as acções de mayor importancia. Deve moſtrar em todos os accidentes ſuſtentado em gráo ſublime aquelle compoſto de virtudes, e qualidades, que nelle pinta o Poeta; ſem que obſte conſtar talvez o contrario pela hiſtoria; porque a Epica, que ſerve para a imitaçaõ, e para moſ-

moſtrar o maravilhoſo, naõ attende para o que foy realmente, mas para o que veroſimilmente devia ſer; e por eſte motivo he, que entendo preferio Ariſtoteles a Poeſia á Hiſtoria: e com effeito nos Annaes Gregos, e Romanos naõ deſcobriremos algum Heroe taõ perfeito, como qualquer dos que finge a Poeſia. v. g. Alexandre Magno foy hum admiravel guerreiro, mas tambem hum igual temerario. Annibal teve hum ſingular esforço, mas tambem teve hum animo infiel, e enganador. Julio Ceſar a ninguem cedeo nas armas, mas pegou nellas contra a Patria, ambicioſo de ſer nella o primeiro.

Ultimamente dizemos, que entre o tal compoſto de muitas virtudes, que devem ornar ao Heroe, ſempre ha de ſobreſahir huma de tal modo, que reine em todo o Poema, e ſeja como a alma de todas as acçoẽs, que fizer o meſmo Heroe. A primeira qualidade, v. g. em Eneas he a bondade, em Vaſco da Gama o animo intrepido, em Achilles a colera, em Ulyſſes a diſſimulaçaõ, e em Gofredo a piedade; e cada huma deſtas qualidades, e virtudes he propriamente o caracter, porque he a que diſtingue aquella peſſoa de todas as mais, que tambem devem ter diverſos coſtumes, ou ſejaõ vicioſos, ou virtuoſos, ainda que nelles ſim ſe deve cançar muito o Poeta, mas naõ tanto como nos do Heroe principal; á maneira do Pintor, que em hum quadro de muitas figuras a todas pinta diverſamente, mas

ſem-

ſempre a principal he a que lhe leva todo o cuidado, e eſtudo. Algumas peſſoas ha no Poema, que naõ importa repreſentarlhes vivamente o ſeu caracter; ha outras, que ſó ſervem de numero, e naõ he preciſo pintarlhes algum coſtume; á imitaçaõ do meſmo pintor, que ſó fórma de corpo inteiro a figura principal do ſeu quadro, e deixa a outras ou de meyo corpo, ou pintadas tanto ao longe, que naõ ſe lhe diſtingue a figuraçaõ dos ſeus membros.



CAPITULO IV.

Das Machinas, ou Deidades.

JA igualmente diſſemos, tratando da Tragedia, que as machinas foraõ nella introduzidas, para por meyo de alguma divindade dar o Poeta ſoluçaõ ás couſas, que natural, e humanamente ſe naõ poderiaõ reſolver. Tambem diſſemos, que eſta liberdade, que tem a Tragedia, he ſó em caſo de huma grande neceſſidade, como diſſe Horacio na ſua *Poetica*:

Nec Deus interſit, niſi dignus vindice nodus, &c.

Agora diremos, que na Epopeia naõ he taõ eſtreita eſta regra, e limitaçaõ; mas antes, que muitas vezes o ſeu mayor adorno he ſer-

virſe deſtas machinas, ou deidades; porque póde com toda a liberdade buſcar nos dilatados eſpaços da fantaſia as allegorias, que lhe forem convenientes. Confirma-ſe eſta doutrina com huma authoridade de Petronio, quando diſſe: *Per ambages, Deorumque miniſteria, & fabuloſum ſententiarum tormentum præcipitandus eſt liber ſpiritus, ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quàm religioſæ orationis ſub teſtibus fides.* Entraõ eſtas divindades na Epica, ou obrando nella viſivelmente, como na Eneada Juno, Venus, &c. ou inviſivelmente com inſpirações, como no meſmo Poema ſe vê em Juno dando animo a Turno: *Juno vires, animumque miniſtrat*; em Venus inſpirando a ſeu filho Eneas, que eſcalaſſe os muros da Cidade dos Latinos: *Hic mentem Æneæ Genitrix pulcherrima miſit, iret ut ad muros, &c.*, e em Jupiter inflãmando a Meſencio a entrar na batalha contra Eneas: *At Jovis interea monitis Meſentius ardens, ſuccedit pugnæ, &c.*

Naõ ſerá juſto paſſarmos aqui em ſilencio huma grande queſtaõ, que ha entre os mayores Criticos da poetica ſobre hum ponto, que toca a eſta materia, de que tratamos; e he, ſe deve o Poeta Catholico uſar no ſeu Poema de divindades gentilicas. O inſigne Boileau no Canto 3. da ſua *Poetica*, Menzini *Poetica* liv. 2., e outros de igual authoridade ſeguem, que ſim; porém como a razaõ vence a authoridade, naõ ſeguimos neſta parte

parte as doutrinas deſtes grandes Meſtres. Entre os Catholicos he couſa evidente, e de fé, que todas as divindades do Paganiſmo foraõ fabuloſas; e deſte modo naõ ſe póde deſcobrir meyo, com que eſtas poſſaõ entrar em huma Epopeia feita por penna catholica; porque naõ vem a ſignificar couſa alguma, principalmente attribuindo-lhes como os Gentios poder, e attributos divinos, e pintando-as com aquellas meſmas cores, com que as pintava a Poeſia gentilica, ſegundo fez Camões; e por eſte motivo naõ póde ſubſiſtir a opiniaõ de Gracez Ferreira commentando a eſte Poeta, em que diz, que por eſtas falſas divindades ſe pódem entender os Planetas, e cauſas ſegundas; pois a cada paſſo nos pinta Camões, v. g. Venus, Bacho, e outros Deoſes, como os formariaõ os Poetas pagãos.

Eu bem ſey, que he proprio da Epopeia o que he admiravel, e extraordinario; mas tambem ſey, que por conta diſto naõ deve padecer o veroſimil, como fica padecendo com a introducçaõ de divindades fabuloſas, figurando nellas os attributos do verdadeiro Deos. Daqui vem, que além do inveroſimil, ſe naõ inſtruem os coſtumes como deve ſer; porque os Poetas, que uſaõ de ſimilhante liberdade, naõ fazem mais, que fazer perder o tempo, ainda que agradavelmente, como diz o Padre Lamy nas ſuas novas Reflexões ſobre a *Arte Poetica* p. 2. cap. 13. O ſeu mo-

 do

do de efcrever he todo pagaõ, e cheyo de Fabulas; e por iffo os verfos, que fazem, ainda que fejaõ bons no verfificatorio, pouca eftimaçaõ merecem a refpeito do poetico, porque naõ fignificaõ coufa alguma. Querem eftes Authores, que commettem fimilhante defeito, bufcar a fua defeza na authoridade dos antigos, fem reflectirem, que as Fabulas eraõ parte da crença dos pagãos, e que os Poetas gentilicos naõ as inventavaõ, mas fallavaõ fegundo a commũa opiniaõ; e defte modo he, que inftruîaõ os póvos. Confiderando nefta verdade he, que Taffo no feu Poema naõ introduzio fimilhantes divindades, fenaõ Anjos bons, e máos, Magos, &c. o mefmo fez Ariofto, e os melhores Epicos, perfuadidos, que naõ era coufa toleravel entre Poetas Catholicos, e affumptos chriftãos a introducçaõ de falfos Deofes, por mais pretextos, que foffem bufcar ás allegorias para fe defculparem.

Temos nefte ponto dito o que bafta para hum juizo, que for pio, prudente, e claro; e quem nefte particular quizer mais razões, que o convençaõ, lea a Cafcales, Rolin, Lamy, Luzan, Donato, e o Padre Le Boffú, que prova largamente fer proprio da Epopeia catholica a introducçaõ de Anjos, e demonios, principalmente fendo por fimplices infpirações, que he o modo menos milagrofo, e extraordinario; porque he commum dizermos, que em huma acçaõ nos ajudou o

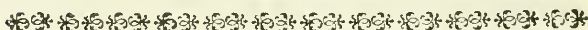
noffo

nosso Anjo da guarda, e que em outras nos tentou o demonio.

Tudo quanto temos dito até aqui, he pelo que respeita ao theologico; porque em quanto ao fysico, e moral póde o Poeta Epico sem o minimo escrupulo de commetter erros contra as regras, usar de expressões gentilicas, que universalmente estaõ recebidas na Poetica para ornato da Poesia. Pode-se dizer, fallando v. g. de huma guerra, que Marte accendera o animo dos combatentes; tratando de huma tempestade, que Neptuno agitara os mares, e Eolo soltara os ventos furiosos, &c. A mesma liberdade se póde tomar explicando, como faziaõ os antigos, os dotes da natureza por meyo de alguma divindade, v. g. a formosura por Venus, a sciencia por Minerva, o valor por Marte, &c.

Advertimos ultimamente, que esta licença dada ao Poeta de introduzir machinas na sua Epopeia, tem huma limitaçaõ, e he, que a tal presença da divindade, que se introduz, naõ deslustre ao Heroe, obrando ella só, e naõ lhe deixando lugar para elle luzir; porque ficaria entaõ indecoroso o caracter da figura fatal, representando-a ociosa, e esperando por milagres visiveis do Ceo para conseguir a sua empreza. Contra esta regra, que tanto abraça o entendimento, peccou Botelho no seu *Alfonso*; porque querendo descrever o assalto de huma Cidade, diminuîo a gloria do seu Heroe, introduzindo os Anjos a executar es-

ta acçaõ, que ſó era propria delle, e dos ſeus ſoldados. Eu quizera, que eſte ſoccorro divino naõ foſſe viſivel, mas ſim por meyo de inſpiraçaõ, e aſſiſtencia; porque entaõ ficava eſta machina muy veroſimil, e propria para a acçaõ de hum Heroe Catholico, moſtrando-ſe, que pelas ſuas virtudes ſe fazia merecedor, de que o Ceo o favoreceſſe.



CAPITULO V.

Das partes de quantidade da Epopeia; trata-ſe do titulo *do Poema.*

TEm o Poema Epico as ſuas partes de quantidade, e nellas ſe diſtingue da Tragedia, concordando ſó com ella nas de qualidade. Humas deſtas partes ſaõ neceſſarias, outras naõ ſaõ preciſas. As neceſſarias ſaõ quatro: o *Titulo*, a *Propoſiçaõ*, a *Invocaçaõ*, e a *Narraçaõ*; as que naõ ſaõ preciſas, ſaõ duas: *Dedicaçaõ*, e *Epilogo*.

Quanto ao Titulo ha ſua variedade nos melhores Poetas. Huns o derivaraõ do Heroe, outros do lugar; como fez Virgilio, pondo *Eneada*, deduzindo eſte Titulo da peſſoa, e Homero pondo *Iliada*, alludindo ao lugar, que foy *Ilio*, ou Troya; porém em quanto a mim, tenho por mais nobre aquelle Titulo, que ſe deduz do Heroe, que do lugar;

gar; porque este he o sujeito da accaõ, e aquelle a causa efficiente; por isso mais bem considerado foy dizer *Odissea*, que *Iliada*, *Achilleida*, que *Thebaida*, *&c.* Para a bondade do Titulo poetico devem concorrer duas qualidades especiaes, que saõ, como dizem muitos Authores, *Amabilidade*, e *Gravidade*. A amabilidade consiste em que naõ seja de som aspero, de composiçaõ extravagante, e de grandeza tédiosa; e a gravidade, em que se affaste do uso da prosa. Nestes vicios cahio Claudiano *De Raptu Proserpinæ*, Quinto Smirneo no *Paralipomenon Homeri*; e entre os modernos Fracastorio no seu *Syphilis*, e Bargeo no seu *Cynegeticon*, e *Ixeuticon*; porque foy uso estragado dos seculos passados intitular as Obras com titulos de linguas mortas, ou estranhas, persuadindo-se seus Authores, que assim se faziaõ mais admiraveis, e dignos de respeito.

Quanto mais simples for o Titulo, mais grave, e magistral será; pois qualquer ha de convir, em que mais louvavel he Homero, pondo no seu Poema o titulo de *Ilias*, que Trifiodoro, dizendo *Illii excidium*. Igualmente descubro mayor magestade nos Titulos, que se formaõ de hum substantivo, que de hum adjectivo, e por isso mais imitavel me parece em Virgilio *Æneis*, que em Nonio Panopolitano, *Dionysia*.

Temos de advertir mais ao Poeta, que naõ ha cousa mais contra o decoro, e o bom

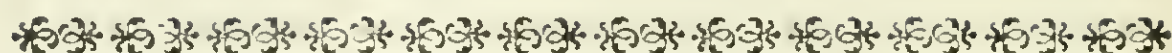
juizo,

juizo, do que aquelles Titulos, que ſe duplicaõ com a particula *ou*, e *ſive*, *&c.* porque ficaõ ſendo mais grammaticaes, que poeticos, e perdem por iſto a ſua mageſtade, e belleza. Por eſte fundamento naõ me ſatisfaz o juizo, com que Taſſo accreſcentou ao ſeu Gofredo as palavras *overo Geruſalemme liberata*, e menos Bargeo pondo ao ſeu Poema o titulo de *Syrias*, *hoc eſt Expeditio illa*, *&c.* aos quaes imitou o noſſo André Bayaõ; porporque traduzindo a Luſiada na lingua Latina lhe poz por titulo *Luſiadæ Indiæ Orientalis Argonautæ*; vindo deſte modo a cahir no vicio de pôr hum titulo compoſto de muitas dicções, ſe bem que acertou em o particularizar.

Igualmente ſaõ defeituoſos aquelles Titulos, que naõ ſe reſtringem ao individuo eſſencial ou de peſſoa, ou de acçaõ, ou de lugar, como v. g. a *Siriada* de Bargeo, a *Africa* de Petrarca, e outros muitos; ſe bem que eſte Poeta pretendeo defenderſe da cenſura, que ſe lhe fizera ſobre eſte ponto, como ſe póde ver no ſeu liv. 1. *Rerum memorabilium.* Tambem nos naõ ſatisfazem a *Argonautica* de Orfeo, de Apollonio, e Valerio Flacco, e a *Luſiada* de Camões; porque neſtes Titulos ſe naõ particulariza couſa alguma ſobre a figura fatal, nem ſobre a acçaõ eſpecial. Taſſo no ſeu celebre Poema he reo de hum grande defeito, pelo que reſpeita ao Titulo, pondo-lhe *Gofredo*; porque eſte Heroe naõ he em

tal

tal empreza Capitaõ por natural dominio, senaõ por eleiçaõ accidental: aquella guerra naõ era causa particular, mas sim commũa a todo o Christianismo: a conquista daquella Cidade naõ podia ficar na sua absoluta jurisdicçaõ, senaõ com beneplacito commum, ou authoridade superior; e finalmente a sua pessoa naõ he a principal, porque Rinaldo he o que no Poema serve a Tasso de prototypo para a exaltaçaõ, e elogio heroico. Em igual vicio cahio Lucano, e Ariosto; este, porque no seu Titulo de *Orlando Furioso* naõ observa conveniencia, nem analogia com a essencia da Fabula, que he o sitio posto a Pariz; nelle se oppoem á historia, e á fama; he duplicado, e extenso; e ultimamente he Titulo mais proprio para huma Tragedia, que para huma Epopeia: e Lucano porque pondo *Pharsalia*, buscou hum lugar, que foy casual para a guerra, que cantou; o que judiciosamente lhe censurou Escaligero na sua *Poetica* liv. 3. cap. 97. dizendo: *Neque rectè fecit Lucanus, cui Pharsaliæ titulus adeò placuit; nam neque ibi omnia gesta, neque maior pars, neque propter illam, quippe rerum gestarum Pharsalia neutro modo finis fuit.*



CAPITULO VI.

Da Propoſiçaõ , *ſegunda parte de quantidade* ,

A *Propoſiçaõ* he a primeira couſa, que lemos em huma Epopeia; e por iſſo muitos diſſeraõ , que della era a primeira parte de quantidade. Contém eſta a nua acçaõ do Poema , v. g. huma *guerra* , ou huma *navegaçaõ* , *&c.* e recõmendaõ os melhores Meſtres, que para ſer a Propoſiçaõ perfeita, deve ter tres condições. A primeira he , que nella ſe naõ uſe de palavras pompoſas , e de eſtylo inchado , como fez Eſtacio , Lucano , e outros , como aquelle , que ſegundo Horacio na ſua *Poetica* , fez a ſua Propoſiçaõ , dizendo:

Fortunam Priami cantabo , & nobile bellum.

A ſegunda condiçaõ he , que á tal Propoſiçaõ ſe accreſcente alguma couſa, da qual reſulte gloria , e elogio a alguma naçaõ , e ſe capte a graça de algum Principe. Aſſim o praticou Camões imitando a Virgilio , quando diſſe :

. . . . *Genus unde Latinum ,*
Albanique Patres , atque altæ mœnia Romæ.

A terceira condiçaõ he, que na Propoſiçaõ

ficaõ se naõ dê noticia de Episodio algum, como bem inadvertidamente fez Camões, propondo as memorias gloriosas dos nossos Reys, e de outros, as quaes só entraõ no Poema como Episodios. Porém para mayor instrucçaõ ao Poeta principiante, será bom, que examinenos algumas Proposições dos melhores Epicos; porque deste modo se poderáõ melhor expender as doutrinas, que se devem dar neste ponto. Principiemos pela da Eneada.

Nada temos, que censurar a respeito do seu estylo; porque he huma Proposiçaõ feita com facilidade, singeleza, e moderaçaõ. Naõ louva Virgilio demasiadamente ao seu Heroe, e só diz, que fora insigne no valor, e na piedade: naõ lhe especifica acções, e só aponta, que padecera muito por mar, e terra. Porém a respeito de outras cousas, naõ deixa este Poeta de padecer seus reparos.

Primeiramente deve entrar com liberdade a critica nos primeiros quatro versos *Ille ego qui quondam*, *&c.* os quaes tirou Varo como improprios, segundo diz Donato Grammatico na Vida de Virgilio, referindo-se a huma authoridade de Niso antigo Grammatico. A razaõ, que teve Virgilio, como diz o mesmo Donato, para principiar por estes versos, foy porque temeo, que por sua morte se fizesse alguem Plagiario com o seu Poema; porém este motivo foy muy frivolo; porque podia evitar o seu receyo por outro modo, ou naõ se lhe dar de tal, como fez

Xe-

Xenofonte, que nunca ſe nomeou na ſua Hiſtoria, ſenaõ em terceira peſſoa, Ammiano Marcellino, que ſó poz, *Hæc ut miles quondam, & Græcus explicavi*, e ſobre tudo Homero, a quem Virgilio pretendeo imitar tanto, o qual em nenhum dos ſeus Poemas fez mençaõ de ſi; e por iſſo mereceo juſtamente, que delle ſe diſſeſſe: *Homerus autem ita ingenuus erat, & magnanimus, ut nuſquam appareat in poeſi ſui meminiſſe.*

Supponho, que os bem inſtruidos na Poeſia já ſabem em que devem ſer cenſurados eſtes quatro primeiros verſos da Eneada, que he, em ſerem muito humildes, e de materia plebea. He certo, que eſte principio naõ correſponde á gravidade do ſeu argumento; e ſe alguem diſſer, que uſou deſta baixeza, porque fallava de couſas do campo, reſponde-ſe, que tem iſto tanta propriedade em huma Epopeia, como em hum ſumptuoſo banquete uſar ao principio de algumas viandas, com que ſe ſuſtentaõ os ruſticos do campo. Aſſim como hum bom Architecto riſca para hum palacio magnifico huma porta elevada, e rica, aſſim o engenhoſo Poeta deve pôr no ſeu Poema hum grave, e artificioſo principio, para logo á primeira viſta poder encher os animos de maravilha, e deleite: e com eſta reflexaõ bem ſe vê, que Virgilio poz huma portinha para entrada de hum palacio Real, e deu principio á guerra com pifanos, e gaitas paſtorîs, devendo principialla com trom-

betas,

betas, e tambores. Porém ſigamos a opiniaõ de muitos Authores, que affirmaõ, que Virgilio principiara o ſeu Poema por *Arma, virumque cano, &c.*

Sendo aſſim, tambem aos melhores criticos naõ faltaráõ motivos para reparar neſta Propoſiçaõ, como contraria á ordem, e ao ſujeito; pois naõ devia pôr as armas primeiro que o homem, começando a deſcrever as guerras no livro ſetimo. Segundo eſta Propoſiçaõ ſegue-ſe, que o ſujeito da Eneada he huma guerra notavel, propondo logo ao principio *Arma*; o que quanto a mim he falſo; porque entendo, ſegundo todos os bons Authores, que o argumento Real daquelle Poema he a viagem de Eneas de Troya para Italia, e que as guerras, que nelle ſe deſcrevem, ſaõ accidentes, e concomitancias; aliás haveria duas acções.

O ſegundo livro ainda que todo contenha acções guerreiras, naõ póde pretender alguma couſa ſobre aquella palavra *Arma*; porque eſta tem obrigaçaõ de eſpecificar a materia principal; e a ruina de Troya he huma hiſtoria, que alli ſe narra por incidencia, aſſim como na *Odiſſea* tudo o que naõ he a perigrinaçaõ de Ulyſſes de Ilio para Italia, ou ſaõ Epiſodios, ou couſas, que dizem relaçaõ ao tal argumento. Diz Mazzoni na ſua *Poetica* livro 3. cap. 62. que a navegaçaõ, e a guerra ſaõ partes dos trabalhos de Eneas, e em conſequencia huma ſó acçaõ.

Naõ

Naõ duvidamos disto; o que sómente affirmamos he, que as guerras de Eneas naõ saõ o unico argumento daquelle Poema, como diz a Proposiçaõ, a qual principiando *Arma*, dá indicio manifesto de que guerras he que saõ o argumento principal; o que se realmente fosse verdade, ficaria Virgilio cahindo no grave absurdo, que commetteo Estacio, gastando inutilmente seis livros, antes de entrar no assumpto formal. A guerra de Eneas com Turno só poderia ser a acçaõ da Eneada, se este Heroe partisse de Troya com animo de pelejar em Italia, como fizeraõ os Gregos contra Ilion, os Sarracenos contra Paris, e ElRey Adrasto contra Thebas; porém Eneas casualmente teve occasiaõ de pelejar em Italia; e huma acçaõ accidental naõ póde servir de fórma substancial ao tal Poema.

Que a viagem de Eneas de Sicilia para Italia fosse a idéa, que Virgilio tomou por assumpto para cantar, se prova com muitos lugares da sua Epopeia, os quaes naõ transcrevo por naõ ser prolixo, e só o provarey com hum discurso feito sobre a sua mesma Proposiçaõ. Quando Virgilio disse *Arma*, naõ quiz comprehender as guerras especialissimas de Eneas, mas sim as acções guerreiras em geral. Por quanto principiando elle o primeiro verso *Ille ego*, *&c.* quiz inferir, que se antes empregara a sua penna em Pastores, e Agricultores, agora se quer empregar em assumpto de Armas. Que o conceito seja univerfal, note-se:

At

At nunc horrentia Martis
Arma. . . . . .

Depois accrefcenta, particularizando o argumento :

. . .*Virumque cano, Troyæ qui primus ab oris, &c.*

Em que moftra, que o feu intento principaliffimo he cantar a viagem de Eneas, na qual fuccederaõ acções bellicofas, e cafos importantes : *Multa quoque & bello paffus* ; ifto he, as guerras de Eneas com os feus contrarios, naõ como acçaõ principal, mas fecundaria; por iffo diffe *quoque*, como fe differa defte modo : Eu cantarey a viagem de Eneas feita de Troya para Italia, na qual padeceo elle muitos trabalhos por mar, e terra; e tambem defcreverey as guerras, que lhe fobrevieraõ, *Dum conderet urbem, inferretque Deos Latio, &c.*

Porém já he tempo de paffarmos a examinar as Propofições de alguns outros Poetas; e fe nos detivemos na de Virgilio, foy por fer hum Epico de nome taõ fublime. Eftacio parece, que quer na fua Propofiçaõ foltar toda a corrente do feu eftylo; e entra logo a engrandecer o feu Heroe de tal modo, que diz pozera medo ao mefmo Jupiter :

Magnanimum Æacidem, formidatamque Tonanti
Progeniem.

Claudiano no feu Poema *De Raptu Proferpinæ* feguio os mefmos veftigios de Eftacio, por-

porque principia chamando atrevido ao ſeu Canto, e finge-ſe como endeoſado por ter em ſi ao meſmo Apollo; e aſſim manda a todos, que ſe apartem delle, porque naõ ſaõ dignos de chegar a peſſoa taõ ſagrada:

. . . . . . Audaci promere cantu
Mens congeſta jubet : greſſus removete profani:
Jam furor humanos noſtro de pectore ſenſus
Expulit, & totum ſpirant præcordia Phæbum.

Igualmente he defeituoſa a Propoſiçaõ da *Argonautica* de Valerio Flacco; porque nella ſe vê, que ha muy pouca eſpeculaçaõ poetica:

Prima Deûm magnis canimus freta pervia nautis,
Fatidicamque ratem, Scythici quæ Phaſidis oras
Auſa ſequi, &c.

Quiz cantar os mares, que navegaraõ os Argonautas primeiro, que os outros homens, como ſe iſto foſſe o argumento do Poema, e deveſſe ſer o fim do Poeta; e como ſe a navegaçaõ ſe podeſſe fazer por terra, ou pelo ar, e naõ pelo mar. Naõ ſe navega pelas aguas? Certamente: logo para que he preciſo dizer *Freta pervia nautis*? Ainda Eſcaligero no liv. 6. cap. 6. ſe extende a mais; porque fallando dos Argonautas, diz: *Neque illi fuerunt nautæ Deorum*, e reflectindo no *prima freta pervia*, diz: *Quonam verò modo hic dicantur * prima freta pervia, cùm ipſemet in primo canat. = Pharias, Tyriasque carinas?*

Paſſan-

Paſſando dos Epicos Latinos aos vulgares, muitos dos principaes ſaõ igualmente reos de alguns defeitos nas ſuas Propoſições. Na de Taſſo naõ póde entrar a juſta critica; mas naõ ſuccede aſſim á de Arioſto; porque propoem para cantar muitas couſas, como *mulheres*, *cavalleiros*, *armas*, *e amores*, confundindo epiſodios com a acçaõ principal, e deſprezando no Poema a unidade do Heroe; o que tambem fez o noſſo Camões com muito desluſtre da ſua merecida fama, por mais que ſue Manoel de Faria e Souſa em o defender com eſte exemplo, e com o de Valerio Flacco; pois he defender hum erro com outro, e buſcar muito máos patronos para o vencimento da cauſa. Segundo a doutrina deſte Comentador, e a de Simaõ Fornari illuſtrando o *Orlando Furioſo*, que ambos admittem na Propoſiçaõ as acções ſecundarias, ou ſejaõ epiſodios, poderia Virgilio tambem dizer: Canto a ira de Juno, o amor de Dido, a impaciencia de Amata, a guerra de Turno, a deſcida de Eneas ao Inferno, &c. Se tal fizera commetteria na Poeſia hum crime de leza Mageſtade; pois he doutrina generaliſſima tanto na theorica, como na pratica, que nem o genero, nem a eſpecie, mas unicamente o individuo he o que tem lugar na Propoſiçaõ poetica; pois aſſim como a Fabula he huma ſó, aſſim convém por força, que a Propoſiçaõ manifeſte huma couſa unica, e individual, como fez o divino Homero na ſua *Odiſſea*, dizendo:

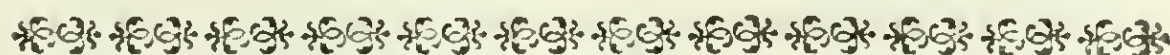
Virum mihi dic, Musa, versutũ, qui valde multũ, &c.

Gabriel Pereira de Castro na sua *Epopeia* tambem propoem o seu argumento com vozes inchadas, e muito elegantes, fechando a oitava com bastante affectaçaõ; pois diz, que canta á patria, ao mundo, e á eternidade. Como amava muito o estylo de Lucano, por isso até o imitou na affectaçaõ, com que propoz o assumpto da sua *Pharsalia*. Seria hum numero infinito, se fizesse mençaõ de todas as Proposições defeituosas, que se descobrem em Poemas Epicos antigos, e modernos, como v. g. a da *Vida de S. Joseph* do Mestre Valdivielso, a da *Araucana*, e outras muitas, como sabem os intelligentes desapaixonados.

Por fim deste Capitulo tenho, que advertir ao Poeta duas cousas, huma necessaria, e a outra louvavel. Esta he dar principio ao Poema por hum caso obliquo, v. g. por hum accusativo; porque os casos obliquos, como se apartaõ da rectidaõ natural, e da pureza do dizer, causaõ mais gravidade, e escuridade, e entre os obliquos parece-me, que o accusativo he o mais aspero, e por consequencia o mais grandioso. Assim o praticaraõ entre muitos grandes Poetas Virgilio, Homero, e Camões; se bem que este fez dilatar muito o verbo, de que saõ accusativo *As armas, e os Varões assinalados*; defeito, que imitou Gabriel Pereira, ainda que com mais moderaçaõ, e naõ quizeraõ ambos seguir a Virgilio, que di-

dizendo *Arma, virumque*, logo poz *cano*, e do mesmo modo Homero, pondo *Virum dic mihi, Musa, &c.* A segunda cousa, que devo advertir como necessaria he, que se occulte na Proposição o nome do Heroe, e que em lugar delle se use de circunscripção de cousas, que lhe sejaõ proprias; e se se nomear, seja só com o titulo da sua dignidade, como deixou escrito Vida no liv. 2. da sua *Poetica*:

Jam verò cùm rem propones, nomine numquam
Prodere conveniet manifesto: semper opertis
Judiciis, longè & verborum ambage petita,
Significant, umbrâque obducunt; inde tamen ceu
Sublustri è nebulâ rerum tralucet imago
Clarius, & certis datur omnia cernere signis.
Hinc si dura mihi passus dicendus Ulysses,
Non illum vero memorabo nomine, sed qui
Et mores hominûm multorum vidit, & urbes,
Naufragus eversæ post sæva incendia Troyæ:
Addam alia angustis complectens omnia dictis.



CAPITULO VII.

Da Invocaçaõ, *terceira parte de quantidade.*

DEpois da Proposiçaõ segue-se immediatamente a *Invocaçaõ*, que he huma supplica, que o Poeta faz ás Musas, ou a alguma Divindade, para que o inspirem, e soccorraõ

corraõ na obra, que pretende cantar; e como esta ha de conter cousas extraordinarias, e maravilhosas, fica sendo a Invocaçaõ cousa indispensavel na Epopeia; dando a entender, que lhas inspirou, e revelou algum Numen. A respeito desta tal divindade tenho de advertir ao Poeta, que como Catholico cuide muito em honrar a Poesia, naõ invocando Deoses gentilicos, porque saõ huma chimera; mas sim a Deos nosso Senhor, ou algum Santo, ou Intelligencia celeste, que saõ os que verdadeiramente pódem inspirar; muito mais sendo a acçaõ, que pretendem cantar, pia, e religiosa, como deve ser. Assim o praticou o grande Tasso, invocando a Musa celestial em huma elegantissima oitava, que arrebata a quem sabe qual he o gosto da boa Poesia. O mesmo fez Zarate no seu Poema da *Invencion de la Cruz*, invocando a mesma Cruz com expressões taõ vivas, delicadas, e religiosas, que pódem servir de exemplar. O mesmo quizera eu em Camões, desejando, que naõ dirigisse a sua invocaçaõ ás Nynfas do Tejo, symbolizadas (como diz o seu Commentador Faria) nas Damas da Corte; pois entrava a cantar hum assumpto taõ Catholico, e de gloria taõ particular para Deos, como o descobrimento da India; porém este insigne Epico elevou-se tanto na antiguidade gentilica, que em tudo se valeo da sua Mythologia, que verdadeiramente soube com perfeiçaõ.

A respeito desta materia, que agora tratamos,

tamos, ha huma questaõ muy debatida entre os bons Criticos; e he, se se deve unir a Invocaçaõ com a Proposiçaõ, ou pôr distinctamente no Poema cada huma destas partes. Fallo da primeira Invocaçaõ, de que usa o Poeta, e naõ das outras muitas, de que se val no discurso da sua Epopeia, quando se vê obrigado a tratar de alguma cousa grande. Os Gregos formavaõ-na indivisivel com a Proposiçaõ; porém os Latinos determinaraõ para ambas estas partes lugares distinctos Naõ pretendemos nisto dar preceito; porque deve prevalecer o uso estabelecido nos exemplos de bons Poetas: mas se entrarmos a discutir qual destes usos he o mais acertado, vernos-he-mos obrigados a seguir mais os Gregos, que os Latinos.

Primeiramente; porque a Musa deve preceder ao Heroe; e propondo-se primeiro este, e depois invocando-se a Musa, he claro, que vem a seguirse o contrario. Em segundo lugar; porque he acto mais religioso confiar as cousas importantissimas de protecçaõ superior, principiando v. g. *Canta Musa*, do que presumir primeiro muito de si messmo, dizendo v. g. *Eu canto*, e depois encomendarse a Deos. Em terceiro lugar; parece cousa mais magestosa pôr no principio de huma Epopeia a huma divindade, que a huma pessoa humana; e assim o recomenda Virgilio com o exemplo de Arato, Theocrito, e Calfurnio, dizendo: *Ab Jove principium Musæ*, *&c.*

&c. Em quarto lugar; porque unindo-ſe á maneira dos Gregos a Invocaçaõ com a Propoſiçaõ, ſe fica obſervando a brevidade, de que naſce mayor gravidade no eſtylo, e muito mayor decoro em quanto á Arte, que manda ſerem os proemios muito compendioſos. Em quinto lugar; porque ſe exalta mais nobremente o Poema, moſtrando ſer elle de huma condiçaõ taõ inexplicavel, que para o cantar he preciſo hum Numen, e naõ hum homem. Em ultimo lugar; porque exalta o Poeta mais a ſua Arte; pois commettendo totalmente á Muſa o cuidado de toda a narraçaõ, confirma deſte modo a fama univerſal, de que o Poeta poſſue hum furor divino, e que he dotado de hum entendimento ſuperior.

Homero foy o que inventou eſta ordem, invocando, e propondo ao meſmo tempo tanto na *Iliada*, como na *Odiſſea*. Chama á Muſa *Deoſa*, para que ella lhe ſeja propicia, vendo-ſe taõ elevada com eſte titulo: e agora ſe verá o defeito, em que cahio Lucrecio na ſua invocaçaõ a Venus, chamando-lhe *Sociam*; o que he huma notavel impropriedade; pois ſegundo a Arte, e a razaõ, naõ deve o invocante fazerſe igual á couſa invocada; antes mais depreſſa deverá engrandecella ſobre a ſua esféra, do que fazella de condiçaõ inferior: porém como Lucrecio era hum famoſo Atheiſta, talvez o deſculpará a ſua meſma impiedade.

Alguns Poetas houve, que naõ invocaraõ,

raõ, como entre outros fez sem fundamento Nicandro na sua *Theriaca*. Outros houve, que propriamente naõ invocaraõ, como foy Ariosto, usando naõ de hum modo invocativo, ou deprecativo, mas como limitativo, segundo o verso *Se da colei, che tal quasi m' hà fatto, &c.* pois diversa cousa he dizer limitativamente: Eu farey isto, se Deos quizer; ou invocativamente: Invoco, Senhor, o vosso favor para fazer isto. Similhantes Invocações saõ na Poetica muy viciosas, como tambem aquellas, em que se invoca huma divindade, que he impropria para o assumpto; o que tambem fez o mesmo Ariosto, pois havendo de tratar em hum Poema de emprezas militares, devia (segundo a Critica de Mazoni) invocar as Musas, e naõ ao Amor, por ser divindade impropria para hum assumpto heroico.

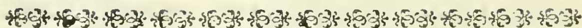
Estas saõ as reflexões mais principaes, que se pódem fazer sobre esta materia; e como he grande o nosso escrupulo, a respeito de usar o Poeta Catholico nas suas Invocações de Deoses gentilicos, tornamos outra vez a dizer, que nesta parte se naõ siga aos que deixaraõ taes exemplos, levados cegamente do ardor de imitarem aos antigos; como entre outros fez o celebre Sannazaro, que em hum Poema Sacro devendo buscar por fonte a do Salvador do mundo, de quem cantava o nascimento, buscou a Castalia, e Aganippe. Melhores exemplares saõ Tasso na sua *Jerusalem*

lem, Vida no seu *Christiados*, Bargeo na *Siriada*, Bautista Mantuano na *Vida de Santa Catharina*, e outros muitos Poetas de merecida fama. A esta recommendaçaõ temos que accrescentar outra, e he, que a Invocaçaõ seja breve, virtude muy propria nas deprecações, e ao mesmo tempo clara, fervorosa, e sublime; o que tudo admiramos em Homero, Virgilio, e Tasso. Ultimamente, antes que demos fim a este Capitulo, será conveniente, que digamos alguma cousa sobre a *Dedicaçaõ*, e o *Epilogo*, de que alguns Poetas usaraõ.

A respeito da Dedicaçaõ, que os modernos poem logo immediata á Invocaçaõ, naõ ha bons exemplos na antiguidade, com que se possa approvar este uso; porque nem Virgilio na sua *Eneada*, nem Homero nos seus dous Poemas o praticaraõ; e o mesmo fizeraõ alguns modernos, como Dom Francisco Lope de Zarate. Porém naõ pretendemos reprovar este uso; porque muitos Epicos insignes nos deixaraõ exemplos para a imitaçaõ; como foy o nosso Camões dedicando o seu Poema a ElRey D. Sebastiaõ, Gabriel Lasso a sua *Mexicana* ao Marquez del Valle, Tasso, e Ariosto a hum Principe da Casa de Este, e outros muitos, que naõ he preciso referir. O que pretendemos he, que esta Dedicaçaõ naõ seja tal, que escandalize os ouvidos pios, parecendo Invocaçaõ, como fizeraõ alguns Epicos, usando nestas suas Dedicatorias de expres-

pressões taes, que naõ dedicaraõ, mas invocaraõ o seu Mecenas, como se fosse huma divindade, que os podésse inspirar, e soccorrer. Guiou-os a lisonja do mesmo modo, que aos antigos, como foy Virgilio, invocando a Cesar á maneira de divindade no seu *Culex*, e no liv. 1. das *Georgicas*; se bem que nesta parte obrou com hum prudente juizo, porque em primeiro lugar reverencea os Deoses, e em segundo ao seu Principe. Do mesmo incenso usou Lucano invocando a Nero, Manilio a Augusto, Valerio Flacco a Vespasiano, e outros muitos Poetas, como sabem os que tem liçaõ de Poesia.

Depois desta instrucçaõ segue-se outra, que he serem breves estas Dedicatorias. Alguns Authores lhes prescrevem só tres oitavas sendo em vulgar, e em Latim oito até doze versos. Nós naõ determinamos a quantidade; o que dizemos he, que naõ deve ser tal, que fique a narraçaõ da Epopeia muy affastada da Proposiçaõ, como lemos em Camões, que nesta parte enfastia bastantemente aos Criticos, que saõ escrupulosos. Pelo que pertence ao *Epilogo*, dizemos tambem, que naõ he necessario, e que rara he a Epopeia, em que se naõ omitta.



CAPITULO VIII.

Da Narraçaõ, *quarta parte de quantidade.*

ESta ultima parte de quantidade, que tem a Epopeia, he a mais principal della; porque a *Narraçaõ* he que verdadeiramente he o corpo do Poema Epico, e as outras partes saõ como os membros, que o constituem. Nella vemos a acçaõ organizada com o seu principio, meyo, e fim, ficando deste modo inteira. Seguem-se os Episodios, ou acções secundarias, e todas as mais circunstancias, como saõ os costumes, e paixões da figura fatal, e das outras pessoas principaes assim humanas, como divinas; o enredo, e soluçaõ da Fabula, a sentença, a dicçaõ, e tudo o mais, que temos insinuado pelo discurso desta Arte.

Na Narraçaõ ha dous modos de se urdir, hum chamado *natural*, outro *artificial*, e sobre ambos ha huma das mayores questões, que tem toda a Poetica. A ordem *natural* he aquella, que naturalmente tem a mesma acçaõ, em que primeiro he o principio, depois segue-se o meyo, e depois o fim. A *artificial* procede de outro modo; porque poem o meyo em primeiro lugar, e depois o principio, e fim. Sobre qual destas duas ordens deve seguir o Poeta Epico, he que ha toda a grande questaõ.

Huns

Huns Authores insistem em que a ordem natural he a melhor; porque observa a natureza das cousas, que costumaõ principiar, depois ter no meyo o seu augmento, e depois o fim, em que acabaõ. Allegaõ em exemplo a Homero na *Iliada*, a Lucano na *Pharsalia*, a Valerio Flacco na *Argonautica*, e a Silio Italico *de Bello Punico*. Outros Authores fazem prevalecer a ordem artificial como mais propria do Poeta, e daõ por exemplo a *Eneada*, a *Odissea*, e outros infinitos Epicos, que depois a seguiraõ, dizendo, que o mais he seguir o estylo dos Historicos. Ouçamos a Rubertello sobre a *Poetica de Aristoteles* pag. 270. *Hoc vitio (ni fallor) laboravit Lucanus in describendo Cæsaris, & Pompeii civili bello. Silius quoque Italicus in Punico: & fortasse etiam Valerius Flaccus in Argonauticis, & Apollonius in iisdem explicandis: nam etsi unam actionem complexi sunt, ordine tamen usi fuerunt, qui magis historico, quàm Poetæ conveniat.* Nós seguimos o partido destes ultimos, conformando-nos com as solidas razões, que daõ, as quaes expendeo Tasso largamente no seu Tratado do *Poema heroico* liv. 3.

A ordem, qne observou Lucano, e o nosso Manoel Thomaz na sua *Insulana*, naõ ha duvida, que só propriamente convém ao Historiador; porque segue o estylo da Narraçaõ direita, e natural. A ordem artificial he, que he propria dos Poetas; porque devem narrar em primeiro lugar algumas cou-

fas,

ſas, que ſaõ primeiras, outras devem poſpô-las, outras devem-ſe omittir em huma occaſiaõ, e reſervarſe para outra melhor, como claramente enſina Horacio na ſua *Poetica*. Primeiramente haõ de ſe dizer aquellas couſas, ſem as quaes naõ haveria algum conhecimento das preſentes, e depois devem-ſe callar muitas, que naõ cauſaõ expectaçaõ, e maravilha; porque o Poeta deve ſempre ter ſuſpenſo o leitor, e deſejoſo de ler mais.

A Narraçaõ feita pela ordem natural cauſa faſtio, como diz Eſcaligero no liv. 3. cap. 96. *de Poet. Altera lex: non recto tramite ducendam narrationem, ne tædium pariatur: res namque eadem ſemper iteranda, ſæpe etiam inculcanda eſt neceſſariò. Hoc ipſum igitur, quod pro principio ſumes; ne ſtatuas in principio; ita namque auditoris animus eſt ſuſpenſus; quærit namque quod nondum extat. Et ſanè vel unica, vel præcipua virtus auditorem quaſi captivum detinere.* Confirma-ſe eſta doutrina com a authoridade de Virgilio, que fez com que foſſe principio da ſua Epopeia o fim da narraçaõ de Eneas, dizendo:

Hinc me digreſſum veſtri Deus appulit oris.

Ainda a Narraçaõ ficará ſendo mais faſtidioſa, ſe o Poeta começar por principio muy remoto, e como diz Horacio *ab ovo.* Neſta parte naõ merece tanta reprehenſaõ Lucano, como Eſtacio; porque hum querendo cantar as guerras civîs, poem Ceſar no rio Ru-

Rubicon, onde se vio obrigado a fazer a guerra, sendo tido por inimigo do Senado; e o outro principia pela furia, e maldições de Edipo, que foraõ a fatal causa da discordia entre Eteocles, e Polinices. Com tudo melhor procederia Lucano, se começasse a sua Narraçaõ pondo logo a Cesar na Thessalia á frente de Pompeo, e narrasse depois em lugar proprio as cousas, que antes haviaõ succedido.

Esta he a opiniaõ, que seguimos; porém naõ podemos deixar de confessar, que a contraria tambem faz grande pezo, pelas forçosas razões, que allegaõ os que a defendem; e assim naõ pretendemos, que a nossa doutrina seja hum infallivel dogma Poetico. O Poeta poderá abraçar a opiniaõ, que lhe parecer mais racional, e em seguir qualquer dellas terá bons Patronos, com que se defenda. Lea a Pontano no seu Prologo intitulado *Actius*, a Francisco Baldovini *de Histor.* liv. 1. a Bargeo na Prefaçaõ á sua *Cyriada*, a Mazoni na sua *Poetica* liv. 3. cap. 81. a Macrobio liv. 5. cap. 2. a Plutarco *de Homer.*, e a Viperani na *Poetic.* liv. 1. cap. 9. e 10. e liv. 2. cap. 6., e depois de ter lido, e ponderado maduramente os fundamentos, em que se estabeleceraõ estes Authores para seguirem diversas opiniões, escolherá entaõ a que tiver por mais conveniente; pois he ponto este na Poetica, que naõ se póde resolver demonstrativamente, porque até o texto de Aristoteles he nesta

parte

parte taõ confuso, como em outras, contradizendo-se em diversos lugares, como sabem os eruditos nesta faculdade.

Passando a outro assumpto, será preciso dizer alguma cousa sobre as partes de quantidade material, que tem a mesma Narraçaõ, ainda que tambem nellas naõ haja huma regra certa. Estas taes partes consistem nos *Livros*, ou *Cantos*, em que o Poeta divide o Poema, e no numero de Estancias, que a estes convém. Em quanto á primeira parte, naõ ha doutrina estabelecida; porque huns, como o nosso Francisco Botelho no seu *Alfonso*, o Boiardo no seu *Orlando Innamorato*, o Alamanni na sua *Avarchide*, Silveira no seu *Macabeo*, e outros muitos, imitando a Virgilio, e aos mais Poetas Latinos, dividiraõ os seus Poemas em *Livros*. Outros usaraõ de *Cantos*, de que foy inventor Dante, segundo a authoridade de Crescimbeni no tom. 1. liv. 3. cap. 21. no seu Commento á Historia da Poesia vulgar. Este uso foy mais seguido; porque entre infinitos Authores o praticou Tasso pay no seu *Amadige*, e o filho no seu *Gofredo*, Ariosto no seu *Orlando*, Pulci no seu *Morgante*, e o nosso Camões na sua *Lusiada*.

Sobre a quantidade a que se pódem extender estes Livros, ou Cantos, tambem ha sua variedade entre os Epicos Latinos, e vulgares. Homero repartio cada hum dos seus dous Poemas em vinte e quatro Livros; Virgilio em doze; Tasso, e Miguel da Silveira em

em vinte Cantos; Camões em dez; e Bernardo Taſſo chegou até cem. A regra, que neſta parte ſe deve ſeguir he, que ſegundo a grandeza da Fabula, aſſim deve ſer a ſua material diviſaõ, aliás ficará ſendo hum corpo monſtruoſo, como he o do *Amadige*, ainda que muitos o pretendem defender, dizendo, que os Romanciſtas pódem ter mais alguma liberdade. Veja-ſe o Padre Lamy *Nov. Refl. ſur l' Art Poetique*, e o ſobredito Creſcimbeni liv. 5. cap. 7.

Em quanto ao numero das Eſtancias tambem naõ ha conformidade nos ſeus Authores; porque huns naõ querem, que cada Canto paſſe de cento e cincoenta Eſtancias, com o fundamento de que tantas poderáõ fazer huma quantidade quaſi igual a cada hum dos Livros da *Eneada*: outros naõ ſe reſtringem a numero certo; o que he conforme á natureza; e baſta, que o Poeta proceda com huma tal reflexaõ, que as Eſtancias de cada hum dos ſeus *Cantos*, ou *Livros* façaõ hum todo harmonioſo, e perfeito com as dos outros, ſegundo a grandeza da Fabula. Eſta proporçaõ depende mais do bom goſto, e juizo do Poeta, que de regras da Arte, ainda que alguns inutilmente as pretenderaõ dar.

Sobre a terminaçaõ de cada hum deſtes Cantos devemos advertir huma couſa, em que muitos naõ cuidaraõ, e he em que o fim de hum Canto naõ acabe de modo, que pareça, que o Poeta quer deſcançar do trabalho,

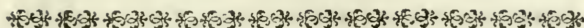
lho, e que deſpede o Leitor, convidando-o para o Canto, que ſe ſegue; como fez Arioſto, a quem ſeguio o noſſo Camões; porque exceptuando os Cantos 2. 3. e 4. os mais acabaõ com alguma exclamaçaõ, ou invectiva, ou digreſſaõ, como já cenſurou Ignacio Garcez Ferreira na illuſtraçaõ, que fez a eſte Poeta, dizendo, que neſta parte naõ obſervara os preceitos da Arte, que recomenda a grande connexaõ, e laços de huns Cantos com outros, de modo, que a pauſa, que nelles faz o Poema, ſeja ordenada com hum artificio occulto, e naõ diga o Poeta quando a quer fazer, como galantemente diſſe Merlin Cocaio, acabando o liv. 1. da ſua *Maccherronea*:

Denique jam primi claudatur janua libri.

E o liv. 24. dizendo:

Iſte liber finit vobis, mihi cœna comenzat;
Sed quia candela eſt uſque ad culamen aduſta,
Multa per adeſſum ſcripſi; da matina venite.

CA-



CAPITULO IX.

Da Allegoria *do Poema.*

ALlegoria, fallando em commum, naõ he outra cousa mais, que huma oraçaõ formada de vozes metaforicas, em que aquillo, que se escreve, he muy diverso do que se entende. Muitos Authores graves pretenderaõ, que se deva dar na Epopeia esta Allegoria, e affirmaõ, que os Poetas naõ usaraõ das Fabulas para outro fim, senaõ para debaixo dellas ensinarem doutrinas importantes á vida moral, e tambem á observaçaõ das obras da natureza. Homero, v. g. quando fingio aos Deoses pelejando entre si, quiz mostrar allegoricamente a natureza dos elementos, que saõ entre si contrarios; e quando disse, que Pallas tivera controversias com Marte, pretendeo dar a mostrar nesta Allegoria a contrariedade da potencia racional com aquella parte da alma, em que naõ ha razaõ.

Assim discorrem aquelles, que pretendem, que a Epopeia seja hum animal de duas naturezas; isto he, que se componha de imitaçaõ, e allegoria; esta para attrahir a si os animos, e aquella para os instruir nas virtudes; porém outros Authores naõ menos graves discorrem diversamente, e dizem, que a allegoria

goria naõ he circunſtancia no Poema Epico, nem he neceſſario, que ſeja allegorica a Fabula Epica; aſſim porque Ariſtoteles na ſua *Poetica* naõ deu neſta parte o minimo preceito, como porque os primeiros Epicos Gregos, e Latinos o naõ praticaraõ; o que provaõ com evidencia, como ſabem os eruditos; pois nem em Homero, e menos em Virgilio ſe poderá ſem grande violencia deſcobrir allegoria univerſal, que he a de que tratamos; porque na particular naõ ha duvida alguma.

Entre eſtas duas opiniões taõ diverſas ha outra (quanto a mim mais acertada) que ſegue hum meyo entre os dous extremos; pois nem prohibe eſta allegoria, nem a poem como circunſtancia neceſſaria na Epopeia. Diz que cada hum poderá obrar ſegundo o ſeu genio, viſto naõ haver preceito, que approve, ou condemne ſimilhante couſa. Taſſo ſeguio a primeira opiniaõ, porque fez allegoria no ſeu Poema, que elle meſmo explicou com alguma violencia: o meſmo fez Errico no ſeu Poema da *Guerra Troyana*, e outros muitos, de que agora naõ fazemos catalogo.

Quanto ao que entendo, Camões ſeguio a ſegunda opiniaõ; porque na ſua *Luſiada* naõ ha por onde judicioſamente ſe entenda, que quiz nella fazer huma allegoria univerſal, por mais que ſe cançaſſe o capricho do inſigne Manoel de Faria e Souſa nos ſeus *Commentos* em eſtabelecer o contrario, como prova largamente, e com juizo critico Gracez Ferrei-

ra

ra no seu *Apparato Preliminar* ás illustrações, e notas á Lusiada cap. 5. e 21. Havendo na Epopeia esta allegoria, recomenda Mazoni na sua *Poetica*, Tasso no Tratado do *Poema Heroico*, e outros muitos, que deve ter tres circunstancias, isto he, ser *clara*, *conforme*, e *honesta*. A clareza serve para que a allegoria naõ degenere em enigma, e se veja o Leitor obrigado a adevinhar, dizendo o que lhe parecer. Neste vicio cahio Tasso; e ainda que elle mesmo explicou a allegoria universal do seu Poema, foy com explicaçaõ taõ violenta, que a boa critica tem julgado, que elle naõ fora bom Edipo para desfazer tantos, e taõ escuros enigmas. A conformidade serve, para que huma cousa representada com dicçaõ metaforica seja sempre a mesma, sem variar representando outra cousa differente em huma mesma composiçaõ, como v. g. seria erro, se introduzindo-se em hum Poema huma figura chamada *Lysia*, se entendesse por ella Lisboa, e algumas vezes França. A honestidade he huma das circunstancias mais precisas; porque pede a razaõ, que naõ tenha alguma macula o véo da allegoria; pois a Poesia, e muy particularmente a Epopeia, serve para instruir, e naõ para incitar paixões viciosas, de cujo peccado he reo Homero, occultando em muitas partes da sua *Iliada* por meyo de allegorias enormes absurdos. Veja-se sobre este ponto o que diz o Apatista no tom. 3. *Progin.* 63. Naõ foy assim Virgilio;

porque obſervou no ſeu Poema huma grande modeſtia ſobre as ſuas allegorias particulares, como prova em muitos lugares o ſeu grande Commentador Lacerda, e taõ doutamente como coſtuma.

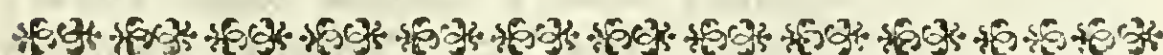
Deſejara eu, que Camões ſendo Catholico, ſeguiſſe neſta parte, como inimitavelmente obſervou em outras muitas, os veſtigios de hum Poeta gentio; porque entaõ ſeria a ſua Venus fallando com Jupiter, e o grande namorado Leonardo tratando com a Nynfa, taõ modeſtos, como he a Venus da Eneada, e Eneas diſcorrendo com Dido na cova. Porém como já temos em diverſas partes deſta Arte tratado, e recommendado eſte ponto, por ora ſó daremos por inſtrucçaõ ao Poeta, que lea eſtes verſos de Vida na ſua *Poetica*:

Poſtremò tibi ſiqua inſtant dicenda, ruborem
Quæ tenerum incuterent Muſis adaperta, Chorisque
Virgineis, molli vel præterlabere tactu
Diſſimulans; vel verte aliò, & rem ſuffice fictam.
Si Pater Omnipotens tonitru Cœlum omne ciebit,
Speluncam Dido, Dux & Troianus eandem
Deveniant, * *pudor ulterius nihil addere curet.*
Nam ſat erit tellus, quòd prima, & conſcius æther
Connubii dent ſignum, ululentque in vertice Nymphæ.

Neſtes verſos ſe verá qual foy a honeſtidade de Virgilio, e a differença que ha entre elle, e outros Poetas, a reſpeito deſta virtude, ſem ainda excluirmos Taſſo; porque ainda que geralmente fallando foy modeſto, com

tudo

tudo no Episodio da *Ilha Graciosa*, que se lê no Canto 16., em que Rinaldo se prende dos amores de Arminda, naõ observou muito a honestidade; vindo a depravar os costumes, quando o seu animo era instruir as gentes com a allegoria de mostrar, que os grandes Varões, ainda que muito fortes, e constantes, tambem estaõ sujeitos ás fraquezas das paixões da natureza. Se esta immodestia he taõ abominavel em algumas partes allegoricas de hum Poema, que naõ será naquellas chamadas Epopeias, que saõ todas obscenas, como o *Adonis* de Marino, e alguns outros deste genero? Diremos, que o Author de similhantes obras nem he perfeito Catholico, nem verdadeiro Poeta; porque naõ pratîca o fim da Poesia, que he instruir por meyo do honesto deleite; do mesmo modo, que peccaria contra a sua arte hum Architecto, que havendo de edificar huma casa, usasse de canas em lugar de traves, e de arêa em lugar de cal.



CAPITULO X.

Da Parodia.

NAõ he justo, que acabemos de tratar da Epopeia, passando em silencio a *Parodia*. He esta huma especie de Poesia, que

ſahe do Poema Epico, aſſim como de huma mãy formoſa naſce muitas vezes hum feto ridiculo. Teve ſua origem nos antigos Poetas, os quaes coſtumavaõ na recitaçaõ dos ſeus verſos ou introduzir o jocoſo no ſério, ou mudar inteiramente a ſeriedade dos ſeus verſos para aſſumptos gracioſos. Por eſta razaõ Eſcaligero no liv. 1. cap. 42. define a Parodia, dizendo: *Eſt Rapſodia, ſive Epopæia inverſa mutatis vocibus ad ridicula ſenſum trahens.* Aſſim o fez hum certo Poeta Grego chamado Matron, mudando, e appropriando em aſſumpto ridiculo infinitos verſos de Homero. O meſmo vi feito á noſſa *Luſiada*, valendo-ſe o Author dos conſoantes, e dicçaõ do Poeta, para argumento jocoſo. Entre os Latinos tambem ſe lem deſtas compoſições; e ſirvaõ de exemplo aquelles verſos de Criſpo Steforiano ſobre o louro dos triunfadores, os quaes lhe appropriou naõ ſey quem ao ramo, que ſe poem ás portas das tavernas. Dizia o Poeta no Acto 1. ſcena 1.

Ut æquus illam lauream, & frontis decus,
Illos honores ſtirpis inimicæ probem?
Criſpi triumphos, Cæſar, ut plauſu ſequar?
Perfundet ante ſydus arctoum mare.

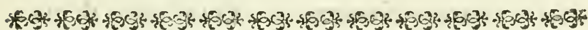
Dizia o que fez a Parodia:

Ut æquus illam lauream, lauri probum,
Illos liquores improbæ vitis probem?

Cæ-

Cætus bibaces potus ut plausu sequar?
Bibet ante sitiens arctos arctoum mare.

As Comedias Italianas costumaõ praticar muito a Parodia; porque a parte do *Doutor*, do *Capitan Spavento*, e do *Pantalone*, inventou-se para mostrar em ridiculo o caracter de hum homem valeroso, e de hum velho sabio, e prudente. E naõ só estas figuras, mas tambem as do *Pulcinella*, *Arrelechino*, e *Coviello* costumaõ a cada passo alterar algumas sentenças sérias dos Latinos, adulterando as palavras para as appropriarem a cousa ridicula.



CAPITULO X.

Juizo sobre os antigos Poetas Epicos Gregos, e Latinos.

NEstas reflexões, que vamos a fazer, tem *Homero* o primeiro lugar, naõ menos pela antiguidade, que pelo merecimento. Naõ faremos deste Principe da Epopeia hum perfeito juizo; porque saõ muitos os Authores, que já o fizeraõ, e como estes saõ muy triviaes, naõ queremos ser prolixos, e o Leitor os poderá ler, e saciar a sua curiosidade, principalmente em Monf. *Rolin* no tom. 2. da sua *Historia Antiga*, e no 1. do *Tratado dos Estudos*, além de Madama *Dacier*, que na admiravel

ravel traducçaõ, que fez defte Poeta deu a conhecer em que confiftem as verdadeiras bellezas da Poefia. Com tudo fempre diremos (a pezar de tanta critica rigorofa, como he a de Udeno Nifiely) que Homero foy o original, de que Virgilio extrahio a grande copia da fua *Eneada*; e efta razaõ he huma diftincta vantagem para a fuperioridade do Poeta Grego, baftando-lhe fer o primeiro, ainda que naõ foffe taõ infigne. A *Iliada*, e a *Odiffea* faõ dous grandes quadros, que para fazerem todo o feu bom effeito, naõ fe haõ de ver de perto, como os pequenos.

Neftes dous Poemas ha innumeraveis bellezas poeticas, affim no eftylo fublime, em que naõ teve igual, como nas vivas defcripções das coufas, e excellentes pinturas de engenhofas imagens. Quintiliano, que foy hum bom contrafte deftas preciofidades, diffe de Homero no liv. 10. cap. 1. *Humani ingenii excedit modum, ut magni fit viri virtutes ejus non æmulatione, quod fieri non poteft, fed intellectu fequi.* Efte louvor pareceo a Muratori exceffivo, e eu naõ deixo tambem de feguir o mefmo conceito; porque efte Poeta em muitas occafiões naõ fó dormitou, mas adormeceo com fomno profundo.

Como nós nos empenhamos em toda efta Arte de naõ dizer coufa alguma confideravel fem nos fundarmos em authoridade, veja-fe o que largamente dizem fobre efta noffa propofiçaõ o Padre *Rapin* no livro intitulado *Compara-*

paraçaõ dos Poemas de Homero, *e Virgilio*, Paulo Beni, o Apatista, Taſſo no Tratado *do Poema Heroico*, Muratori, e outros muitos, que facilmente ſe naõ pódem reduzir a numero. Ninguem, que dê paſſos ſeguros pela Poetica, poderá negar, que Homero em muitas partes naõ fez caſo da veroſimilhança; que alguns coſtumes dos ſeus Heroes naõ ſaõ louvaveis; que as ſuas Fabulas tem muito de defeituoſas, e que em algumas partes he irreligioſo, e outras vezes impio, tratando dos ſeus Deoſes. Porém como neſte Poeta ſempre as virtudes ſaõ mais que os vicios, devemos dizer com Horacio:

. . . . *Ubi plura nitens in carmine, non ego paucis*
Offendar maculis.

Heſiodo, ſegundo *Rolin*, tambem tem ſeu lugar neſtas reflexões. Foy contemporaneo de Homero, e eſcreveo das *Obras, e dos dias*, a *Theogonia*, ou Genealogia dos Deoſes, e o *Eſcudo de Hercules*. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. deſcreve o caracter deſte Poeta, dizendo, que raras vezes chega á altura do eſtylo ſublime; e que huma grande parte das ſuas Obras naõ contém mais, que nomes proprios; mas que com tudo iſto tem ſentenças muito uteis para os bons coſtumes, e muita doçura no eſtylo, e expreſsões; por cuja cauſa ſe lhe naõ póde negar a gloria de ſer inſigne no genero de eſcrever mediocremente. Outros Poetas produzio a Grecia, como *Terpandro*, *Tirteo*,

de

de quem falla Horacio na *Poetica*, *Dracon*, *Cherillo* muy eſtimado de Alexandre, *Arato*, *Apollonio*, *Nicandro*, *Antipatro*, *Parthenio*, e outros muitos; porém como eſtes Poetas naõ deſconhecidos, e a mayor parte das ſuas obras pereceraõ, deixaremos de tratar delles, como couſas menos importantes, e paſſaremos a diſcorrer dos Epicos Latinos.

Principiemos por *Lucrecio*, ſe bem que propriamente naõ eſcreveo Poema heroico, mas ſeis livros de *Rerum naturâ*, nos quaes explica largamente a Fyſica de Epicuro, que dedicou a Cayo Memmio ſeu condiſcipulo. Eſte Poeta he muy impio neſte ſeu Poema; porque ninguem como elle ſe atreveo a negar a providencia, e a fallar com tanto atrevimento da cauſa primeira, attribuindo ao unico movimento dos atomos todos os effeitos da natureza, formaçaõ, e conſervaçaõ do mundo. A reſpeito do merecimento deſte ſeu Poema, pelo que toca á Poeſia, naõ ſe póde negar, que tem muita nobreza, muita força, e igual engenho; aſſim os ſeus verſos tiveſſem aquella doçura, e harmonia, que ſe acha nos de outros Poetas.

Virgilio he ſem controverſia o Principe dos Epicos Latinos, como Homero dos Gregos. O merecimento do ſeu Poema he muy diſtincto; porque ainda que elle ſeja huma machina levantada ſobre os fundamentos da *Iliada*, e *Odiſſea*, com tudo naõ ſe tem decidido até agora quem ha de levar a preferencia.

cia. Em quanto ſe naõ julga eſta cauſa, que talvez nunca ſe ſentenciará, podemos ſeguir o juizo, que deſtes dous ſublimes Poetas fez Quintiliano, dizendo no liv. 10. cap. 1. que Homero tem mais viveza, e mayor naturalidade, e Virgilio mais arte, e mayor trabalho. Homero excede no grande, e no ſublime, e Virgilio ſe naõ chegou a eſte gráo, ficaõ em parallelo eſtes riquiſitos com a igualdade, e exacçaõ, que obſervou em todo o lugar da ſua Epopeia, a qual, ſe tiveſſe a ultima lima, ſeria muito mais perfeita, do que naõ he, naõ ſó a reſpeito da pintura do caracter do Heroe, como das acções de Eneas praticadas em Cartago; porém ainda no eſtado, em que a lemos, deve ſer muy diſtinctamente eſtimavel, pelo inimitavel eſtylo, nobiliſſimas ſentenças, e excellente evidencia em pintar, e rara economia em diſcorrer.

Lucano tambem he Poeta, que tem entre as Muſas hum honroſo lugar; porque a ſua *Farſalia*, em que deſcreve a guerra de Ceſar, e Pompeo, tem bellos penſamentos, ainda que alguns muito affectados, e huma grande viveza do eſtylo florido; porém como naõ obſervou as partes preciſas na Epopeia, diz Quintiliano no liv. 10. cap. 1. que mais deve entrar no numero dos Oradores, que dos Poetas: *Lucanus ardens, & concitatus, & ſententiis clariſſimus, &, ut dicam quod ſentio, magis Oratoribus, quàm Poetis annumerandus.* Preferir, ou igualar Lucano a Virgilio, como alguns

alguns quizeraõ, ſendo hum delles o Padre Feijó, he moſtrar naõ ſaber, que couſa he Epopeia, e ainda Poeſia. O que ſe póde dizer em louvor deſte Poeta he, que ſe chegaſſe a idade madura naõ morrendo de vinte e ſeis annos, ſeria perfeito; porque perderia aquelle demaſiado fogo, em que ſe accendia, e abateria aquelles altos voos, em que deixava ir a fantaſia ſem moderaçaõ; cujos vicios o fazem ſer affectado, e prolixo, e quando os quer evitar, naõ tem aquella delicada eſcolha de Virgilio, e vem a cahir em outros defeitos, quaes ſaõ as expreſsões humildes, e algumas vezes inſipidas.

Silio Italico eſcreveo hum Poema de *Bello Punico* no reinado de Domiciano, cuja obra ſe achou ſepultada na Bibliotheca de S. Gallo no tempo do Concilio de Conſtancia com outros muitos manuſcritos. Naõ naſceo Poeta, nem o eſtudo ſupprio inteiramente tudo o que a natureza lhe negara para o ſer. Eſcreveo na ſua velhice depois de ter ſido Conſul, e a frialdade do ſeu eſpirito poetico correſpondeo á do ſeu ſangue. Marcial no Epigramma 63. do liv. 7. empenha-ſe em louvar muito a eſte Poeta; o que nada tem feito, para que a poſteridade tiveſſe a ſua Muſa por excellente; com tudo ſempre ſe deve dizer com verdade, que ninguem eſcreveo no ſeu tempo com linguagem mais pura: aſſim a reſpeito da Poetica ſe lhe podeſſe fazer igual elogio; pois mais util foy á Hiſtoria, que á Poeſia, obſervando

vando com grande exacçaõ a verdade hiſtorica.

Eſtacio floreceo no tempo de Domiciano, a quem foy muy aceito, pela grande facilidade, que tinha em verſificar de repente; e eſte valimento he que talvez foy a cauſa de que Marcial, como invejoſo, naõ fizeſſe mençaõ delle nos ſeus Epigrammas, fallando nelles de todos os Poetas do ſeu tempo. Compoz dous Poemas heroicos, hum intitulado *Thebaida*, outro *Achilleida*; o primeiro comprehende doze livros, e o ſegundo ſó dous, porque lho impedio a morte. Foraõ muito eſtimados em Roma, como diz Juvenal no liv. 3. ſatyra 7. dizendo, que ſe ajuntava o povo para os ouvir com extraordinario concurſo. Póde ſer, que eſte elogio naſceſſe dos coſtumados hyperboles, de que uſava eſte Satyrico; e tambem poderá ſer, que foſſe ſincéro; porque naquelle tempo já eſtava eſtragado o bom goſto da Poeſia. Porém naõ deve fazer admiraçaõ o louvor de Juvenal, quando Eſcaligero pretende, que nenhum Epico antigo, e moderno igualara a Eſtacio em imitar a Virgilio. Deſte juizo ſe vê, que neſte inſigne Author houve mais erudiçaõ, que juizo critico; porque naõ attendeo, em que a Fabula da *Thebaida* he defeituoſa, pela deduzir naõ *ab ovo*, mas *à gallina*, como diz o Apatiſta; que neſte Poema gaſta ſeis livros inutilmente; que na Achilleida queria contar todas as acções do ſeu Heroe, como claramen-

te

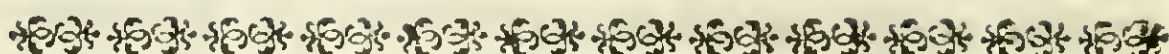
te ſe vê dos dous livros, que deixou; que o ſeu eſtylo he o mais inchado, e ás vezes o mais frio; e ultimamente, que he taõ prolixo, que causa faſtio. Melhor juizo he o daquelles, que dizem, que Eſtacio, Lucano, e Silio Italico trataraõ os ſeus argumentos mais como Hiſtoriadores, que Poetas; por naõ obſervarem aquelles requiſitos, que formaõ a eſſencia, e conſtituiçaõ do verdadeiro Poema Epico.

Valerio Flacco eſcreveo hum Poema heroico ſobre a viagem dos Argonautas, que dividio em oito livros, e dedicou a Veſpaſiano, em cujo reinado o principiou. Quintiliano louvou muito eſte Poeta, dizendo no liv. 10. cap. 1. *Multùm in Valerio Flacco nuper amiſimus*; porém os criticos mais judicioſos tratando *ex profeſſo* do merecimento deſta Epopeia, o que naõ fez Quintiliano, ſaõ de opiniaõ, que nella ſe encontraõ varios defeitos contrarios ás regras da Arte, como já temos apontado em diverſas partes. O certo he, que neſte Poema ſe naõ acha belleza alguma Poetica, e que o eſtylo delle he languido, e frio por cauſa de huma affectaçaõ, com que buſca o ſublime, que naõ ſoube conſervar; e por eſta razaõ me parece muito merecido o conſelho, que lhe deu Marcial, exhortando-o como amigo, que ſe deixaſſe das Muſas, das quaes naõ podia eſperar utilidade, e ſeguiſſe como mais proveitoſo para elle o tratar das cauſas no Foro.

Clau-

Claudiano teve ſeu merecimento para que os Imperadores Arcadio, e Honorio lhe fizeſſem levantar huma eſtatua á ſua memoria. He preciſo confeſſar, que entre aquelles, que tentaraõ de ſeguir, e imitar a mageſtade de Virgilio, he eſte Poeta o de goſto menos corrupto, e bem podia ter hum diſtincto lugar pelo ſeu pequeno Poema de *Raptu Proſerpinæ*, e mais obras entre os Epicos, que floreceraõ no feliz ſeculo de Auguſto. Claramente ſe vê, que tinha muito engenho, e que naſcera para a Poeſia, porque havia nelle aquelle fogo, de que procede o Enthuſiaſmo. O ſeu eſtylo he correcto, ſuave, elegante, e ao meſmo tempo nobre, e elevado. Verdade he, que nelle tem muita viveza puerîl, que o faz ſer inchado, e que ſim teve huma idéa engenhoſa, mas muy diſtante daquella harmonioſa delicadeza, que ſe acha em Virgilio. Tambem naõ imitou a eſte Poeta naquelle gyro natural dos verſos; porque fez os ſeus com huma tal cadencia, e taõ continuada, ou ſeja principiando-os por tres Dactilos, ou metendo hum Eſpondeo entre dous Dactilos, que faz aſſentar o Leitor muitas vezes no meyo do caminho pelo canſaço, que lhe cauſa taõ continuado gyro.

CA-



CAPITULO XII.

Juizo ſobre a Luſiada *do grande Luiz de Camões.*

TRatando nós dos Epicos Gregos, e Latinos, que tanto illuſtraraõ a Epopeia, ſeria hum reprehenſivel deſcuido, ſe naõ fallaſſemos alguma couſa ſobre o Poema do noſſo Camões, o qual ſendo Poeta vulgar, merece huma fama diſtincta entre os Epicos, de que tanto ſe deſvaneceo Grecia, e Roma. Naõ diſcorreremos ſobre outras Epopeias, de que a noſſa lingua he abundante, como a *Ulyſſea*, o *Ulyſſippo*, o *Macabeo*, o *Condeſtavel*, a *Malaca Conquiſtada*, o *Affonſo Africano*, o *Virginidos*, a *Inſulana*, e outros mais Poemas; porque entre todos eſtes tem ſuperior lugar a *Luſiada*, e he a que as nações eſtranhas tem applaudido, traduzindo-a nos ſeus idiomas aquellas, que ſaõ mais cultas nas boas Artes. Por eſta razaõ, e por naõ fazermos hum volume ſeparado diſcorrendo ſobre tantas Epopeias, trataremos unicamente da do noſſo inſigne Camões. Muitas ſaõ as virtudes poeticas, que nelle ſe deſcobrem, e pretender negallas, he cometter hum abſurdo.

Foy Camões admiravel na evidencia das ſuas pinturas. A do Eſpirito Santo no Canto 2. Eſtanc. 11. a das Nynfas abrindo caminho

ás náos no mesmo Canto Estanc. 20. a do estrondo, que faziaõ as trombetas, e bombardas das nossas náos, tapando os Mouros com as mãos os ouvidos, que se lê no dito Canto Estanc. 100. saõ todas pinceladas de grande Mestre. Que excellentissima he igualmente aquella imagem do Canto 3. Estanc. 102. em que mostra a Rainha Dona Maria pedindo soccorro a ElRey seu pay; a das náos, que hiaõ para o descobrimento, que se lê no Canto 4. Estanc. 85., e aquella pintura pathetica da partida das mesmas náos para a India, que admiramos no mesmo Canto Estanc. 89. e 90.

A imagem, com que este Poeta no Canto 5. Estanc. 47. representa o lastimoso fim da mulher de Manoel de Sousa de Sepulveda, arrebata a todo o que tem paladar delicado no gosto da Poesia. O mesmo succede com a do Tritaõ do Canto 6. Estanc. 16. e com a celebre do Adamastor do Canto 5. Estanc. 39., e se a de Dona Ignez de Castro no Canto 3. Estanc. 118. naõ fosse taõ demasiadamente engenhosa, e por isso impropria na boca de huma Senhora em extremo afflicta, tambem por ella se conheceria o dedo de tamanho gigante. Naõ he assim a do velho fallando na praya, que se lê no Canto 4. Estanc. 94. pois se vê nesta imagem bem observado o costume poetico naquelle homem, que representando a figura do vulgo, ignora os segredos dos gabinetes dos Principes, e discorre

como lhe parece nas reſoluções delles. Que direy daquella excellente deſcripçaõ de peleja no Canto 3. Eſtanc. 52. e a da marcha de hum exercito no Canto 3. Eſtanc. 107.? Quem ſabe quaes ſaõ as verdadeiras cores, com que a Poeſia anima as ſuas pinturas, naõ póde deixar de louvar exceſſivamente a Eſtanc. 71. do meſmo Canto 3. em que compara o Poeta com Pompeo a ElRey D. Affonſo II. valendo-ſe para iſto de bellezas internas, e externas, que ſe devem avaliar por hum dos melhores lugares de todo eſte Poema.

No que reſpeita ás comparações, naõ he facil poder fallar dignamente da ſua propriedade, e evidencia; ſó dizendo, que igualou a Virgilio, a quem imitou muitas vezes, ſe bem que em alguma occaſiaõ foy com modo ſervil, como v. g. a comparaçaõ das formigas no Canto 2. Eſtanc. 23., e algumas outras. Veja-ſe quanto he propriiſſima a comparaçaõ do Canto 2. Eſtanc. 27. comparando a fugida dos Mouros com as rans; a do Canto 3. Eſtanc. 47. comparando os Mouros accõmettidos pelo exercito de ElRey D. Affonſo I. com o Touro cercado de caens; a da Eſtanc. 49. do meſmo Canto, comparando o terror dos Mouros, com o que coſtumaõ ter os homens do campo, quando repentinamente vem ateado o fogo no mato ſecco, e recolhendo o fato, fogem para a aldea; e a do Canto 5. Eſtanc. 21. comparando huma nu-

vem

vem ſorvendo agua no mar com a ſangueſuga, cuja comparaçaõ reputo pela melhor de todas as que tem eſta Poema; porque naõ ſey que foſſe tirada de algum Poeta.

Muito nos poderamos alargar, diſcorrendo em outras infinitas virtudes, que ſe deſcobrem neſta Epopeia, como v. g. a elegantiſſima deſcripçaõ de dous rios na figura de dous velhos, que ſe lê no Canto 4. Eſtanc. 71. aquella fantaſia poetica da Eſtanc. 55. do meſmo Canto, a qual he taõ ſublime, como nova, e finalmente todas aquellas imagens, em que concorre o tragico com o amoroſo, nas quaes foy inimitavel o noſſo Poeta; e ſenaõ veja-ſe a deſcripçaõ da morte de Dona Ignez de Caſtro no Canto 3. Eſtanc. 118., e a da mulher do infeliz Sepulveda no Canto 5. Eſtanc. 48., em que para mover a compaixaõ ſe affaſta hum pouco da verdade hiſtorica, dizendo, que Dona Leonor morrera abraçada com ſeu marido.

Paſſando das virtudes deſte Poema a alguns ſeus defeitos, devemos naõ negar, que eſte Homero dormira algumas vezes; no que deve ſer deſculpado, naõ ſó por ſer propriamente o primeiro Epico Portuguez, mas tambem por falta do ſocego, e talvez de livros, que lhe deſſem os preceitos; o que bem devemos ſuppor da ſua grande pobreza, e continuos trabalhos, que naõ lhe deixaraõ pôr a ultima lima á ſua grande Obra. Já pelo diſcurſo de toda eſta Arte diſſemos o que ſen-

tiamos ſobre a Propoſiçaõ, Invocaçaõ, Dedicaçaõ, Narraçaõ, e Epiſodios gentilicos deſte Poema: já apontámos os defeitos ſobre o decoro naõ obſervado em algumas partes: agora diſcorreremos brevemente em outros defeitos, por ſervirmos á inſtrucçaõ do Poeta principiante, e naõ por diminuir a juſta gloria de taõ illuſtre nacional. Principiemos pelas partes de qualidade, que tem a Epopeia.

A Fabula da *Luſiada* ſim tem *ſoluçaõ*; mas a alguns Criticos parece, que naõ he natural, como a da *Eneada*; porque deviaõ deſatar o nó aquelles meſmos, que o urdiraõ. Antes que Vaſco da Gama, e ſeus companheiros chegaſſem felizmente á Patria, dando fim á acçaõ, deviaõ Venus, e Baccho, que foraõ os que fizeraõ a Implexaõ da Fabula, deſatarlhe o nó, cedendo (como diz Gracez Ferreira) o odio de Baccho ao affecto de Venus, e mediando algum accidente infauſto, ou duvidoſo entre os dous ultimos; iſto he, da aſſiſtencia naquella Ilha delicioſa, e da chegada a Lisboa. Aſſim o praticou Virgilio; porque introduz a Juno, que foy a que urdio o enredo da fabula, ſendo oppoſta a Venus, cedendo do ſeu propoſito a tempo, em que eſtava duvidoſa a victoria entre Turno, e Eneas, que entre ſi contendiaõ. Igualmente a reſpeito dos coſtumes alguma couſa ha, em que reparar a Camões; pois por querer demaſiadamente conformarſe com a verdade hiſtorica, faltou a eſta taõ preciſa circunſtancia

em

em alguns lugares, como fez no Canto 8. Eſtanc. 57. dizendo do ſeu Heroe:

Que elle naõ era mais que hum diligente
Deſcubridor das terras do Oriente.

No meſmo Canto Eſtanc. 90. cahe no deſcuido de fazer o meſmo Vaſco da Gama inquirido, e proceſſado por mandado de El-Rey de Calicut, e publicar, que

Inſiſte o Malabar em tello prezo.

E para poder ſer ſolto, diz no meſmo Canto Eſtanc. 93. que

Eſcreve a ſeu irmaõ, que lhe mandaſſe
A fazenda, com que ſe reſgataſſe.

Aqui ſe vê o quanto contra os preceitos poeticos abate Camões o caracter ſublime do ſeu Heroe, fazendo-o negociante, para comprar a propria liberdade; em cujo erro cahio tambem, fazendo a Vaſco da Gama taõ pouco experto, que cahia nos duplicados enganos, e traições do Xeque de Moçambique, dizendo algumas vezes:

O Capitaõ, que naõ cahia em nada.

Porém ainda que o noſſo inſigne Poeta cahio neſtes defeitos taõ eſſenciaes, em outros muitos lugares moſtrou quaes deviaõ ſer os coſtumes de hum Capitaõ generoſo. Sirva de exemplo a Eſtanc. 15. do Canto 4. em que falla

falla o Poeta do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira neſta excellente hypotepoſi:

Como da gente illuſtre Portugueza
Ha de haver quem refute o patrio Marte!
Como deſta Provincia, que Princeza
Foy das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de ſahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez, e por nenhum reſpeito
O proprio Reino queira ver ſujeito?

Naõ he menos admiravel a Eſtanc. 41. do Canto 6. em que deſcreve os coſtumes de hum ſoldado na peſſoa de Fernaõ Velloſo, dizendo ao namorado Leonardo Ribeiro:

Naõ he, diſſe Velloſo, couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza;
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Naõ ſoffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, e robuſta
A noſſa hiſtoria ſeja; pois dureza
Noſſa vida ha de ſer, ſegundo entendo;
Que o trabalho por vir mo eſtá dizendo.

Veja-ſe ultimamente na Eſtanc. 69. do Canto 7. que já em outro lugar apontámos, quanto foy Camões inimitavel, pintando os coſtumes de hum Mouro, que falla por boca de hum Poeta Catholico a reſpeito da Religiaõ dos Portuguezes:

Tem a Ley de hum Profeta, que gerado

Foy

Foy ſem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por bafo eſtá approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles he, que o valor ſanguinolento
Das armas no ſeu braço reſplandece;
O que a noſſos paſſados ſe parece.

A reſpeito da *inveroſimilhança* tambem ha alguma couſa, que notar neſta Epopeia; principalmente no Epiſodio do Canto 7., em que Paulo da Gama explica ao Catual os feitos heroicos dos Portuguezes, debuxados nas bandeiras da Capitanea. Naõ he muy veroſimil, que a hiſtoria de tantas batalhas, acções, e retratos de homens illuſtres coubeſſem nas bandeiras; e dado que coubeſſem, naõ ſaõ as bandeiras lugar proprio para eſtarem pintadas facções inſignes; pois nellas o que unicamente ſe poem para ſerem conhecidas, ſaõ as armas do Principe a que pertencem. Mais ſeguro hiria Camões, ſe neſta parte imitaſſe a Virgilio, o qual querendo fazer mençaõ de acções memoraveis, fingio-as poſtas em huns quadros, e naõ em bandeiras. Melhor lugar tinhaõ eſtes feitos Portuguezes pintados em paineis na camera do Capitaõ.

A parte da *ſentença*, taõ neceſſaria na Epopeia, tambem na Luſiada ſe naõ vê muito obſervada; porque na Eſtanc. 64. do Canto 1. diz Vaſco da Gama fallando com hum Turco:

Naõ

Naõ ſou da terra, nem da geraçaõ
*Das gentes * enojoſas de Turquia.*

E diſcorrendo o meſmo Heroe com ElRey de Melinde, todas as vezes (e naõ ſaõ poucas) que falla em Mouros, lhes chama *perros*, *barbaros*, *neſandos*, e *perfidos*; ſem attender, que eſte Rey o recebera taõ benignamente, e que os conceitos naõ ſó devem ſer conformes ás peſſoas, que os dizem, mas tambem áquellas, de quem ſe dizem. Eſta regra pertence tanto ás leys da Poetica, como da Politica. Igualmente he accuſado o noſſo Poeta por animar muito de ſentenças a ſua dicçaõ; o que ſó he concedido á Tragedia, como já diſſemos, fundando-nos em hum preceito do Padre Donato, que diz no liv. 3. cap. 7. da ſua *Poetica*: *Sententia in Epopæiâ rarior, quàm in Tragædiâ; minus enim narrantem decet, quàm actores inducentem.*

Naõ ſó neſta parte naõ foy Camões bem regulado, mas tambem obſervou pouco aquella ley poetica, que manda, que raras vezes na Epopeia ſe introduza o Poeta meſmo a fallar; e o noſſo Epico o pratîca de modo, que em todo o diſcurſo de ſeu Poema faz em peſſoa ſua propria huma demaſiada parte da narraçaõ. Alguns outros reparos fazem os Criticos a reſpeito da dicçaõ, ſobre humas vezes ſer antiquada já no tempo do Poeta, outras ſer cheya de vozes eſtranhas, naõ menos Latinas, que Italianas, as quaes ſe fazem im-

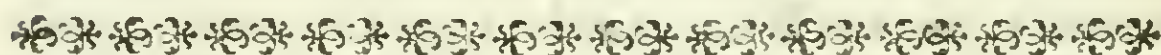
per-

perceptiveis aos que naõ ſaõ muy intelligentes; porém eſte defeito naõ he taõ grande, que naõ ſe poſſa defender, moſtrando com bons Authores, que o Epico deve uſar de vozes novas, ſendo com economia, e propriedade, como largamente moſtrou Annibal Caro na *Apologia* contra Caſtelvetro pag. 156., e ſe convence da authoridade de Cicero no liv. 3. Orat. dizendo: *Inuſitata ſunt priſca ferè, ac vetuſta, & ab uſu quotidiani ſermonis jam diù intermiſſa; quæ ſunt poetarum licentiæ liberiora, quàm noſtra.* Veja-ſe tambem o que diz Quintiliano no liv. 1. cap. 6. *in fine*, e Vida no liv. 3. da ſua *Poetica* neſtes verſos:

Quin & victa ſitu, ſi me penuria adaxit,
Verba licet renovare; licet tua, ſancta vetuſtas,
Vatibus indugredi ſacraria ſæpius olli
Ætatis gaudent inſignibus antiquai,
Et veterum ornatus induti incedere avorum.
Non tamen ille veter ſqualor fuat undique; & ater
Verborum ſitus, hic modus adſit denique, quando
Copia non deſit, quorum nunc pervius uſus.

Temos acabado de tratar daquellas principaes eſpecies de Poeſia, que formaõ huma Arte Poetica, e cremos, que o fizemos com algum trabalho, clareza, e mayor extenſaõ, que outros muitos Authores, que eſcreveraõ ſobre eſte aſſumpto, como entre outros foy o douto Luzan, que tanto que acabou de tratar da Epopeia, deu fim á ſua Arte. Nós ao principio eſtavamos para ſeguir eſte exemplo;

por eſtar a penna já cançada com empreza taõ vaſta, como difficultoſa; porém para naõ ter juſtamente, que nos arguir o Poeta principiante, continuaremos o noſſo aſſumpto, paſſando a diſcorrer de outras eſpecies de Poeſia, como da *Ecloga*, da *Satyra*, da *Lyrica*, da *Elegia*, do *Epigramma*, do *Emblema*, *&c.* Se bem que de tudo já temos dado os preciſos preceitos no principio deſte livro, tratando da Poeſia fantaſtica.



CAPITULO XIII.

Da Ecloga, *ſua origem, definiçaõ, eſtylo, virtudes, e vicios.*

A Poeſia Bucolica tambem ſe comprehende na claſſe de Poeſia dramatica; pois nella ſe pódem imitar os tres modos, porque ſe faz a imitaçaõ, como já temos dito, e de tudo temos exemplo nas Eclogas de Virgilio. Na Ecloga 4. temos o modo *Exegetico*, porque he ſó o Poeta o que falla; na Ecloga 3. temos o *Dramatico*, em que o Poeta introduz peſſoas a fallar; e na Ecloga 8. temos o modo *Mixto*; porque nella humas vezes falla o Poeta, e outras, diverſa peſſoa, que introduz.

Eſta eſpecie de Poeſia he certo, que he a mais antiga, ſegundo provámos no principio

pio desta Arte, e que foraõ os inventores della, confórme Eliano, e Diodoro, os Pastores de Lacedemonia, e na opiniaõ de outros, como Atheneo, foraõ ou *Diomo*, ou *Nomio*, ou *Daphnis*. Neste ponto naõ ha certeza; o que sabemos he, que as Eclogas mais antigas, de que temos noticia, saõ as de Theocrito, e Moscho, Poetas Sicilianos, como prova Joaõ Ventimiglia no liv. 1. dos *Poetas Sicilianos*. Nenhuma outra cousa he a Poesia Bucolica, senaõ a *imitaçaõ de acções rusticas exprimidas em verso*; e ainda que ella tome o nome da voz *Bubulcus*, que significa o Vaqueiro, com tudo tambem nella se pódem comprehender os Lavradores, os Hortelãos, os Caçadores, os Pescadores, e outros similhantes sujeitos; de modo, que quando ella representar os costumes de Pastores, chama-se *Pastoril*, de Caçadores *Venatoria*, e de Pescadores *Piscatoria*. Destes ultimos nunca se valeo a antiguidade para sujeitos das suas Eclogas, e foy o primeiro, que os introduzio o famoso *Sannazaro*, a quem seguio o Padre *Jannetasio*, Jesuita de grande nome na Poesia.

Monsieur de Fontanelle em hum discurso, que fez sobre a Ecloga, naõ approva muito as Piscatorias; e a razaõ, que dá, he, que o Canto, e o ocio, de que nascem os versos da gente do campo, naõ convém muito aos Pescadores; porque passaõ huma vida cheya de trabalhos, e perigos, os quaes naõ soffrem o discorrer em objectos agradaveis á vista; pois sem-

ſempre o animo anda afflicto; porém eſta critica, ſe bem que naõ he mal fundada, he demaſiadamente rigoroſa; porque a Poeſia he como a Pintura, e em qualquer genero de objectos p'de brilhar com boas luzes.

Quando diſſemos na definiçaõ, que a Ecloga era *imitaçaõ de couſas ruſticas*, naõ quizemos niſto dizer, que ſó as couſas humildes lhe podiaõ ſervir de materia; pois tambem admitte argumentos ſublimes, como de Cometas, Terremotos, movimentos dos Aſtros, &c. porém ſempre o modo, e eſtylo ha de ſer ruſtico. Aſſim o praticou Virgilio, quando introduzio a Sileno tratando da natureza das couſas celeſtes, e terreſtes, que naõ ſaõ improprias da gente do campo, porque he muito obſervadora. Tem o artificio da Ecloga tres circunſtancias principaes, a que o Poeta deve muito attender: a primeira he o *Titulo*, a ſegunda he o *Exordio*, e a terceira a *Narraçaõ*. Alguns querem tambem neſtas partes comprehender o *Epilogo*, porém eſte muitas vezes ſe omitte.

O *Titulo* ou ſe póde deduzir da peſſoa principal da Ecloga, como a 1. de Virgilio intitulada *Tityrus*, ou da materia, de que ſe trata, como a 4. do meſmo Poeta com o titulo de *Pollio*, e a 8. intitulada *Pharmaceutria* em razaõ dos encantamentos, e magias, que contém. O *Exordio* póde-ſe formar de diverſos modos, ſegundo a variedade das Eclogas; porque convém hum naquella, em que o Poeta

ta começa a fallar, e outro naquella, que principia por Paſtores, fallando huns com os outros. Em primeiro lugar póde-ſe deduzir da invocaçaõ das Muſas, das Nynfas, ou de alguma peſſoa de grande esféra, como Virgilio, quando principiou dizendo: *Sicelides Muſæ, &c.*, e tambem: *Poſtremum hunc, Aretuſa, &c.* Em ſegundo lugar póde-ſe começar pela mera propoſiçaõ da couſa, que ſe ha de tratar, como fez Virgilio, principiando:

Damonis Muſam dicemus, & Alpheſibæi.

Ou pelas circunſtancias, e adjuntos de lugar, tempo, &c. ſegundo o meſmo Poeta:

Fortè ſub argutâ conſederat Ilice Daphnis.

Em ultimo lugar póde-ſe principiar *ex abrupto*, v. g. ou por interrogaçaõ, como lemos em Virgilio: *Cur non Mopſe, &c.* e *Quò te, Mæri, pedes? &c.* ou tambem convidando-ſe o Poeta a ſi meſmo para cantar, de que temos o exemplo em Sannazaro, começando huma Ecloga:

Sed jam vulgatos & nos referamus amores,
Quos pariter, &c.

Sobre a *Narraçaõ* naõ nos occorre outra couſa, que dizer, ſenaõ que ſeja proporcionada, propria da materia da Ecloga, e urdida com eſtylo humilde. Eſte deve ſer corrente, brando, puro, e ſem ornato de ſentenças, e agudezas, que excedaõ a esféra de hum

hum homem ruſtico. Com tudo admitte algumas metaforas, comparações, argumentos chamados *ab impoſſibili*, e allegorias; e ſaõ eſtas taõ proprias das Eclogas, que muitas vezes eſta he huma continuada allegoria, entendendo-ſe debaixo de nomes de Paſtores, e acções humildes, peſſoas grandes, como Principes, e aſſumptos elevados, v. g. Genethliacos, Epitalamios, Epicedios, Epinicios, &c.

Em ſimilhante Poeſia he igualmente muy proprio o verſo *Intercalar*, de que uſou muito Virgilio, Sannazaro, Bargeo, Pontano, e outros. Naõ lhe he menos conveniente o *Amabêo*, principalmente ſe hum Paſtor reſponder a outro em verſos, e numeros iguaes, e ás vezes com vozes, e ſentenças ſimilhantes, ou tambem contrarias; porém niſto deve haver grande cuidado em ordem a que a Ecloga naõ ſaya taõ artificioſa, que ſe perca a pintura do veroſimil, repreſentando-ſe o que naõ ſe póde naturalmente eſperar de homens camponezes, naõ menos a reſpeito de conceitos refinados, que de palavras graves, e imagens ſublimes, por alheyas da materia, de que ſe trata, e da fantaſia, e entendimento de quem a trata.

CA-



CAPITULO XIV.

Juizo ſobre os antigot Poetas Bucolicos Gregos, e Latinos.

O Primeiro Author, de que ha noticia, que eſcreveſſe de Poeſia Bucolica foy *Daphnis*, antiquiſſimo Poeta Siciliano, que muitos Eſcritores fazem inventor deſta eſpecie de Poeſia. A antiguidade naõ nos informou eſpecificamente das Obras deſte Poeta; o que ſabemos he, que fora excellente na Poeſia Bucolica, e que em verſos Hexametros cantara taõ docemente os ſeus amores, que delles diz Silio Italico no liv. 14. verſ. 267.

. . . . . Daphnin amarunt
Sicelides Muſæ, dexter donavit avenâ
Phœbus Caſtalia, & juſſit projectus in herbâ
Si quandò caneret, lætos per prata, per arva
Ad Daphnin properare greges, rivosque ſilere, &c.

Mayor louvor deſte Poeta achamos no Idylio 5. de Theocrito, dizendo:

Muſæ me multò magis amant, quàm cantorem Daphnidem.

E em hum Epigramma do meſmo Poeta lemos eſte grande elogio.

Da-

Daphnis ille nitidus, ille qui pulchrâ fistulâ modulabatur
Bucolicos hymnos.

Theocrito foy o mais celebre entre todos os Poetas Bucolicos; e por isso he por antonomasia chamado o Poeta Siciliano, e o Principe da Poesia Pastoril. Edilo antigo Poeta Epigrammatico louvando a Pasizocles, diz:

. . . . . . *Sed inter pocula,*
* *Siculo Vate ludit multò suavis.*

Do mesmo modo o nomea Atheneo no liv. 1. pag. 4. e o Emperador Juliano em huma Carta escrita a Libanio Sofista, segundo allega Ventimiglia no seu Tratado dos Poetas Sicilianos pag. 140. Teve este Poeta huma grande doçura, e suavidade no dizer; o que deu occasiaõ a escrever Gaurico de *Lege Poeticâ* = *Theocritus Philines, & Simmichi Syracusani filius magno Doridis linguæ successu Bucolica composuit, quæ frustrâ plerique conati sunt imitari.* Igual foy a sua energia, e evidencia em representar vivamente os pensamentos, e por esta razaõ Sinesio na Epistola 114. naõ podendo descrever a seu irmaõ a belleza de huma quinta, usou deste conceito: *Nynpharum porrò speluncam hic ego minimè prædicabo. * Theocrito enim opus est.* Escreveo muitos Idyllios, dos quaes o mais estimado he o seu *Tirso*, a *Pharmaceutria*, e o *Epitalamio de Helena*, segundo

gundo a opiniaõ de Viperani na ſua *Poetica*, e Patrizi na *Poetica Hiſtorial* liv. 1.

Seguio-ſe *Bion* a Theocrito, e igualmente illuſtrou a Sicilia com os ſeus Idillios, dos quaes ſe lem alguns fragmentos na *Collecçaõ dos Poetas heroicos Gregos* tom. 1. pag. 613. Em tudo quanto ſe lê deſte Poeta ſe acha hum eſtylo ſuaviſſimo, e cheyo daquelles affectos, que a cada paſſo ſe encontraõ nas Muſas Sicilianas. A Obra mais inteira, que temos de Bion, he a intitulada *Epitaphion Adonidos*; na qual chora a morte de Adon do meſmo modo, que Theocrito a morte de Daphnis. Eſte Idillio feito em verſos Anacreonticos, e que traduziraõ em Latim diverſos Authores, como Gambara, Douſa, e Volcanio, tem huma admiravel doçura, e ſaõ nelle tantos os affectos para mover os animos ao ſentimento, que Bartio, e Eſcaligero lhe chamaõ *Divinum Idillium*. Alguns Authores pretendem, que eſta Poeſia ſeja obra de Theocrito, e que Bion ſó compozeſſe os Idillios chamados *Cleodamo*, *Hyacintho*, e mais quatro ſem titulo; porém equivocaraõ-ſe com outro, que tambem fez Theocrito em verſos Anacreonticos ao meſmo aſſumpto, ſegundo nota Criſpino nas Annotaçoẽs a eſte Idillio, dizendo: *Quamquam hoc Eidyllion inter Theocriti Bucolica vulgò referatur, Camararius tamen tribuit Bioni. Scripſit autem Theocritus aliud Eidyllion in mortuum Adonin verſu Anacreontico.*

Moſcho ſuccedeo a Bion, e foy diſcipulo

do celebre Ariſtarcho Grammatico. Eſcreveo diverſas obras em proſa, em que foy taõ excellente, como no verſo, ſegundo Atheneo liv. 5. pag. 147. Alguns Idillios ſe perderaõ deſte Poeta; ſalvaraõ-ſe outros, como o *de Venere, & Amore*, o *de Amore fugitivo*, *de Amore aratore*, e o *de Epitaphio Bionis*, além de alguns mais, que ſe lem na Colleçaõ de Criſpino. Eſtes ſaõ os Poetas Bucolicos Gregos de fama mais diſtincta; houve outros, que a antiguidade nos louva; porém naõ paſſaraõ as ſuas obras aos noſſos tempos, e de alguns ſó temos fragmentos bem diminutos.

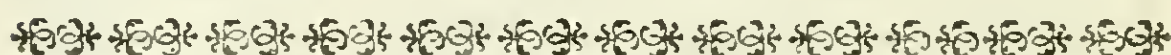
Paſſou a Italia no tempo de *Virgilio* a belleza da Poeſia Bucolica, em que tanto ſe diſtinguiraõ os Gregos; porque foy eſte Poeta o unico, que de algum modo os imitou, como vemos das ſuas Eclogas, que no ſeu genero em nada ſaõ inferiores á Eneida. Alguns Authores as cenſuraõ, como Niſieli no tom. 3. dos ſeus *Proginnaſmas*, Pontano na *Poetica* liv. 2. cap. 23., e Monſ. Viperani no liv. 3. cap. 8. dizendo, que Virgilio naõ imitara aquella bella ſimplicidade de dizer, que tem Theocrito, de quem elle ſe valera tanto em todas as ſuas Eclogas, como evidentemente prova Ventimiglia no Parallelo da Bucolica de Virgilio com a de Theocrito, que anda no ſeu livro dos *Poetas Sicilianos* liv. 1. pag. 141. Leamos o juizo de Viperani: *Virgilius laudatam illam Theocriti ſimplicitatem aut noluit aſſequi, aut certè non potuit; ſeu quòd ingenio na-*

tus

tus fuit ad graviora, ſeu quòd Romanus ſermo tantam humilitatem ferre non poterat. Nam quandoque ſeſe attollit, atque inflat vehementius tum in rebus, tum in verbis. O certo he, que a lingua Dorica (ſegundo nos dizem todos os Authores) foy a mais propria para a Poeſia paſtoril; porque tinha huma tal ſimplicidade de dicçaõ, que nenhuma outra lingua a igualava, ſendo para os aſſumptos humildes do meſmo modo, que o idioma Attico para os graves.

Nemeſiano além do ſeu Poema ſobre a Caça, eſcreveo tambem algumas Eclogas. Paſſou no ſeu tempo por homem inſigne na Poeſia: a meſma opiniaõ teve *Calpurnio*, que igualmente foy Poeta Bucolico, deixando ſete Eclogas enviadas a Nemeſiano. Naõ he preciſo fazer juizo das Obras deſtes dous Poetas; porque baſta dizer, que ambos floreceraõ nos tempos de Caro, Carino, e Numeriano, em que o bom goſto da Poeſia eſtava inteiramente eſtragado. Alguns Poetas modernos tem havido, que reſuſcitaraõ o verdadeiro eſtylo das antigas Eclogas, como Sannazaro na ſua *Arcadia*, ſe bem que algumas ſaõ affectadas por ſerem todas em verſos Eſdruxulos; o Padre *Nicoldo Parthenio*, o incomparavel Padre *Ceva* gloria da Poeſia, o Padre *Vaniere*, o Padre *Rapin*, e outros muitos, entre os quaes tem hum bom lugar os noſſos Portuguezes *Luiz de Camões*, *Franciſco de Sá de Miranda*, *Balthazar Eſtaço*, *Diogo Ber-*

nardes, *Bernardino Ribeiro*, *Francisco Rodrigues Lobo*, e outros, de que naõ he preciso fazer hum prolixo catalogo.



CAPITULO XV.

Da Satyra, *sua definiçaõ*, *materia*, *e divisaõ.*

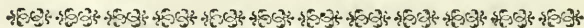
A Satyra, segundo Casaubono, nasceo entre os Gregos, e conforme Quintiliano, teve sua origem entre os Latinos; razaõ porque muitos lhe daõ o epitheto de *Romana.* Saõ muy diversas as opiniões sobre a sua etymologia, e a que nos parece mais natural, e fundada na authoridade de melhores Authores, he que *Satyra* se derivou dos *Satyros*, deoses silvestres, aos quaes fingiraõ os antigos serem petulantes, sordidos, e obscenos, como era a antiga Satyra, de que se usava nos córos das Comedias, para divertir o povo, satyrizandose os costumes, e nomeadamente declarandose os nomes das pessoas mais distinctas da Republica, do que gostava muito a gente plebea Naõ trataremos desta Satyra, como escandalosa, e prejudicial, mas sim da chamada *Urbana*, que se inventou em seculos mais cultos, e he utilissima para reprehender os costumes.

Define-se esta, segundo o Padre Antonio Forti no seu *Miles Poeticus* deste modo: *Satyra*

ra est Poema urbanum, jocosum, falsum ad reprehendendos mores corruptos compactum. Desta definiçaõ se collige, que a materia da Satyra saõ as acções humanas, imitadas por meyo do riso, e graciosidade, naõ para alegrar, e divertir os animos, como a Comedia, mas para reprehender, e arrancar os vicios por modo suave, a fim de naõ escandalizar ao leitor. Entendemos por estes vicios, v. g. os de hum lisonjeiro, de hum fallador, de hum ingrato, de hum avarento, de hum usurario, de hum luxuriosо, &c. E daqui vimos a concluir, que o officio da Satyra he com o sal dos versos preservar da corrupçaõ dos vicios as doenças dos animos, e deleitar por meyo da irrisaõ, que se faz dos defeitos alheyos; e que igualmente o seu fim he reduzir os homens á pratica das virtudes, apartando-os de seus vicios. Por isso Policiano fallando dos Poetas satyricos, disse elegantemente: *Reprehendunt acriter, insultant impotenter, vafrè cavillantur, astutè obrepunt, effluunt lubricè, tergiversantur, illudunt, dissimulant, ardent, versant, suspendunt, feriunt, pungunt, provocant, titillant, stomachantur, attonant seu fulmine omnia, & concutiunt.*

Divide-se a Satyra, segundo a doutrina de Escaligero em *Simples*, *Dialogica*, e *Mixta*. A Simples he aquella, que unicamente comprehende a narraçaõ do Poeta: a Dialogica he a que contém pessoas, que entre si fallaõ: e a Mixta he aquella, que comprehende

hende ambos eſtes modos; iſto he, humas vezes fallando ſó o Poeta, e outras introduzindo alguem a fallar.



CAPITULO XVI.

Do artificio, eſtylo, virtudes, e vicios da Satyra.

O Ordenar huma Satyra he couſa muito facil; antes como diz Juvenal:

Difficile eſt Satyram non ſcribere: nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat ſe?

E provera a Deos, que foſſe couſa difficultoſa; porque para cortar pelos defeitos alheyos, continúa o meſmo Satyrico:

Et pueri noſcunt, poſtque Alpha, & Beta puellæ.

Porém taõ facil he ſimilhante Satyra, como ſummamente difficil aquella, em que ſe reprehendem os vicios em commum; porque naõ tem artificio certo para ſe formar; e por iſſo diz o Padre Donato na ſua *Poetica*: *Satyræ lex eſt, lex ſcribendi ſine lege.* Com tudo apontaremos algumas obſervações feitas nos melhores Authores, as quaes ſerviráõ de guia, que conduza o Poeta por taõ aſpero caminho.

Humas vezes póde principiar a Satyra por alguma *inſinuaçaõ*, outras *ex abrupto*; porém

rém ſempre (como nota o Padre Póntano) em lugar de exordio deve uſar de alguma couſa o Poeta, de modo, que por ella ſe venha no conhecimento do aſſumpto, e ſe capte a benevolencia do leitor. Naõ admitte a Satyra Invocaçaõ, nem Propoſiçaõ, e ſe algumas vezes uſa della, he disfarçada com alguma figura, de modo, que facilmente ſe naõ conheça. O que lhe he proprio, he o uſo dos argumentos ſólidos, os exemplos, e a narraçaõ de couſas ſimilhantes áquelle vicio, cuja torpeza reprehende. Eſtas, e outras deſcripções devem ſer breves, e tocadas com modo pouco ſério, e ornado; e ſe ellas ſe introduzirem como digreſſaõ, ainda recomendamos muito mais a brevidade, e o preceito de Minturno na ſua Poetica Latina, em que diz: *Digreſſiuncula in ea locum habere poteſt, ſed talis, ut inde in vitium, quod reprehendimus, ſævire, vel jocari poſſimus.*

A Satyra Dialogica pode-ſe fazer de diverſos modos, ou contendo peſſoas indefinidas, como v. g. *os homens do ſeculo preſente*, ou ſujeitos definidos, mas ſem os nomear, como hum *rico*, hum *avarento*, hum *ſoberbo*; *&c.* ou tambem comprehendendo peſſoas nomeadas, mas debaixo de nomes fingidos, para que eſtes ſe naõ offendaõ. Alguns Authores uſaraõ de nomes de ſujeitos, que foraõ celebres naquelle meſmo vicio, de que trataraõ, chamando v. g. Vitellio a hum *golòtaõ*, Hermogenes a hum *prodigo*, Paris a hum *deſ-*

leal,

leal, Nero a hum *cruel*, e Sinaõ a hum *enganador*, &c.

Em quanto ao estylo da Satyra, o que temos que recomendar he, que seja humilde, agradavel, e similhante á locuçaõ familiar, mas ao mesmo tempo ornado da elegancia, que lhe compete, e de huma singular pureza de lingua. Esta doutrina naõ prohibe absolutamente á Satyra o elevarse algumas vezes, segundo o pedir a gravidade do assumpto; porém sempre ha de ser de maneira, que este discurso elevado torne ao seu centro, que saõ aquellas galantarias, com que o povo se attrahe. Por isso disse optimamente o celebre Berni, que tanto illustrou a Satyra urbana em Italia, que o estylo da Satyra tem os mesmos movimentos da péla no subir, e no descer. O ornato mais proprio de similhante Poesia he a variedade na materia, e nos argumentos; a frequencia de sentenças agudas, laconicas, e graves sobre os costumes, e o uso de galantarias, e facecias por meyo de apophthegmas, adagios, equivocos, allusões, e figuras familiares, de que o povo mais usa, tudo tocado com alguma galante liberdade no dizer, a fim de que similhantes composições se façaõ agradaveis ainda na mesma severidade de reprehender os costumes; e para aqui serve excellentemente a comparaçaõ de Lucrecio, dizendo no liv. 4.

Nam veluti pueris absinthia tetra medentes,
Cùm dare conantur, prius oras pocula circum

Con-

Contingunt mellis dulci, flavoque liquore, &c.

Deve haver tanto cuidado na obſervancia deſtas virtudes, como em naõ cahir no vicio da eſcuridade, como fez Perſio, e no da obſcenidade, como praticou Juvenal, e tambem no do demaſiado ridiculo, como faziaõ os antigos Mimicos nas ſuas Comedias; porque com eſte exceſſo naõ ſe poderá conſeguir o bom fim da Satyra urbana, que he cortar pelos coſtumes eſtragados do ſeculo.

Devemos ultimamente dizer alguma couſa ſobre a ſua metrificaçaõ. Os antigos, prinpalmente Gregos, uſavaõ nas Satyras de verſos Jambos ſenarios, do meſmo modo que nos córos das ſuas Comedias; porém os Latinos deraõ em uſar do verſo Hexametro, e como prevaleceo eſte uſo, naõ nos podemos oppor a elle. Só diremos ao Poeta, que fuja de ſer ſonoro neſtes verſos; antes artificioſamente cuide em os fazer conciſos, e pouco caſtigados; porém naõ de modo, que os faça proſaicos, naõ conſervando ſom algum metrico, no que muitos Criticos cenſuraõ juſtamente ao inſigne Horacio. O meſmo conſelho deve aceitar o Poeta vulgar, obſervando eſta regra no modo, que lhe for poſſivel; e a eſte deramos de parecer, que uſaſſe de verſos de dez ſyllabas, como v. g. *O' Lisboa, Cidade famoſa*, e feitos com eſtes meſmos accentos; porque me parecem os mais proprios, por ſerem verſos com hum tal ſom de proſa, que

que naõ os faz harmoniosos, que he o que se requer em similhante Poesia; e esta propriedade naõ se poderá facilmente observar nos de onze syllabas, pois ficaráõ todos sendo prosaicos, e causaráõ hum grande fastio a quem os ler.



CAPITULO XVII.

Juizo sobre os antigos Authores satyricos.

O Seculo da Satyra Grega he para nós muy escuro; porque naõ nos chegaraõ Obras daquelle tempo, e confusamente he que sabemos o nome de algum Author; sendo que os Gregos naõ compozeraõ Satyras do modo, que as ordenaraõ os Latinos; e por isso diz Quintiliano: *Satyra tota nostra est.* O Inventor desta especie de Poesia, como já dissemos, foy *Lucilio*, naõ por ser o primeiro, porque antes já *Ennio*, e *Pacuvio* haviaõ composto em Poesia satyrica; mas porque foy quem lhe deu a ultima forma, naõ misturando nella tanta variedade de versos, como fazia Ennio, segundo a authoridade de Diomedes, que diz: *Olim carmen, quod ex variis Poematibus constabat, Satyra dicebatur, quale scripserunt Pacuvius, & Ennius.* Desta Satyra antiga nasceo a que se chamou *Varroniana*, e tambem *Menippèa*, porque foy Author della Terencio

rencio Varro, imitando nesta sua Obra o estylo de Menippo Filosofo Cinico.

Segundo o que nos deixou escrito Quintiliano no liv. 10. cap. 1. compunha-se esta Satyra de versos misturados com prosa, como ainda hoje á imitaçaõ della temos a Obra de Petronio, a de Seneca sobre a morte de Claudio, e a de Boecio de *Consolatione Philosophiæ*. Compoz Lucilio trinta livros de Satyras, nas quaes censurava nomeadamente, e com estylo muy picante a hum grande numero de pessoas de qualidade, respeitando unicamente aos homens virtuosos, como lemos em Horacio *Satyra* 1. liv. 2.

Primores populi arripuit, populumque tributim,
Scilicet uni Æquus virtuti, atque ejus amicis.

E por este motivo o temiaõ os máos, como se a sua penna fosse huma penetrante espada. Assim o affirma Juvenal na *Satyra* 1. dizendo:

Ense velut stricto quoties Lucilius ardens
Infremuit, rubet Auditor, cui frigida mens est
Criminibus, tacitâ sudant præcordia culpâ.

Deste Poeta naõ temos senaõ alguns fragmentos, dos quaes se naõ póde hoje fazer juizo do seu merecimento. Os homens grandes da antiguidade estaõ divididos em partidos. Quintiliano o louva excessivamente, dizendo no liv. 10. cap. 1. *Nam eruditio in eo mira, & libertas, atque inde acerbitas, & abundè salis.* Pelo contrario Cicero *de Finibus* liv. 1. n. 7. diz do

do meſmo Lucilio, que as ſuas Obras ſaõ muy ligeiras; que ſim tem muita galantaria, mas pouca erudiçaõ. Horacio foy quem expendeo o ſeu juizo com mais extenſaõ; porque confeſſando, que eſte Poeta fora *facetus*, *&* *emunctæ naris*, diz, que tambem fora duro, e muy cançado nas ſuas Obras, das quaes ſe deſvanecia grandemente, entendendo, que qualquer dellas era ſingular; e por eſte motivo o compara a hum rio, que entre o muito lodo leva em partes alguma porçaõ de agua cryſtallina. Os parciaes de Lucilio, que eraõ muitos, naõ poderaõ ſoffrer eſta Critica de Horacio, e publicaraõ, que elle o fizera por inveja, e por ſe lhe fazer ſuperior; 'ao que reſpondeo o meſmo Critico na celebre Satyra, que lemos nas ſuas Obras, na qual fazendo a Lucilio a juſtiça, que merecia, confirma, e ſuſtenta com ſolidas razões o primeiro juizo, que fizera.

Perſio floreceo no tempo de Nero, e nas Satyras, que eſcreveo, reprehende os defeitos dos Oradores, e Poetas de ſeu tempo, e em algumas naõ perdoa ao Imperador. As ſuas Obras eſtaõ cheyas de moralidades, e de huma ſingular prudencia, e docilidade igual á do ſeu genio, que conſta fora muy ſuave. Teve pouco artificio, porém mereceo, que Quintiliano diſſeſſe delle: *Multùm, & veræ gloriæ, quamvis uno libro, meruit Perſius.* O ſeu mayor defeito he a eſcuridade, e eſta lhe tem tirado huma boa porçaõ de fama;

ma; porque a mayor parte das ſuas Satyras naõ ſe entendem, nem já no ſeu tempo ſe entendiaõ; e por eſta razaõ dizia Nero: *Si non vis intelligi, nec ego volo te intelligere*, como diz Quintiliano.

Juvenal foy o que ſe ſoube fazer celebre na Poeſia Satyrica, de cujas Obras ſó ſe conſervaraõ dezaſeis ſatyras. Naõ ſe póde duvidar, que eſte Poeta ſeja eſtimavel; porém a ſua fortuna foy mayor, que o ſeu merecimento. Entende-ſe, que Quintiliano o louva, quando diſſe no liv. 10. cap 1. *Sunt clari, hodieque, & qui olim nominabuntur*, fallando dos bons Poetas ſatyricos da ſua idade; e ſe naõ nomea a Juvenal, he porque fez timbre de naõ nomear algum Author vivo no ſeu tempo. Eſcaligero, que ſempre pretende fazerſe ſingular nos ſeus juizos, prefere a força de Juvenal á ſimplicidade de Horacio; porém todos os homens de bom goſto, e eſtudos eſtaõ fortemente pela opiniaõ contraria, affirmando, que o engenho declamatorio, e mordaz de Juvenal he muito inferior á pureza, ſinceridade, e delicadeza de Horacio. O inſigne Boileau foy hum dos que fizeraõ eſte meſmo juizo, dizendo, ſe bem que naõ faz parallelo: *Juvenal educado na bulha das eſcólas, fez com que foſſem exceſſivos os ſeus mordazes hyperboles.* A verdade he, que eſte Poeta paſſou a mayor parte da ſua vida entre eſtudos eſcolaſticos, nos quaes teve o nome de *Declamador violento*; e que a juſtiça, que lhe fazem os bons Criticos he,

que

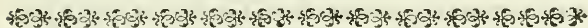
que elle ſe faria muito mais recomendavel, ſe reprehendeſſe os ſeus máos coſtumes com a meſma ſeveridade, com que ſatyrizava os alheyos, e ſe os impugnaſſe de modo, que naõ os enſinaſſe com as ſuas obſcenidades mais depreſſa a commettellos, que a affugentallos, e fazellos horroroſos.

Petronio compoz muitos livros ſatyricos ordenados em proſa, e verſo. Eſtes, propriamente fallando, ſaõ huma eſpecie de Romance feito em fórma de Satyra, do meſmo genero, que a de Varro, como já diſſemos. Eſtes fragmentos todos ſe reduzem a huma Collecçaõ indigeſta de pedaços poſtos por alguem ſem ordem alguma, ſegundo o ſeu genio. Os doutos deſcobrem em Petronio huma fina delicadeza de bom goſto, e huma maravilhoſa fecundidade no diverſo modo, com que pinta o differente caracter daquelles, que ſatyriza. Com tudo obſervaõ tambem, que o ſeu eſtylo naõ correſponde inteiramente á delicadeza do ſeu bom juizo critico; porque nelle ſe obſerva toda a caſta de affectaçaõ, ſendo muy florido, e refinado, no que naõ ſeguio o magiſtral eſtylo do feliz ſeculo de Auguſto. Mas ſe naõ tiveſſe eſte defeito, ſeria eſte Poeta mais lido, e ficaria a ſua leitura ſendo mais perigoſa por cauſa das obſcenidades, que ſe achaõ nas ſuas Obras.

Eſtes ſaõ os principaes Poetas antigos, que eſcreveraõ Satyras; temos muitos modernos, que deraõ tambem grande luſtre, ou tal-

vez

vez mayor que os antigos, a esta especie de Poesia. As Satyras do grande *Boileau* saõ excellentissimas, as de *Abbati*, e *Berni* em Italia merecéraõ grandes elogios, e as do nosso *Francisco Botelho* naõ mereceraõ inferior estimaçaõ; porque todos estes tres Authores seguiraõ a Horacio, como melhor exemplar no estylo, delicadeza, e modestia; e se aqui naõ damos lugar a este insigne Poeta, he porque tem o seu proprio no Capitulo que se segue, como Principe da Lyrica.



CAPITULO XVIII.

Da Poesia Lyrica, *sua materia, e artificio: seu estylo, virtudes, e vicios.*

NAõ ha verso mais suave, que o Lyrico; e só dos Poetas, que cantaraõ nesta especie de Poesia, he que se disse, que com a melodîa do seu canto moviaõ as pedras, e os bosques. Segundo os melhores Escritores define-se a Lyrica: *Poesis, quæ versu rhythmico, & harmonico rem aliquam amplificat, & cantu, sonoque effectus varios imitatur.* A principal materia desta Poesia, diz Horacio, que saõ os louvores dos Deoses, e Heroes, os amores, banquetes, &c. como explicaõ os seus versos:

Mu-

Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum,
Et pugilem victorem, & equum certamine primum,
Et juvenûm curas, & libera vina referre.

Porém o certo he, que a materia da Lyrica naõ se limita sómente a estes argumentos; de que temos exemplos no mesmo Horacio, Pindaro, Sapho, e Anacreonte, que trataraõ lyricamente de diversos assumptos; porque segundo a authoridade de Escaligero, toda a materia, que poder caber em hum breve, e harmonico Poema, pertence á Poesia Lyrica. O seu artificio principal consiste em tres partes; na *Proposiçaõ*, na *Amplificaçaõ*, e na *Digressaõ*.

Por *Proposiçaõ* entendemos o modo, com que se principia, a qual naõ deve ser como a dos Epicos. Nesta parte tem os Lyricos huma grande liberdade; porque humas vezes usaõ da Proposiçaõ clara, outras omittem-na; humas vezes começaõ por Invocaçaõ á Musa, a Apollo, e á Lyra, outras por Apostrophe á pessoa, ou cousa, de que haõ de tratar, e outras por Interrogaçaõ, Exclamaçaõ, ou outra figura, que melhor lhes parece.

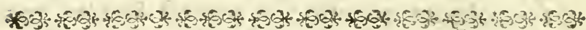
A *Amplificaçaõ* consiste em engrandecer a cousa com aquelle artificio, que ensina a Rhetorica, de modo que fique sendo engenhosa, florida, e sublime. Horacio commummente amplifica pelas circunstancias, pela enumeraçaõ das partes, pela comparaçaõ de cousas diversas, pelos exemplos similhantes, pelos af-

fectos, e pelas consequencias assim positivas, como negativas.

Por *Digressaõ*, ou Episodio entendemos aquella passagem, que faz o Poeta do seu principal assumpto para alguma cousa, que a elle seja propria, como v. g. o louvor de alguma virtude, reprehensaõ de vicio, alguma sentença, epiphonema, descripçaõ, ou narraçaõ de alguma cousa. Esta tal Digressaõ naõ he taõ precisa na Lyrica, que se naõ usar della o Poeta, commetta hum grave defeito; porém se se quizer valer della, principalmente se estiver amplificando, tenha hum grande cuidado em a fazer breve, e tornar logo por hum meyo natural a buscar o seu principal assumpto.

Em quanto ao estylo do verso Lyrico, recomendamos muito, que seja florido, culto, suave, sonoro, alegre, e taõ engenhoso, como doce, e ameno. Por isso será muy propria a descripçaõ de fontes, de bosques, de rios, de flores, de banquetes, e de tudo o mais, que costuma alegrar o animo. Igualmente será propriissimo o uso dos affectos, e sentenças frequentes, as similhanças, e mais Tropos da Rhetorica, principalmente sendo em Ode moral. Sobre a brevidade naõ temos, que recomendar; bastará dizer, que se veja Horacio, e entaõ se conhecerá o quanto na Lyrica he propria esta virtude, e ao mesmo tempo o quanto se deve fugir da aspereza, da redundancia, de sentenças improprias, de pa-

lavras pouco ſignificativas, e do laconiſmo, que faça a dicçaõ aſpera, e eſcura.



CAPITULO XIX.

Das varias eſpecies do verſo Lyrico.

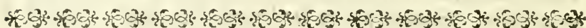
SAõ diverſas as eſpecies, que ſe comprehendem na Poeſia Lyrica, das quaes tratou largamente o Padre Alexandre Donato na ſua *Poetica*. Nós porém por fugirmos já a tanta extenſaõ; ſó trataremos de algumas, que ſaõ mais principaes para nós, porque as uſamos. Eſtas eſpecies, ou pódem ſer ſimplices, v.g. ſendo ſó o Poeta o que falla, ou Dialogicas, introduzindo, á maneira do verſo Amabeo na Ecloga, outras peſſoas a fallar, de que Horacio nos deixou hum exemplo na *Ode* 9. do liv. 3. em que elle, e Lidia reſpondem em canto alternado.

O *Hymno* he aquella compoſiçaõ, com que nós outros os Catholicos louvamos a Deos, e aos ſeus Santos, e o meſmo faziaõ os gentios, celebrando com elles os ſeus Deoſes, e Heroes. A Poeſia chamada *Pæan*, que val o meſmo que *Liberator*, ſervia para louvar, e render graças a Apollo, por ter extincto o mal da peſte, ou para lhe rogar, que o extinguiſſe, e neſte meſmo genero de Odes ſe coſtumou depois cantar os louvores de outros deoſes.

deoſes. O *Epinicio* ſervia para celebrar os Capitães illuſtres por alguma victoria, que conſeguiaõ: o *Epipompeutico* para deſcrever a pompa de algum triunfo: e o *verſo Secular* para dar graças aos deoſes pelos beneficios feitos em cada hum ſeculo, e no fim deſte he, que ſe cantava por alguma menina, que foſſe virgem, ou menino, que ainda uſaſſe da Pretexta. Ultimamente a Poeſia *Dithyrambica* era a que ſe cantava em honra de Baccho; e o ſeu eſtylo era cheyo de furor, e de palavras infladas, mas floridas ao meſmo tempo. Tambem nos verſos naõ ſe obſervava ordem, nem ley; porque guiado o Poeta unicamente pelo Enthuſiaſmo miſturava verſos Hexametros com Trocheos, Saphicos, Glyconicos, Aſclepiadeos, &c.

Entre nós naõ houve Poeta, que ſe fizeſſe memoravel em ſimilhante eſpecie de Poeſia; o meſmo digo dos Caſtelhanos, e com alguma limitaçaõ dos Francezes; e ſó confeſſo, que nella ſaõ inſignes os Italianos, aos quaes baſtaria contar ſómente a *Joaõ Mario Creſcimbeni* a *Joſeph Morey* ambos famoſos Arcades, e a *Gabriel Chiabrera*, que foy optimo naõ ſó neſte eſtylo Dithyrambico, mas tambem no Pindarico, e Anacreontico, como ſe póde ver de algumas Obras ſuas, que traz Muratori na *Collecçaõ dos melhores Poetas de Italia.* Eſtas ſaõ as eſpecies mais uſadas, que tem a Lyrica, das quaes ſe valem tambem os Poetas Catholicos, ou fazendo Odes

em vulgar, ou uſando de Canções, Romances, &c. nos quaes ſe devèm obſervar os meſmos preceitos da Lyrica Latina; porque as regras da Poetica ſaõ as meſmas para qualquer lingua.



CAPITULO XX.

Juizo ſobre os Antigos Poetas Lyricos Gregos, e Latinos.

A Grecia foy muy fertil de engenhos eminentes neſta eſpecie de Poeſia. Naõ trataremos de *Talles*, de *Alcmane*, de *Steſicoro*, e de *Alceo* famoſos Lyricos, ſegundo as authoridades de Plutarco, Pauſanias, Herodoto, e Quintiliano; porque naõ paſſaraõ as ſuas Obras ao noſſo tempo, e aſſim naõ podemos formar juizo do merecimento dellas.

De *Safo*, mulher famoſa, he, que lemos alguns fragmentos. Della tomou o nome o verſo Safico, em que compoz hum grande numero de compoſições, das quaes unicamente ſe ſalvaraõ duas, que claramente daõ a conhecer, que a antiguidade naõ fora liſonjeira, quando formou grandes elogios á belleza, ternura, harmonia, e delicadeza dos ſeus verſos. Com effeito mereceo o nome de *Muſa Decima*, e que os póvos Mettelinos eſculpiſſem nas ſuas moedas a imagem deſta grande mulher.

Ana-

Anacreonte foy tambem hum Lyrico de bem diſtincto merecimento. Delle conſervamos algumas Obras, que traduziraõ diverſos engenhos de varias Nações, e nellas poderá ver o leitor a que ſublime gráo ſóbe a excellencia deſte Poeta, ſendo que a ſua delicadeza, fantaſia, e belleza he taõ difficil a perceber, como a explicar.

Pindaro, confórme Quintiliano, he o que tem o primeiro lugar entre todos os Poetas Lyricos da Grecia. Naõ ſe póde duvidar, que o ſeu caracter dominante he a nobreza, a grandeza, e a ſublimidade; virtudes, que a cada paſſo o elevaõ ſobre todas as regras ordinarias, que com facilidade naõ pódem ſervilmente obſervar os grandes engenhos. Nas ſuas Obras ſe eſtá ſenſivelmente vendo o verdadeiro Enthuſiaſmo poetico, e para naõ parecerem atrevidas, moderou o ſeu grande fogo, dando nas ſuas imagens humas agradaveis pinceladas. Como eſte Poeta teve hum juizo muito delicado, por fugir á cenſura de parecer nimiamente ſublime, e fogoſo, eſpalhou por todas as ſuas Odes diverſas flores com maõ liberal. Com razaõ diz delle Horacio, que he hum Ciſne, que arrebatado de hum vento impetuoſo ſe eleva até ás nuvens; que he huma corrente, que abundante de aguas abate tudo quanto ſe oppoem ao impeto do ſeu curſo. Se ſe obſerva eſte Poeta por outro lado, parece hum rio pacifico, cujas aguas claras, e puras eſtaõ regando flores; parece huma abe-

abelha, que para formar o ſeu mel, extrahe das flores tudo quanto tem de precioſo. O ſeu eſtylo he ſempre proporcionado ao aſſumpto; conciſo, economico, e ſem huma demaſiada uniaõ de vozes. O ſeu eſpirito eſtá fallando nos verſos, e o ſeu delicadiſſimo juizo nos eſtá moſtrando a cada paſſo quanto he preciſo humas vezes accender, e outras apagar o fogo do furor poetico, ſegundo a materia, que ſe trata. Naõ pretendemos com eſte juizo dizer, que Pindaro he hum Author ſem defeitos. He certo, que tem muitos, que os Criticos deſapaixonados lhe naõ pódem negar; porém igualmente he certo, que o numero, e grandeza das ſuas belliſſimas imagens, que eſtaõ miſturadas com eſtes meſmos vicios, devem fazer, com que eſtes ſe encubraõ, ou ſe deſvaneçaõ. Devemos perſuadirnos, que Horacio juiz taõ competente em toda a materia, e muy particularmente neſta, quando diſſe: *Pindarum quiſquis ſtudet æmulari*, tinha formado huma idéa bem grande do raro merecimento deſte Poeta. Teve Pindaro huma competidora na peſſoa de *Corinna*, mulher tambem taõ celebre neſte meſmo genero de Poeſia, que cinco vezes em certame publico lhe arrebatou a palma das mãos, e por eſta ſua excellencia foy chamada a *Muſa Lyrica*.

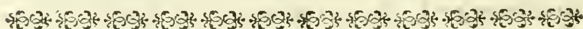
Horacio he o Pindaro de Italia; porque foy o que honrou a lingua Latina com a Poeſia Lyrica; mas naõ podemos deixar de confeſſar a differença, que ha entre o original, e

a co-

a copia, naõ obstante a pureza de seu estylo, os seus bellos raptos poeticos, as suas vivas imagens, e a delicadeza, com que conceituava em todo o assumpto. As suas Satyras, e Epistolas saõ de huma inimitavel bondade, se bem nellas naõ descobrimos aquelle esplendor das luzes poeticas, e aquella doçura, que encontramos nas suas Odes. Fallo no que respeita á contextura dos versos, que de proposito quiz fazer humildes, e incultos; porque nelle vemos muitos lugares, em que se achaõ versos bem harmoniosos, como os da Satyra 1. do liv. 2. em que diz, que naõ he capaz de escrever as grandes acções de Augusto; e os da Satyra 6. do mesmo liv. 2. em que com cores taõ vivas, e elegante dicçaõ descreve o jantar, que hum rato do campo deu a outro da Cidade. Naõ obstante toda a pouca harmonia dos seus versos, he este Poeta o attractivo dos eruditos de bom gosto; o que procede das muitas virtudes, que nelle se encontraõ, como he o estylo facil, a delicadeza unida com a fina graciosidade, a naturalidade, o artificio occulto, a viva pintura das imagens, e aquelle fundo de raciocinio, e juizo, que com maravilhosa arte representa os defeitos, e acções ridiculas dos homens. Por esta razaõ disse delle Quintiliano, depois de tratar de Lucilio inventor da Satyra: *Multò est tersior, ac purus magis Horatius, & ad notandum hominûm mores præcipuus.* Da sua Arte Poetica, e de algumas Satyras, e Epistolas,

que

que lhe dizem reſpeito, he que deſejaramos fallar largamente por ſer couſa muy propria do noſſo aſſumpto; porém baſtará ſuccintamente dizer, como fez *Rolin*, a quem copiamos, que naquelle pequeno Tratado ſe comprehendem todas as regras ſubſtanciaes da Poeſia, e que he hum excellente compendio de preceitos rhetoricos, capazes de introduzir todo o bom goſto a quem os eſtudar. Aſſim eſte Poeta foſſe taõ digno de ſe imitar no que reſpeita aos coſtumes; porque muitas vezes como verdadeiro Epicureo, que era, ſe deixava arraſtar todo dos ſeus goſtos, e uſava de ſentimentos, e expreſsões bem pouco modeſtas; e por iſſo Quintiliano diſſe: *Horatium in quibuſdam nolim interpretari.*



CAPITULO XXI.

D*a* Elegia, *ſeu principio, definiçaõ, artificio, virtudes, e vicios.*

A Voz Grega Elegia val o meſmo, ſegundo Didymo, que dizer *ay de mim*, e na opiniaõ de outros: *dizer couſas, que movaõ.* Os Gregos, a quem depois imitaraõ os Latinos, ſerviraõ-ſe da Elegia para os aſſumptos triſtes, e a formaraõ de verſos Hexametros, e Pentametros. Depois prevaricou-ſe eſte uſo, e chamou-ſe Elegia a toda aquella compoſi-

çaõ

çaõ dilatada, que ſe compunha deſtes taes verſos, ou foſſe o argumento melancolico, ou alegre. Aſſim o lemos na *Poetica de Horacio*:

Verſibus impariter junctis queremonia primùm,
Mox etiam incluſa eſt voti ſententia compos.

Aſſim como naõ conſervamos Elegia alguma Grega, aſſim tambem naõ ſabemos quem fora o ſeu Author; e já Horacio dizia:

Quis tamen exiguos Elegos emiſerit Author,
Grammatici certant, & adhuc ſub judice lis eſt.

A definiçaõ deſta eſpecie de Poeſia, ſegundo Dydimo: *Eſt lamentatio, quæ ad tibiam canitur.* Naõ podemos eſtar por ella; porque tambem havia outras Poeſias funebres, que igualmente ſe cantavaõ ao triſte ſom da frauta, como eraõ as Nenias, e algumas Odes; e deſte modo naõ fica ſendo eſta definiçaõ eſpecifica para a Elegia. Seguiremos pois com muitos Authores a do Padre Donato, que a define: *Poema, quod ſolùm hexametro, & pentametro verſu conficitur*: eſtes verſos já ſe ſabe, que haõ de ſer alternados de tal modo, que ſempre ao Hexametro ſucceda o Pentametro; e he taõ propria eſta alternativa, que até na Elegia vulgar ſe uſa della, correſpondendo ſempre o conſoante do primeiro verſo de hum terceto com o do terceiro verſo do meſmo terceto, e o do ſegundo verſo do primeiro terceto com o primeiro do ſegundo terceto.

A eſta

A esta definiçaõ do Padre Donato naõ deve obstar o Epigramma, que tambem se compoem de verso Hexametro, e Pentametro; porque a Elegia naõ póde variar de metro; por isso na definiçaõ está aquella circunstancia: *Quod solùm*, e o Epigramma tambem se póde fazer em outra variedade de versos, como Lyricos, ou todos Hexametros, de que tudo ha bastantes exemplos. Naõ especificou o Author desta definiçaõ, que a Elegia era hum Poema *triste*; porque fallou como devia ser, da Elegia moderna, que naõ só, como a antiga Grega, comprehende cousas funebres, mas tambem amores, guerras, louvores, vodas, triunfos, congratulações, e finalmente quasi todas as materias.

Sobre o seu artificio naõ temos mais que dizer, senaõ, que a Elegia se compoem, como a Lyrica, de *Proposiçaõ*, *Amplificaçaõ*, e *Digressaõ* com as observações, que já fizemos no Capitulo antecedente. O seu estylo deve ser castigado, suave, facil, e mais cheyo de affectos, que de sentenças, e agudezas, que o façaõ embaraçado, ou muy artificioso. Saõ nelle muy proprias as figuras, assim as que consistem nas palavras, como nas sentenças, principalmente a chamada *Repetitio*, de que temos exemplo em Ovidio, dizendo:

Altera tela arcus, altera tela faces.

E em Propercio quando disse:

Cyn-

Cynthia prima fuit, Cynthia finis erit.

Eſta figura ainda fará melhor effeito, ſe ſe uſar della no principio da Elegia, como fez Tibullo, dizendo:

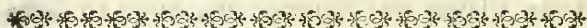
Quàm citò purpureos amittit terra colores,
Quàm citò formoſas populus alta comas!

Igualmente lhe ſerve de grande adorno o fazer, com que o fim do Pentametro antecedente ſirva de principio ao Hexametro, que logo ſe ſegue, ou tambem fazer, que acabe o Pentametro com as meſmas palavras, com que ſe principiou o Hexametro: v. g.

* *Phœbus adeſt, ſonuere lyræ, ſonuere pharetræ:*
Signa Deum noſco per ſua, * *Phœbus adeſt.*

Eſtas regras ſaõ taõ commũas para a Elegia Latina, como para a vulgar, e o Poeta, ſe tiver talento, facilmente as praticará em qualquer das linguas. Alguns preceitos ha, que ſó pertencem á Latina, como v. g. o de naõ acabar o Pentametro em participio, por exemplo: *Ore nitens, corde tumens, &c.* ou em relativos tambem, como v. g. *fugit eam, vidit eos, ſcripſit ei, &c.* porque tudo faz, com que a dicçaõ fique ſendo muito humilde. No meſmo vicio cahirá o Poeta, ſe acabar em algum monoſyllabo, e com frequencia em palavras de quatro ſyllabas; porém a todas eſtas regras deve prevalecer a approvaçaõ do ouvido, que he o melhor meſtre, e a liçaõ dos bons

bons Authores Elegiacos antigos, e modernos.



CAPITULO XXII.

Juizo sobre os antigos Poetas Elegiacos Gregos, e Latinos.

HUma das grandes perdas, que tem experimentado a Poesia, he naõ haver Elegia alguma Grega, segundo a sua primeira origem, que, como dissemos, foy excitar mais a compaixaõ, que o gosto, e mais a piedade, que a admiraçaõ. Sabemos, que *Periandro*, *Pittaco*, *Solon*, e outros escreveraõ em versos Elegiacos os seus preceitos sobre a Religiaõ, o moral, e o politico, imitando nisto a *Theognides* de Megara, e a *Focilides*.

Mimnermo foy o que aperfeiçoou esta especie de Poesia, e o que fez, com que passasse de assumptos funebres para amorosos. Os fragmentos, que delle ha, só inspiraõ o gosto dos sentidos; e por isso disse Horacio na Epistola 6. liv. 1.

Si, *Mimnermus uti censet*, *sine amore*, *jocisque*,
Nil est jucundum, *vivas in amore*, *jocisque*.

Callimaco conforme a opiniaõ de Quintiliano, foy o mais excellente Poeta Elegiaco, dizendo: *Cujus* [Elegiæ] *Princeps habetur Calima-*

limachus; porém Horacio he de diverso parecer, preferindo a Mimnermo na Epistola 1. liv. 2. Entre esta diversidade o que se póde dizer a favor de Callimaco he, que a antiguidade sempre o venerou como hum Poeta ornado de toda a literatura, o que naõ nos consta de Mimnermo.

Passando da Grecia a Italia, começaremos em Catullo, Poeta de grande merecimento. A delicadeza dos seus versos lhe fez conseguir a amisade dos engenhos mais doutos de Roma, que no seu tempo eraõ em grande numero. O seu caracter proprio, e verdadeiro he a elegante simplicidade, e a graça natural; o que claramente confessará quem tiver bom gosto, lendo naõ menos as suas Elegias, que os seus Epigrammas, nos quaes foy o melhor Poeta entre os Latinos, a pezar dos parciaes de Marcial. Teve Catullo dous grandes defeitos; o primeiro foy manchar com obscenidades o seu puro estylo; o segundo naõ cuidar muito na harmonia dos versos. Teve liberdade no dizer, como se vê de dous Epigrammas satyricos, que fez contra Cesar. Em hum destes o trata com tal desprezo, que Quintiliano chamou loucura a tanta soberba, quanta foy dizer:

Nil nimium studeo, Cæsar, tibi velle placere,
Nec scire utrùm sis ater, an albus homo.

Porém esta injuria servio de mostrar a benignidade daquelle Principe; dissimulando o seu des-

deſgoſto, convidou a Catullo a cear com elle, logo que lhe deu huma ſatisfaçaõ.

Ovidio foy hum Poeta de merecida fama, e taõ conhecido em todos os ſeculos, que duvido houveſſe Poeta, que delle naõ tiveſſe liçaõ. Teve huma inimitavel facilidade em metrificar; mas ao meſmo tempo teve huma grande repugnancia em retocar as ſuas obras, ſendo, como diz Fleuri no ſeu *Methodo de Eſtudos*, todo fogo em compôr, e em emendar todo neve; conceito, que de ſi meſmo deixou tambem eſcrito o meſmo Poeta. Com tudo bem ſe lhe podia perdoar eſta negligencia, ſe os ſeus coſtumes deſenfreados lhe naõ fizeſſem compôr Obras taõ obſcenas, e prejudiciaes, que juſtamente deviaõ ſer o pretexto do ſeu deſterro para *Tomas*, Cidade da Europa no Ponto Euxino, hoje chamada *Temiſvar*. Quintiliano no liv. 10. cap. 1. faz juizo ſobre ss Obras de Ovidio em poucas palavras, porém muito juſtas, e ſignificantes, para ſe conhecer bem o caracter deſte Poeta: *Laſcivus quidem in Heroicis quoque Ovidius, & nimiùm amator ingenii ſui: laudandus tamen in partibus.* Com effeito o vicio mayor de Ovidio he o de ſer muy diffuſo, e por eſta razaõ ſe faz muitas vezes humilde, e baixo; culpa que naſcia da vivacidade, e fecundidade do ſeu grande engenho, e da affectaçaõ de ſer tido por ſublime, a pezar da natureza das couſas: *laſcivus.* Pagava-ſe muito de tudo quanto eſcrevia, eſtimando com amor mayor que de

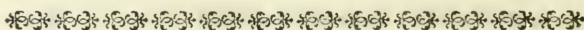
pay,

pay, a todas as ſuas producções; e por iſſo nunca ſe animava a accreſcentar, ou diminuir nellas alguma couſa: *nimium amator ingenii ſui.* Com tudo deve-ſe confeſſar, que he admiravel em muitas partes: *laudandus tamen in partibus.* Daqui vem o diſtincto louvor, que merece a rara facilidade com que produzia muitos, e difficultoſos penſamentos, a doçura com que ornava os ſeus verſos, e a paſmoſa fecundidade de erudiçaõ, com que tratava as couſas, de tal modo, que muitas vezes a abundancia o fazia pobre. A melhor Obra, que ſem controverſia nos deixou Ovidio, foraõ os ſeus *Metamorphoſes*, e elle meſmo a eſtimava como producçaõ, pela qual conſeguiria a immortalidade do nome. Nella verdadeiramente ſe achaõ couſas exquiſitas, e de hum finiſſimo goſto, além de huma admiravel erudiçaõ em toda a materia, que excede aquella, com que ordenou os livros dos *Faſtos*, que ſe eſtimaõ como Obra de hum grande talento, e ſe ſente naõ ſe terem completos.

Tibullo, e *Propercio* floreceraõ no meſmo tempo, e no meſmo genero de Poeſia. Os Criticos os conſideraõ como Poetas de muita pureza de eſtylo, e de naõ inferior delicadeza; porém ſempre preferem Tibullo a Propercio, por ſer mais ſuave, e cheyo de melhores imagens poeticas.

Muitos Authores modernos tem havido, que ſe fizeraõ celebres na Poeſia Elegiaca, como foraõ *Hermanno Hugon* no ſeu *Pia Deſideria*,

deria, *Sautel* no ſeu *Luſus Allegoricus*, muitos dos *Arcades* de Roma, como ſe póde ver na Collecçaõ dos ſeus verſos Latinos, e outros innumeraveis Poetas das nações mais cultas, entre os quaes tem na minha opiniaõ o melhor lugar *Sidronio Hoskio* da Companhia de Jeſus.



CAPITULO XXIII.

Do Epigramma, *ſua definiçaõ*, *diviſaõ*, *artificio*, *eſtylo*, *virtudes*, *e vicios.*

HE o Epigramma a compoſiçaõ mais breve, que tem a Poeſia, e ao meſmo tempo a mais difficil; porque ſaõ rariſſimos os Authores, que em livros inteiros de Epigrammas compozeraõ alguns, que mereceſſem o nome de perfeitos. Procede eſta difficuldade dos muitos preceitos a que eſtá ſujeita eſta tal compoſiçaõ, os quaes brevemente expenderemos com a clareza, que nos for poſſivel, ſegundo o methodo, que até aqui temos praticado.

Define-ſe commummente o Epigramma: *Breve Poema vel ſimplex factum*, *aut rem indicans*, *vel aliud ex alio deducens*. Deſta definiçaõ ſe vê, que he ampliſſima a ſua materia, comprehendendo todas as couſas quaſi ſem limitaçaõ. Sobre a diviſaõ do Epigramma ha nos

Autho-

Authores diverſos pareceres; porque huns dividindo-o pelos tres generos rhetoricos, chamaõ *Demonſtrativo* áquelle, que contém louvor, ou vituperio; *Deliberativo* ao que perſuade, ou diſſuade; e *Judicial* ao que reprehende, e critîca. Outros o dividem em ſacro, moral, e profano; outros em Epico, Tragico, e Comico: chamando Epico ao que comprehende louvores de Heroes; Tragico ao que contém couſas graves, e triſtes; ¡e Comico ao que conſta de galantarias, e graças, ou ſejaõ innocentes, ou ſatyricas. Eſcaligero na ſua *Poetica*, como grande amante de novidades, o dividio em mel, em fel, em vinagre, e em ſal. Parece pueril eſta diviſaõ, porém he muy ſignificante; porque apropría o mel ao Epigramma, que trata de couſas delicadas, e ſuaves, como amores, &c. o fel ao que contém reprehensões, ſatyras, &c., o vinagre ao que morde, mas ſem veneno, e mordacidade; e o ſal ao que conſta de graciofidades, que innocentemente movem o riſo ſem vituperar a alguem.

Entre eſta diverſidade de ſentenças faremos nós tambem a noſſa diviſaõ, que temos por mais breve, e principal. Dividimos pois o Epigramma em *Simples*, e *Compoſto*: ſimples he aquelle, que expoem huma unica couſa; e compoſto aquelle, em que de huma couſa ſe deduz outra mayor, ou menor, igual, ou deſigual, diverſa, contraria, &c. Bem ſabemos, que alguns modernos naõ approvaõ

muito esta divisaõ : mas sem fundamento ; porque se estabelece nos exemplos da mayor parte dos Authores illustres da antiguidade, nos quaes se achaõ infinitos Epigrammas, em que tem todo o seu lugar esta divisaõ.

Qualquer genero de Epigramma segunda vez se póde dividir em Simples, e em Dialogico: por Simples entendemos aquelle, em que falla huma só pessoa, e por Dialogico aquelle, em que he mais de huma a pessoa, que nelle discorre; e deste segundo modo usaraõ tanto os Gregos, como os Latinos do primeiro. Em quanto ao artificio temos algumas cousas, que recommendar. Naõ fallaremos do Epigramma simples; porque como este naõ contém mais que huma mera exposiçaõ, basta, que seja facil, suave, e conceituoso sobre materia pouco trivial, para causar admiraçaõ, e deleite ao entendimento.

O Epigramma composto, que he o de que mais usaõ os modernos, tem duas partes, que saõ Exposiçaõ, e Deduçaõ, a que os Logicos chamaõ premissas, e consequencia. Muitas vezes succede (como nota o Padre Donato) exporse primeiramente o que se infere, e depois aquillo, donde se deduz. Temos entre outros muitos hum exemplo em Marcial no Epigramma, que diz:

Semper eris pauper, si pauper es, Æmiliane;
Dantur opes nulli nunc, nisi divitibus.

Pela ordem de argumentar devia dizer o Poeta:

Nes-

Neste tempo só aos ricos se dá dinheiro, tu naõ es rico, logo nunca receberás dinheiro, e por isso sempre serás pobre. Com este exemplo vemos, que Escaligero naõ definio bem o Epigramma, quando disse que era *Poema breve ex præpositis aliquid deducens.* Póde tambem este principiar logo por alguma agudeza, que entre occulta, para naõ se equivocar com a do fim, em que acaba o mesmo Epigramma. Outras vezes póde consistir o artificio na força de hum equivoco, de modo, que tomado este por hum sentido signifique huma cousa, e por outro se entenda outra; como mostra bem o Padre Radero no Commento a Marcial. Muitas saõ as maneiras, pelas quaes se póde abrir caminho para conduzir a exposiçaõ do assumpto ao fecho do conceito. Poderemos começar ou *ex abrupto*, ou por huma simples narraçaõ, principalmente naquelles argumentos, que naõ pedem força de affectos, ou por alguma figura, como v. g. apostrofe, exclamaçaõ, interrogaçaõ, ethopeia, ironia, hypotyposis, &c.

A parte mais principal do Epigramma já todos sabem, que he o fecho, consistindo na cauda toda a sua belleza, á maneira do pavaõ. O melhor modo, e mais perfeito, que quanto a mim ha, para se formar hum optimo Epigramma, he ordenallo de maneira, que o antecedente seja como hum nó, que só desate o subsequente do conceito; porque deste modo se vay tambem restringindo áquellas re-

gras prescriptas a mayor Poema. Em quanto á qualidade dos conceitos naõ temos nada, que recommendar neste Capitulo, pois nos remetemos ao principio desta Arte, em que taõ largamente tratámos dos pensamentos falsos, e verdadeiros, dos que eraõ inverosimeis, improprios, affectados, puerîs, fundados em equivocos, paranomasias, alliterações, &c.

O estylo do Epigramma deve ser segundo a qualidade da materia; no que for séria, ha de ser grave, e sublime; no que for florida, suave, e pomposo; e no ridicula, galante, e com expressões familiares; porém seja qualquer que for a materia, sempre o estylo deve ser vivo, ameno, e engenhoso, acompanhado de brevidade; porque quanto mais breve for o Epigramma, tanto melhor será. Nelle a suavidade da locuçaõ he outra circunstancia naõ menos precisa; pois muitas vezes esta supre a falta de conceito, como a cada passo estamos vendo nos Sonetos de Petrarca, muitos dos quaes naõ acabaõ conceituosos, e com tudo saõ summamente estimaveis, pela suavidade do estylo, e modo, com que se explicou o Poeta.

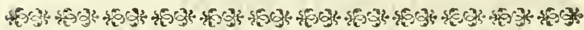
Estas saõ as principaes virtudes, que se devem praticar nos Epigrammas, as quaes só se conseguem, lendo com madureza, e reflexaõ os bons Poetas, que os compozeraõ, distinguindo, e separando destes aos que sempre se empregaraõ em hum uso de palavras vans, estrondosas, e que naõ significaõ; em equi-

equivocos puerîs, em paranomafias ridiculas, e em outros muitos vicios fimilhantes a eftes, que coftumaõ agradar aos que tem o paladar depravado, como já temos dito com baftante extenfaõ.

Eftes faõ os fundamentos, em que fe funda naõ fó o Epigramma, mas tambem o Soneto, que muitos querem feja o Epigramma vulgar. Os que feguem efta opiniaõ he a Academia da Crufca no fegundo *Infarinato*, pag. 59. Gregorio Giraldi no *Tratado dos Poetas*, pag. 195. e 364. e 365. e Varchi nas fuas *Lições poeticas*, pag. 462. Os de contrario parecer he Minturno na *Poetica Vulgar*, o Apatifta tom. 4. Progin. 78. aos quaes figo pelas razões, que direy: Prîmeiramente, porque o Epigramma naõ tem grandeza determinada; por fer de quatro verfos, de dous, e tambem de hum; o que fe naõ póde verificar no Soneto, que fempre ha de ter quatorze verfos, contendo argumento grave, e ás vezes quinze, ou mais, fendo em affumpto ridiculo, o que vulgarmente chamamos *cauda*, a qual, fegundo a Apologia de Annibal Caro, em que Pafquino he o Apologifta, tem fua propriedade para fazer rir; e por iffo fe coftuma pôr aos doudos, bufões, e outras fimilhantes peffoas; o que entre nós he bem commum no tempo do carnaval. Em fegundo lugar, o Epigramma he applicativo a toda a materia, ou nobre, ou humilde; o que naõ he commum no Soneto; porque raras vezes ferve,

ou

ou deve ſervir para aſſumptos ridiculos, como diz o inſigne Apatiſta no lugar acima citado. Quanto a mim mais ſe parecem os Epigrammas Latinos, principalmente os Gregos, com os *Madrigaes*, *Redondilhas*, e ainda *Decimas*, do que com o Soneto; e para que ſe naõ diga, que eſte juizo he unicamente meu, lea-ſe a *Poetica Vulgar* de Antonio Minturno, tratando do Soneto, em que prova, que naõ eſte, mas o Madrigal, he o que póde correſponder aos antigos Epigrammas. Com effeito aſſim o praticaraõ os Poetas de melhor nota entre os Italianos, como ſe póde vêr na excellente Collecçaõ, que delles fez o eruditiſſimo Muratori.



CAPITULO XXIV.

Juizo ſobre os Poetas Gregos, e Latinos, que compozeraõ Epigrammas.

OS antigos Gregos naõ tiveraõ, como os Latinos, quem eſcreveſſe livros inteiros de Epigrammas. Por eſte motivo ſe viraõ depois obrigados os curioſos a fazer Collecções deſtas taes Obras, a que chamaraõ *Anthologia*. Meleagro foy o primeiro, que a adornou, pondo-lhe o dito nome; e como entendeo, que eſta tal Collecçaõ era hum ramilhete formado das flores mais bellas de Poeſia, que acha-

achara em quarenta e ſeis Poetas antigos, deſtirou huma flor para cada hum dos Poetas, como v. g. o lyrio para Anites, a roſa para Safo, &c. Depois delle Filippe de Theſſalonica no tempo do Imperador Auguſto fez outra Collecçaõ de Epigrammas tirados ſómente de quatorze Poetas. Paſſados cincoenta annos fez Agatias a terceira; e ultimamente Planudes Monge de Conſtantinopla, que vivia no anno de 1380. fez a quarta, dividindo-a em ſete livros, e formando-a por ordem alphabetica. Eſta he a *Anthologia*, que hoje temos, na qual naõ ſe póde negar, que ha Epigrammas muy judicioſos, e cheyos de bellezas poeticas; porém naõ ſaõ muitos os que merecem eſte louvor, como diz Rolin na ſua *Hiſtoria antiga* tom. 13. pag. 62.

Entre os Latinos ſó *Marcial* foy o que empregou a ſua Muſa unicamente em compôr Epigrammas, de que ordenou quatorze livros, e hum de *Eſpectaculos*; ſe bem que Voſſio perſuade-ſe, que eſte livro he huma Collecçaõ de Epigrammas de Marcial, e de outros muitos Poetas do ſeu tempo ſobre os Eſpectaculos, que mandou repreſentar Tito no anno 80. O juizo deſapaixonado, que ſe deve fazer das Obras deſte Poeta he, que nellas moſtra mais engenho, que modeſtia. Todos lhe vituperaõ o demaſiado genio mordaz, que teve, e a vergonhoſa adulaçaõ com que tratou a Domiciano. Elle foy, ſe naõ quem introduziò, quem acabou de eſtabele-

cer

cer o amor ás ſubtilezas, e ao eſtylo picante, e affectado nos verſos, deſprezando aquelle bom goſto, que reinava no ſeculo feliz de Auguſto, e durou até os tempos de Tiberio, e de Caligula. Tocado deſte contagio compunha Marcial os ſeus Epigrammas, aos quaes ſe póde com juſtiça apropriar aquelle ſeu meſmo verſo.

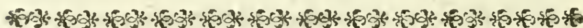
Sunt bona, ſunt quædam mediocria, ſunt mala plura.

Certamente o mayor numero he o dos máos, ſe bem que alguns tem, que ſaõ excellentes; como he o Epigramma 35. do liv. 3. ſobre huma bella eſcultura; o 83. do liv. 7. ſobre o vagar, com que trabalhava hum barbeiro; o 13. do liv. 2. em que aconſelha a hum homem, que ſe deixe de tratar cauſas no Foro; o 51. do liv. 10. ſobre a morte apreſſada de hum homem, que muitas vezes tinha conſeguido premios no Circo; o 22. do liv. 1. ſobre a acçaõ reſoluta de Mucio Scevola; o 46. do liv. 2. contra a avareza de hum rico inhumano; e o 42. do liv. 8. em que moſtra, que ſó aquelles, que fazem bem, he que ſabem conſervar os ſeus bens. Sobre tudo naõ ſe encontra em todo eſte Poeta couſa de goſto mais fino, e delicado, que aquelle Epigramma do liv. 1., em que deſcreve, ſe bem que com alguma extenſaõ, as perfeições de huma cadellinha, acabando com hum conceito taõ excellente, que ſe Marcial veſtiſſe ſempre a ſua Muſa com ſimilhante ornato, naõ o exce-

o excederia Catullo nos poucos Epigrammas, que compoz. Infinitos modernos tem empregado o ſeu engenho na compoſiçaõ deſtas Obras, perſuadindo-ſe talvez, que eraõ menos difficeis, que outras. A mayor parte delles ſeguiraõ a Marcial mais nos vicios, que nas virtudes poeticas; porque todo o ſeu esforço foy em produzirem conceitos humas vezes contrarios ao bom goſto, por ſerem puerîs, refinados, e affectados, e outras ao entendimento, por ſerem daquelles, a que juſtamente chamaõ os Francezes *brilhantes falſos*.

Entre eſtes Epigrammiſtas naõ he *Owen* o de peyor nota; porque ainda que eſtá cheyo de puerilidades, de paronomaſias, e equivocos, e tem huma metrificaçaõ commummente humilde, com tudo foy hum engenho viviſſimo, e fecundiſſimo de conceitos, principalmente jocoſos, para os quaes teve huma incomparavel inclinaçaõ; e por iſſo he muy eſtimado, naõ obſtante a ſua mordacidade, e vicios no Latim. Melhor lugar do que eſte Poeta occupa *Vavaſſeur*, inſigne neſte genero de Poeſia, como facilmente ſe vê da Prefaçaõ taõ douta, como elegante, que poz no principio dos tres livros de Epigrammas, que deu ao publico. O Padre *Bidermani* ſim he prolixo, e frouxo em muitos penſamentos, mas em outros póde ſervir para exemplar, deixando trabalhar a natureza nos aſſumptos. O Padre *Matheus Caſimiro* ainda tem melhor pre-

predicamento; porque o ſeu eſtylo he facil, ſuave, e pela mayor parte amante de conceituar ſobre o que naõ he refinado, ou inveroſimil. O Padre *Le Jay*, e *Santeüil* foraõ os que modernamente mereceraõ a coroa com mais juſtiça, principalmente o ſegundo, cujos ſuaviſſimos, e delicadiſſimos Epigrammas fizeraõ com ſingularidade reſuſcitar o eſpirito de Pindaro, Anacreonte, e todos aquelles Gregos, pelos quaes fallavaõ as Graças. Deixamos de tratar em outros innumeraveis Epigrammiſtas de grande merecimento, por fugirmos, como he noſſo coſtume, de affligir aquelles leitores, que com razaõ ſe enfaſtiaõ da prolixidade.



CAPITULO XXV.

Da Sylva: *trata-ſe dos varios generos de Poeſia, que nella ſe comprehendem.*

CHamaõ-ſe Sylvas, ſegundo Eſcaligero, àquelles Poemas, que repentinamente naſcem do Eſtro poetico. Dividem-ſe eſtes em diverſos generos, como ſaõ v.g. Epithalamio, Genethliaco, Epicedio, Acçaõ de graças, Panegyrico, Poema votivo, Parenetico, e outras mais compoſiçóes, de que largamente tratou o Padre Donato na ſua *Poetica* deſde pag. 276. até 312. Para ella remettemos

temos o leitor principiante, que neceſſitar de noticias taõ triviaes; que nós, como cançados, ſó trataremos dos generos, que acima apontámos, os quaes muitos, e erudítos Authores de Poetica deixaraõ de explicar.

Epithalamio he o Poema, que ſe faz em occaſiaõ de vodas; e para procedermos com mais individuaçaõ, he preciſo dizer, que eſte ſe fazia por quatro modos. O primeiro era recitando os verſos logo na occaſiaõ do banquete, e chamava-ſe *Scholion* a eſta compoſiçaõ: o ſegundo era cantando-os na camera, em que os deſpoſados haviaõ de dormir, e a eſte Poema ſe chamava propriamente *Epithalamio*: o terceiro era deſcrevendo a pompa da funçaõ: e o quarto era quando com eſta narraçaõ ſe miſturava o canto dos muſicos, a que chamavaõ *Epithalamio mixto.* O ſeu principal artificio conſiſte em annunciar aos eſpoſos felicidades, e deſejarlhes hum honeſto, e mutuo amor. Para eſte fim he muy proprio invocar ao Hymeneo, e as Graças, como igualmente para ſe deſcrever a pompa, e circunſtancias magnificas de ſemelhante funçaõ. Eſcolhe-ſe hum lugar proprio para louvar as virtudes dos deſpoſados, vaticinando, que eſtas ſe haõ de ver reproduzidas em huma larga poſteridade. Já ſe ſabe, que tudo iſto para fazer hum todo bem harmonioſo, ha de naſcer de huma ficçaõ, que o Poeta deve inventar de modo, que ſeja propria para o ſeu aſſumpto. O eſtylo deve ſer feſtivo, honeſ-

to,

to, ſuave, e pouco artificioſo, de maneira, que pareça, que neceſſita de lima; porque de outro modo naõ parecerá Sylva, que como diſſemos, ſe fórma de verſos quaſi extemporaneos, os quaes nunca coſtumaõ ſer muy polidos. Muitos guiados pelo que tem lido em alguns Epithalamios modernos, que ſaõ nimiamente cultos, teraõ eſte preceito por couſa naſcida do capricho; porém ouçaõ o que neſte ponto eſcreveo o P. Antonio Forti da Companhia de Jeſus na ſua Poetica, pag. 395: *Stylus non multùm elaboratus: talis enim apparere debet, ut ſilva videatur, carmen videlicet ferè extemporaneum, penè rude, ac deinde deligentiore limâ perpoliendum.* Os Authores, que melhor podem dar luzes neſta materia, ſaõ Muſeo, Catullo, Ovidio, Claudiano, e Eſtacio.

Genethliaco he aquelle Poema, que ſe canta pelo naſcimento de alguem. Tambem havia dous modos de o fazer: o primeiro era no meſmo dia do naſcimento, e o ſegundo era renovando todos os annos como Anniverſario a memoria delle, a que nós chamamos parabens por occaſiaõ de annos. O ſeu artificio conſiſte pela mayor parte em fingir hum oroſcopo, em que ſe prognoſtique ao recemnaſcido grande ventura. Será muy proprio obſervar o Planeta, debaixo de cuja influencia naſceo, e deſta fonte extrahir couſas, que ſejaõ proporcionadas, e coherentes ao coſtume poetico. Igual propriedade haverá, ſe ſe

invo-

invocar alguma divindade, para que lhe communique os ſeus attributos, de modo, que na mayor idade praticando as virtudes dos ſeus aſcendentes, ſeja gloria da ſua patria: e aqui podem ter hum lugar proporcionado os louvores da fam lia do tal menino. Se eſte Poema for feito como Anniverſario, entraremos a louvar as virtudes, que brilhaõ naquella idade, que conta a tal peſſoa, que nos ſerve de aſſumpto; e depois paſſaremos a accenderlhe o animo (ſe o ſoffrerem os annos) para que ſe faça memoravel, praticando, ou diſpondo-ſe a poder executar acções glorioſas. Em quanto ao eſtylo naõ nos occorre couſa particular, que recommendemos: ſeja eſtylo de Sylva, e o meſmo, que convem ao Epithalamio; iſto he, feſtivo, alegre, e cheyo de expreſsões, e imagens, que dem a moſtrar hum grande obſequio. Em que o Poeta deve ter grande cuidado, he em ter ſempre diante dos olhos a condiçaõ do menino, que lhe ſerve de argumento, de modo que naõ venha a ſer improprio, e inveroſimil o que fingir. He certo, que o prazer, e alegria, que convem no naſcimento do filho v.g. de hum paſtor, naõ convem ao de hum militar, nem o deſte ao de hum Principe, &c.; porque para o filho de hum paſtor convidariamos, por exemplo, para o applauſo aos gados, aos boſques, rios, &c., para o de hum Capitaõ, a ſoldados, e para o de hum Rey, aos ſubditos, Reinos, Provincias, &c., corref-

reſpondendo cada couſa à condiçaõ do aſſumpto.

Epicedio he aquelle Poema, que contém os louvores de alguma peſſoa defunta. Quando os verſos ſe recitavaõ naõ eſtando ainda o corpo reduzido a cinzas, mas junto à fogueira, chamavaõ-ſe *Nenias*; porém ſempre chamavaõ Epicedio a todos aquelles verſos, que ſe compunhaõ pelo ſentimento de alguma morte, ou foſſe como anniverſario todos os annos, ou na occaſiaõ, em que ella ſuccedia. Alguns querem, como he o Padre Pontano na ſua *Poetica*, que até a huma Oraçaõ funebre feita em proſa ſe lhe póde chamar Epicedio. O ſeu artificio conſiſte em expormos primeiro o noſſo ſentimento, que o alheyo; em fazer huma invectiva contra a morte; em convocar a todos, e até às couſas innanimadas para o pranto; em narrar as virtudes do morto, admoeſtando os vivos à imitaçaõ; em conſolar aos parentes, expondo-lhes o premio glorioſo, que já tem conſeguido os taes merecimentos; e finalmente em outras muitas circunſtancias, que a meſma natureza eſtá advertindo em ſemelhantes aſſumptos. Os affectos devem ſer vehementes, e o eſtylo pathetico, e pouco engenhoſo, para ſe moſtrar a grandeza da dor, que naõ ſoffre imagens artificioſas.

Poema *Euchariſtico*, ou Acçaõ de graças he aquelle, em que ſe agradece o beneficio recebido. Pode-ſe diſcorrer nelle, dizendo

v. g.

v. g. que naõ ſabemos dignamente ſer agradecidos, pela grandeza do beneficio, o qual amplificaremos pelos adjunctos principalmente do tempo, do lugar, &c. Porém continuaremos a querer render as graças; para o que uſaremos v. g. da idéa de rogar as Muſas mais graves, e dignas, que o façaõ por nós, reflectindo na noſſa inhabilidade. O eſtylo deve ſer livre de toda a affectaçaõ, antes ha de moſtrar com expreſsões viviſſimas, ſinceras, e elegantes, que o coraçaõ he o que falla.

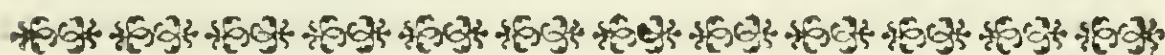
Panegyrico he aquelle Poema do genero exornativo, em que ſe louva a alguma peſſoa, ou narrando por modo ſimples as ſuas acções, ou uſando de alguma ficçaõ, e idéa para as celebrar. Póde eſte ou naõ proceder de alguma couſa mais, que do deſejo de louvar humas virtudes, que o merecem, ou naſcer de algum principio, como de victoria alcançada, ou alguma illuſtre facçaõ conſeguida, &c. O artificio ſeja o meſmo, que recommendaõ os Rhetoricos nos Panegyricos em proſa, mas ſempre ornado das cores poeticas, e de hum eſtylo, elevado, engenhoſo, magnifico, ſuave, e correſpondente a hum aſſumpto, que he taõ feſtivo, e goſtoſo.

Poema *Votivo* he aquelle, em que rogamos alguma couſa a Deos, ou a alguma peſſoa humana. Eſta ſupplica póde ſer de dous modos, ou rogando, que naõ ſucceda algum mal, ou pedindo algum bem. Poderá conſiſtir o artificio, dizendo v. g. que naõ temos ou-

outra peſſoa, em quem eſperemos, e que por iſſo ſe recorre à ſua clemencia, e benignidade, que naõ ſucceda o mal, que ſe teme, naõ porque o naõ mereçamos, mas porque nelle igualmente ſe comprehendem muitos innocentes, &c. As figuras rhetoricas (e em particular a Apoſtrophe) tem aqui hum largo theatro, em que repreſentem vivamente a força dos affectos por meyo de hum eſtylo grave, maduro, pathetico, e engenhoſo em naõ moſtrar o ſeu artificio, à maneira de Virgilio.

Poema *Parenetico* he aquelle, em que excitamos a alguem a obrar huma illuſtre acçaõ. Nelle devemos captarlhe a benevolència, para que attenda benignamente aos verſos, e depois inflammarlhe o animo ſobre o amor à virtude, e a gloria do nome, que vem a conſeguir por tal facçaõ a ſua patria, a ſua fama, a ſua poſteridade, a ſua familia, &c. O eſtylo, que convem a ſemelhante aſſumpto, he o ſublime, o pompoſo, o perſuaſivo, e o ſuave, com aquelle artificio todo preciſo, para ſe conſeguir o fim, que ſe pretende. Iſto he o que podemos dizer em ſuccinto ſobre a formaçaõ de ſemelhantes Poemas; o Poeta curioſo, e que deſejar compor com propriedade, lea os Poetas antigos, e modernos de melhor nota; porque com o uſo, e reflexaõ, que fizer nelles, ſaberá como ſe organizaõ, e tecem eſtas Sylvas, e outros mais generos, como he o Poema feito por occaſiaõ de alguma melhoria na ſaude, chamado *Soterîa*; o fei-

feito a alguma pessoa grande restituindo-se à sua patria depois de huma larga ausencia, a que os antigos chamavaõ *Epibaterion*; e o composto por occasiaõ da partida de alguem, desejando-lhe feliz jornada, a que davaõ o nome de *Propenticon*, &c.



CAPITULO XXVI.

Do Epitafio, *sua divisaõ, e artificio.*

EPitafio he aquella Inscripçaõ feita em verso, ou tambem em prosa, que se poem sobre a campa da sepultura de alguem, ou na primeira face do tumulo, em que está enterrada alguma pessoa illustre. Nella commummente se costuma pôr o nome, a idade, os merecimentos, o estado, a dignidade, as virtudes, o dia da morte da tal pessoa, e outras mais cousas, que inculquem dor, e sentimento. O Epitafio divide-se em *Simples*, e *Composto*. Simples he o que sem conceito, ou figura alguma da rhetorica contém unicamente huma narraçaõ; e o Composto he aquelle, que admitte ornato, e agudeza de pensamentos. Epitafio Simples he o que refere Plutarco da sepultura de Alexandre Magno, na qual estavaõ pintadas a Africa, Asia, e Europa, que conquistara este Heróe, com esta breve letra por baixo:

Alexandri victoria.

Da meſma maneira he o que mandou pôr no ſeu tumulo ElRey de Chypre:

Hîc jacet Perſarum debellator.

E o de Themiſtocles, que ſe compunha de huma pintura das ſuas acções, e deſta inſcripçaõ:

Memoranda facta Themiſtoclis.

Epitafio Composto he aquelle, de que ha innumeraveis exemplos nos Poetas, que comprehende os louvores, e elogios da peſſoa defunta pelas memoraveis acções, que fizera em vida, como v. g. o que fez Capilupo ao Imperador Carlos V.

Europæ domuit tollentes cornua Reges
Carolus, atque Aſiæ terror, & horror erat.
Et pedibus Lybiam calcavit victor, & illi
Innumeras victus præbuit Indus opes.
Deinde ſibi frænum injecit: fratrique regendum
Imperium, & gnato cætera regna dedit.
Atque ait: è nobis & honores temnere, & unum hoc
Diſcite, mortales: pulvis, & umbra ſumus:

Baſta eſte Epitafio hiſtorico para exemplo, e remettemos o leitor para o livro intitulado: *Elogia Poetica in Sereniſſimam Rempublicam Venetam*, composto pelo noſſo grande P. Macedo; porque nelle leráEpitafios deſte genero a todos os Doges de Veneza. A reſpeito do artificio tambem nos conformamos com o que diſ-

diſſemos do *Epicedio*; e agora ſó diremos, que ſe o Epitafio for para peſſoas inſignes em ſantidade, que naõ ſe moſtra nelle ſentimento, mas ſim prazer; e ſe ſe moſtrar, ſeja pelo principio de faltar no mundo taõ grande alma; ſe for para Reys, e Principes, que ſeja grave, e cheyo de mageſtade, comprehendendo engenhoſamente as ſuas virtudes politicas, e moraes; ſe for para peſſoas ſabias, que moſtre hum grande ſentimento, recommendando ao viandante a conſideraçaõ de ſimilhante falta; finalmente ſe for para amigos, e parentes, que moſtre mais dor, que engenho, como em taes aſſumptos eſtá aconſelhando a natureza. Naõ ſerá preciſo advertir de novo ao Poeta a obſervancia do coſtume poetico; porque bem ſabe, que a ſentença, e dicçaõ, que convem v. g. ao Epitafio de hum Rey, de hum Heróe, e de hum velho, naõ he propria para o de hum vaſſallo, huma mulher, e hum menino, &c. Naõ tratamos da inſcripçaõ ridicula, ou ſatyrica, que algumas vezes ſe compoem, fingindo-ſe poſta na ſepultura de ſujeitos taes, que lhes poſſa convir, como v. g. hum hereje, hum ladraõ, hum ignorante, hum avarento, hum golotaõ, &c.; porque neſta materia naõ podemos dizer mais do que já expendemos, quando tratámos da Satyra, e do eſtylo jocoſo; quanto mais, que eſtas compoſiçoẽs, como naſcidas do capricho, mais as dirige a natureza, que a arte. Quem tiver curioſidade de ler ſimi-

lhantes Obras, póde ſatisfazella nas Centurias de Epitafios jocoſos, e ſatyricos intituladas *Il Cimiterio*, e compoſtas por Joaõ Franciſco Loredano, e Pedro Michiele.

Explicaçaõ das letras, de que uſavaõ os antigos, e praticaõ os modernos nos Epitafios.

Os Gentios punhaõ no principio.

J. O. M.	*Jovi Optimo Maximo.*
O. M. T.	*Optimo Maximo Tonanti.*
D. M. S.	*Diis Manibus Sacrum.*
Div. M.	*Divæ Memoriæ.*

Os Catholicos poem.

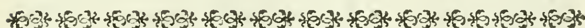
D. O. M.	*Deo Optimo Maximo.*
D. O. Æ.	*Deo Optimo Æterno.*
P. M. S.	*Piis Manibus Sacrum.*
B. M.	*Beatæ Memoriæ.*
IMMOR.	*Immortalitati.*

No fim.

D. D. D.	*Dat. Dicat. Dedicat.*
P.	*Poſuit.*
P. P.	*Poſuerunt.*
D. P.	*Donum Poſuit.*
D. S. P.	*De Suo Poſuit*, vel *De Sua Pecunia.*
D. S. B. M.	*De Se Bene Merito.*

B.

B. M. F. C.	*Bene Morienti Faciendum Curavit.*
D. D. C.	*Dat. Dicat. Consecrat.*
D. D. S. Q.	*Dat. Dicat. Sacrat Que.*
S. T. T. L.	*Sit Tibi Terra Levis.*
Vix. A. D. M. Q. D. Q.	*Vixit Annos Decem, Menses Quinque, Dies Quinque.*
Ob. Pr Kal. &c.	*Obiit Pridiè Kalendas &c.*
A. M.	*Anno Mundi.*
A. V. C.	*Ab Urbe Conditâ.*
A. P. V.	*A Partu Virginis.*
A. O. R.	*Ab Orbe Reparato.*
A. R. S.	*A Reparatâ Salute.*
An. S.	*Anno Salutis.*
A. D.	*Anno Domini.*
A. I. D.	*Anno Incarnationis Dominicæ.*



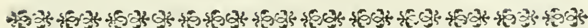
CAPITULO XXVII.

Do Emblema, *sua definiçaõ, divisaõ, artificio, virtudes, e vicios.*

HE o Emblema, segundo a definiçaõ dos Padres Donato, e Forti: *Expositio rei fictæ, seu veræ, constans picturâ, & inscriptione, vim habens admonendi.* Deve-se esta invençaõ aos Egypcios; porque com ella he que explicavaõ aos sabios aquelles mysterios occultos, que o povo ignorante naõ podia perceber. Mui-

Muitos dividem o Emblema em Fyſico, Hiſtorico, e Moral: e outros fazem a diviſaõ pelos tres generos Rhetoricos Deliberativo, Demonſtrativo, e Judicial. De qualquer modo, que ſe divida, ſempre o Emblema ſe compoem de tres partes principaes, que ſaõ *Argumento*, *Pintura*, e *Inſcripçaõ.* O Argumento já ſe ſabe, que he o aſſumpto ſobre que ſe ha de diſcorrer; a Pintura he a Inſcripçaõ muda, ou aquillo, que pintamos para manifeſtar o conceito do noſſo entendimento; e para iſto nos poderemos valer ou da natureza, ou da arte, ou das fabulas, ou da hiſtoria, &c. A Inſcripçaõ he a Pintura, que falla, a qual declara a figura, e dá hum claro, ou tacito documento para inſtrucçaõ dos homens. Quanto mais breve for eſte mote, tanto melhor ſerá, e ſe poder ſer de duas palavras, ainda ſerá mayor a ſua excellencia, com tanto que com a brevidade naõ fique o ſentido eſcuro. Saõ innumeraveis os Authores modernos, que deraõ Emblemas ao publico; porém no noſſo juizo ninguem eſcreveo com mais erudiçaõ, e clareza do que *André Alciato.* Cada Emblema ſeu he huma viva pintura moral para os olhos do entendimento, aſſim os ſeus verſos foſſem mais cultos, e harmonioſos. Lea o Poeta por eſte Author, que ſe o ſeguir, fará com que as ſuas obras ſejaõ copias de hum bom original. Mais alguma couſa poderamos dizer neſta materia; porém reſervamola para o Capitulo, que ſe ſegue, em que fallaremos da *Empreza.*

CA-



CAPITULO XXVIII.

Da Empreza, *ſua definiçaõ, diviſaõ, artificio, virtudes, e vicios.*

A Compoſiçaõ de *Emprezas* tem ſido trabalho de grandes, e felices engenhos, perſuadindo-ſe juſtamente, que ſimilhantes partos ſó os póde produzir hum entendimento, que for vivo, ſublime, e engenhoſo. Póde-ſe dividir a Empreza em antiga, e moderna. A antiga era inculta, e rude; porque os antigos raras vezes ſe valiaõ de pinturas, e inſcripções, que cauſaſſem novidade ao entendimento. A moderna he muy engenhoſa, e culta pelas ſeveras leys, com que a praticaraõ os Italianos, e modernamente os Francezes. Na ſua definiçaõ ha muita variedade de opiniões; porém nós ſeguiremos a do Padre Forti como menos confuſa, e definimos a ſimples Empreza ſer *Metaphora per figuram quid heroicum exprimens.* Em quanto ao ſeu artificio, deve-ſe conſiderar, que a Empreza he como hum compoſto de corpo, e alma. O corpo he a figura, e a alma he a ſimilhança da figura com a couſa, que ſe pretende explicar; de modo, que a letra naõ ſerve mais, que de moſtrar a uniaõ deſte corpo, e alma, da meſma maneira, que o ponteiro no relogio.

So-

Sobre as virtudes, e vicios, que póde ter a Empreza, ſaõ taõ diverſos os juizos dos Authores, que as ſuas regras mais ſervem de confuſaõ, que de preceitos. O Padre *Le Jay* eſcreveo com muita exacçaõ neſte ponto : o meſmo juizo ſe acha em *Jeronymo Ruſcelli* , e em *Paulo Jovio* , famoſos Authores de ſimilhantes Obras , ſe bem que julgo o ſegundo inferior ao primeiro por algumas impropriedades, que cometteo, como logo direy. Entre tanta diverſidade , e confuſaõ de regras, direy brevemente o que ſinto neſta materia , reſumindo todo o bom , que diſſeraõ eſtes Authores.

A primeira, e principal perfeiçaõ , que deve ter a Empreza he, que naõ comprehenda mais que duas couſas em figura; que ambas ſejaõ neceſſarias , e que huma concorde com a outra na intençaõ do Author. Devemos aqui advertir duas couſas; a primeira he, que por duas figuras entendemos v. g. dous homens , dous animaes, &c. ; porque ſe eſtas forem v. g. eſtrellas, e flores, naõ ſe comprehendem neſta regra ; e poderaõ ſer aquellas preciſas para a boa harmonia da Empreza: a ſegunda he, que eſtas taes figuras ſejaõ honeſtas, decoroſas, e que naõ inculquem torpeza , ou alguma outra couſa, que naõ mova a admiraçaõ por vulgar , e humilde. A ſegunda perfeiçaõ he , que a letra ſeja de duas palavras, ou quando muito de hum verſo em lingua, que ſe entenda facilmente. A terceira,

ta, que eſtas taes palavras, ou verſo ſeja tirado de algum Author de boa nota. A quarta, que o conceito naõ ſeja totalmente claro, nem de todo eſcuro, e trivial, ou profundo, e extrahido de algumas couſas muito remotas. E a quinta, que o mote, e as figuras ſe unaõ entre ſi de tal modo, que repreſentem inteiramente toda a intençaõ do Author; porque algumas Emprezas tenho viſto, em que ou a letra, ou a figura he deſneceſſaria. Eſta he a condiçaõ mais preciſa, e importante; pois ſeria couſa inutil ſe pintando-ſe hum coraçaõ abrazado em chammas, diſſeſſe a letra: *Tenho o coraçaõ no fogo.* Se ſe tiraſſe a figura, e ficaſſe ſómente o mote, ſempre ſe havia entender o que o Author queria explicar. Neſte vicio cahio algumas vezes Paulo Jovio, fazendo nas ſuas Emprezas, com que às vezes foſſe inutil ou a figura, ou a letra. Sirva para exemplo a Empreza, que elle fez para D. Franciſco de Borja, em que pintou o monte Acroceraunio fulminado do Ceo, e com eſta letra: *Feriunt ſummos fulgura montes.* Eſta Empreza he vicioſa; porque além de ter o mote muitas palavras, claramente ſe vê, que eſte per ſi meſmo ſe entende ſem a figura, como ſempre ſe entendeo em Horacio, de quem he o verſo. Iſto he o meſmo, que ſe ſe pintaſſe v.g. a imagem de S. Sebaſtiaõ treſpaſſado de ſettas, e ſe pozeſſe depois huma letra, que diſſeſſe: *Treſpaſſaõ as ſettas a S. Sebaſtiaõ.* Da meſma caſta he outra Empreza do meſmo Author,

thor, em que pintou huma chaminé com muita lenha ardendo, na qual se via grande fogo, e fumo, e com esta letra Italiana: *Dov' è gran fuoco, è gran fumo*; como se o homem mais rustico naõ soubesse, que *onde ha muito fogo, ha muito fumo.* Com estes exemplos lea o Poeta a Jovio, e descobrirá nelle varias Emprezas viciosas entre muitas outras, que verdadeiramente saõ excellentes, e lhe alcançaraõ a fama, que goza, de Author insigne em similhantes composições.

Agora nos lembra responder a huma objecçaõ, que talvez se nos poderá fazer sobre admittirmos nas Emprezas figuras humanas. Naõ duvidamos, que este reparo seja bem fundado; porque a metafora he alma da Empreza, e entre homem, e homem naõ ha metafora, mas sim identidade de natureza; porém este preceito tem sua limitaçaõ; porque sim he vicioso figurar homens simplesmente vestidos, ou nús pela razaõ allegada, e por serem deste modo objectos pouco maravilhosos; mas isto se naõ entende, quando estas taes figuras se pintaõ por alguma rara, e nova maneira, como praticou o insigne *Ruscelli*, e o aconselha no seu Tratado, que intitulou: *Discorso intorno all' inventioni dell' imprese*, pag. 209., provando-o com outros exemplos.

Isto he o que, segundo a brevidade que seguimos, podemos dizer sobre a Empreza, que se distingue do Emblema em varias cousas. Primeiramente a Empreza serve só para cou-

cousas heroicas, e o Emblema para as populares, e para instruir os costumes dos homens: em segundo lugar o Emblema he proprio para paredes, arcos, quadros, marmores, &c., e a Empreza para escudos, estandartes, armas, &c.: em terceiro, a Empreza prefere à pintura a letra aguda, e breve, e o Emblema cuida em explicar mais clara, e distinctamente a pintura: em quarto, a explicaçaõ do Emblema póde ser nossa, e a da Empreza, se for de outro Author, merece mayor louvor: ultimamente a perfeiçaõ da Empreza consiste, em que a figura seja verdadeira, natural, e huma só, ou quando muito duas, e o Emblema admitte livremente muitas, e quaesquer figuras, ainda que sejaõ chimericas.

Quem quizer recrearse na liçaõ destas obras, lea aos Padres *Forti*, *le Jay*, *Vigevi*, *Jovio*, *Ruscelli*, e outros muitos, que ou foraõ Authores, ou Collectores; porque nós desde o principio desta Arte cuidamos muito em naõ fazer como outros em qualquer genero da Poesia hum prolixo catalogo de exemplos de Authores sobre a mesma materia, como v.g. tratando do Epigramma, copiar hum grande numero dos melhores Epigrammas, que ha. Em que pozemos grande cuidado, foy em dar preceitos, e provallos com authoridades classicas, ou regras naturaes; entendendo, que aquelle Escritor, que assim naõ obrava, levava o fim, naõ de instruir, mas de

osten-

oſtentar huma vã erudiçaõ, copiando a cada paſſo verſos, e mais verſos; o que ſe póde fazer muito, bem ainda ſem ter liçaõ dos Poetas, porque ha innumeraveis livros, que daõ para iſto hum grande ſoccorro. Parece-nos, que temos cumprido com o que promettemos, e até obſervamos a palavra, que demos, de naõ tratar de huns taes brincos de Poeſia, que praticaõ aquelles, a quem as Muſas ainda naõ deſmamaraõ, como v. g. ſaõ os *Enigmas*, os *Anagrammas*, os *Labyrinthos*, os verſos *Serpentinos*, *Correllativos*, *Acroſticos*, *Retrogrados*, *Leoninos*, e outros ſimilhantes, que depravaraõ o bom goſto da verdadeira Poeſia, e fizeraõ deſapparecer de envergonhadas as Muſas adultas.

INDI-

INDICE
DAS COUSAS NOTAVEIS
desta segunda Parte.

A

Au-

B

C

D

Di-

Fa-

F

G

Como

I

De-

Mag-

M

Mo-

Odis-

O

P

Que

Prin-

T

ro

Vir-

X

Z

F I M.

V Ende-ſe eſta Obra na loje de Manoel da Conceiçaõ, livreiro ao Poço dos Negros; na de Monſ. Du-Beux, e Bonardel à Cruz de Páo, e rua de S. Bento; na de Monſ. Bertrand à Boa-Morte; na dos Irmãos Ginioux ao Poço Novo; e na de Monſ. Bonardel no largo da Eſperança; onde tambem ſe acharáõ os livros : Vida do Infante D. Henrique; *e* Arte Poetica de Q. Horacio Flacco, *traduzida, e illuſtrada em Portuguez, tudo pelo meſmo Author.*

